



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

Helder Remigio de Amorim

**“UM PEQUENO PEDAÇO DO INCOMENSURÁVEL”:
a trajetória intelectual e política de Josué de Castro.**

**RECIFE
2016**

Helder Remigio de Amorim

**“UM PEQUENO PEDAÇO DO INCOMENSURÁVEL”:
a trajetória política e intelectual de Josué de Castro.**

Tese de doutorado apresentada na linha de pesquisa de Cultura e Memória do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco.

Orientadora: Prof^a Dr^a Regina Beatriz
Guimarães Neto

**RECIFE
2016**

Catálogo na fonte
Bibliotecária Maria Janeide Pereira da Silva, CRB4-1262

A524p Amorim, Helder Remigio de.
“Um pequeno pedaço do incomensurável” : a trajetória intelectual e política de Josué de Castro / Helder Remigio de Amorim. – 2016.
265 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Regina Beatriz Guimarães Neto.
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.
Programa de Pós-graduação em História, 2016.
Inclui Referências e anexos.

1. História. 2. História – Brasil – República. 3. Castro, Josué de, 1908-1973. I. Guimarães Neto, Regina Beatriz (Orientadora). II. Título.

981 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2017-028)



Helder Remigio de Amorim

**"UM PEQUENO PEDAÇO DO INCOMENSURÁVEL":
A trajetória intelectual e política de Josué de Castro.**

Tese apresentada ao **Programa de Pós-Graduação em História** da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de **Doutor em História**.

Aprovada em: **25/11/2016**

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Regina Beatriz Guimarães Neto
Orientadora (UFPE)

Prof. Dr. Antonio Torres Montenegro
Membro Titular Interno (UFPE)

Prof. Dr. Antônio Jorge de Siqueira
Membro Titular Interno (UFPE)

Prof.^a Dr.^a Sylvia Costa Couceiro
Membro Titular Externo (FUNDAJ)

Prof. Dr. Pablo Francisco de Andrade Porfírio
Membro Titular Externo (Colégio de Aplicação/UFPE)

*Ao menino José que percorreu os
secos rios do Agreste de Pernambuco
em busca de caramujos para se
alimentar.*

*A Professora Inalda que me ensinou a
ler e promoveu cidadania com a sua
profissão.*

*A Elizabet, o amor com que a vida me
presenteou.*

AGRADECIMENTOS

Ao final de mais uma travessia é preciso reconhecer que não seria possível chegar ao final se não estivesse de mãos dadas com inúmeros colaboradores, sejam familiares, professores e amigos.

Gostaria de agradecer aos meus pais, José e Inalda que sempre sonharam junto comigo, mesmo quando apontei para horizontes que desconheciam. A minha estimada Tia Nete agradeço pela doçura dos nossos encontros e pela sua generosidade. Aos meus tios Paulo e Lúcia a minha eterna gratidão.

À minha esposa e companheira, Elizabet Remigio que mesmo nos momentos mais difíceis segurou a minha mão e me fez acreditar que era possível chegar cada vez mais longe.

Agradeço ao meu querido irmão Reginaldo, ao meu sobrinho Emanuel e à minha cunhada Zezinha (*in memoriam*) por todo apoio e pela alegria dos nossos encontros.

Nas diversas instituições por onde transitei durante o doutorado tive inúmeros aprendizados, contribuições acadêmicas e lições de vida. Na Universidade Federal de Pernambuco agradeço imensamente à minha orientadora a Prof^ª Dr^ª Regina Beatriz pela amizade, confiança, dedicação e apoio aos caminhos dessa tese. Agradeço também por ter proporcionado a descoberta de outros mundos e pela contribuição à minha formação acadêmica. Ao Prof^º Dr^º Montenegro pelos debates e provocações das suas aulas, bem como pela generosidade. Agradeço também ao Prof^º Dr^º Jorge Siqueira pelas indicações de leitura e por ter me ensinado que o “Sertão é o Mundo”. Ao Prof^º Dr^º Antônio Paulo Rezende pela leveza e pelo diálogo em momentos decisivos da minha trajetória acadêmica. Às secretárias Sandra e Patrícia a gentileza, atenção, cordialidade e compromisso com a Pós-Graduação.

Na Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde realizei uma mobilidade discente em 2013, agradeço à Prof^ª Dr^ª Marieta de Moraes Ferreira por ter se tornado uma grande interlocutora desse trabalho indicando acervos de pesquisa, leituras e possibilidades de escrita. Também gostaria de agradecer à Prof^ª Dr^ª Maria Paula de Araújo pela atenção e gentileza por colocar-me em contato com a família Castro no Rio de Janeiro. Agradeço também à Prof^ª Dr^ª Maria Luiza Pena pela generosidade e

autorização para pesquisa no acervo de Luiz Camillo. Agradeço também ao historiador Paulo César Gomes pelas indicações de fontes historiográficas.

Na França onde realizei entre 2015 e 2016 um doutorado sanduíche no *Institut d'histoire du temps présent*, agradeço imensamente ao Professor François Dosse que orientou os trabalhos de pesquisa nos arquivos franceses, pela hospitalidade e pelas contribuições a essa tese. Agradeço também aos membros da *Association pour la Recherche sur le Brésil en Europe* (ARBRE), Julliete Dumont, Silvia Capanema, Natália Guerellus e André Rougier pela oportunidade de diálogos acadêmicos e também pela calorosa recepção em Paris. E ao historiador e amigo Diogo Cunha que intermediou o contato com a ARBRE. Também gostaria de agradecer ao geógrafo Alain Bué, interlocutor de Josué de Castro, que contribuiu substancialmente com as nossas pesquisas na França. Agradeço também à Professora Cecile Tricot pela sua contribuição como mediadora cultural para que pudesse realizar o estágio doutoral na França.

Na Fundação Joaquim Nabuco onde realizei a maior parte da pesquisa não poderia de agradecer o apoio incondicional dos seus colaboradores. Agradeço imensamente à historiadora Cibele Barbosa pelas contribuições a essa tese. Gostaria de agradecer a Sylvia Couceiro que acompanhou a realização dessa pesquisa e gentilmente aceitou participar da banca de defesa de tese. Agradeço também a Carlos Ramos pelo apoio institucional para a realização desse trabalho. Do mesmo modo, reconheço o apoio e dedicação de Rita de Cássia Araújo, Antônio Montenegro, Lino Madureira e Eliane Moury Fernandes.

Na Universidade Federal Rural de Pernambuco agradeço à Prof^a Dr^a Fabiana Bruce por ter apresentado-me Josué de Castro durante a graduação em História. Agradeço também à Prof^a Dr^a Ana Nascimento e ao Prof. Dr. Wellington Barbosa pela minha formação inicial como pesquisador.

À Professora Tânia Elias Magno especialista nos estudos sobre Josué de Castro no Brasil e que não hesitou em dialogar sobre as questões da pesquisa da tese, meus sinceros agradecimentos. Ao intelectual autodidata Rodrigues, que encontrou livros raros de Josué de Castro nos sebos do Recife, ajudando a compor esta pesquisa.

A produção de uma tese de doutorado necessita de um diálogo intenso com outros pesquisadores. Desse modo, gostaria de agradecer a contribuição dos historiadores Márcio Ananias, Marcelo Góes e Pablo Porfírio na interlocução desse

trabalho, seja por meio das suas próprias teses e livros, seja pelas conversas profícuas e a alegria dos encontros. As suas produções historiográficas inspiraram os caminhos dessa tese. Agradeço aos queridos amigos historiadores Hugo Coelho, Humberto Miranda, Juliana Andrade, Karlene Sayanne, Ana Maria Souza, Erinaldo Cavalcanti, Joana D'arc, José Brito, Giovanni Cabral, Inácio Araújo, Rosário Silva, Dimas Veras e Tasso Brito pela amizade e contribuições. Agradeço também aos meus colegas de turma de doutorado Cícera Patrícia, Fernanda Karoline, Carlos Magno e Bianca Nogueira pelo prazer da convivência e aprendizados. Às queridas amigas Márcia Santos, Renata Soraia pela consideração e amizade, e a pequena e estimada Isadora Góes por ter trazido mais alegria a este mundo.

Não poderia deixar de agradecer a família Castro que atendeu a todas as minhas solicitações enquanto pesquisador e contribuíram substancialmente para a realização desse trabalho. Agradeço aos filhos de Josué de Castro, Josué Fernando e Sônia Castro pelas entrevistas concedidas, bem como pela cordialidade e prontidão de sempre. Agradeço também a Josué Fernando de Castro Filho pela atenção e generosidade com que me recebeu no Rio de Janeiro.

Agradeço pela amizade e solidariedade de Antônio Gonçalves, Eduardo Lima e Vicente Luiz, bem como pela intensa convivência nos tempos em que passei no Rio de Janeiro. Aos amigos que fiz na França agradeço o sabor das descobertas e dos encontros: Renata Melo, Amine Yemmi, Marcelo Melo, Pedro Malavolta, Laura Mascaro, Eraldo Santos, Thais Silva, Leonardo Paiva, Rafael Basso, Pablo Araújo, Maria Bueno, Charles Roberto, Valéria Amorim, Urbano Cavalcanti e Dani Almada.

Por fim agradeço a Capes por ter financiado a realização dessa pesquisa.

RESUMO

Este trabalho de tese estuda a trajetória intelectual e política de Josué Apolônio de Castro (1908-1973), médico, professor, geógrafo, embaixador e deputado federal pelo Partido Trabalhista Brasileiro. Insere-se em uma discussão historiográfica que pensa as trajetórias a partir da perspectiva de que os sujeitos são múltiplos. Desse modo, o objetivo deste trabalho é compreender como Josué de Castro se construiu enquanto intelectual e político mobilizando redes, campos de saber, cargos públicos, discursos e práticas políticas. Nesse sentido, os percursos de Josué de Castro como professor universitário, a publicação das suas obras, a atuação nas políticas públicas alimentares e a crítica a estrutura agrária são estudados entre as décadas de 1930 e 1970. Na construção desta tese utilizamos como fontes, periódicos, fotografias, correspondências, relatos orais de memória e obras de Josué de Castro. O *corpus* documental deste trabalho se constituiu a partir de uma pesquisa que teve como foco o arquivo pessoal de Josué de Castro. Contudo, outros acervos foram pesquisados no Brasil e no exterior na perspectiva de ampliar as possibilidades de análise da sua trajetória.

Palavras-Chave: História do Brasil República. Trajetória. Josué de Castro.

RÉSUMÉ

Cette thèse étudie la trajectoire intellectuelle et politique de Josué Apolônio de Castro (1908-1973), médecin, professeur, géographe, ambassadeur et député fédéral pour le Parti Travailleuse Brésilien. Insère dans une discussion historiographique penser les trajectoires de la conception de la multiplicité du sujet. Ainsi, le but de ce travail est de comprendre comment Josué de Castro a été construit comme un réseau de mobilisation intellectuels et politiques, les champs de la connaissance, les bureaux publics, des discours et des pratiques politiques. En ce sens, les chemins de Josué de Castro en tant que professeur d'université, la publication de ses œuvres, le jeu dans les politiques alimentaires et la structure agraire critique sont étudiés entre les années 1930 et 1970. Dans la construction de cette thèse, nous utilisons comme sources, périodiques, photographies, correspondance, rapports de mémoire orale et travaux de Josué de Castro. Le *corpus* documentaire de ce travail a été formé à partir d'une enquête qui portait sur les archives personnelles de Josué de Castro. Cependant, d'autres collections ont été interrogés au Brésil et à l'étranger afin d'élargir les possibilités d'analyse de cette trajectoire.

Mots-clés: Histoire du Brésil Républicain. Trajectoire. Josué de Castro.

Calderón de la Barca em seu auto sacramental alegórico O Grande Teatro do Mundo faz seus personagens entrarem em cena pela porta da vida e dela saírem pela porta da morte.

Nesta alegoria de teatro do século XVII quis o dramaturgo espanhol evidenciar bem a fugacidade da vida dos homens, dentro dos seus singulares destinos de simples mortais, que embora presumam viver, estão apenas representando no grande teatro do mundo. Somos todos personagens. Personagens diversamente ataviados pelo destino para que bem “se represente esta comedia aparente que hace el humano sentido”. Uns grandes personagens que enchem a cena; outros, mesquinhos ou vulgares, vagos comparsas que se esgueiram silenciosos como sombras no palco da vida¹.

¹ CASTRO, Josué de. *Três Personagens*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1955, p. 11-12.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Reportagem sobre a morte de Josué de Castro.....	40
Figura 2 – Cortejo se aproximando do túmulo.....	41
Figura 3 – Barbosa Lima Sobrinho proferindo o discurso em homenagem a Josué de Castro.....	42
Figura 4 – Retrato de formatura de Josué de Castro na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.....	69
Figura 5 – Josué de Castro quando cursava Medicina na Bahia.....	73
Figura 6 – Posse de Josué de Castro na Cátedra de Geografia Humana da Universidade do Brasil, 1948.....	101
Figura 7 – Josué de Castro em Miami em 1943.....	115
Figura 8 – Mapa das áreas alimentares no Brasil do livro <i>Geografia da Fome</i>	127
Figura 9 – Equipe do Instituto de Nutrição. Década de 1940.....	130
Figura 10 – Josué de Castro em um momento de autógrafos no Ceará.....	134
Figura 11 – Capa da primeira edição de <i>Geografia da Fome</i> (1946).....	136
Figura 12 – Fotografia da posse de Josué de Castro na FAO.....	167
Figura 13 – Fotografia de Josué de Castro em uma propaganda política. Manifesto dos Trabalhadores de Pernambuco.....	177
Figura 14 – A Apoteose da Guerra. Quadro do pintor russo Vasily Vereshchagin, 1871.....	183
Figura 15 – Charge do jornal <i>Diario de Pernambuco</i>	198
Figura 16 – Celso Furtado e Josué de Castro na revista <i>O observador Econômico e Social</i>	215
Figura 17 – Francisco Julião e Josué de Castro em campanha para desapropriação do Engenho Galiléia em 1958.....	229
Figura 18 – Capa do livro <i>Sete Palmos de terra e um caixão</i> (1965).....	235

LISTA DE ABREVIATURAS

ABI – Associação Brasileira de Imprensa

ABL – Academia Brasileira de Letras

ALN – Aliança Libertadora Nacional

AN – Arquivo Nacional

APEJE – Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.

APERJ – Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro.

ARBRE – Associação pela pesquisa sobre o Brasil na Europa

ASCOFAM – Associação Mundial de Luta Contra a Fome

BNF – Biblioteca Nacional da França

CEHIBRA – Centro de Estudos da História Brasileira Rodrigo de Melo Franco de Andrade

CID – Centro Internacional para o Desenvolvimento

CIEX – Centro de Informação do Exército

CNBS – Comissão Nacional do Bem-Estar Social

CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil.

DOPS-PE – Delegacia de Ordem Política e Social de Pernambuco

DOPS-RJ – Delegacia de Ordem Política e Social do Rio de Janeiro

FAO – Fundação para Alimentação e Agricultura.

FCBN – Fundação Biblioteca Nacional

FGV – Fundação Getúlio Vargas

FNFi – Faculdade Nacional de Filosofia

FUNDAJ – Fundação Joaquim Nabuco

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

IHGB – Instituto Histórico Geográfico Brasileiro

IHTP – Instituto de História do Tempo Presente

ISEB – Instituto Superior de Estudos Brasileiros

MDB – Movimento Democrático Brasileiro

OAB – Ordem dos Advogados do Brasil

OMS – Organização Mundial de Saúde

ONU – Organização das Nações Unidas

PCB – Partido Comunista Brasileiro
PROEDES – Programa de Estudos e Documentação Educação e Sociedade
PSB – Partido Socialista Brasileiro
PSD – Partido Social Democrático
PSP – Partido Social Progressista
PTB – Partido Trabalhista Brasileiro
SAPPP – Sociedade Agrícola e Pecuária dos Plantadores de Pernambuco.
SALTE – Saúde, Alimentação, Transporte e Energia.
SAPS – Serviço de Alimentação da Previdência Social
SNI – Sistema Nacional de Informações
STAN – Serviço Técnico de Alimentação Nacional
SUDENE – Superintendência de Desenvolvimento para o Nordeste
UDF – Universidade do Distrito Federal
UDN – União Democrática Nacional
UFPE – Universidade Federal de Pernambuco
UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRPE - Universidade Federal Rural de Pernambuco
UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.
URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

SUMÁRIO

A história de uma pesquisa.....	17
Capítulo 1: A cena da morte e o palco da vida.....	28
1.1 - Um dia cinza em Paris.....	29
1.2 - A morte de Josué de Castro na imprensa brasileira.....	34
1.3 - “De volta à terra”: um enterro vigiado.....	39
1.4 - Entre as trilhas do golpe e os caminhos do exílio.....	44
1.4.1 - Um exílio monitorado.....	49
1.4.2 - A trama do passaporte.....	54
1.5 - Josué de Castro e a anti-Sorbonne.....	58
Capítulo 2: Um mundo chamado Josué de Castro.....	65
2.1 - Nos caminhos do saber médico: primeiras andanças.....	67
2.2 - O reencontro com o Recife e os caminhos para a docência.....	74
2.3 - “Deixe-me ir. Preciso andar”: o retorno ao Rio de Janeiro.....	84
2.3.1 - Entre os caminhos da Europa e o fim da UDF.....	90
2.4 - “Uma festa de cultura”: da construção do geógrafo à cátedra da Universidade do Brasil.....	96
Capítulo 3: (Geo)grafias do Tempo.....	106
3.1 - A atuação institucional de Josué de Castro no campo da alimentação e da nutrição.....	108
3.1.1 - Alimentação no Brasil em tempos de guerra.....	113
3.2 - Geografia da Fome: uma obra denúncia.....	119
3.2.1 - “Na aurora dessa nova era social”: obra e trajetória na análise de um prefácio.....	123
3.2.2 - A invenção do autor Josué de Castro e a obra Geografia da Fome.....	133
3.3 - Olhares da imprensa brasileira sobre a obra Geografia da Fome.....	138

3.4 - O discurso de Josué de Castro se lança para o mundo.....	149
Capítulo 4: Josué de Castro no limiar do labirinto.....	153
4.1 - O PTB como caminho: sobre quando uma derrota pode significar uma vitória.....	155
4.2 - A inserção de Josué de Castro no segundo Governo Vargas.....	161
4.2.1- A FAO, a política, e o Brasil.....	171
4.3 - Josué de Castro e as eleições de 1954 em Pernambuco.....	174
4.4- Uma consciência política e “um livro que viajou o mundo”	179
4.4.1- Geopolítica da Fome: percursos de escrita.....	183
4.4.2 - A Geopolítica da Fome entre prêmios e o anticomunismo.....	192
Capítulo 5: “O Homem, a Terra e a Luta”	203
5.1 - Josué de Castro e a Frente Parlamentar Nacionalista.....	205
5.2 - “A Operação Nordeste uma grande vitória”	209
5.2.1 - Operação Nordeste e as “cartas na mesa”: debate sobre a seca, a terra e o desenvolvimento.....	214
5.3 - Josué de Castro frente a um Nordeste explosivo.....	222
5.3.1 - Uma (re) leitura sobre a luta.....	232
Uma viagem ao desconhecido.....	239
Fontes.....	243
Referências Bibliográficas.....	249
Anexos.....	265

A HISTÓRIA DE UMA PESQUISA

Esta tese tem como proposta central estudar a trajetória de Josué de Castro, procurando compreender como se construiu como intelectual e político entre as décadas de 1930 e 1970. O interesse pela temática surgiu por meio de leituras sobre a obra de Josué de Castro, realizadas durante o estágio à docência no curso de Mestrado, desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura (UFRPE), quando no curso de Gastronomia lecionei a disciplina de História da Alimentação. Naquele momento de elaboração da ementa da disciplina, notei que a bibliografia aplicada em outros semestres tratava a história da alimentação como uma área técnica, sem inferir na dimensão social dos processos alimentares. Um questionamento surgiu: já que iria trabalhar a alimentação, não poderia deixar de problematizar a ausência dela, em outras palavras, pretendia colocar em pauta o tema da fome na disciplina.

Alguns meses passaram e o livro *Geografia da Fome* (1946) se tornou uma importante referência para meus estudos, sobretudo quando tive que problematizar relatos de memória oral na pesquisa que ora realizava para a dissertação de mestrado². A fome era assunto recorrente na elaboração das memórias de comerciantes de alimentos do sertão de Pernambuco. Desde então, passei a me interessar pelas produções e principalmente pelo acervo de Josué de Castro. Em diálogo com interlocutores tive a informação de que o acervo pessoal de Josué de Castro estava em fase de transferência do Centro Josué de Castro³ para a Fundação Joaquim Nabuco - Fundaj, instituição que me proporcionou grandes aprendizados quando fui estagiário ainda nos tempos de graduação. A Fundaj, prontamente viabilizou o desenvolvimento da pesquisa na parcela do acervo que já estava tratada e acondicionada.

²AMORIM, Helder Remigio de. *Entre a Mercadoria e o Supermercado: Memórias e Práticas Comerciais no Portal do Sertão*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal Rural de Pernambuco: Recife, 2011.

³“O Centro de Estudos e Pesquisas Josué de Castro é uma entidade de direito privado sem fins lucrativos, que tem por objetivo contribuir para a construção e fortalecimento da democracia e da cidadania na perspectiva do acesso aos direitos humanos, através da pesquisa e da intervenção social. Foi fundado em 1979 por pesquisadores pernambucanos, alguns ainda no exílio e vinculados a diferentes Universidades, todos compartilhando do mesmo ideal de contribuir para a retomada da democracia em nosso país. A escolha do nome foi motivada pela identidade intelectual e humana com Josué de Castro, especialmente a independência, espírito crítico e compromisso com o processo de conhecimento e transformação da realidade. Trata-se de uma homenagem ao grande humanista pernambucano que se dedicou à luta contra as causas que originam a fome e a pobreza no mundo”. Disponível: www.josuedecastro.org.br. Acessado em 10 de maio de 2015.

A motivação para desenvolver a pesquisa também foi aguçada quando verifiquei que na área de história poucos trabalhos acadêmicos tinham se dedicado a estudar Josué de Castro considerando a sua dimensão histórica. Por outro lado, uma vasta produção sobre este autor foi desenvolvida em outras áreas do conhecimento, principalmente nas ciências sociais, na geografia e na nutrição. A produção do “já dito” trouxe uma complexidade maior para a pesquisa, pois era preciso compreender quais os caminhos de escrita e problematizações se aproximavam daquilo que eu pretendia realizar. O principal questionamento teórico esteve relacionado sobre como operar a dimensão do sujeito histórico em Josué de Castro, pois uma grande parcela das teses e dissertações não trabalhavam com a ideia de multiplicidade do sujeito, tendo, em alguns casos, cristalizado e reproduzido narrativas míticas em torno da figura de Josué de Castro⁴. Nesse sentido, estudar uma trajetória não significa estar preso às amarras do plano individual, mas sim perceber as construções entre a personagem e o período estudado, analisando as tensões, as relações de poder e os horizontes de expectativa.

Josué Apolônio de Castro nasceu em 5 de setembro de 1908 na cidade do Recife, faleceu em 1973 em Paris, durante o período em que esteve exilado após o golpe civil-militar de 1964. A sua produção intelectual esteve aliada aos cargos públicos que ocupou como médico, professor universitário, presidente do Conselho Consultivo da FAO⁵, deputado federal, embaixador, e presidente do Centro Internacional de Desenvolvimento, em Paris (CID). Em relação à dimensão política e social do seu pensamento, desenvolveu ações para desnaturalizar a fome como atributo dos pobres e resultado das condições climáticas e de solo. Destacam-se, no âmbito dos debates acerca da sociedade brasileira, os estudos de Josué de Castro sobre as condições alimentares da população e as análises referentes à estrutura agrária do país. Para desenvolver esses temas, Castro se situou academicamente no campo de saber da geografia.

⁴ A historiadora Regina Guimarães problematiza a complexidade que envolve a pesquisa e a escrita da história afirma: “As práticas de pesquisa e da escrita também acabam por inscrever outras histórias e a projetar redes de resistência e poder quase desconhecidas e, com elas, outras personagens. É preciso avaliar as fontes documentais levando em conta a especificidade da situação na qual foram produzidas e que as tornou possíveis, assim como o relato produzido nas oficinas da história”. GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. História e escrita do tempo: questões e problemas para a pesquisa histórica. In: DELGADO, Lucília de Almeida Neves. FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). *História do tempo presente*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2014, p. 57.

⁵ Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura com sede em Roma-Itália.

Para esclarecer as minhas proposições se faz necessário apresentar algumas informações sobre a produção de Josué de Castro. A sua obra foi traduzida em 25 idiomas, ganhou repercussão internacional, principalmente quando publicou *Geografia da Fome* (1946) e *Geopolítica da Fome* (1951), livros que circularam com destaque tanto nos Estados Unidos da América como na União Soviética, em tempos de Guerra Fria. No início da década de 1960, estima-se que sua obra havia vendido mais de 400.000 exemplares em todo mundo. Assim sendo, suas ideias estiveram voltadas, desde a década de 1930, para a compreensão do fenômeno da fome que considerava ser fruto da exploração do homem pelo homem.

Nesse sentido, estudar a trajetória⁶ de Josué de Castro significa contribuir para uma melhor compreensão da sua produção intelectual⁷ marcada pelos acontecimentos da experiência democrática brasileira de outrora, mas também se fez presente nos anos 1990 e início dos anos 2000.

Desde o período de Redemocratização, na década de 1980, os debates em torno das políticas de distribuição de renda, justiça social e cidadania entraram novamente na ordem do dia. Alguns programas sociais como o movimento Ação da Cidadania contra a Fome, idealizado pelo sociólogo Herbert de Souza na década de 1990, assim como o programa Fome Zero criado durante o governo Lula em 2003, representam as principais experiências. Esses programas permeiam não somente o pensamento de muitos intelectuais que discutiram a relação entre o Estado, população, território e alimentação, mas também significam a retomada das ideias de Josué de Castro no que concerne aos programas governamentais de segurança alimentar.

Durante a década de 1950, Josué de Castro foi deputado federal pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) de Pernambuco por duas legislaturas. Na sua atuação enquanto deputado defendeu a criação de uma reserva de alimentos no Brasil para os momentos de crise, a desapropriação de terras por interesse social, além de um plano

⁶ Seguimos aqui as orientações de Sirinelli: “Ora, as trajetórias pedem naturalmente esclarecimento e balizamento, mas também e sobretudo interpretação. O estudo dos itinerários só pode ser um instrumento de investigação histórica se pagar esse preço”. SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. (Org.) *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2003, p. 247.

⁷ Sobre os debates em torno dos intelectuais afirma Sirinelli: “A história dos intelectuais tornou-se assim, em poucos anos, um campo histórico autônomo que, longe de se fechar em si mesmo, é um campo aberto, situado no cruzamento das histórias política, social e cultural”. SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. (Org.) *Por uma história política*. Op. Cit, 2003, p. 232.

nacional de alimentação e de merenda escolar. Destaca-se ainda a sua preocupação com a reforma agrária e a aproximação com os movimentos de trabalhadores rurais, especialmente com as Ligas Camponesas. Josué de Castro participou dos debates que criaram a Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) e combateu enfaticamente o modelo de desenvolvimento adotado pelo governo de Juscelino Kubistchek.

Em 1962, Josué de Castro renunciou ao mandato de deputado federal por ter sido nomeado, pelo então presidente João Goulart embaixador do Brasil para assuntos ligados à Organização das Nações Unidas (ONU) em Genebra. No entanto, dois anos depois, foi destituído do cargo com o golpe civil-militar de 1964. Assim como muitos intelectuais e políticos, Josué de Castro teve seus direitos políticos cassados. Naquela ocasião, vários países lhe ofereceram asilo político, mas a França foi o país escolhido por ele para viver. Lá Josué de Castro teve destacada atuação intelectual como professor da Universidade de Vincennes e presidente de um organismo que pretendia criar alternativas de desenvolvimento para os países mais pobres, o Centro Internacional para o Desenvolvimento (CID).

Esta tese intitulada *“Um pequeno pedaço do incomensurável”*: a trajetória intelectual e política de Josué de Castro, insere-se em uma discussão historiográfica que pensa as trajetórias e biografias a partir da perspectiva da multiplicidade do sujeito, com o objetivo de produzir uma narrativa que possibilite novos questionamentos e interpretações. Desse modo, analiso Josué de Castro em sua pluralidade, pois como afirmou o historiador François Dosse: “a prática do historiador está, pois, por princípio, aberta a novas interpretações, a um diálogo sobre o passado aberto para o futuro”⁸.

Penso em que medida os estudos de Josué de Castro, voltados para a problemática da fome, da miséria, da condição social dos trabalhadores, contribuíram para a formação de imagens de um intelectual e político preocupado com as questões sociais. Desse modo, interessa-me, também, analisar os fios, as redes, as teias que este personagem construiu para ocupar cargos públicos nacionais e internacionais que foram

⁸ DOSSE, François. *O Desafio Biográfico*. Escrever uma vida. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009, p. 409-410.

fundamentais para que se projetasse como intelectual e político⁹ em uma dada configuração do Estado nacional brasileiro.

Entre as décadas de 1930 e 1960, o Estado brasileiro passou por um processo de constituição por meio do nacional-estatismo. Essa cultura política foi marcada por um Estado controlador e intervencionista que produziu políticas públicas desenvolvimentistas e regulou o mercado. A formação de uma aliança entre Estado, empresários e trabalhadores foi a base de sustentação desse modelo. As direitas se opuseram a esse projeto nacionalista, que atraiu setores da esquerda, e passaram a combatê-lo duramente¹⁰.

A formação desse modelo de Estado no Brasil, propiciou o engajamento de muitos intelectuais que se inseriram em projetos políticos e estatais. Josué de Castro, durante o primeiro e o segundo governo de Getúlio Vargas participou de políticas públicas ligadas ao setor da alimentação e da nutrição. Posteriormente, no governo de Juscelino Kubistchek, como deputado federal, defendeu a reforma agrária, e a criação da SUDENE. Durante o governo João Goulart, se tornou Embaixador do Brasil em Genebra. Nesse sentido, acredito que Josué de Castro foi se construindo enquanto intelectual e político, por meio do engajamento aos projetos do Estado nacional-estatista no Brasil. A partir do golpe civil-militar de 1964, o Estado brasileiro rompeu com esse modelo e as ideias e práticas políticas de Josué de Castro não tiveram mais lugar na configuração política que se apresentou. A relação de Josué de Castro com os projetos do nacional-estatismo será abordada no decorrer deste trabalho.

Estudar uma vida, uma trajetória, itinerários e percursos biográficos significa pensar as personagens como figuras que estão se constituindo, experimentando-se, influenciadas pelas demandas sociais do seu tempo. No passado, as biografias e trajetórias eram pensadas a partir de uma história exemplar, onde a produção da escrita estava condicionada à construção de mitos e modelos de conduta. Da maneira como

⁹ As redes podem ser compreendidas como ferramentas de explicação para compreender a dinâmica do campo intelectual do Josué de Castro, por meio de desavenças, amizades, disputas, vínculos, tomadas de posição. Os conceitos de circulação, apropriação e recepção das obras do Josué de Castro, bem como as reelaborações e também rupturas das tramas passadas nessa trajetória. CHARTIER, Roger. História Intelectual e história das mentalidades: In:_____. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002, p. 22-60.

¹⁰ A interpretação da formação do Estado nacional-estadista no Brasil foi problematizada principalmente a partir da leitura da coletânea *História do Brasil Nação*, especificamente o volume 4 coordenado pela historiadora Ângela de Castro Gomes e o volume 5 coordenado pelo historiador Daniel Aarão Reis.

penso a escrita biográfica, os autores, os intelectuais, os políticos não são mais objetos de culto, mas sim um campo de pesquisa, de possibilidade da utilização de novos métodos e interpretações¹¹.

Desse modo, destaco um aspecto que deve ser lembrado na elaboração da escrita de uma trajetória. A relevância das incertezas da vida, do inapreensível, da indefinição do horizonte de expectativa. Desse modo, “a possibilidade de uma individualidade fixa, unitária e coerente parece então se perder em meio a uma pluralidade de identidades, referências, locais”¹². A dimensão plural de uma vida não permite o enquadramento em uma narrativa linear, pois é dotada de múltiplas representações e sentidos. Cabe ao historiador apontar para o leitor as possibilidades daquilo que poderia ter sido, das bifurcações, dos (des)caminhos, das escolhas.

No que diz respeito às discussões teóricas, acredito que as concepções de Michel Foucault são importantes para analisar o conceito de intelectual, contribuindo para a compreensão de como as ações de Josué de Castro se legitimaram a partir das relações entre o saber e o poder¹³. Nesse sentido, analiso as dimensões do intelectual e do político, de modo algum distanciando-os, mas buscando aproximações e similitudes. Por outro lado, na problematização de Josué de Castro como um polímata, se pretende entender como transitou e buscou ferramentas metodológicas para situar o seu pensamento por meio de uma proposta interdisciplinar, principalmente atrelada à geografia e à nutrição. Nesse sentido, o conceito de campo intelectual de Pierre Bourdieu possibilitou compreender as disputas, limites e escolhas de Josué de Castro na vivência como professor universitário, e escritor, bem como me auxiliou a pensar o seu lugar de fala¹⁴.

Analisar a problemática relativa aos arquivos e sua importância para a pesquisa histórica tornou-se uma questão necessária para esse trabalho. No arquivo o historiador reúne rastros, fragmentos, pedaços do passado inspirado pelas questões do presente,

¹¹ DOSSE, François. *O Desafio Biográfico*. Op.Cit, 2009, p. 19- 53.

¹² AVELAR, Alexandre de Sá. Escrita da história, escrita biográfica: das possibilidades de sentido. In: _____, Alexandre de Sá. SCHMIDT, Benito Bisso. *Grafia da Vida: reflexões e experiências com a escrita biográfica*. São Paulo: Letra e Voz, 2012: 71.

¹³ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2011, p. 71.

¹⁴ BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: Editora UNESP, 2004, p. 23.

para realizar a operação historiográfica¹⁵. O arquivo é complexo em sua materialidade, principalmente quando se dimensiona as diversas temporalidades e regimes de historicidade que habitam os documentos. É a partir dessa prática complexa, permeada por regras e estatutos, que o historiador se debruça sobre o mundo dos documentos em busca de questões que norteiem as suas pesquisas.

Josué de Castro produziu inúmeros registros das suas atividades, abarcando sua produção intelectual, de homem público e da vida pessoal¹⁶. São muitos os fragmentos documentais que se estendem temporalmente, dos primeiros anos do curso de Medicina iniciado na Bahia na década de 1920, até a repercussão da sua morte em Paris, 1973. Um arquivo pessoal é compreendido como um lugar de produção, um dispositivo detentor de uma ação estratégica atrelada às relações de poder. Nesse sentido, um arquivo pessoal possui peculiaridades distintas em relação a um arquivo eminentemente institucional, principalmente nos processos de classificação e seleção do que deve ou não deve ser preservado¹⁷.

Josué de Castro e seus familiares se preocuparam em guardar documentos ligados as suas atividades profissionais e pessoais. A maioria da documentação foi organizada e catalogada inicialmente por Glauce de Castro, sua esposa¹⁸, porém contou também com o acompanhamento e participação do próprio Josué de Castro, que demonstrava interesse pela atividade de guardar e preservar sua própria memória. A constituição desse arquivo pessoal contou, ainda, com colaborações de amigos,

¹⁵ Aqui cabem as observações primeiras de Michel de Certeau sobre a prática e a escrita do historiador, quando afirma: “Encarar a história como uma operação será tentar, de maneira necessariamente limitada, compreendê-la como a relação entre um lugar (um recrutamento, um meio, uma profissão, etc.), procedimentos de análise (uma disciplina) e a construção de um texto (uma literatura)”. CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007, p. 66.

¹⁶ Sobre a dimensão social do arquivo é preciso pensar nas prerrogativas de Paul Ricouer: “Mas o arquivo não é apenas um lugar físico, espacial, é também um lugar social. RICOEUR, Paul. *A memória, a história e o esquecimento*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007, p. 177.

¹⁷ Sobre os arquivos pessoais afirmou Lúcia Heymann: “Os arquivos pessoais, todavia, em geral trazem a marca de um processo de acumulação pautado por subjetividades individuais, expressas na seleção dos documentos a serem preservados, bem como em sucessivas avaliações, descartes e ordenamentos a que os conjuntos podem ser submetidos”. HEYMANN, Lúcia Quillet. *O lugar do arquivo: a construção do legado de Darcy Ribeiro*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2012, p. 179.

¹⁸ A senhora Glauce do Rego de Castro sempre se preocupou em arquivar os registros das atividades de Josué de Castro, foi também uma companheira de viagens e leitora da sua produção intelectual. Sobre a constituição de um acervo pessoal como afirma Heymann: “É importante lembrar ainda que a configuração final assumida pelo arquivo pode ser resultado tanto do esforço do titular quanto de um secretário ou mesmo da família que recolhe o material disperso para doá-lo ou vendê-lo”. HEYMANN, Lúcia Quillet. *O lugar do arquivo*. Op.Cit, 2012, p. 42.

jornalistas que enviavam recortes de jornais, cartas, relatórios, livros e que, ao longo dos anos, foram compondo o acervo¹⁹.

A partir da pesquisa e da leitura dos documentos do acervo pessoal Josué de Castro, salvaguardado atualmente pela Fundação Joaquim Nabuco²⁰, pude compreender como se deu o processo de autoconstrução de Josué de Castro a partir do trânsito entre campos do saber, bem como a escolha dos objetos das suas pesquisas²¹. A partir do avanço da pesquisa, elegi temas e subtemas que passaram a fazer parte das discussões iniciais sobre a estrutura da tese. Apesar da riqueza e diversidade do acervo pessoal em questão, esses pressupostos foram fundamentais para perceber a necessidade de entrecruzamento com outros acervos de pesquisa.

Um detalhe importante sobre a composição do acervo pessoal de Josué de Castro é que a documentação está mais concentrada entre as décadas de 1940 e 1970, período em que se tornou escritor de obras que circularam internacionalmente, estabeleceu redes intelectuais em diversos países, e passou a acumular um maior número de documentos. Desse modo, a necessidade de cruzamento de informações com outros acervos documentais, inerente à pesquisa acadêmica, também se faz obrigatória no que concerne ao período em que Josué de Castro se formou em medicina, no Rio de Janeiro em 1929, perpassando por toda a década de 1930, até a publicação de *Geografia da Fome* em 1946, principalmente pela fragmentação e ausência de documentos desses momentos históricos. Esse foi o caso das pesquisas realizadas em outros estados brasileiros, bem como na França, onde Josué de Castro viveu o exílio.

No entanto, a diversidade documental, as inúmeras possibilidades de pesquisas, as muitas histórias a serem contadas, não podem se transformar em “um culto ao arquivo”. O historiador necessita buscar estratégias para não ceder, pois a “obediência

¹⁹ A organização e catalogação do acervo documental no Centro Josué de Castro contou com a colaboração de vários profissionais que realizaram importantes intervenções arquivísticas. Porém gostaria de destacar a relevância e dedicação do Professor Denis Bernardes (*in memoriam*), profundo conhecedor do acervo e da obra de Josué de Castro.

²⁰ É importante destacar que entre 1987 e 2010 o acervo pessoal Josué de Castro esteve salvaguardado pelo Centro Josué de Castro. Em 2011 um termo firmado entre o Centro Josué de Castro e a Fundaj viabilizaram a doação do acervo.

²¹ “Desde 2011, o arquivo privado de Josué de Castro encontra-se sob os cuidados da Fundação Joaquim Nabuco, instituição veiculada ao Ministério da Educação. O arquivo é formado pela biblioteca particular de Josué de Castro, documentos textuais (produção intelectual, recortes de jornais, correspondências) e fotografias. O acervo está disponível à consulta no Centro de Documentação e de Estudos da História Brasileira – CEHIBRA, que fica localizado no Recife. O acervo é composto por aproximadamente 30.175 documentos”. Fonte: Fundação Joaquim Nabuco – CEHIBRA.

cega à positividade do arquivo, a seu poder absoluto, leva tanto a uma impossibilidade da história quanto a recusa do arquivo”²². Ao mesmo tempo analisar o arquivo como um dispositivo que possibilita a criação de uma auto-imagem de Josué de Castro se faz latente, onde se percebe a intencionalidade do titular em demarcar a multiplicidade de sua própria imagem.

Na tessitura desse trabalho estive atento a dimensão histórica, lembrada principalmente por meio da relação entre o indivíduo e o tempo vivido. Os acontecimentos e as demandas sociais que marcaram uma grande parte do século XX foram preponderantes para constituir o sujeito Josué de Castro. As redes intelectuais e políticas e as experiências em diversos campos do saber surgem como um caleidoscópio e apontam tanto para o acervo como para a dimensão múltipla da personagem em questão. Afinal, cada um de nós deve ser compreendido como “um locus no qual uma incoerente e frequentemente contraditória pluralidade de determinações relacionais que interagem entre si”²³.

Neste texto que ora apresento, no primeiro capítulo intitulado: *A cena da morte e o palco da vida*, analiso como acontecimento a morte de Josué de Castro, procurando compreender como o fato foi registrado pelos periódicos nacionais e internacionais. A morte no exílio e a relação com a memória, em um momento de restrição das liberdades individuais na história do Brasil, serão os temas abordados nesse capítulo. Nesse primeiro momento, utilizo como fontes documentais, periódicos, fotografias e relatos orais.

No segundo capítulo, que tem como título *Um mundo chamado Josué de Castro*, apresento como centro das discussões a formação de Josué de Castro enquanto intelectual. O ponto de partida é a sua formação acadêmica em Medicina, e o trânsito por diversos campos do saber na sua atuação como professor universitário. No que concerne às fontes documentais utilizadas para composição do capítulo, fotografias,

²² ROUDINESCO, Elisabeth. *A Análise e o Arquivo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006, p. 9.

²³ CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: arte de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 38.

periódicos, correspondências e obras se constituem como as ferramentas que possibilitaram tecer a narrativa proposta.

No terceiro capítulo intitulado *Geo(grafias) do tempo*, analiso como a passagem de Josué de Castro em instituições de pesquisa, voltadas para a área da alimentação e da nutrição, colaborou para a publicação de uma das suas obras mais conhecidas: *Geografia da Fome*. As relações de Josué de Castro com os projetos políticos do Estado Novo, a problemática teórica em torno do “que é um autor”, a circulação da obra de Josué de Castro na imprensa brasileira, bem como a materialidade da primeira edição de *Geografia da Fome*, são alguns dos temas abordados nesse capítulo. Entre os documentos que subsidiaram o capítulo estão: periódicos, correspondências, livros, prefácios e fotografias.

O quarto capítulo, intitulado *Josué de Castro no limiar do labirinto*, versa sobre a participação de Josué de Castro na Comissão de Bem-Estar Social, criada no segundo governo Vargas e a relação das políticas públicas alimentares desenvolvidas nesse órgão com a publicação de *Geopolítica da Fome* (1951). Concomitantemente, problematizo a articulação política que levou Josué de Castro a presidir entre 1952-1956 o Conselho Consultivo da FAO e também a se tornar deputado federal pelo Partido Trabalhista Brasileiro. No que diz respeito às fontes, além da obra *Geopolítica da Fome*, utilizo periódicos, correspondências, e documentos do acervo pessoal de Alzira Vargas no CPDOC-FGV.

No quinto capítulo, denominado *O Homem, a Terra e a Luta*, proponho estudar a atuação política de Josué de Castro, analisando como se posicionou enquanto deputado federal em relação à reforma agrária e à criação da SUDENE. Também problematizo, por meio da obra de autoria de Josué de Castro *Sete Palmas de Terra e um Caixão*, a sua aproximação com o campo das esquerdas, até ser cassado em 1964. Neste capítulo, utilizei a documentação do acervo pessoal Josué de Castro, periódicos da Biblioteca Nacional e os anais da Câmara dos Deputados.

A definição de um tema, a pesquisa, a seleção das fontes e a escrita fazem compreender o conhecimento histórico como uma operação. Desse modo, os procedimentos metodológicos auxiliam a promover um diálogo entre as fontes documentais e os referenciais historiográficos e teóricos adotados. Para entender as tramas que envolvem a trajetória intelectual e política de Josué de Castro, conto com um

conjunto de fontes diversificadas que possibilitaram problematizar sua trajetória em momentos históricos distintos.

CAPÍTULO 1:

A CENA DA MORTE E O PALCO DA VIDA

“Ele foi um homem que durante longo tempo falou ao deserto por dizer aos ricos, aos saciados, aos indiferentes ou ignorantes que dois terços da humanidade faminta vivia nos países subdesenvolvidos”²⁴

²⁴ *Le Monde, Économique*, Paris, 25 de setembro de 1973. Marcel Niedergang. Acervo Pessoal Josué de Castro – Fundaj. Pasta 50. Tradução nossa.

1.1 - Um dia cinza em Paris

Era outono em Paris, as folhas caíam continuamente e as árvores resistiam para não perecer. Os habitantes da “cidade luz” tentavam manter os corpos aquecidos, mas o vento frio tocava a face de todos com intensidade. Os raios solares praticamente não atingiam o solo e uma paisagem monocromática de tom cinza produzia uma estranha imagem de continuidade entre a arquitetura da cidade e o firmamento. Os inúmeros cafés estavam lotados e as correntes de ar frio invadiam aqueles ambientes cada vez que as portas de entrada eram abertas. As palavras de ordem das manifestações de maio de 1968 ainda ecoavam pelas ruas de Paris.

Da cidade descrita por Ernest Hemingway, na década de 1920, talvez tenham restado o nome, e o lugar em que está situada, seus objetos mais resistentes. A arquitetura normativa de Haussman ainda dava cor e sentido a *urbe* que parecia não ter se desprendido do século XIX. No início da década de 1970 era possível caminhar sem destino, apreciando a cidade como se fosse uma paisagem. As vitrines que inspiraram as críticas de Walter Benjamin estavam ainda mais reluzentes e sedutoras. Os tempos sombrios das guerras mundiais se faziam presentes por meio de monumentos e homenagens póstumas. As ruas, por mais esplêndidas que fossem, somente passavam a ter vida quando passos eram trilhados mesmo que em direção ao desconhecido. A face temível de Paris se escondia na solidão das ruas vazias.

A dimensão cosmopolita da capital da França como centro de cultura e saber se manifestava nas diversas línguas que eram ouvidas nos espaços de sociabilidade da cidade. Muitos habitantes estavam em busca de uma formação acadêmica, outros eram forçados a viver longe dos seus países, seja por questões políticas ou humanitárias. Afinal, Paris não era uma festa para todos.

As ondas de uma rádio local faziam chegar a diversas partes do mundo as notícias daquele dia 24 de setembro de 1973. Entre as manchetes veiculadas no jornal *Inter actualités*, que se iniciava às dezenove horas, estavam às preocupações do governo francês com a regulamentação dos trabalhadores argelinos, a ajuda humanitária da França aos países africanos, o retorno de Juan Perón ao poder na Argentina e a morte de um brasileiro em Paris.

A Morte de Josué de Castro. Josué de Castro, Presidente da Associação Mundial de Luta Contra a Fome, decidiu viver em Paris a partir de 1964. Doutor em Medicina, Josué de Castro era especialista nos problemas de nutrição, de nacionalidade brasileira, presidiu o organismo da FAO. Embaixador do Brasil ligado as Nações Unidas, foi chefe da delegação brasileira na Conferência do Desarmamento em Genebra. Josué de Castro viveu seu exílio na França ao deixar o seu país após o golpe de estado militar. Ele tinha 65 anos²⁵.

“Quando um homem morre é como se uma biblioteca inteira se incendiasse” diz um antigo provérbio africano. Josué de Castro foi encontrado morto em casa pela esposa Glauce²⁶. Naquele momento, o intelectual era professor associado da Universidade de Vincennes, Paris VIII, da qual foi um dos fundadores em 1968, e presidia o Centro Internacional para o Desenvolvimento (CID)²⁷. Continuava perseguindo o tema de estudos que permeou praticamente toda a sua vida: a fome²⁸. Porém, havia renovado ideias e proposições incorporando às pesquisas e os estudos relativos à fome, as questões ecológicas e do meio ambiente. A notícia da sua morte foi veiculada na imprensa internacional²⁹. O jornal *Le Monde*³⁰ trouxe a seguinte reportagem:

²⁵<http://www.ina.fr/audio/PHF08004835/inter-actualites-de-19h00-du-24-septembre-1973audio.html>. Inter actualités de 19H00 du 24 septembre 1973. 50min 21s. Présentateur Patrick Lecocq. Acessado em 20 de dezembro de 2015. Tradução nossa.

²⁶ Naquela mesma semana morreram o poeta Pablo Neruda e o Presidente do Chile, Salvador Allende.

²⁷ Josué de Castro foi um dos fundadores desse Centro e o presidiu até 1973. “Em 1962 um grupo de eminentes personalidades de renome internacional, resolveram criar uma organização internacional, não governamental, sem fim lucrativo (...): esta denominação chamou-se Centro Internacional para o Desenvolvimento – C.I.D”. Acervo Pessoal Josué de Castro – FUNDAJ, Pasta 118.

²⁸ Em 1970, Josué de Castro foi indicado pela Associação Médica Internacional para concorrer ao Nobel da Paz em virtude das suas iniciativas de combate a fome, porém o vencedor daquele ano foi o engenheiro agrônomo Norman Borlaug.

²⁹ Na documentação pesquisada outras reportagens também foram encontradas: “Dr. Josué de Castro Deat at 65, Diplomat Aided Thirt Wolrd”. *The New York Times*, Estados Unidos, 25 de Setembro de 1973. “En La Muerte de Josué de Castro”, *El Dia*, México, 26 de setembro de 1973. “Josué de Castro est mort”, *La Vie Catholique*, França, 26 de setembro 1973. “Morreu o sociólogo Josué de Castro, autor de Geopolítica da Fome”. *O Primeiro de Janeiro*, Portugal, 25 de setembro de 1973. Acervo Pessoal Josué de Castro – Fundaj, Pasta 50.

³⁰ Jornal francês de prestígio internacional fundado em 1944 por Hubert Beuve-Méry, foi durante muito tempo o principal modelo para os outros jornais do mundo ocidental. No período em que Josué de Castro esteve exilado na França, por várias vezes concedeu entrevista e foi articulista deste jornal.

Autor de Geopolítica da Fome. O senhor Josué de Castro está morto

O Senhor Josué de Castro, antigo embaixador do Brasil para Organização das Nações Unidas em Genebra, faleceu em Paris nessa segunda-feira 24 de setembro aos 65 anos. Originário do Nordeste do Brasil denunciou a miséria das favelas, o senhor Josué de Castro foi médico, sociólogo, ensaísta e autor de Geopolítica da Fome, na qual denunciou as disparidades terríveis entre nações industrializadas e os povos dos países subdesenvolvidos. Especialista em problemas de desenvolvimento presidiu em Paris uma organização privada que estudou a melhor maneira de prestar assistência aos pobres do mundo. Colaborador do governo Goulart, teve seus direitos políticos cassados pelos militares brasileiros e foi privado de seus direitos civis. O terceiro mundo, disse ele, deve recusar as migalhas do banquete rico...
Mente bem preparada e coração generoso Josué de Castro nos últimos anos viajou pelo mundo para defender suas ideias³¹.

O jornal francês retoma as atividades de Josué de Castro, os interesses de pesquisa, bem como a dimensão pública das suas ideias. Nessa mesma edição, o *Le Monde* faz referência às fracassadas tentativas de Josué de Castro de sensibilizar as grandes potências sobre aquilo que considerava como equivocados modelos de desenvolvimento, que seriam provocadores diretos da fome e da desigualdade social. O jornal afirma que Josué de Castro: “falou durante longo tempo ao deserto”. O tema do desenvolvimento, que tinha uma intrínseca relação com o combate a fome, permeia praticamente toda a sua obra. Para Josué de Castro – crítico do modelo de econômico adotado no Brasil após a Segunda Guerra Mundial – o único desenvolvimento possível seria aquele centrado no desenvolvimento do homem³² que fosse centrado na educação, em políticas públicas de segurança alimentar, e amparado pela agricultura de subsistência.

O trecho da reportagem é um campo fértil para inúmeras discussões em torno da personagem que ora apresentamos ao leitor. Uma primeira questão é como Josué de Castro foi lembrado³³. Como autor, embaixador, homem público, advindo de uma das

³¹ *Le Monde*, Paris, 25 de setembro de 1973, p. 38. Acervo Pessoal Josué de Castro – Fundaj. Pasta 50. Tradução nossa.

³² A defesa do desenvolvimento do homem em detrimento de um modelo de desenvolvimento meramente econômico foi uma ideia que circulou entre os intelectuais ligados as humanidades no Pós-Guerra, tratarei especificamente dessa questão no terceiro capítulo.

³³ No dia 26 de setembro de 1973 o jornal *Le Monde* na coluna *Carnet* noticiou o falecimento de Josué de Castro, bem como fez referência a várias organizações que homenagearam o autor. Entre essas organizações estavam a Associação Mundial de Luta Contra a Fome, Associação Médica Internacional,

regiões mais pobres do mundo e que denunciou as desigualdades sociais. Outros periódicos também veicularam a notícia da morte de Josué de Castro, foi o caso do francês *Le Figaro*³⁴.

Josué de Castro morreu ontem

Josué de Castro morreu na manhã de ontem em Paris, de uma crise cardíaca. Ele nasceu em Recife, no Brasil, capital do famoso “quadrilátero da fome”, em 1908. Doutor em medicina pela Universidade do Rio de Janeiro era especialista na área de nutrição. Os três livros: “O Livro Negro da Fome”, “Geografia da Fome”, traduzido em nove línguas, “Geopolítica da Fome” traduzido em vinte e cinco línguas, desempenharam um papel decisivo na conscientização do problema da fome no mundo. Ele contribuiu ativamente como presidente do conselho da Organização Mundial para Agricultura e Alimentação (F.A.O.). (...) Após o golpe militar, privado de seus direitos civis, viveu no exílio. (...) Cheio de fogo e paixão para a grande causa a que ele servia, ajudando, por suas fórmulas marcantes, a tocar de perto as realidades do subdesenvolvimento, a tomar consciência do círculo vicioso no qual se encerrou o mundo, exerceu uma influência profunda e duradoura³⁵.

Nessas reportagens póstumas, Josué de Castro é lembrado como um militante das causas humanitárias, especificamente do combate a desnutrição, como um autor reconhecido no mundo, que por meio das suas obras, denunciou a fome como um instrumento de exploração dos homens contra os próprios homens. A imagem produzida pelo discurso jornalístico identifica Josué de Castro a partir do local de nascimento, pelo *status* dos títulos acadêmicos, pelas obras de circulação internacional, mas, principalmente, constrói a imagem de um homem que se engajou na luta contra a fome no mundo. De acordo com a historiadora Maria Yedda Linhares:

Centro Internacional do Desenvolvimento, Os Cidadãos do Mundo, e o Congresso Internacional dos Povos. *Le Monde*, Paris, 26 de setembro de 1973, p. 38. Tradução nossa.

³⁴ *Le Figaro* é um jornal francês, fundado em 1826, o mais antigo ainda hoje em circulação. Atualmente, faz parte do grupo Socpresse, o principal da França no setor de imprensa que tem como presidente o político e industrial Serge Dassault. Na época em que a reportagem citada foi trabalhada o jornal se destacava pela linha editorial independente e estava em franca decadência.

³⁵ *Le Figaro*, Paris, 25 de Setembro de 1973. Acervo Pessoal Josué de Castro – Fundaj. Pasta 50. Tradução nossa.

A imprensa mundial rendeu uma sentida homenagem ao brasileiro e pernambucano que dedicou sua vida, sua inteligência inquieta e sua extraordinária capacidade de trabalho a denunciar a pobreza como criação dos sistemas sociais historicamente gerados e a alertar à opinião pública brasileira e do Terceiro Mundo contra as falácias das políticas de desenvolvimento econômico que enfatizavam o crescimento industrial e ignoravam a agricultura voltada para a produção de alimentos, bem como os angustiantes problemas do homem do campo – o agricultor expropriado da terra e dos seus instrumentos de trabalho. O dilema pão ou aço, a que aludia no final da década de 1950, e o aniquilamento progressivo dos recursos naturais, sem atentar para o equilíbrio ecológico, levariam não ao extermínio da pobreza e, sim, à ampliação da miséria e da desigualdade social³⁶.

Maria Yedda Linhares nos traz questões importantes em um dos raros textos especializados que versam especificamente sobre a biografia de Josué de Castro. Além de ter sido uma estudiosa da obra do autor, chegou a trabalhar com Josué de Castro durante o exílio na França e cultivaram uma grande amizade. Linhares, enquanto historiadora, constrói as palavras entre o lembrar e o tecer de um texto acadêmico, transitando pelo homem e pelo pensamento de Josué de Castro.

Estão presentes, também, na escrita de Linhares, os signos de um intelectual que denunciou a fome como produto de um complexo modelo de desenvolvimento que valorizava a produção industrial em detrimento das necessidades básicas de alimentação da população. Provavelmente a historiadora estava amparada pelas obras de Josué de Castro produzidas a partir do Pós-Guerra, quando se tornou um ferrenho crítico da estrutura agrária brasileira e do modelo de desenvolvimento adotado pelo Brasil durante os anos 1950.

³⁶ LINHARES, Maria Yedda. Biografia. In: FERNANDES, Bernardo Mançano. *Josué de Castro: vida e obra*. São Paulo: Expressão Popular, 2007, p. 25.

1.2 - Uma notícia controlada: a morte de Josué de Castro na imprensa brasileira.

Em setembro de 1973 o Brasil vivia os chamados “anos de chumbo”, “o regime voltava a legitimar-se, reagrupando a ampla frente de forças de direita e de centro que sustentara a intervenção militar”³⁷. Nessa perspectiva, a ditadura civil-militar³⁸ que ascendeu ao poder por meio do golpe de 1964 intensificou o combate aos movimentos sociais através da perseguição política e da tortura. A retórica da democracia³⁹ proferida pelo regime foi reforçada pelos órgãos oficiais e pela censura. O *milagre brasileiro* já apresentava sinais de desgaste, mas havia cumprido o papel de beneficiar economicamente as altas e médias camadas da sociedade⁴⁰.

A popularidade do então presidente da República, o general Emílio Garrastazu Médici estava em alta. Para os insatisfeitos, o regime criou o *slogan*: “Brasil, ame-o ou deixe-o”. No exterior estavam inúmeros asilados políticos que foram obrigados a viver longe do seu país, sem perspectiva de uma abertura política. Nesse momento histórico em que o Brasil estava imerso em um dos momentos mais duros da ditadura civil-militar, Josué de Castro falece em Paris.

Pensar a morte de Josué de Castro como um acontecimento tem como intenção apresentar e anunciar questões, sobre a sua trajetória, que nortearão as análises dos

³⁷ REIS, Daniel Aarão. Ditadura e Sociedade: as reconstruções da memória. In: MOTTA, Rodrigo Patto Sá; REIS FILHO, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo (Orgs.). *O golpe e a ditadura militar: 40 anos depois (1964-2004)*. Bauru, SP: Edusc, 2004, p. 42.

³⁸ O termo ditadura civil-militar é utilizado por um grupo de historiadores para identificar a colaboração entre civis e militares no golpe e na manutenção de um estado de exceção que vigorou no Brasil de 1964-1985.

³⁹ “A afirmativa de que a ditadura tentava legitimar suas ações e medidas através da construção de um suposto ideário de democracia, significa que se está empregando o sentido de legitimidade como a busca de reconhecimento, por parte da maioria dos segmentos sociais, em torno de valores propalados como fundantes do regime militar, bem como a procura de adesão às suas proposições em torno da convivência social”. REZENDE, Maria José de. *A Ditadura Militar no Brasil: Repressão e Pretensão de Legitimidade 1964-1984*. Londrina: Ed. UEL, 2001, p. 3.

⁴⁰ “O milagre econômico foi produto de uma confluência histórica, em que condições externas favoráveis reforçaram espaços de crescimentos abertos pelas reformas conservadoras no governo Castelo Branco. Mas foram a ideia da legitimação pela eficácia, concepção positivista que permeava o imaginário dos militares e seus aliados, e, ainda, o nacionalismo das Forças Armadas brasileiras, que fizeram inevitável opção pelo crescimento, em lugar da construção de uma ordem liberal, como fazia a vizinha Argentina. Por outro lado, a necessidade de crescimento não encontrava limites em preocupações com questões como equidade ou melhoria de vida da população, a não ser quando isso afetava a segurança do regime. PRADO, Luiz Carlos Delorme. EARP, Fábio Sá. O “milagre” brasileiro: crescimento acelerado, integração internacional e concentração de renda (1967-1973). In: FERREIRA, Jorge. DELGADO, Lucília de Almeida Neves. (Orgs.). *O Tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. V.4. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012, p. 234.

próximos capítulos. A morte, no sentido como emprego aqui, não significa um fim em si mesma, mas a possibilidade de refletir sobre a produção da memória de Josué de Castro e de um momento da história do Brasil em que o país estava sob jugo de um regime autoritário. Sobre a relação entre escrita, memória e morte, afirma a filósofa Jeanne Marie Gagnebin:

Túmulo e palavra se revezam nesse trabalho de memória que, justamente por se fundar na luta contra o esquecimento, é também o reconhecimento implícito da força deste último: o reconhecimento do poder da morte. O fato da palavra grega *sèma* significar, ao mesmo tempo, túmulo e signo é um indício evidente de que todo o trabalho de pesquisa simbólica e de criação de significação é também um trabalho de luto. E que as inscrições funerárias estejam entre os primeiros rastros de signos escritos confirma-nos, igualmente, quão inseparáveis são memória, escrita e morte⁴¹.

A morte se constitui como um instrumento importante do lembrar, da memória, das reminiscências. O historiador Philippe Ariès, durante anos, estudou profundamente como em diferentes momentos históricos o homem lidou com o tema da morte. Para Ariès, a morte é uma metáfora da vida, um mistério visitado que fatalmente todos nos depararemos com ele ao longo de nossas trajetórias⁴². Mas, em um regime de exceção, o controle da memória produzida sobre Josué de Castro se constituiu como um instrumento do esquecimento.

Ao contrário dos jornais europeus, que veicularam com evidência a morte de Josué de Castro, uma parcela significativa dos periódicos brasileiros se restringiram a emitir pequenas notas sobre falecimento. Naquele momento histórico, talvez o mais rígido no que concerne à censura no Brasil⁴³, as práticas de controle de informações implementadas pelos órgãos oficiais de censura haviam se especializado, com diferentes objetivos, dentre os quais estavam: “garantir o controle do fluxo público da informação,

⁴¹ GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2006, p. 45.

⁴² ARIÈS, Philippe. *História da Morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

⁴³ De acordo com o historiador Carlos Fico, com a publicação do AI-5 houve um fortalecimento da censura à imprensa: “a partir de dezembro de 1968, com a edição do AI-5, houve uma intensificação da censura da imprensa, pois o *decretum terribile* permitia praticamente tudo. Desde então, a censura da imprensa sistematizou-se, tornou-se rotineira e passou a obedecer a instruções especificamente emanadas dos altos escalões do poder”. FICO, Carlos. *Prezada Censura: cartas ao regime militar*. *Topoi*, Rio de Janeiro, dezembro 2002, p. 251-286.

da comunicação e da produção de opinião, reprimir o conteúdo simbólico presente na produção cultural, e manipular os mecanismos de memória e interpretação da realidade nacional”⁴⁴. A vigilância em torno da notícia da morte de um exilado político, bem como do seu enterro, não fugiria às normas da censura⁴⁵. Vejamos como o jornal *O Globo* noticiou o falecimento de Josué de Castro:

Sociólogo Josué de Castro morre em Paris aos 65 anos
Paris (AP-UPI-O Globo) – O médico e sociólogo brasileiro Josué de Castro, especialista em nutrição e ex-diretor geral da Organização das Nações Unidas para a Agricultura (FAO), morreu ontem, em Paris, onde estava residindo desde 1964. Sua morte foi atribuída a uma crise cardíaca: cedo, a sua esposa o encontrou morto. É provável que seu corpo seja trasladado para Recife, onde nasceu. Seu filho Fernando chega hoje a Paris para cuidar do enterro. Além de médico e sociólogo, Josué foi professor universitário, escritor, deputado federal e representante do Brasil em congressos internacionais. Prêmio Internacional da Paz em 1954 e candidato a Prêmio Nobel, ficou mais conhecido no exterior por seu livro “Geografia da Fome”, traduzido para 23 idiomas.

Professor.

No Brasil onde lecionou Geografia Humana na Universidade do Brasil a partir de 1939, ocupou cargos de diretor do Instituto de Nutrição e do Serviço de Alimentação e Previdência Social (SAPS). (...) Tinha títulos de professor honorário das Universidades de Lima e São Domingos e várias condecorações como oficial da Legião de Honra da França e Grande Medalha da Cidade de Paris. Em 1953 recebeu da Academia Americana de Ciências Políticas o Prêmio Franklin Delano Roosevelt⁴⁶.

⁴⁴ SCHWARCZ, Lilia Moritz. STARLING, Heloisa Murgel. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 464.

⁴⁵ Segundo o historiador Márcio Vilela: “Com a implantação do AI-5, em 13 de dezembro de 1968, ainda no governo do general Costa e Silva, a censura prévia aos meios de comunicação foi tomando formas mais perceptíveis. A partir deste momento foram elaboradas normas que as redações dos jornais deveriam observar. Tais normas tinham por base a Lei de Imprensa n° 5.250, de 09 de fevereiro de 1967, que dispunha em seu artigo 1° que “é livre a manifestação do pensamento e a procura, o recebimento e a difusão de informações ou ideias, por qualquer meio e sem dependência de censura, respondendo cada um, nos termos da lei, pelos abusos que cometer”. No entanto, o controle da imprensa praticado e sistematizado durante o Regime militar não pode ser entendido como ação efetuada de maneira restrita por setores militares e ligados ao governo. Era algo bem mais complexo”. VILELA, Márcio Ananias Ferreira. *Discursos e práticas da Igreja Presbiteriana do Brasil durante as décadas de 1960 e 1970: diálogos entre religião e política*. Tese (Doutorado em História). CFCH: UFPE, 2014, p. 108-109.

⁴⁶ *O Globo*, Rio de Janeiro, 25 de setembro de 1973. Acervo Pessoal Josué de Castro- Fundaj. Pasta 50.

A reportagem do jornal *O Globo*⁴⁷ se assemelha as notícias européias na construção de uma memória atrelada aos títulos acadêmicos, às obras e aos cargos ocupados por Josué de Castro. Mas se distancia quando omite as razões que o levaram a viver o exílio em Paris e a cassação dos direitos políticos ocorrida em 1964. Esse é um indício de que o jornal provavelmente realizava a autocensura, prática que se tornou corriqueira nas redações daquela época em virtude do cerceamento da liberdade de expressão⁴⁸.

Outros jornais do Rio de Janeiro também veicularam a notícia do falecimento. O periódico *O Dia* publicou uma pequena nota intitulada: “Coração matou em Paris o sociólogo Josué de Castro” com comentários elogiosos, destacou as campanhas internacionais que Josué desenvolveu nos últimos anos para “melhorar as condições de vida das nações em desenvolvimento⁴⁹”. O jornal *Tribuna da Imprensa* veiculou: “Morreu Josué de Castro”, esse periódico reproduziu praticamente a matéria do jornal *O Globo*, mas acrescentou informações sobre a chegada dos restos mortais ao Brasil: “o corpo será repatriado sexta-feira para o Brasil, onde será sepultado no jazigo familiar no Rio de Janeiro”⁵⁰. Paulatinamente os detalhes da morte e do sepultamento foram surgindo nos jornais impressos, porém sem uma conotação política.

O jornal *A Notícia*⁵¹ publicou: “Morre em Paris Josué de Castro. Ex-diretor Geral da FAO desaparece aos 65 anos – obras traduzidas em 15 idiomas”. A memória em torno da figura de Josué de Castro vai sendo construída, pois “a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do

⁴⁷ Sobre as grandes empresas jornalísticas do Brasil, citando também o jornal *O Globo* a historiadora Beatriz Kushnir afirma: “As empresas jornalísticas do país podem ser vistas como clãs, feudos, oligarquias. É importante destacar que os quatro principais jornais do eixo Rio/São Paulo – Jornal do Brasil, *O Globo*, *Folha de S. Paulo*, e o *Estado de S. Paulo* – são, ou foram até há bem pouco tempo, empresas familiares. Molde, aliás, copiado também por outros periódicos e por algumas editoras, tanto de livros, como de revistas, como as Editoras Bloch e Abril”. KUSHNIR, Beatriz. *Cães de Guarda: entre jornalistas e censores*. In: MOTA, Rodrigo Patto Sá; REIS FILHO, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo (Orgs.). *O Golpe e a Ditadura Militar: 40 anos depois (1964-2004)*. Bauru, SP: Edusc, 2004, p. 251.

⁴⁸ “O expediente da autocensura nas redações e nos jornais e nos demais meios de comunicação auxilia a compreender o porquê do número reduzido de censores. Temática das mais espinhosas, executar autocensura é um tabu para a maioria dos jornalistas”. KUSHNIR, Beatriz. *Da tesourinha ao sacerdote: os dois últimos chefes da censura brasileira*. In: FILHO, João Roberto Martins (Org.). *O golpe de 1964 e o regime militar: novas perspectivas*. São Carlos: EdUFCar, 2006, p. 53.

⁴⁹ *O Dia*, Rio de Janeiro, 25 de setembro de 1973. Acervo Pessoal Josué de Castro - Fundaj. Pasta 50.

⁵⁰ *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 25 de setembro de 1973. Acervo Pessoal Josué de Castro-Fundaj. Pasta 50.

⁵¹ *A Notícia*, Rio de Janeiro, 25 de setembro de 1973. Acervo Pessoal Josué de Castro - Fundaj. Pasta 50.

presente”⁵². Desaparecer do mundo físico não significa deixar de existir, Josué de Castro passou a habitar a dimensão dos discursos que circularam nas notícias, e homenagens *post mortem*⁵³. O periódico *O Jornal* noticiou a chegada do corpo⁵⁴ à base aérea do Galeão no Rio de Janeiro:

Chegou o corpo de Josué de Castro, mas sem fotos.

O corpo do sociólogo Josué de Castro, que morreu na segunda-feira última em Paris, chegou ao Rio às 18 horas de ontem e será sepultado hoje, às 11 horas, no cemitério de São João Batista. Ontem, logo após o desembarque no Galeão, o ataúde foi conduzido a capela Real Grandeza, ocupando a sala 3. Grande número de familiares e amigos do morto estiveram presentes ao desembarque do corpo, que veio acompanhado da viúva D. Glauce Pinto de Castro, do filho Josué Fernando de Castro e da filha Sônia. Momento antes da chegada do aparelho da *Air France*, os repórteres presentes no interior da sala VIP, da Varig, foram obrigados por agentes de segurança lotados no aeroporto a abandonarem o recinto. Os motivos da proibição de entrevistas com os familiares que se encontravam na sala, bem como de fotografias do desembarque do corpo na pista, não foram explicados pelos agentes, que alegaram apenas estarem cumprindo ordens de superiores. Dona Glauce desceu do avião e embarcou em um carro que a conduziu ao local do velório. Não foi possível aos repórteres aproximarem-se dela⁵⁵.

A reportagem apresenta detalhes do controle e da vigilância exercida pelos “agentes de segurança” da ditadura civil-militar, demonstrando a preocupação que o regime tinha com a repercussão da morte, no exílio, de um asilado político reconhecido internacionalmente. A proibição dos registros fotográficos e da permanência dos

⁵² HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990, p. 75.

⁵³ A sessão do Conselho Universitário da Universidade Federal do Rio de Janeiro da qual Josué de Castro foi professor prestou a seguinte homenagem: “Conselho Universitário. Sessão 27/09/1973. Expediente. A) Aprovado, unanimemente, um voto de grande pesar, proposto por Clementino de Fraga Filho, pelo falecimento do saudoso e ilustre Professor Josué de Castro, ex-Diretor do Instituto de Nutrição da UFRJ. O Professor Clementino Fraga fez o elogio do professor desaparecido exaltando-lhe as qualidades intelectuais e culturais, os grandes serviços prestados ao ensino e a Universidade, e pediu que ficasse registrado a ata saudade, o apreço e a admiração de seus colegas e amigos. Solidarizaram-se com o voto proposto, os Professores Carlos Chagas e Pedro Calmon, e o Dr. Charles Damian”. *Boletim UFRJ*. V.25. Nº 40. 4 de outubro de 1973. Acervo Pessoal Josué de Castro- Fundaj. Pasta 50.

⁵⁴ De acordo com o historiador Antônio Jorge de Siqueira: “O corpo humano além de ser orgânico e físico, é uma relação psicossocial e não pode ser visto deslocado da cultura e da história, nem da sociedade. Então, o corpo, como relação social, é uma construção e, como tal, pode ser instruído e desconstruído, afirmado e negado, cultivado e explorado”. SIQUEIRA, Antônio Jorge. *A Invenção Social do Corpo*. In:_____, *Labirintos da modernidade*. Memória, narrativa e sociabilidades. Recife: Editora UFPE, 2014, p. 108.

⁵⁵ *O Jornal*, Rio de Janeiro, 29 de setembro de 1973. Acervo Pessoal Josué de Castro- Fundaj. Pasta 58.

repórteres no aeroporto demonstra o esforço dos agentes da repressão no sentido de tentar evitar que a morte de Josué de Castro produzisse alguma comoção social ou uma repercussão negativa para o regime⁵⁶.

1.3 - “De volta à terra”: um enterro vigiado.

Já havia se passado nove anos desde o golpe civil-militar de 1964. O exílio que muitos acreditavam que fosse breve, passou a ser longo e duradouro⁵⁷. O retorno do corpo de Josué de Castro ao Brasil teve uma dimensão política importante. O poeta romano Ovídio que viveu no século 18 d.c em suas *Cartas Pônticas* confessou a um amigo próximo: “A morte, sem dúvida, quando chegar, fará que eu deixe de ser um exilado”⁵⁸.

O funeral de Josué de Castro foi realizado em uma das cidades em que viveu grande parte da vida. Um intelectual brasileiro reconhecido internacionalmente principalmente pela dimensão pública das suas ideias, ou ainda pelos cargos que ocupou em organismos internacionais, teve uma cerimônia restrita a familiares e amigos próximos. O periódico carioca, *O Jornal*⁵⁹, veiculou uma reportagem sobre o funeral que constrói uma narrativa textual e imagética com a intenção de trazer para o leitor informações biográficas de Josué de Castro, bem como de apontar para a questão política que envolvia a morte de exilado brasileiro no exterior⁶⁰.

⁵⁶ No que concerne a censura política a imprensa, afirma o historiador Carlos Fico: “A censura política a imprensa foi apenas mais um instrumento repressivo. Tal como a instituição do “Sistema Codi-Doi”, a censura da imprensa foi implantada através de diretrizes sigilosas, escritas ou não”. FICO, Carlos. *Além do Golpe: Versões e controvérsias sobre 1964 e a Ditadura Militar*. Editora Record, 2004, p. 90.

⁵⁷ O nome de Josué de Castro está presente na lista dos primeiros que tem os direitos políticos cassados por dez anos no *Diário Oficial da União*, Brasília, 09 de abril de 1964. O Ato Institucional Nº 1 determinou cassação dos mandatos legislativos e de servidores públicos e a suspensão dos direitos políticos por dez anos daqueles que eram considerados uma ameaça à segurança nacional. Além disso, convocou eleições indiretas para presidente da República.

⁵⁸ OVÍDIO. *Cartas Pônticas*. São Paulo: Martins Fontes, 2009, p. 6.

⁵⁹ Algumas informações sobre o periódico *O Jornal*: “Jornal carioca diário fundado em 17 de julho de 1919 por Renato de Toledo Lopes. Cinco anos após sua fundação, foi adquirido por Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, tornando-se o primeiro elo e o órgão líder da cadeia dos *Diários Associados*. Foi extinto em abril de 1974. O Jornal apoiou os governos seguintes do marechal Artur da Costa e Silva e do general Emílio Médici, mas acabou por fechar suas portas em abril de 1974, em consequência das péssimas condições financeiras em que se encontrava, resultado da má administração dos últimos anos”. www.cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes. Acessado em 15 de janeiro de 2016.

⁶⁰ Sobre a relação entre imagens, periódicos e relatos orais de memória estivemos amparados também pelos trabalhos do historiador mexicano Alberto Del Castillo Troncoso. As discussões sobre a relação



Figura 1: Reportagem sobre a morte de Josué de Castro. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 30 de setembro de 1973:3. Acervo Pessoal Josué de Castro – Fundaj. Pasta 58.

A reportagem veiculada na sessão “Brasil” traz o título: “De volta à terra”, provavelmente uma alusão ao homem que viveu no exílio e retornava, sem vida, ao país em que nasceu⁶¹. A narrativa construída pela matéria procura atrelar a trajetória de Josué de Castro a seqüência de imagens. A primeira fotografia registra o féretro se aproximando do túmulo, onde um pequeno grupo de familiares e amigos se protegia da chuva fina que caía em uma tarde de domingo no Cemitério São João Batista, no bairro de Botafogo, no Rio de Janeiro.

entre narrativa e imagens nos periódicos são fundamentais para compreendermos a construção e intencionalidade dos discursos jornalísticos. TRONCOSO, Alberto Del Castillo. *Palavra de Fotógrafo. Testemonios del movimiento estudiantil de 1968 en México*. In: GRACIA, Gerardo Necochea. MONTENEGRO, Antonio Torres (Compiladores). *Caminos de historia y memoria em América Latina*. Buenos Aires: Imago Mundi, 2011, p. 43-58.

⁶¹ É importante ressaltar que entre os jornais pesquisados do Rio de Janeiro, onde funeral ocorreu, a grande maioria não veiculou comentários sobre o enterro de Josué de Castro. As pesquisas foram realizadas nos seguintes periódicos: *Correio da Manhã*, *Diário da Noite*, *Diário de Notícias*, *O Fluminense*, *Opinião*, *Política*, *A Ordem*. A fonte de pesquisa foi o site da hemeroteca digital brasileira, bem como o acervo pessoal de Josué de Castro. O site da hemeroteca digital brasileira <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>. Acessado em 20 de junho de 2015.



Figura 2: Cortejo se aproximando do túmulo. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 30 de setembro de 1973:3. Acervo Pessoal Josué de Castro – Fundaj. Pasta 58.

Apesar da proibição de fotografar a chegada do corpo ao Aeroporto do Galeão, durante o enterro os fotógrafos do periódico *O Jornal* conseguiram realizar alguns registros. No entanto, aqueles que estiveram presentes “obedeciam às instruções dos agentes de segurança – que desde a noite de sexta-feira impediam o contato de familiares de Josué de Castro com a imprensa⁶²”. Entre os presentes que decidiram falar, se restringiram apenas a fazer breves comentários sobre a obra e a atuação de Josué de Castro em organismos internacionais. A partir dessas informações é importante pensar que mesmo depois de morto, o regime civil-militar considerava Josué de Castro e as suas ideias, livros e memórias, um verdadeiro perigo para a Segurança Nacional.

A alusão da reportagem aos agentes de segurança e sobre o que era permitido ou não dizer, demonstra que a cerimônia do enterro também foi vigiada pelos órgãos de segurança. No entanto, o advogado, político e membro da Academia Brasileira de Letras, Barbosa Lima Sobrinho⁶³ realizou um breve discurso de homenagem póstuma a

⁶² *O Jornal*, Rio de Janeiro, 30 de setembro de 1973, p. 3. Acervo Pessoal Josué de Castro – Fundaj. Pasta 58.

⁶³ A historiadora Marieta de Moraes Ferreira apresenta uma breve biografia de Barbosa Lima Sobrinho: “Alexandre José Barbosa Lima Sobrinho nasceu em Recife em 22 de janeiro de 1897. Bacharel em direito em 1917, colaborou em jornais pernambucanos até 1921 quando se transferiu para o Rio de Janeiro e ingressou no *Jornal do Brasil*. Além de jornalista, fez carreira política: foi deputado federal de 1935 a 1937, de 1946 a 1948 e de 1959 a 1963, presidente do Instituto do Açúcar e do Alcool de 1938 a 1946 e governador de Pernambuco de 1948 a 1951. Sempre marcou sua atuação pela defesa de posições nacionalistas, a que veio se somar, após 1964, a defesa dos direitos humanos e da liberdade de

Josué de Castro: “Como pernambucano, muito me admiro que um homem do nível de Josué de Castro tenha sido obrigado a morrer no exterior. O país infelizmente não tem condições de manter um homem de sua cultura”⁶⁴. Naquele momento, realizar um discurso crítico em uma cerimônia de enterro de uma personalidade reconhecida internacionalmente e que havia sido cassado pelos militares, significava um risco eminente. A fotografia registrou o momento em que Barbosa Lima Sobrinho proferiu o discurso próximo ao caixão.



Figura 3: Barbosa Lima Sobrinho do lado esquerdo da imagem, proferindo o discurso em homenagem a Josué de Castro. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 30 de setembro de 1973: 3. Acervo Pessoal Josué de Castro – Fundaj. Pasta 58.

As palavras de Sobrinho trazem um tom de crítica à ditadura, mesmo sem citar o exílio e a cassação dos direitos políticos de Josué de Castro. Naquele momento, as práticas políticas brasileiras estavam regidas pelo Ato Institucional Nº 5⁶⁵ por meio do qual a ditadura civil-militar restringiu o espaço de atuação, seja pela cassação dos

expressão”. FERREIRA, Marieta de Moraes. (Coord). *Crônica Política do Rio Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1998, p. 17.

⁶⁴ *O Jornal*, Rio de Janeiro, 30 de setembro de 1973, p.3. Acervo Pessoal Josué de Castro – Fundaj. Pasta 58.

⁶⁵ Sobre o impacto do Ato Institucional Nº 5 nos planos políticos do MDB comenta o historiador Rodrigo Patto: “O AI-5 caiu como uma bomba sobre o MDB, assim como sobre os outros setores organizados da sociedade. Foram cassados aproximadamente sessenta deputados federais do partido, que tinha uma bancada de 139. O que sobrou foi para o Congresso quando ele foi reaberto, em 1969, mas era um corpo sem vida”. MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *O MDB e as esquerdas*. In: FERREIRA, Jorge. REIS, Daniel Aarão. *Nacionalismo e Reformismo Radical (1964...)*. As esquerdas no Brasil; v.3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 289.

direitos políticos ou pelo exílio dos seus opositores. Apesar de ter sido um dos defensores do golpe de 1964, Barbosa Lima Sobrinho migrou para a oposição e passou a integrar o Movimento Democrático Brasileiro (MDB) e vislumbrava, com a possibilidade de uma abertura política, candidatar-se a vice-presidente da República, o que ocorreu em 1974⁶⁶. O fato de ter feito um pronunciamento público no enterro de um asilado político denota também os embates de Sobrinho em favor da liberdade de expressão e da democracia. Alguns anos mais tarde o discurso proferido no enterro foi lembrado em um documentário de Silvio Tendler:

Quando de fato se processou o enterro de Josué de Castro no Cemitério São João Batista, compareci e estranhei que houvesse tão pouca gente no enterro de uma figura que tinha tido uma significação extraordinária na sua vida e nas suas manifestações intelectuais. Lembro que quando vi que o caixão seguiu não me contive, tomei a palavra ali mesmo e aos poucos circunstantes que estavam presentes. Lembrei quem tinha sido Josué de Castro e, sobretudo, o que significava a *Geografia da Fome* na história do Brasil⁶⁷.

Sobrinho lembrou o intelectual autor de *Geografia da Fome*, uma obra que denuncia, mapeia e desnaturaliza as causas da fome no Brasil, bem como afirma que a fome é um problema universal. É importante lembrar que o documentário de Silvio Tendler foi produzido durante a década de 1990, momento em que as obras e o pensamento de Josué de Castro estavam novamente na ordem do dia, principalmente pelas discussões em torno do *Movimento Ação da Cidadania contra a Fome*, idealizado pelo sociólogo Herbert de Souza. Mas, o discurso de Sobrinho também emite imagens da experiência democrática brasileira que foi perdida nos 1960.

A morte de Josué de Castro, não deve ser meramente pensada em seu sentido terminal, finito, mas sim como um acontecimento que esteve atrelado às tensões

⁶⁶ O historiador Daniel Aarão Reis comenta a anticandidatura do MDB e a transição do governo de Médici para Geisel: “O primeiro contratempo foi o aparecimento de candidaturas alternativas. Contra Geisel e seu vice, o general Adalberto Pereira dos Santos, sagrados pela Arena, lançaram-se, pelo MDB, Ulysses Guimarães e Barbosa Lima Sobrinho. O primeiro, organizador da primeira Marcha da Família com Deus pela Liberdade, em São Paulo, nos idos de março de 1964. Depois, ele migrou para a oposição. O segundo, figura histórica, centrista. A chapa não tinha chance de vitória, era uma anticandidatura, mas foi um gesto ousado, inclusive porque os dois fizeram campanha pública, pregando princípios democráticos. O episódio rendeu dividendos para o MDB”. REIS, Daniel Aarão. *A Vida Política*. In: *História do Brasil Nação: 1964-2010*. Vol. 5. Olhando para dentro. 1930-1964. 2013, p. 98.

⁶⁷ Depoimento de Barbosa Lima Sobrinho. In: TENDLER, Silvio. *Josué de Castro: Cidadão do Mundo*. 55”. Rio de Janeiro, UERJ Vídeo, Bárbara Produções, 1995. Acervo Pessoal Helder Remigio.

políticas e sociais de um momento específico da história do Brasil. A morte como um instrumento que possibilitou problematizar a produção de memórias, ressignificar uma trajetória intelectual e política, e denunciar as práticas repressivas de um regime autoritário. Como afirmou o filósofo Walter Benjamin: “um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que um acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para o que veio antes e depois”⁶⁸. Com a morte, Josué de Castro deixa a vida ativa em sociedade, para habitar o universo da memória.

No entanto, as discussões em torno da morte de Josué de Castro somente poderão ser compreendidas a partir da problematização do que representou o golpe civil-militar de 1964, bem como das experiências vividas durante o exílio. Esse acontecimento não está narrado nos livros didáticos, nem faz parte da memória oficial do país. O esquecimento em torno de Josué de Castro, da sua morte e da sua obra é parte integrante de uma complexa engrenagem de um regime ditatorial que durou vinte e um anos.

1.4 – Entre as trilhas do golpe e os caminhos do exílio

Durante toda a década de 1950 a incipiente democracia brasileira esteve à prova. Mas foi no dia 1º de abril de 1964 que um golpe civil-militar atingiu um governo legalmente constituído pelo Presidente João Goulart⁶⁹. Aquela ruptura do sistema democrático foi edificada por diversos setores da sociedade brasileira, constituindo uma aliança ampla e diversificada, composta por empresários, setores da grande imprensa, proprietários rurais, movimentos religiosos (católicos e protestantes) e também por líderes políticos. O discurso que uniu esses grupos sociais foi o temor em relação às reformas de base propostas pelo governo de João Goulart que, caso tivessem sido

⁶⁸ BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*. Magia e técnica, arte e política. Obras Escolhidas. Vol. I. São Paulo: Brasiliense, 2011, p. 37.

⁶⁹ Em relação a linha política do golpe de 1964 os historiadores Angela de Castro Gomes e Jorge Ferreira afirmam: “O golpe de 1964 foi um projeto contra o governo Jango e as esquerdas. Não havia definida, um projeto de governo a favor de algo. Depor Goulart e fazer a limpeza política no país era o que se queria. A limpeza era também um projeto contra. Contra os trabalhistas, os comunistas, os sindicalistas, os subversivos em geral. Os que seriam chamados de inimigos da Revolução vitoriosa”. FERREIRA, Jorge; GOMES, Angela de Castro. *1964: O golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, p. 371-372.

implementadas, representariam a possibilidade do país de construir um novo modelo de desenvolvimento. Por outro lado, os discursos de combate ao comunismo e ao “mar de lama” da corrupção, foram fundamentais para a composição dessa aliança.

A historiografia aponta a influência direta do governo norte-americano no golpe civil-militar de 1964 como parte de uma política externa de combate ao comunismo na América Latina. Os Estados Unidos interferiram na conspiração e no desenrolar dos acontecimentos, principalmente através da "Operação *Brother Sam*" que daria apoio aos militares golpistas, caso enfrentassem resistência por parte das forças leais ao Presidente João Goulart. A resistência das esquerdas não aconteceu. João Goulart e as forças progressistas saíram de cena. Como afirmou Daniel Aarão Reis: o golpe civil-militar de 1964 não significou apenas a derrota de um governo ou de uma liderança⁷⁰, mas sim, de uma cultura política⁷¹.

Naquele momento, interrompeu-se “uma experiência histórica. Líderes sindicais, políticos e militantes de esquerda seriam alvo de prisões, torturas e assassinatos”⁷². Alguns dias após o golpe, o novo regime por meio do “Comando supremo da Revolução” outorgou o Ato Institucional N° 1, determinou cassação dos mandatos legislativos e de servidores públicos e a suspensão dos direitos políticos por dez anos daqueles que eram considerados uma ameaça à segurança nacional. Além disso, convocou eleições indiretas para presidente da República. Entre os cassados, estavam personalidades importantes da vida política nacional como o presidente João Goulart, o governador de Pernambuco Miguel Arraes, os líderes comunistas Luís Carlos Prestes e Gregório Bezerra, o deputado federal Francisco Julião e de intelectuais como Darcy Ribeiro, Nelson Werneck Sodré e Josué de Castro, de quem trato especificamente. Em

⁷⁰ Comentando as tentativas anteriores de levantes militares e aprofundando a discussão sobre o golpe civil-militar de 1964 como um acontecimento que envolveu várias camadas da sociedade, afirmam os historiadores Ângela de Castro Gomes e Jorge Ferreira: “Em 1964 foi diferente. Houve um movimento do conjunto das três Forças Armadas que se sentiram ameaçadas pela quebra da disciplina e hierarquia da instituição. Tal movimento não foi apenas militar, pois teve apoio de amplos setores sociais, de empresários às classes médias; um apoio que vinha sendo construído havia anos, e se traduzia em recursos financeiros, materiais, além de manifestações de ruas. Diversas organizações da sociedade civil, como meios de comunicação, organizações femininas e setores da Igreja Católica também incentivaram e se colocaram ao lado desse movimento, sobretudo quando ele eclodiu. Tudo isso sem falar em importantes instituições políticas, grupos parlamentares do Congresso e governos estaduais, como os da Guanabara, Minas Gerais e São Paulo”. FERREIRA, Jorge. GOMES, Angela de Castro. 1964: Op.Cit, 2014: 351.

⁷¹ REIS, Daniel Aarão. A vida política. In: REIS, Daniel Aarão (Coordenação). *Modernização, Ditadura e Democracia 1964-2010*, volume 5. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014, p. 84-86.

⁷² MONTENEGRO, Antônio. *História, metodologia e memória*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 100.

entrevista, o seu filho mais velho Josué Fernando de Castro narra as tensões que marcaram esse momento:

Ele sempre achou que a cassação foi de uma injustiça enorme, se achava injustiçado, tinha sido cassado, não podia voltar para o país dele. Ele dizia: eu não sou comunista, tiraram assim o meu direito de ir e vir. Então ele sempre achou que foi um negócio muito duro. Mas eu dizia: claro, se tivesse de cassar tinham que cassar você mesmo, você estava envolvido no processo político, como você queria que não cassassem? Mas é difícil realmente você aceitar⁷³.

Nesse relato⁷⁴, além do elemento da injustiça, questão ligada à cidadania e ao direito inalienável de ir e vir, o entrevistado afirma que Josué de Castro pensava que a sanção fora dada por algo que ele não reconhecia como sendo distintivo de sua personalidade: o comunismo, o ser comunista. É importante lembrar que o processo de manutenção ou de cassação dos mandatos e dos direitos políticos não se restringe ao campo da meritocracia, mas está ligado ao jogo das relações de poder, as redes, as teias construídas pelos sujeitos.

O nome de Josué de Castro esteve entre os primeiros quarenta intelectuais, políticos, professores, funcionários públicos, cassados pela ditadura civil-militar⁷⁵ que paulatinamente foi sendo edificada. Ao contrário de outros exilados políticos que deixaram o país com o golpe de 1964, Josué de Castro já vivia fora do Brasil e não pôde mais retornar. Durante o governo Goulart, Josué de Castro fora nomeado como Embaixador do Brasil para assuntos ligados a ONU, em Genebra, função que exerceu entre 1962 a 1964⁷⁶. Nesse sentido, vários países lhe ofereceram asilo político⁷⁷, tendo

⁷³ Entrevista realizada com Josué Fernando de Castro, Rio de Janeiro, 08 de outubro de 2013.

⁷⁴ Sobre o estatuto das fontes orais, afirma a historiadora Regina Beatriz Guimarães Neto: “Enfim, deve-se assinalar a importância de se levar em conta o relato oral como um texto onde se inscrevem desejos, reproduzem-se modelos, apreendem-se fugas; em suma, um texto passível de ser lido e interpretado e, da mesma forma, um texto articulador de discursos. GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. *Cidades da Mineração: Memória e Práticas Culturais*. Cuiabá: EDUFMT, 2006, p. 47.

⁷⁵ O nome de Josué de Castro está presente na lista dos primeiros que tem os direitos políticos cassados por dez anos no *Diário Oficial da União*, Brasília, 09 de abril de 1964. Arquivo Pessoal Josué de Castro Fundaj. Pasta 465.

⁷⁶ Nomeação como Embaixador: “O Presidente da República. Resolve, de acordo com o artigo 23, § 1º, da Lei nº 3.917, de 14 de julho de 1961, combinado com o artigo 9º, § 1º, do Regulamento do Pessoal do Ministério das Relações Exteriores, aprovado pelo Decreto nº 2, de 21 de setembro de 1961, designar Josué Apolônio de Castro para exercer a função de Chefe da Delegação do Brasil em Genebra, com a categoria de Embaixador. Brasília 03 de maio de 1962, 141º da Independência e 74º da República. João Goulart”. Acervo Pessoal Josué de Castro. FUNDAJ. Pasta 48.

ele escolhido a França para viver. Em entrevista, Sônia de Castro, uma das suas filhas, que também viveu o exílio em Paris, rememora aquele momento de decisão:

Eu tinha 14 anos e de repente me disseram você vai ficar aqui e nós vamos embora. Houve assim uma questão, eles iriam morar na Itália que meus pais conheciam bem, por causa da FAO, talvez tenha tido algum convite. E depois teve uma proposta de um francês que queria trabalhar com o meu pai. Aí viemos, terminei o ano e depois vim para Paris. Hoje em dia quando vejo essas pessoas que estão fugindo das guerras, que estão no mediterrâneo de barco, o barco afunda... Uma coisa que para a gente foi muito luxo, imediatamente, meu pai foi convidado para outra coisa. Ele tinha um capital, era conhecido. Agora, ao mesmo tempo, é um choque, a vida dele era o Brasil, não era viver em Paris, nem viver em Roma, era o Brasil⁷⁸.

Em uma narrativa envolvida pelas demandas sociais do presente do continente Europeu que tem dificuldades de lidar com a questão da imigração, Sônia de Castro, constrói imagens de que o exílio significou, num primeiro momento, uma mudança de vida tranquila, mas que paulatinamente marcou profundamente a vida da família Castro⁷⁹. Para Said: “O exilado sabe que, num mundo secular e contingente, as pátrias são sempre provisórias”⁸⁰. O relato também aponta para a motivação de Josué de Castro ter escolhido a França para viver o exílio. A mobilização de redes intelectuais e políticas⁸¹ que construiu ainda nos anos 1940 e 1950, seja por meio de publicações das suas obras em língua francesa (*Geografia da Fome* – 1948, *Geopolítica da Fome* – 1952), pela participação na Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), ou ainda pela fundação da ASCOFAM (Associação Mundial de

⁷⁷ Entre os países que ofereceram asilo político a Josué de Castro estiveram Chile, Cuba, Venezuela e Peru.

⁷⁸ Entrevista com Sônia de Castro, Paris, 26 de fevereiro de 2016.

⁷⁹ É importante levar em consideração a resignificação do passado realizada pelo entrevistado, principalmente quando se trata de uma memória afetiva nesse caso específico relativa ao pai. Como afirma Montenegro: “Em muitos momentos, suas descrições de acontecimentos, ações, sonhos e reflexões são projetadas como se o passado fosse outra vez revivido. Reconstrói as marcas de outro tempo com uma emoção renovada, como se a cada momento vivesse uma peleja final, embora a trilha do presente permeie o caminhar pelos escaninhos das marcas do passado”. MONTENEGRO, Antônio. *História, metodologia e memória*. Op.Cit, 2010, p. 73.

⁸⁰ SAID, Edward. *Reflexões sobre o Exílio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 58.

⁸¹ Entre os membros do CID estavam o Léopold Senghor (Presidente do Senegal), Robert Burom, Robert Débré, Jean Fourastie, François Perroux, George Balandier, Padre Lebret, Abbé Pierre, esses últimos conheciam Josué de Castro desde aos anos 1950 e trabalharam juntos na criação da Associação Mundial de Luta Contra a Fome em 1957.

Luta Contra a Fome), contribuiu para que fosse convidado para presidir uma instituição chamada Centro Internacional para o Desenvolvimento (CID).

A finalidade central do CID “era encorajar, estimular, empreender e realizar pesquisas, estudos, projetos e outras iniciativas capazes de promover e acelerar o desenvolvimento econômico autêntico e equilibrado do mundo subdesenvolvido”⁸². O Centro Internacional para o Desenvolvimento se assemelhava a uma organização não governamental e realizava convênios com a ONU, com a UNESCO e intermediava a relação dessas instituições com governos de países subdesenvolvidos.

A imprensa francesa registrou a chegada de Josué de Castro à Paris. No dia 23 de abril de 1964 o jornal *Le Monde* veiculou uma reportagem com o seguinte título: “Privado dos seus direitos políticos no Brasil, o senhor Josué de Castro se estabeleceu em Paris”. A matéria traz uma breve biografia do asilado político, destacando o seu livro *Geografia da Fome*, e a atividade como embaixador do Brasil. Em um trecho da reportagem Josué de Castro afirmou: “Eu não hesitei em me fixar por um momento em Paris, onde fui convidado para dirigir o Centro Internacional para o Desenvolvimento, a fundação que irá cooperar para o desenvolvimento do terceiro mundo”⁸³. Na década de 1960 o debate em torno do terceiro mundo, da independência dos países africanos, e de uma alternativa em relação ao imperialismo das grandes potências estava presente no grupo de políticos e intelectuais que formavam o CID. A fala de Josué de Castro também traz a impressão de que a crise política do Brasil provavelmente seria momentânea.

Destarte, o exílio brasileiro foi muito mais qualitativo do que quantitativo. Atingiu em um primeiro momento as classes médias escolarizadas e cumpriu a função de combater as ideias reformistas e revolucionárias. Houve exilados, personalidades reconhecidas – o caso de Josué de Castro – que foram convidados para atuar em centros de pesquisa, universidades e que não tiveram dificuldades iniciais para regularização de documentação, nem de sobrevivência. No entanto, “não significa, porém, que, atendidas as necessidades materiais, desaparecessem os conflitos emocionais desencadeados pela

⁸² Acervo Pessoal Josué de Castro – FUNDAJ. Pasta 118.

⁸³ *Le Monde*, 23 de abril de 1964. <http://www.lemonde.fr/> acessado em 30 de novembro de 2015.

perda que o exílio significa”⁸⁴. As notícias que circulavam na Europa demonstravam que um projeto de país estava sendo paulatinamente destruído.

1.4.1 – Um exílio monitorado

O exílio de Josué de Castro está intrinsecamente ligado a alguns acontecimentos da história política do Brasil dos anos 1950. A cassação dos seus direitos políticos e o consequente exílio não são acontecimentos datados apenas de 1º de abril de 1964. Os grupos com os quais Josué esteve ligado, as declarações, os posicionamentos e enfrentamentos durante a década de 1950 construíram uma constelação de fatores que o identificaram como uma ameaça para a ditadura civil-militar. Alguns meses após se instalar em Paris, Josué de Castro escreve uma carta endereçada a sua filha, Ana Maria Castro, que morava no Rio de Janeiro.

Paris, 8 de setembro de 1964.

Minha filha: Recebi, também, sua carta de parabéns pelo aniversário, a qual me deu grande alegria. Senti você toda nessa carta. O que me contrista, o que me revolta são as notícias que leio de perseguições mesquinhas e miseráveis, onde a mediocridade recalcada se desforra contra os homens de pensamento, de caráter e de coragem que se deram ao serviço da emancipação econômica e social do nosso povo. O *Correio da Manhã* publica artigos e informações que são de estarrecer. Informações sobre os métodos de torturas que os novos nazistas brasileiros estão usando e que certamente receberiam efusivas congratulações de Hitler e seus seguidores. E tudo isso feito para nada, na defesa de uma causa perdida: a do reacionarismo feudal brasileiro, apodrecido no clima decadente dos seus privilégios desumanos. E isto me revolta. Esta agressão vergonhosa contra a grandeza do povo, humilhado, traído e vilipendiado. Não sei o que fazer à distância para ajudar esse povo. Talvez tentar mostrar ao mundo que o Brasil não é apenas um país de vândalos, ineptos e insaciáveis de lucros e vinganças, mas, também um país onde há homens que pensam e que se sentem como criaturas humanas. Josué de Castro⁸⁵.

⁸⁴ CRUZ, Denise Rollemberg. Memórias no Exílio, memórias do exílio. In: FERREIRA, Jorge. REIS, Daniel Aarão. *Nacionalismo e Reformismo Radical (1964...)*. As esquerdas no Brasil; v.3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 203.

⁸⁵ Carta enviada por Josué de Castro para a sua filha Ana Maria Castro. Arquivo Pessoal Josué de Castro – FUNDAJ. Pasta 32.

O regime a partir de 1964 passou a se empenhar para formar uma consciência positiva dos seus propósitos, em uma tentativa de enfraquecer e combater os discursos dos projetos de outros atores sociais. As palavras afetivas iniciais de pai para filha, o relato da personificação por meio da escrita e o agradecimento pelas felicitações do último aniversário não são apenas as únicas intenções dessa carta⁸⁶. É perceptível a imagem de um homem que foi expatriado ou degredado a viver longe do seu país. A escrita emite o signo da revolta e da indignação.

As palavras contidas na carta não representam apenas um desabafo, mas sim um posicionamento político de se colocar no campo de oposição ao regime. Provavelmente, Josué de Castro tinha conhecimento sobre a possibilidade de sua correspondência ser violada pela ditadura que, naquele momento, construía o caminho para se legitimar. Surgiam notícias na imprensa sobre o desrespeito aos direitos humanos, mostrando que as ações se distanciavam do discurso inicial divulgava que o regime pretendia instaurar “a verdadeira democracia no país”⁸⁷. A vigilância e a perseguição aos exilados também passou a ser uma preocupação do regime desde o princípio. No Brasil a ditadura tomava forma e os exilados eram monitorados no exterior.

No dia 8 de outubro de 1965, antes mesmo da criação do Sistema Nacional de Informações (SNI) e do Centro de Informação do Exército (CIEX)⁸⁸, instituído pela ditadura civil-militar brasileira como um órgão para investigar as atividades dos exilados políticos no exterior⁸⁹, a Embaixada Brasileira de Paris endereçou um ofício

⁸⁶ Aqui adotamos no que concerne as correspondências a perspectiva de Malatian quando afirma que: “A partir de Bourdieu, pode se falar que as cartas fazem parte de e expressam *habitus*, ou seja comportamentos, regidos por valores próprios de uma dada época ou grupo social no qual se inserem ações individuais, num jogo entre indivíduo e contexto que constitui a dimensão da individualidade”. MALATIAN, Teresa. Narrador, Registro e Arquivo. In: *O historiador e suas fontes*. PINSKY, Carla Bassanezi. LUCA, Regina de. (orgs.). São Paulo: Contexto, 2009, p. 201.

⁸⁷ REZENDE, Maria José de. *A Ditadura Militar no Brasil*: Op.Cit, 2001.

⁸⁸ Um trabalho detalhado e preciso sobre a documentação produzida pelo CIEX pode ser conferido na tese de doutorado da historiadora Adrianna Lopes: SETEMY, Adrianna Lopes. *Sentinelas das fronteiras: o Itamaraty e a diplomacia brasileira na produção de informações para o combate ao inimigo comunista (1935-1966)*. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013.

⁸⁹ O historiador Pio Penna Filho que foi um dos primeiros pesquisadores a ter acesso aos arquivos do CIEX narra a dimensão internacional desse órgão de investigação do Exército brasileiro: “Com a atuação do CIEX, a repressão acabou extrapolando as fronteiras nacionais. Para tanto, o regime militar se serviu de um dos mais respeitados serviços diplomáticos do mundo: o Itamaraty. Operando em conjunto com o SNI, o Itamaraty destacou alguns dos seus quadros para atuar no plano externo, monitorando discretamente as atividades de brasileiros no exterior e acompanhando qualquer movimentação contrária

em resposta a uma consulta telegráfica da Secretaria de Relações Exteriores que solicitava com urgência informações detalhadas sobre o CID⁹⁰.

A repercussão da atuação de Josué de Castro no CID na imprensa europeia e brasileira despertou o interesse dos órgãos de vigilância em obter informações sobre a finalidade e funcionamento dessa organização. As atividades do CID propiciaram uma série de viagens de Josué de Castro, como missivista, a países da África, do Oriente Médio e da América Latina, inclusive ao Brasil⁹¹.

A partir de 1965 com a criação do SNI e a organização do CIEEX, a ditadura civil-militar passou a investir no monitoramento das atividades dos exilados políticos brasileiros no exterior. No caso específico de Josué de Castro a vigilância estava relacionada a atividades acadêmicas, reuniões de associações e entrevistas veiculadas na grande imprensa. Esse monitoramento estava atrelado às atividades que Josué de Castro realizava principalmente no CID.

Alguns relatórios do CIEEX tratam de divergências políticas entre os exilados. Entretanto, um, especificamente, analisa os posicionamentos de Miguel Arraes⁹² e de Josué de Castro. O relatório traz detalhes sobre o cotidiano de Arraes em Argel e destaca que Josué de Castro classifica as posições políticas de Arraes como “irrealistas e utópicas”⁹³. De fato, Josué de Castro e o ex-governador de Pernambuco não chegaram a ter afinidade política durante o exílio. Ainda em 1965 em um congresso realizado na Bélgica, já como uma das primeiras atividades a frente da Presidência do CID, Josué de Castro também foi monitorado pelos agentes do regime civil-militar que reuniram informações precisas sobre o evento. O Congresso teve como tema: “Como deverá ser encarada a organização do mundo, para que os países em via de desenvolvimento

– ou que fosse considerada como tal – ao governo militar. As equipes do Ministério das Relações Exteriores foram eficientes: produziram mais de oito mil documentos ao longo de vinte anos de trabalho, boa parte deles dedicados à espionagem de cidadãos brasileiros que foram exilados ou que partiram espontaneamente do Brasil e tiveram que viver o amargor e as dificuldades da vida no estrangeiro. FILHO, Pio Penna. Os Arquivos do Centro de Informações do Exterior (CIEEX). O elo perdido da repressão. *Acervo*, Rio de Janeiro, v. 21, 2008, p. 79-80.

⁹⁰ Ofício 916, 08 de outubro de 1965. Comissão de Relações Exteriores. Itamaraty, Brasília- DF.

⁹¹ Diversos documentos tratam da intenção do CID de criar uma Universidade do Desenvolvimento que teria sua sede construída nos arredores de Paris. A Universidade não chegou a ser fundada, mas demonstra a preocupação do CID e do seu presidente de investir na formação de um conhecimento específico para os países em desenvolvimento.

⁹² Político pernambucano que foi governador de Pernambuco por três mandatos, tendo sido cassado, em 1964 e que viveu exílio em Argel, capital da Argélia.

⁹³ Carta-Telegrama da Embaixada de Brasileira em Argel. *Acervo do CIEEX*. Arquivo Nacional de Brasília. CIEEX, APD 89, p. 143/156.

possam dela participar?”. A discussão central do encontro era debater questões que envolviam os países de terceiro mundo⁹⁴.

Outras atividades também foram constantemente acompanhadas pelo CIEX, como uma reunião entre Josué de Castro e João Goulart, realizada em Paris em 1972⁹⁵ ou ainda as atividades da secretária de Josué de Castro no CID, Elizabeth Paz de Almeida⁹⁶. Os registros de solicitação de renovação de passaporte de Josué de Castro, sugerem que seus deslocamentos na Europa eram seguidos de perto pelos agentes da ditadura civil-militar.

Durante o exílio, Josué de Castro chegou a visitar o Brasil por duas oportunidades em 1967 e em 1972. O passaporte diplomático que possuía continuou inicialmente em vigência mesmo após o golpe de 1964, permitindo que transitasse por países sem a necessidade de visto prévio. Apesar de não poder viver no Brasil⁹⁷, e de ter seus direitos políticos cassados, em suas vindas, Josué de Castro não prestou depoimento aos agentes da ditadura civil-militar. Em 1967, o *Jornal do Commercio* veiculou a seguinte nota:

Josué vem e não é molestado.

Rio (AJB) – Na qualidade de Presidente do Centro Internacional do Desenvolvimento e representante do Instituto de Formação Humana e Pesquisas, ambos da ONU, chegou a essa capital o Sr. Josué de Castro. Não houve qualquer problema em seu desembarque, sendo bastante concorrida a recepção no aeroporto. O Sr. Josué de Castro ex-deputado cassado pela Revolução disse que ficará alguns dias no Brasil para estudar os problemas da fome nas áreas subdesenvolvidas⁹⁸.

⁹⁴ Atividades do Senhor Josué de Castro na Europa. Acervo do CIEX. Arquivo Nacional de Brasília. DPN, DES, 420, p. 8/31.

⁹⁵ Manobra política Jango – Perón. Acervo do CIEX. Arquivo Nacional de Brasília. VAZ. 137. 115, p. 1/3.

⁹⁶ Secretária de Josué de Castro. Elizabeth Paz de Almeida. BR AN, BSB IE.07, p. 88/121.

⁹⁷ A socióloga Anna Maria de Castro na apresentação de um livro onde reuniu os últimos escritos de Josué de Castro comenta suas vindas ao Brasil durante o exílio: “Entre 1964 e 1973, por duas vezes voltou ao Brasil, sem poder manter maiores contatos, fora com seus familiares. Suas obras deixaram de ser editadas em nosso país, e poucos, das novas gerações, tiveram acesso aos seus livros. Diversamente, em outros países, como a França e o Canadá, seus textos integram antologias para alunos de 1º e 2º graus. Entenderam esses países a importância do tema, ainda que incômodo. Censuraram-no aqueles que desejavam que falasse em subnutrição, e não em fome: a palavra era considerada muito forte. Como falar de fome em um período de extrema expansão do capitalismo?”. CASTRO, Anna Maria de. (Org.). *Fome um tema proibido: últimos escritos de Josué de Castro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 18.

⁹⁸ *Jornal do Commercio*, Recife, 30 de junho de 1967. Prontuário de Josué Apolônio de Castro. Nº 10.691. DOPS-PE. APEJE-PE.

É importante pensar primeiramente que a reportagem foi encontrada nas pesquisas como um dos últimos registros do prontuário de Josué de Castro da Delegacia de Ordem Política e Social de Pernambuco (DOPS-PE)⁹⁹, o que demonstra a preocupação dos órgãos de vigilância de acompanhar as notícias sobre Josué de Castro veiculadas pela imprensa, bem como de monitorar os movimentos da sua chegada ao Rio de Janeiro¹⁰⁰. A reportagem traz ainda a declaração de Josué de Castro no desembarque. Ele teria afirmado que não estava no país para fazer política. Os dias no Brasil foram breves e logo Josué de Castro retornou para o exílio em Paris. Paulatinamente, o retorno definitivo ao Brasil se tornou algo distante, principalmente depois da publicação do AI-5¹⁰¹ em 1968. Sônia Castro no processo de elaboração da memória narra:

Eu me lembro que a partir de 1970, a coisa mudou lá em casa, era mais triste. Eu acho, ele nunca falou sobre isso. A impressão que tinha é que ele achava que não iria voltar mais e que aquela ditadura iria continuar além do que podia esperar¹⁰².

Para a historiadora Denise Rollemberg, o exílio “é fruto da exclusão, da negação, da dominação, da intolerância”¹⁰³. Essa experiência transformada em trauma, em sentimento de perda, em luto, não é superada com as atribuições das atividades profissionais, principalmente quando o exílio se torna longo e duradouro. A impressão de Sônia de Castro, provavelmente era sentida pela tristeza que envolveu o cotidiano familiar.

⁹⁹ Em relação a estrutura de controle, vigilância e repressão do aparato policial da Delegacia de Ordem e Política Social de Pernambuco, afirma a historiadora Marcília Gama: “Ter o controle da vida dos indivíduos, produzir, apreender, divulgar, fantasiar e manipular informações reais ou imaginárias passa a ser o principal objetivo da polícia política de Pernambuco, bem como de todos os órgãos de informação da rede. As anotações, os registros constituem-se no mais eficiente argumento de coerção e de controle sobre os indivíduos e de manutenção do instituído. É através deles que o poder ancorado em saberes prévios produzidos ou apreendidos pelos órgãos de informação e segurança é praticado”. SILVA, Marcília Gama da. *Informação, repressão e memória*. A construção do estado de exceção no Brasil na perspectiva do DOPS-PE (1964-1985). Recife: Editora UFPE, 2014, p. 90.

¹⁰⁰ O DOPS-RJ também monitorou Josué de Castro por meio do Prontuário N° 600. APERJ.

¹⁰¹ O Ato Institucional n° 5, AI-5, baixado em 13 de dezembro de 1968, durante o governo do general Costa e Silva, foi a expressão mais acabada da ditadura militar brasileira (1964-1985). Vigorou até dezembro de 1978 e produziu um elenco de ações arbitrárias de efeitos duradouros. Definiu o momento mais duro do regime, dando poder de exceção aos governantes para punir arbitrariamente os que fossem inimigos do regime ou como tal considerados.

¹⁰² Entrevista com Sônia Castro, 26 de fevereiro de 2016.

¹⁰³ CRUZ, Denise Rollemberg. *Exílio: entre raízes e radares*. Rio de Janeiro. Record, 1999, p. 24.

1.4.2 – A trama do passaporte

Nunca esquecerei o encontro que tive no *Boulevard Saint Germain*, numa fria tarde de outono, por entre folhas caídas e vento áspero, com Josué de Castro, de mãos enterradas nos bolsos laterais do sobretudo, o passo vagaroso, o olhar ensimesmado e distraído. Vinha vindo pela calçada fronteira, como se não soubesse em que se ocupar na tarde cinzenta, longe de sua pátria, longe de seus livros, longe de seus amigos. Para mim, que o conhecera extrovertido e fluente, sua figura alta e triste impressionou. Dir-se-ia que o exílio tinha-lhe tocado a fonte da vida¹⁰⁴.

O literato Josué Montello registrou em suas memórias o momento do encontro, nas ruas de Paris, com o homônimo Josué de Castro. Esse fragmento literário narra a tragicidade do exílio¹⁰⁵ e de uma experiência histórica de muitos cidadãos brasileiros que foram obrigados a viverem distantes do seu país. As palavras de Montello relatam os passos incertos de um homem despedaçado que morria lentamente. As dores do exílio não eram apenas motivadas pela distância geográfica, mas tinham como raio as memórias de um projeto de país perdido.

A saudade e o sofrimento causados pelo desejo irrealizado de retornar ao seu país provocaram uma tristeza insuperável¹⁰⁶. As memórias dos tempos de Brasil se tornaram turvas ou desapareceram; não era possível ressignificá-las sem o convívio social com familiares e amigos. A consciência de Josué de Castro de que estava em curso um processo de esquecimento do seu nome, da sua obra, afetou a sua existência. O convívio nos círculos intelectuais franceses perdeu o sentido para um homem que era

¹⁰⁴ MONTELLO, Josué. *Diário do Entardecer*. 1967-1977. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991: 148.

¹⁰⁵ O jornalista Vandek Santiago narra o desânimo e abatimento de Josué de Castro no exílio: “Pessoas que o encontraram nesse período – como Josué Montello e Jorge Amado – espantaram-se com o seu abatimento. A depressão fora uma companhia que já o visitara na juventude. Voltou mais forte no exílio. Em uma das suas crises, confidenciou a Bandeira de Mello que planejava suicidar-se”. SANTIAGO, Vandek. *Josué de Castro: o gênio silenciado*. Recife: Edições Bagaço, 2008, p.18.

¹⁰⁶ A termo do exílio e também em relação a geração de exilados políticos da qual Josué de Castro fez parte (1964), afirmou a historiadora Denise Rollemberg: “Outro aspecto que nos faz pensar heterogeneidade do exílio, é o fato de que, na verdade, houve duas gerações. Para Jean – François Sirinelli, não se define geração pela idade de seus integrantes, mas sim por acontecimentos e processos significativos que os marcam, os influenciam – daí podermos trabalhar com uma geração de 64 e outra de 68. A primeira marcada pelas lutas do Pré-64, formada no Brasil do período de 1945 a 1964. Em geral compunha-se, de políticos maduros, sindicalistas, formados na cultura política do trabalhismo, do comunismo. (...) O fenômeno de geração, conceito de Sirinelli, foi o de golpe de 1964, que pôs fim a vida do pós-Estado Novo, sobretudo aos embates, mobilizações e projetos dos anos do governo João Goulart”. CRUZ, Denise Rollemberg. *Memórias no Exílio, memórias do exílio*. In: FERREIRA, Jorge. REIS, Daniel Aarão. *Nacionalismo e Reformismo Radical (1964...)*. Op.Cit, 2007, p. 206.

especialista em estudos sobre a sociedade brasileira. Como pensar um país que não existia mais?

Alguns anos antes de morrer, Josué de Castro enfrentava uma forte depressão, além de problemas cardíacos. A solidão dos dias frios de Paris foram lentamente aproximando-o da finitude. Os conflitos da vida pessoal interferiam diretamente na produção intelectual, inclusive, no título do livro inacabado: *Geografia do Desespero*¹⁰⁷. Entre escritos acadêmicos e o viver da própria história de asilado político, Josué continuou proferindo discursos e buscou alternativas para o combate da fome no mundo. Um fato que segundo familiares acentuou a sua depressão foi a dificuldade que passou a ter para renovar o passaporte. Josué Fernando relembra esse momento:

Aí veio a depressão, e o passaporte dele já havia vencido, ele pediu um passaporte comum. Pediu a renovação, e a renovação não veio. A embaixada não concedeu. Fui ao Itamaraty, a Polícia Federal de Brasília, ao Palácio Planalto. Perguntei ao Coronel tem alguma coisa contra ele? Então ele realmente disse: eu não vou voltar pro Brasil, não vai acontecer nada¹⁰⁸.

O relato analisa a dimensão trágica do exílio para a vida de Josué de Castro. É importante lembrar que a ditadura civil-militar criou uma política de Estado que tinha como intenção controlar a renovação dos passaportes dos exilados políticos. Esse procedimento, que poderia incluir a negação sistemática de documentos, foi adotado com a intenção de limitar a mobilidade e uma possível mobilização dos exilados no exterior, bem como um retorno em massa ao país. No Brasil, a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e alguns jornais de grande circulação passaram a denunciar essa prática ao longo da década de 1970. Em relação à situação jurídica de Josué de Castro, não havia nenhuma acusação, além da cassação dos direitos políticos em 1964, o que o fez vislumbrar a possibilidade de retornar ao Brasil, após a publicação do AI-1 ter completado dez anos. Uma das filhas de Josué de Castro, a geógrafa Sônia Castro relatou:

¹⁰⁷ Segundo a socióloga Ana Maria Castro durante o exílio Josué de Castro continuou desenvolvendo trabalhos intelectuais: “Elaborou vários projetos de livros tais como Fome e Paz, Morrer ou Percecer Juntos?, Estados Unidos – País Subdesenvolvido, Memórias, Geografia do Desespero. Contudo só concluiu dois trabalhos: o romance Homens e Caranguejos e o ensaio Nordeste do Brasil – Zona Explosiva. Os demais ficaram em manuscritos inacabados. CASTRO, Ana Maria de (Org.). *Fome, um tema proibido*. Op.Cit, 1983, p. 10-11.

¹⁰⁸ Entrevista com Josué Fernando de Castro, Rio de Janeiro, 08 de outubro de 2013.

Então acho que até 1967 ele não pediu nada, mas a partir de 1967 como o passaporte dele estava esgotado, então ele fez o pedido para ser residente aqui na França. E isso foi feito com a maior facilidade. Depois no início da década de 1970 que o Consulado Brasileiro de Paris criou uma série de problemas, bem nunca tive que renovar o meu passaporte, mamãe também não. Mas o passaporte dele não deixaram, o problema era com ele. Hoje, quando vejo alguém dizer que realmente ele morreu de tristeza, acho que se entregou realmente, estava muito abatido¹⁰⁹.

As dificuldades relatadas por Sônia Castro já faziam parte da burocracia criada pela ditadura civil-militar visando dificultar o direito de ir e vir dos exilados políticos. Uma documentação pesquisada no Itamaraty, na Comissão de Relações Exteriores, traz alguns registros sobre as solicitações realizadas por Josué de Castro para renovação do passaporte. A primeira solicitação foi realizada em 1967 no Consulado Geral do Brasil em Paris:

Do Consulado Geral de Paris em 16 de maio de 1969.
Rogo autorização para prorrogar o passaporte comum n.581043, expedido em 20.06.67, pelo Consulado Geral do Brasil em Nova York, de que é titular o senhor Josué de Castro (Direitos políticos suspensos por 10 anos: circular n.5.240, de 8.7.1964). O interessado reside atualmente em Paris, onde ocupa o cargo de professor associado junto ao *Centre Universitaire de Vincennes*¹¹⁰.

A autorização seguiu os trâmites burocráticos habituais. No dia 27 de maio de 1969, a Secretaria de Relações Exteriores concedeu a prorrogação do passaporte¹¹¹ por apenas dois anos. Em 1971, Josué de Castro novamente solicitou a renovação do documento, que naquele momento passou a vigorar entre 13 de maio de 1971 e 12 de maio de 1973¹¹². Uma questão importante de ser tratada é que depois desse último registro, não foram localizados outros documentos nem sobre a solicitação de uma nova prorrogação, nem sobre a negação do passaporte. Por meio da análise dos relatos orais

¹⁰⁹ Entrevista com Sônia de Castro, Paris, 26 de fevereiro de 2016.

¹¹⁰ Confidencial. Prorrogação do passaporte de Josué de Castro, 16 de maio de 1969. Acervo da Coordenação-Geral de Documentação Diplomática. Brasília – DF. DPp/DAJ/DJ. 511.14 (701).

¹¹¹ Confidencial. Prorrogação do passaporte de Josué de Castro, 27 de maio de 1969. Acervo da Coordenação-Geral de Documentação Diplomática. Arquivo do Itamaraty. Brasília – DF. DPp/DAJ/DJ/511.14 (701).

¹¹² Josué de Castro prorrogação de passaporte comum. Acervo do CIEX. Arquivo Nacional de Brasília. BRA, BSB Z4. DPN. PEN. PTN S2, p. 70/161.

de memória é possível compreender que em 1973 a renovação foi negada pelo Consulado Geral do Brasil em Paris.

O fato do passaporte não ter sido renovado pela ditadura civil-militar é noticiado na imprensa internacional. Josué declara em entrevistas algumas frases que expressam o seu sentimento: “Não se morre só de enfarte, ou de glomero-nefrite crônica. Morre-se também de saudade”¹¹³. É visível a conotação trágica da frase, mas é importante percebermos a sua dimensão política. Em outras palavras, Josué está afirmando que a mesma ditadura que tortura no Brasil, também exclui cidadãos, numa outra forma de repressão, o exílio. Nesse sentido, na condição de asilado político, “é mais suportável imaginar o exílio num tempo passageiro e acreditar que o retorno será breve”¹¹⁴. Esse episódio foi extremamente simbólico, pois além de significar a perda da cidadania brasileira, foi provavelmente a constatação de que o exílio não teria mais fim. Josué de Castro havia perdido o horizonte de expectativas.

A trama do passaporte ainda teve outro enredo. Alguns dias depois da morte de Josué de Castro ser noticiada em jornais do Brasil e do mundo, a ditadura civil-militar emitiu um comunicado oficial. O governo brasileiro enviou para a socióloga Anna Maria de Castro, uma das filhas de Josué de Castro, o seguinte pronunciamento:

Brasília, DF, 28 de setembro de 1973.

Exma. Sra. D. Anna Maria de Castro. Saudações. Incumbiu-me o Sr. General Fontoura de dirigir-lhe estas linhas. Trata-se da resposta que ficou de dar-lhe, pelo telefone. Entretanto, o assunto estava sendo tratado no Itamaraty. Só hoje foi possível a resposta, aliás, favorável. Lamenta, por outro lado, o general que a resposta tenha sido tardia e apresenta, por meu intermédio, seus pêsames. Atenciosamente. Cláudio Barbosa de Figueiredo Cap AJ 0 ch SNI¹¹⁵.

Por meio dessas palavras burocráticas a família recebeu a notícia da autorização da renovação do passaporte. Porém, não era mais possível que Josué de Castro retornasse com vida. O documento cumpre a designação da burocracia estatal, deixando

¹¹³ A família de Josué de Castro mantém um site com informações sobre a vida e obra do autor, onde a frase citada encontra-se disponível. <http://www.josuedecastro.com.br/>. Acessado em 30 de julho de 2015.

¹¹⁴ CRUZ, Denise Rollemberg. *Exílio*: Op.Cit, 1999, p. 29.

¹¹⁵ MELO, Marcelo Mário de. NEVES, Teresa Cristina Wanderley (Orgs.). *Josué de Castro*. Série Perfis Parlamentares. N. 52. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2007, p. 244-245.

à mercê a dimensão humana. A ditadura civil-militar tolheu a liberdade e ceifou a vida de muitos cidadãos brasileiros.

1.5 – Josué de Castro e a anti-Sorbonne

Durante o exílio, Josué de Castro vivenciou, em Paris, um dos principais acontecimentos do século XX. Os estudantes parisienses produziram um movimento de contestação da política, da economia, dos costumes tradicionais, mas, sobretudo, de luta pela liberdade. As palavras de ordem: “É proibido proibir!” ganharam as ruas do *Quartier Latin*, quando cerca de 20 mil estudantes seguiram em marcha, mobilizados contra a prisão de um grupo de universitários de Nanterre. A noite do dia 10 de maio de 1968 foi marcada pelo confronto entre os estudantes e a polícia: barricadas se formaram em um dos embates mais representativos da história da república francesa. Em alguns dias os protestos proliferaram, e deu-se início a uma greve geral que contou com a participação de 10 milhões de trabalhadores.

O governo de Charles de Gaulle,¹¹⁶ que organizou a Quinta República, a partir de 1958, produzia um discurso nacionalista, atrelado aos investimentos nucleares e militares e a uma política de reformulação da economia francesa. Contudo, utilizou de estratégias e acordos com os trabalhadores, que encerraram a greve geral no final do mês de maio. Os universitários de 68 aspiravam outra vida, outra sociedade e outra política. A revolta enfrentou os aparelhos repressivos do Estado, que sustentavam a autoridade carismática de Gaulle¹¹⁷.

Segundo François Dosse: “Como todo movimento revolucionário, Maio de 68 mobilizou tanto o novo quanto o antigo, o político e o poético. Sua linguagem é mais a de Rimbaud, de Breton do que a de Trotsky ou Guevara”¹¹⁸. O movimento de 68 extrai do passado uma “memória útil”, para buscar transformar um presente onde não cabiam

¹¹⁶Charles André Joseph Marie de Gaulle foi um general, político e estadista francês que liderou as Forças Francesas Livres na resistência contra os nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. Esteve presente nas articulações políticas que permitiram a fundação da Quinta República Francesa em 1958, da qual foi o primeiro presidente entre 1959 a 1969. Nasceu em Lille no dia 22 de novembro de 1890 e faleceu em Colombey-les-Deux-Églises em 9 de novembro de 1970.

¹¹⁷DOSSE, François. *Renascimento do Acontecimento: um desafio para o historiador: entre a esfinge e a fênix*. São Paulo: Editora da UNESP, 2013, p. 282.

¹¹⁸Idem, *Ibidem*.

mais as ideias stalinistas. Inicialmente preocupado em confrontar diretamente o poder central do Estado, posteriormente ressurgiu “nas margens, nos interstícios, nas linhas de frente das relações entre homens/mulheres, nas prisões, na escola, na família, na psiquiatria, nos imigrantes”¹¹⁹. As lutas de maio de 1968 não se esgotaram nesse acontecimento, mas sim contribuíram para que a França passasse por intensas transformações em sua sociedade¹²⁰.

Contudo, não tenho como pretensão produzir uma imersão no movimento de maio de 1968, mas analisar um dos seus principais desdobramentos. Entre as reivindicações dos estudantes parisienses estava a necessidade de uma nova concepção para a universidade¹²¹. O combate ao academicismo francês e a hierarquia universitária arcaica estiveram entre as linhas de contestação do movimento. Em 1968, o governo de Charles de Gaulle anunciou a criação do Centro Universitário Experimental de Vincennes¹²². A Universidade passou a funcionar provisoriamente no *Bois de Vincennes* em um terreno do Ministério da Defesa, ao lado de um campo de tiro. As instalações foram construídas às pressas para entrar em funcionamento no ano letivo universitário de 1968-1969¹²³.

¹¹⁹ DOSSE, François. *Renascimento do Acontecimento*: Op. Cit, 2013, p. 283.

¹²⁰ Sobre os acontecimentos de maio de 1968 na França afirmou a historiadora Helenice Rodrigues: “Matriz dos movimentos de contestação, maio de 1968 subverte os parâmetros sociais, culturais e políticos, inaugurando novos tempos na história francesa. Irrupção inesperada de natureza diversa (cultural, social, política, filosófica) dirigida contra a sociedade tradicional e, particularmente, contra o poder “gaulliste”, esse movimento, paradoxalmente, pré-determina o final das ideologias e utopias”. RODRIGUES, Helenice. Maio de 1968 na França: inflexões históricas. In: BARBOSA, Cibele. (Org.). *Teoria da história e historiografia*: debates Pós-68. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 2012, p. 59.

¹²¹ A historiadora Maria Paula de Araújo atenta para a dimensão plural dos movimentos de maio de 1968: “As revoltas estudantis de 68 ocorridas em quase todo o mundo, tiveram conteúdos bem diferentes, dependendo do contexto nacional em que eclodiram. As revoltas dos jovens parisienses, por exemplo, foram marcadas por um cunho mais libertário e eram profundamente céticas em relação às instituições democráticas em que viviam. Escreviam nos muros slogans como “seja realista, peça o impossível” ou “a imaginação no poder”. Muito diferentes eram as manifestações dos estudantes brasileiros, que levantavam, essencialmente, a bandeira do fim da ditadura militar”. ARAÚJO, Maria Paula de. “1968, nas teias da história e da memória”. *Clio - Série Revista de Pesquisa Histórica* - N. 26-1, 2008.

¹²² A filósofa Marilena Chauí que foi aluna da Universidade de Vincennes – hoje Paris VIII – comenta sua fundação e a sua multiplicidade teórico-intelectual: “Em outubro de 1968, como um dos efeitos de maio, abriram-se as portas de uma universidade nova, uma universidade crítica na qual se reuniam e debatiam as esquerdas do mundo inteiro, dos anarquistas aos comunistas, dos socialistas aos trotskistas, dos social-democratas aos maoístas. Nascia a Universidade de Vincennes”. CHAUI, Marilena. A Filosofia como Vocação para a Liberdade. *Estudos Avançados*, 17, (49), 2003.

¹²³ DOSSE, François. Vincennes (1969 -1974): entre science et utopies. In: ARTIÈRES, Philippe. ZANCARINI-FOURNEL Michelle. *68, une histoire collective (1962-1981)*. Paris: Éditions La Découverte, 2015, p. 506.

Essa nova Universidade foi, de fato, uma antítese da Sorbonne, tendo como princípio promover outros caminhos e abrir novas possibilidades de pesquisa. Vincennes adotou uma perspectiva pluridisciplinar e “recusou de início os programas tradicionais de preparação para concursos nacionais a fim de permitir a expansão de suas capacidades de pesquisa”¹²⁴. A Universidade de Vincennes se transformou em um centro de excelência e uma expressão da modernidade, do pensamento epistemológico e um lugar de referência para os estruturalistas. Essa Universidade foi principal refúgio dos contestadores do movimento de maio de 1968; os filósofos Michel Foucault e Pierre Kuentz, o linguista Jean-Claude Chevalier foram os professores pioneiros¹²⁵.

Ainda em 1968, uma comissão composta por intelectuais como Roland Barthes, Jacques Derrida e Emmanuel Le Roy Ladurie, se encarregou da nomeação do conjunto do quadro docente, professores adjuntos e assistentes da Universidade¹²⁶. Josué de Castro se candidatou para uma vaga na disciplina de geografia humana e se tornou Professor Associado do Departamento de Geografia da Universidade de Vincennes (Paris VIII), a partir do mês de novembro de 1968¹²⁷. De acordo com o geógrafo Alain Bué¹²⁸, amigo e assistente de Josué de Castro: “a proposta interdisciplinar da universidade representou o reencontro com a sua própria trajetória de médico, nutrólogo, geógrafo e sociólogo”¹²⁹.

Em Vincennes, como professor, Josué de Castro pôde realizar experimentos interdisciplinares, utilizando os conhecimentos que adquiriu durante a sua trajetória, no trânsito por vários campos de saber. Participou das primeiras reuniões dos professores que formaram o curso de geografia daquela instituição, sob a direção do geógrafo especialista no continente africano Jean Cabot¹³⁰.

¹²⁴ DOSSE, François. *História do Estruturalismo*. Bauru: EDUSC, 2007, p. 183.

¹²⁵ DOSSE, François. Op.Cit., 2007, p. 184-185.

¹²⁶ DOSSE, François. Vincennes (1969 -1974): entre science et utopies. In: ARTIÈRES, Philippe. ZANCARINI-FOURNEL Michelle. Op.Cit., 2015, p. 509.

¹²⁷ Ficha funcional de Josué de Castro no Centro Universitário Experimental de Vincennes. Acervo Pessoal Alain Bué – Paris.

¹²⁸ Alain Bué foi Professor do Departamento de Geografia da Universidade de Vincennes (Paris VIII). Estudioso da obra de Josué de Castro, organizou em janeiro de 2009 com a sua colega de departamento, Professora Françoise Plet, um colóquio realizado na Universidade de Vincennes em homenagem a Josué de Castro. As comunicações apresentadas nesse colóquio foram reunidas no livro: BUÉ, Alain. PLET, Françoise. *Alimentation, environnement et santé*. Paris: Editions Ellipses, 2010.

¹²⁹ Entrevista com Alain Bué, Paris, 26 de janeiro de 2016.

¹³⁰ BUÉ, Alain. PLET, Françoise. *Alimentation, environnement et santé*. Op. Cit, 2010, p. 25.

A nomeação¹³¹ de Josué de Castro e do escritor e crítico literário Michel Butor como professores de Vincennes foi noticiada no periódico parisiense *Le Figaro*. A matéria traz uma breve biografia dos docentes e, no caso de Josué de Castro, destaca os cargos internacionais que ocupou e a importância da sua obra “Geografia da Fome”¹³².

Na docência em Vincennes Josué pôde inovar, aproximando a geografia da ecologia humana¹³³. Em seus estudos, continuou promovendo reflexões sobre a desnaturalização do fenômeno da fome, da pobreza e criticando a negligência das grandes potências em relação ao problema que atingia, naquele momento, dois terços da humanidade. Apesar do exílio, não deixou de estudar as condições de vida das camadas populares da Zona da Mata de Pernambuco e da cidade onde nasceu, o Recife. O geógrafo Alain Bué relatou em entrevista uma experiência do professor Josué de Castro com os alunos da disciplina de Geografia Humana:

Josué de Castro quando estava problematizando a temática da ecologia humana no terceiro mundo e falava sobre as alterações do potencial humano nesse espaço, para ilustrar a situação de má nutrição dos trabalhadores da Zona da Mata de Pernambuco propôs uma experiência aos estudantes da disciplina. Durante uma semana os estudantes deveriam manter uma dieta de 1600 calorias diárias (no lugar de 2800 consideradas então como necessárias), combinada com uma atividade física ou trabalho braçal. Posteriormente, deveriam produzir uma dissertação sobre o tema¹³⁴.

A experiência do professor Josué de Castro despertou o interesse dos alunos para a temática, os quais, mesmo do outro lado do Oceano Atlântico, puderam se aproximar minimamente da condição de vida dos trabalhadores da Zona da Mata de Pernambuco. Segundo os estudos de Josué de Castro, uma dieta de até 1600 calorias diárias identificava uma situação de carência alimentar, ou seja, de fome. Nessa vivência, é importante destacar a metodologia adotada pelo Professor Josué de Castro, que

¹³¹ A nomeação oficial de Josué de Castro para o cargo de Professor Associado do Departamento de Geografia da Universidade de Vincennes foi divulgada por decreto do Presidente da República e veiculada no *Journal Officiel de la Republic Française*, 27 de setembro de 1969. Acervo Pessoal Josué de Castro- Fundaj. Pasta 32.

¹³² **Le Figaro**, Paris, 29 de setembro de 1969. Acervo Pessoal Josué de Castro- Fundaj. Pasta 32.

¹³³ Naquele momento a ecologia era um campo do saber recente e Josué de Castro percebeu que era necessário atrelar a questão do combate a fome aos debates que envolviam a preservação do meio ambiente no Terceiro Mundo. Em um artigo publicado com a colaboração de Alain Bué e de Magda Zanoni desenvolveu essas proposições. CASTRO, Josué. BUÉ, Alain. ZANONI, Magda. *Ecologie Humaine du Tiers Monde*. Cités Unies, Paris, abril/maio de 1970.

¹³⁴ Entrevista com Alain Bué, Paris, 26 de janeiro de 2016.

pretendia promover um deslocamento na reflexão dos alunos. Estes, em sua maioria, desconheciam a situação social em que viviam os trabalhadores da cana-de-açúcar em Pernambuco. Além dos estudos específicos sobre a fome no Brasil, provavelmente Josué de Castro se inspirou no seu livro publicado em 1965 *Sete Palmos de Terra e um Caixão*¹³⁵ que estuda a estrutura fundiária do Nordeste do Brasil e as suas contradições.

Alain Bué relatou, em entrevista, que durante os cinco anos em que trabalhou com Josué de Castro, em momento algum o assunto exílio ou cassação dos direitos políticos foi mencionado¹³⁶. O mesmo aconteceu no cotidiano familiar¹³⁷, provavelmente por ser um assunto emocionalmente difícil de ser tratado¹³⁸. No seu arquivo, o silêncio em torno do exílio também se faz presente nas correspondências. As suas declarações públicas sobre a condição de exilado foram raras. Talvez tenha escolhido denunciar, por meio da escrita e da prática docente, as injustiças do seu país. Sônia Castro rememora o período em que estudou em Vincennes:

Depois de 1968, do movimento de estudantes daqui, resolveram criar essa Universidade de Vincennes e convidaram o meu pai. Então ele disse: “olha porque você não vai também? Acho que vai ser uma coisa diferente”. Aí transferi a minha matrícula de Nanterre. Era uma faculdade totalmente diferente porque tinham alguns anfiteatros, mas eram salas de trinta, de cinquenta pessoas. Então era uma coisa muito próxima do professor, não eram aquelas aulas da Sorbonne. Aí me escrevi em geografia e sociologia e de repente estou com o meu pai na sala dando aula, sendo o meu professor. Meus amigos diziam: “você pode conversar com o seu pai em casa”. Mas não podia conversar com o meu pai em casa, porque ele sempre foi uma pessoa muito ocupada. Em sala de aula era muito agradável, porque no fundo tinha um humor, era respeitado e conhecido, os alunos ouviam religiosamente o Prof. Josué de Castro. Ele fazia parte daquelas pessoas que estavam em Vincennes reconhecidas internacionalmente¹³⁹.

As memórias de Sônia Castro dialogam com a historiografia apresentada sobre a fundação da Universidade de Vincennes, bem como trazem informações que dificilmente seriam encontradas por meio das pesquisas em documentos escritos. A

¹³⁵ CASTRO, Josué. *Sete Palmos de Terra e um Caixão*. Ensaio sobre o Nordeste uma Área Explosiva. São Paulo: Editora Brasiliense, 1965.

¹³⁶ Entrevista com Alain Bué, Paris, 26 de janeiro de 2016.

¹³⁷ Entrevista com Sônia de Castro, Paris, 26 de fevereiro de 2016.

¹³⁸ Durante o exílio Josué de Castro se informou sobre as notícias brasileiras por meio do *Boletim Informativo da Embaixada do Brasil*. Uma série desses boletins se encontram no Acervo Pessoal Josué de Castro- Fundaj.

¹³⁹ Entrevista com Sônia de Castro, Paris, 26 de fevereiro de 2016.

narrativa aponta para a distinção do modelo universitário adotado por essa universidade, que rompe, em grande medida, com as práticas do academicismo tradicional francês. Vincennes possibilitou uma maior proximidade entre alunos e professores. Uma instituição que tinha como premissa a interdisciplinaridade e a liberdade, que inovou ao permitir que os estudantes escolhessem os cursos semestralmente, produziu algo fundamental na vivência universitária: o exercício do diálogo.

Sônia Castro narra, também, a memória afetiva da experiência de ter tido o próprio pai como professor na universidade; talvez tenha sido um dos momentos de maior proximidade entre eles. Josué de Castro estava sempre preocupado com os seus temas de pesquisa que, não obstante, tinham uma dimensão universal. Alguns documentos que compõem o Arquivo pessoal Josué de Castro, trazem informações sobre as atividades desempenhadas na Universidade de Vincennes.

Neuilly, 28 de setembro de 1970
Senhorita Sylvie Esterez,
Universidade de Vincennes
Paris 12^{ème}
Departamento de Geografia

Prezada Senhorita,

Em resposta a sua carta de 11 de setembro, na qual a senhora solicitou um certo número de detalhes. Eu tenho o prazer de repassar as informações seguintes: Sobrenome: de Castro, Nome: Josué, Endereço: Rua Lord Byron, Paris 8^{ème}. Telefone: 225.10.08. Especialidade: Geografia Humana (em particular geografia da alimentação, da fome e do subdesenvolvimento). Nesse semestre: - Geografia da alimentação e da fome. - Diálogos entre o mundo e o terceiro mundo. Horários preferenciais: Eu gostaria se possível lecionar os meus cursos no mesmo dia do último ano, isto é, na terça-feira a noite: 17 h. – 18h.30: Diálogos entre o mundo e o terceiro mundo. 19h. – 20h.30: Geografia da Alimentação e da Fome. No que concerne a permanência do horário, essa questão será discutida com outros colegas na reunião prevista para outubro. Venho agradecer, a distinta senhorita, a expressão dos meus melhores sentimentos. Josué de Castro¹⁴⁰

¹⁴⁰ Correspondência de Josué de Castro para Sylvie Esterez (Universidade de Vincennes), Paris, 28 de setembro de 1970. Acervo Pessoal Josué de Castro – Fundaj. Pasta 243.

Essa correspondência, endereçada ao Departamento de Geografia, trata da burocracia de funcionamento, de uma instituição acadêmica no início de um semestre. Mas, é possível dimensionar, a partir da correspondência, a área de conhecimento na qual Josué de Castro lecionava as suas disciplinas. A geografia, que teve um papel central na sua trajetória intelectual, continuava sendo o campo do conhecimento no qual ele se situava. Provavelmente, as discussões em torno do “terceiro mundo” e do “subdesenvolvimento” acompanharam as reflexões das suas aulas, que traziam elementos das principais obras que publicou no campo da geografia.

Alguns anos depois, em 1972, lecionou a disciplina de *Ecologie du tiers monde*¹⁴¹. Naquele momento, o meio ambiente passou a ser uma das preocupações centrais de seus estudos, sendo fundador de um grupo de pesquisa sobre ecologia em Vincennes¹⁴². As discussões sobre os conceitos de desenvolvimento e meio ambiente, tinham como foco os perigos enfrentados pela região amazônica, em face da ausência de planejamento para essa região do mundo. Nesse debate, Josué de Castro se engajou na luta pela defesa do ecossistema amazônico. Era uma estratégia de articular e atualizar os estudos em torno da fome a partir das demandas sociais daquele presente.

As pesquisas desenvolvidas sobre a Amazônia tiveram como finalidade a participação na Conferência sobre Meio Ambiente das Nações Unidas em Estocolmo, na Suécia, em maio de 1972. Essa conferência representou uma das primeiras iniciativas das potências mundiais para debater a questão da preservação dos biomas. O grupo de estudos de Vincennes, liderado por Josué de Castro, produziu um dossiê propondo que os organismos internacionais realizassem ações efetivas em defesa do ecossistema amazônico. Desse modo, deveriam atuar por meio de cooperações técnicas e ações conjuntas com organizações não governamentais, visando a preservação da fauna e da flora da região. Mesmo distante do seu país, privado dos seus direitos políticos e da sua cidadania, Josué de Castro continuou pensando o Brasil.

¹⁴¹ Documento da Universidade de Vincennes constando as disciplinas lecionadas por Josué de Castro no segundo semestre de 1972: *Ecologie du tiers monde, Introduction au probleme du sous-developpement, Geografie de l'alimentation et de la faim*. 12 de dezembro de 1972. Acervo Pessoal Josué de Castro – Fundaj. Pasta 232.

¹⁴² Documento sobre as reuniões do grupo de estudos de Pesquisa em Ecologia, sessões do dia 23 e 30 de maio de 1972. Entre os colaboradores estiveram o Prof. Alain Bué, o Senhor e a Senhora Collin-Delavaud, o Prof. Ikonicoff, o Prof. Enriquez. Acervo Pessoal Josué de Castro – Fundaj. Pasta 232.

CAPÍTULO II

UM MUNDO CHAMADO JOSUÉ DE CASTRO

Josué não se mimetizou, nem se multiplicou. Ao contrário, se fez modelo a copiar, ou pelo menos a reconhecer, mas apenas para ser livre. Compôs sua própria província científica, que ensinou o mundo a cultivar: o estudo socioecológico dos condicionantes sociais e culturais da nutrição e da desnutrição humana. Aprofundou-se, como ninguém, na denúncia da ordem fundada no latifúndio, que esfomeia o Brasil. Josué foi o intelectual mais brilhante que conheci e foi talvez, nos seus últimos anos de vida, o brasileiro mais admirado lá fora, em qualquer tempo. Tinha ditos fantásticos, como o de afirmar que no Brasil todos morrem de fome. Uns de fome mesmo. Outros de medo dos que têm fome¹⁴³.

¹⁴³ RIBEIRO, Darcy. *Confissões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 109.

Assim como a história, somos fabricados? Fabricados pelo mundo, por ações, por experiências, pelo cotidiano, pela literatura... O mundo nos forma e nós formamos o mundo. Em uma relação ambivalente estamos todos transformando e em transformação. Produzimos mundos tornando-os inteligíveis por meio de palavras, sons, cores, montando quadros com os percursos da vida. Somos múltiplos e em constante ebulição, talvez na longa e sinuosa estrada da vida, tenhamos apenas a certeza do fim.

Após a morte continuamos a existir nos vultos das memórias daqueles que lembram, assim os nossos saberes outra vez circulam na órbita do mundo. Alguns sujeitos históricos, homens das letras, escritores, intelectuais persistem seja por meio das obras, ou de fragmentos dos passados e continuam produzindo imagens seculares. Entre esses podemos citar Shakespeare e suas tragédias, Marx e o socialismo, Homero e a história, Wolf e a literatura.

Em outras palavras, homens e mulheres deixam registros construídos em muitos momentos como legados para a humanidade. É preciso perceber o âmbito do dizível e do visível, desnaturalizando os percursos lineares, apontando horizontes e as intencionalidades dessas construções para enxergar o emaranhado de multiplicidades que constituem uma vida.

Este trabalho busca compreender como Josué de Castro se construiu enquanto um intelectual e político ligado ao combate e à denúncia da fome no Brasil, tarefa inglória se não levássemos em consideração os fragmentos do passado e as leituras do presente. Afinal, quais foram as engrenagens criadas para a fabricação desse intelectual? Os sujeitos trazem as marcas dos tempos em que viveram, mas também os sinais dos processos de produção que passaram. A trajetória múltipla de médico, escritor, geógrafo, nutrólogo, professor, político, homem público, as redes que criou, as ideias que defendeu e as posições que tomou em determinados momentos históricos, também fazem parte desse mundo chamado Josué de Castro. Nesse caso, o nome próprio é apenas um índice que tem como pretensão impossível, direcionar, determinar, localizar, aquilo que não se faz possível essencializar.

Analisar a produção do acervo pessoal Josué de Castro salvaguardado pela Fundaj pode trazer questões importantes para futuras pesquisas, bem como para compreender quais foram os processos de produção de uma auto-imagem de um intelectual múltiplo voltado para as questões sociais do Brasil. Nesse sentido, pensar a

“fabricação” desse intelectual por meio da trajetória acadêmica de professor universitário serão as trilhas abertas nas próximas páginas.

2.1 - Nos caminhos do saber médico: primeiras andanças.

Nos anos 1920, o Rio de Janeiro, então capital do Brasil, respirava os ares da influência francesa nas artes, na arquitetura, nos meios intelectuais. Mas, enfrentava os problemas sociais das primeiras décadas da República. O progresso e os processos de modernização urbanísticas mudavam a paisagem com rapidez. Casarios e cortiços eram destruídos no centro dessa cidade, para dar lugar a largas avenidas, enquanto as populações mais pobres migravam para as áreas mais elevadas. Muitos intelectuais, atônitos, observavam essas mudanças. Outros se fidelizavam com o fascínio do progresso: “A noção de civilização, nessa época, já se confundia com a ideia de conquista de uma modernidade”¹⁴⁴.

Esse momento histórico também significou um período de instabilidade institucional para o Brasil. A presença política dos militares durante a Primeira República foi marcante, até mesmo na liderança armada do movimento civil-militar de 1930¹⁴⁵. Foram muitos os eventos culturais e políticos significativos. Entre esses estão as comemorações do Centenário da Independência do Brasil, a Semana de Arte Moderna de São Paulo, o levante do Forte de Copacabana, todos no ano de 1922, além da efervescência do movimento tenentista. No campo científico, a década de 1920 foi um momento importante para o desenvolvimento da ciência no Brasil¹⁴⁶. A criação de novas instituições fazem parte do universo de reivindicações de engenheiros, médicos e professores, que visavam a divulgação e o desenvolvimento da pesquisa científica¹⁴⁷.

¹⁴⁴ VIANNA, Hermano. *O mistério do Samba*. Jorge Zahar. Ed. UFRJ, 2007, p. 22.

¹⁴⁵ MATTOS, Hebe. A Vida Política. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. *História do Brasil Nação: 1808-2010*. Vol. 4. Olhando para dentro. 1889-1930. 2013, p.125.

¹⁴⁶ Naquele momento histórico instituições de pesquisa e de comunicação como a Academia Nacional de Medicina de 1922, Associação Brasileira de Educação de 1924, Sociedade Brasileira de Ciências, fundada em 1925 e a Rádio Sociedade criada em 1923, foram fundamentais para dinamizar as atividades intelectuais.

¹⁴⁷ Entre o grupo de profissionais que defendia uma difusão mais ampla da ciência no Brasil e da construção da identidade de um novo tipo de intelectual no Brasil estavam Manoel Amoroso Costa, Henrique Morize, Osório de Almeida, Juliano Moreira, Edgar Roquete-Pinto, Roberto Marinho de Azevedo, Lélío Gama e Teodoro Ramos. MASSARANI, Luisa. MOREIRA, Ildeu de Castro. A Divulgação Científica no Rio de Janeiro na década de 1920. In: HEIZER, Alda. VIDEIRA, Antonio

Nesse ambiente intelectual havia a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro¹⁴⁸ que esteve a frente dos debates e projetos em torno da higienização, do sanitarismo e da saúde pública.

A partir desses pressupostos, “a autoridade médica tendia a crescer impulsionada pela extensão e pelo êxito da aplicação da ciência em diversos campos da medicina, especialmente nos de higiene pública e medicina preventiva”¹⁴⁹. Nesse sentido, os médicos que desde o Império já gozavam de prestígio e inserção social, foram paulatinamente galgando novos espaços. Naquele momento, eles eram vistos como profissionais e homens de formação que não possuíam um campo de atuação intelectual diversificado. Esse foi um dos fatores que contribuíram para que, no decorrer do século XX, estivessem presentes na produção de interpretações sobre a realidade social brasileira¹⁵⁰. Foi nesse cenário de valorização do saber médico e de transformações no meio intelectual da capital federal que Josué de Castro cursou e concluiu sua formação inicial em medicina em 1929.

Josué de Castro iniciou seus estudos médicos na Faculdade de Medicina da Bahia, tendo posteriormente, solicitado a transferência do curso para o Rio de Janeiro. Os três anos em que viveu no estado da Bahia proporcionaram a criação de uma rede intelectual importante. Josué criou relações de amizade e foi contemporâneo, nessa instituição, daqueles que mais tarde se tornaram antropólogos nacionalmente conhecidos, como Arthur Ramos e Théó Brandão, além do contato com Anísio Teixeira

Augusto Passos. (Orgs). *Ciência, Civilização e República nos Trópicos*. Rio de Janeiro: MAUAD Editora, 2010, p. 119.

¹⁴⁸ A Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro tem o seu início ligado a chegada da família real ao Brasil em 1808 e se transformou paulatinamente em um importante centro do saber médico no Brasil. Segundo Maria de Lourdes Fávero: “No ano da transmigração da Família Real para o Brasil é criado, por Decreto de 18 de fevereiro de 1808, o Curso Médico de Cirurgia na Bahia e, em 5 de novembro do mesmo ano, é instituída, no Hospital Militar do Rio de Janeiro, uma Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica. Outros atos são sancionados e contribuem para a instalação, no Rio de Janeiro e na Bahia, de dois centros médico-cirúrgicos, matrizes das atuais Faculdades de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e da Universidade Federal da Bahia (UFBA). FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque. A Universidade no Brasil: das origens à Reforma Universitária de 1968. *Educar*, Curitiba, n. 28, p. 17-36. UFPR, 2006.

¹⁴⁹ BULCÃO, Lúcia Grando; EL-KAREH, Almir Chaiban; SAYD, Jane Dutra. Ciência e ensino médico no Brasil (1930-1950). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.14, n.2, p.469-487, abr.-jun. 2007.

¹⁵⁰ GOMES, Ângela de Castro. História, ciência e historiadores na primeira república. In: HEIZER, VIDEIRA (Orgs), *Op.Cit*, 2010, p. 12.

que também foi estreitado. Essa primeira rede de relações intelectuais e afetivas foi fundamental em outros momentos de sua trajetória.



Figura 4: Retrato de formatura de Josué de Castro na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. 1929. Autor: desconhecido. Acervo Pessoal Josué de Castro – FUNDAJ. Fotografias. Pasta 8.

A fotografia 4 de autoria desconhecida, representa a conclusão do curso de Medicina de Josué de Castro. É nítida a suntuosidade das vestes, o corpo esguio e elegante, o olhar compenetrado, produzindo certa imponência a partir da representatividade na outorga de um saber a ele conferido¹⁵¹. No entanto, as práticas fotográficas devem ser compreendidas dentro de um campo de forças, em que cada indivíduo ou grupo se posiciona. Essa fotografia é identificada como um marcador social que visa construir identidades para um jovem que se tornava médico aos 21 anos¹⁵². As narrativas em torno da escolha de Josué de Castro pela medicina são rarefeitas. Em uma entrevista a *Revista Manchete* na década de 1960, relembra alguns dos seus primeiros passos, e fez as seguintes afirmações:

¹⁵¹ Essa fotografia é parte integrante do conjunto fotográfico do acervo pessoal de Josué de Castro, mas, assim como as demais imagens que compõem o acervo, não possui autoria.

¹⁵² LIMA, Solange Ferraz de Lima. CARVALHO, Vânia Carneiro de. Fotografias: usos sociais e historiográficos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. LUCA, Regina de. (Orgs.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 43.

Nasci no Recife, no número 1 da Rua Joaquim Nabuco. Eu escrevia o nome de Nabuco, mesmo sem saber quem ele era. Depois foi uma personalidade que me interessou sempre. (Mais tarde não fui ser médico por vocação, mas porque mamãe sonhava com isso). Acabei meus preparatórios com 15 anos de idade. Falsificaram-me a idade para que eu pudesse entrar na faculdade. Me formei, com 21 anos e meio. Papai queria que eu estudasse na Bahia. Aí fiquei três anos. (...) Terminei a faculdade em 1929, no Rio, pois só fiz os três primeiros anos na Bahia¹⁵³.

Quando essa entrevista foi veiculada em abril de 1964, o médico Josué de Castro já não clinicava, pois uma série de outras atividades e trajetórias profissionais em diversos campos do saber, o afastaram das práticas médicas. Em um olhar sobre o passado, Josué de Castro constrói um discurso que passa a ideia de que a medicina não era o seu objetivo constante. Provavelmente, agregar outros interesses ao saber médico possibilitou o contato com outros campos do conhecimento que se tornaram caminhos possíveis para as suas reflexões. No momento da entrevista, Josué ocupava o cargo de Embaixador do Brasil para assuntos ligados a Organização das Nações Unidas (ONU) em Genebra durante o governo João Goulart.

As memórias da infância e as construções discursivas daquele presente buscam aliar, também, o nome da rua em que viveu no Recife, com a admiração à figura do embaixador e abolicionista brasileiro Joaquim Nabuco, um intelectual defensor de causas humanitárias. A constatação de que cursou medicina para realizar um desejo materno, talvez tenha sido perceptível, após ter se tornado um intelectual das ciências humanas e sociais. Naquele momento, tanto a medicina quanto o direito representavam a possibilidade de atuação profissional para os jovens. Em outra entrevista, Josué de Castro relata suas experiências nos cursos de medicina da Bahia e do Rio de Janeiro:

¹⁵³ *Revista Manchete*, Rio de Janeiro, nº 625, abril de 1964. Arquivo Pessoal Josué de Castro - FUNDAJ. Pasta 95.

A princípio uma impressão de deslumbramento e de veneração por seus velhos muros, pela austera fachada da sua Escola. Depois de desencanto no que diz respeito ao ensino, ora ali ministrado. Aliás, não só a Faculdade da Bahia, mas depois a do Rio, também me desapontou por completo. Entrei com um grande entusiasmo e saí com o interesse quase morto pela maioria dos assuntos, na forma em que eram apresentados. Poucos professores me entusiasmaram. Na Bahia, destaco o velho mestre Pirajá da Silva, figura veneranda de homem de estudo e o professor de Fisiologia, Aristides Novis, que me arrebatou muitas vezes com o brilho literário de suas preleções. Virei “fisiólogo” em dois tempos. Estudei com furor, conquistei uma distinção na cadeira e a amizade do mestre que perdurou até a sua morte. Na Faculdade do Rio, a grande figura que me encheu de encanto foi a do Prof. Antônio Austregésilo, sem dúvida uma das maiores vocações que teve o ensino médico brasileiro¹⁵⁴.

Josué de Castro exerceu a medicina por muitos anos, manteve consultórios primeiramente no Recife e depois no Rio de Janeiro, até meados dos anos 1950, dedicando-se às especialidades de nutrição e de gastroenterologia. Apesar de ter estudado nas duas principais faculdades de medicina do Brasil, ele relata a decepção das experiências de estudo, principalmente em relação à metodologia de ensino. O fato é que Josué de Castro vivenciou uma universidade em fase de transição¹⁵⁵, que ainda não havia passado pelas reformas da década de 1930, quando os processos de industrialização e urbanização demandaram do Estado a necessidade de investir na formação dos médicos. Já sobre a atuação destes profissionais, Josué se expressa através de um tom crítico e irônico no conto *Assistência Social*:

¹⁵⁴ Esse trecho de entrevista foi encontrado quando a Prof^a Tânia Elias Magno da Silva realizou pesquisas para a sua tese de doutorado. Naquele momento, o acervo pessoal de Josué de Castro ainda estava sob guarda do Centro Josué de Castro. A descrição utilizada pela autora foi: “Entrevista datilografada sem indicação de data. Está escrito a caneta e riscado “Que honra, que orgulho...”. Apud. SILVA, Tânia Elias Magno da. *Josué de Castro: para uma poética da fome*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1998, p. 43.

¹⁵⁵ Sobre os primeiros processos de institucionalização da universidade no Brasil: “O surgimento de uma universidade no Brasil remonta à década de 1920. Epitácio Pessoa, valendo-se de um decreto de março de 1915, que permitia reunir em universidade a Escola Politécnica e a Escola de Medicina do Rio de Janeiro, a elas incorporou uma das faculdades livres de Direito e instituiu a primeira universidade brasileira, na cidade do Rio de Janeiro, a capital da República. Essa iniciativa do poder federal respondia a um pensamento generalizado quanto à necessidade de se organizarem universidades no país”. BULCÃO; EL-KAREH; SAYD. *Ciência e ensino médico no Brasil (1930-1950)*. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Op.Cit, 2007.

Médico, profissão liberal. Lorota, Liberal para quem tem pai fazendeiro, capitalista, para pagar um consultório de luxo, para pagar os anúncios nos jornais, para pagar os elogios dos amigos, para pagar as boas relações. Pai ou sogro, mas para quem começa no duro, sem encosto, qual profissão liberal... assalariado, classe proletária é o que é...¹⁵⁶.

O excerto acima faz parte de uma série de contos escritos entre 1935 e 1937 que foram reunidos em um livro publicado posteriormente intitulado *Documentário Nordeste*¹⁵⁷. O conto *Assistência Social* narra a história de Dr. Félix, um médico recém formado, que se desloca diariamente de bonde da cidade de Olinda até uma ilha do bairro da Várzea, um dos últimos bairros da zona Oeste do Recife, para trabalhar em uma fábrica de tintas. O conto narra os embates entre o Sr. Renato gerente e sócio da “Fábrica Pureza”, que visa meramente o lucro, e o médico recém formado que se preocupa com um enorme contingente de operários acometidos de tuberculose e desnutrição. No desfecho da história, o Dr. Félix é considerado culpado pela grande quantidade de operários doentes e acaba demitido.

Esse conto aponta para as relações entre o real e a ficção. O médico Josué de Castro também trabalhou em uma fábrica do Recife nos anos 1930 e, após essa experiência, escreveu o livro *As condições de Vida das Classes Operárias do Recife*, um estudo que obteve repercussão nacional. O trabalho constatava que a baixa produtividade dos operários da fábrica estava diretamente relacionada à ingestão deficiente de nutrientes diários. Em outras palavras, os trabalhadores não produziam o desejado porque passavam fome.

¹⁵⁶ CASTRO, Josué. *Documentário Nordeste*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1957, p.42.

¹⁵⁷ Nesse livro publicado em 1937 que reúne uma série de contos sobre o cotidiano do Recife, aborda também questões sociais. É nesse livro que Josué de Castro publica “O Ciclo do Caranguejo”, conto que narra a situação de pobreza e miséria que as populações ribeirinhas que habitam os mangues do Recife vivem.

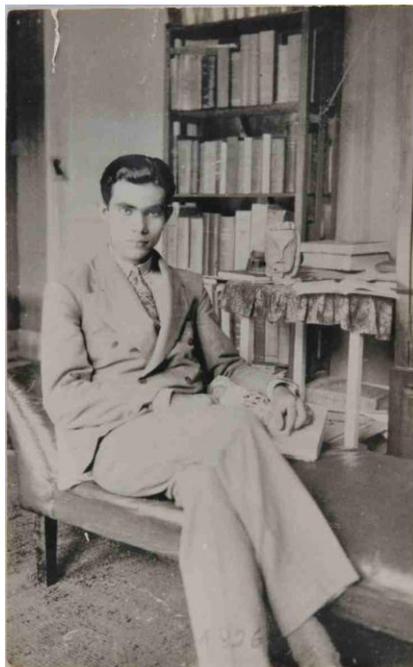


Figura 5: Josué de Castro quando cursava Medicina na Bahia. 1926. Autor: desconhecido. Acervo Pessoal Josué de Castro – FUNDAJ. Fotografias. Pasta 12.

Apesar de em 1926 ainda ser um estudante, Castro já se preocupava com os registros fotográficos. Nessa fase buscou estabelecer redes intelectuais e frequentou os meios intelectuais, assim como, as embaixadas latino-americanas do Rio de Janeiro. Nesse período foram muitos os textos publicados em jornais da Capital Federal e de Pernambuco. A atividade de crítico de cinema também passou a fazer parte da vida de Josué de Castro¹⁵⁸.

Quando se formou médico, viajou como representante da Embaixada dos Universitários Brasileiros para participar da posse, como Presidente da República, do ex-embaixador mexicano no Rio de Janeiro, Pascual Ortiz Rubio. Em um acontecimento trágico na história daquele país, Rubio renunciou ao cargo, após ser ferido a bala. Depois do incidente, Josué de Castro antecipou a sua viagem aos EUA, onde já havia articulado um período de estágio na Universidade de Colúmbia e no Medical Center de Nova Iorque¹⁵⁹. Essa primeira experiência de estudos no exterior

¹⁵⁸ Sobre os escritos de Josué de Castro como crítico de cinema, ver: MELO, Normando Jorge de Albuquerque. Josué de Castro antes da Fome. *Aurora* (UNESP. Marília), v. 7, 2011, p. 140-152.

¹⁵⁹ SILVA. *Josué de Castro*. Op.Cit, 1998, p. 49-58.

contribuiu para a sua especialização em um campo das ciências médicas ainda incipiente no Brasil, nesse caso a nutrição.

2.2 - O reencontro com o Recife e os caminhos para a docência.

Quando Josué de Castro retorna ao Brasil, deixa o Rio de Janeiro para residir em sua cidade natal, o Recife. A sua estada em Pernambuco se faz importante por suas atividades acadêmicas, bem como pelo reencontro com os problemas sociais que a cidade enfrentava. O Brasil passava por um momento de tensões políticas com a Revolução de 1930¹⁶⁰, quando diferentes grupos políticos se alternavam no poder. Quanto aos intelectuais estes passariam a ter mais espaço nas decisões políticas do país.

Após a Revolução de 30 os letrados passaram a atuar com mais afinco nas relações políticas no Brasil. (...) Durante a década de 1930 alguns intelectuais tomaram para si o dever de reivindicar ao Estado a autoridade necessária para a condução social, assumindo a prática política de suas ações¹⁶¹.

O Recife daquele tempo era uma cidade marcada pelos processos de modernização¹⁶². Era, também, uma cidade pólo, referência de passagem para trabalhadores sazonais, comerciantes e para aqueles que procuravam centros médicos para algumas doenças, bem como um importante centro de saber. A Faculdade de Direito do Recife era um núcleo importante de debates intelectuais na região¹⁶³.

Nas primeiras décadas do século XX, o Recife, assim como o Rio de Janeiro, passou por uma série de mudanças urbanísticas, principalmente com a remodelação do porto, que “representava o fortalecimento dos vínculos econômicos locais com o

¹⁶⁰ “Um tema central da Revolução de 30, tanto entre os militares como entre os civis que chegaram ao poder, era a luta contra as oligarquias regionais e a construção de um poder realmente nacional. O grande inimigo de militares e civis revolucionários eram as oligarquias que não queriam aceitar e não aceitavam a perda de influência e poder que detinham durante a Primeira República”. CARVALHO, José Murilo de. Vargas e os militares. In: PANDOLFI, Dulce (Org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 1999, p. 55.

¹⁶¹ MOURA, Carlos André de. *Fé, Saber e Poder*. Os Intelectuais entre a Restauração Católica e a política no Recife (1930-1937). Recife: Prefeitura da Cidade do Recife, 2012, p. 52-53.

¹⁶² Sobre a relação entre modernidade, modernização, antigo e moderno no Recife da década de 1920, ver: REZENDE, Antônio Paulo. *(Des)encantos Modernos: histórias da cidade do Recife na década de XX*. Recife: FUNDARPE, 1997.

¹⁶³ Sobre as disputas políticas e correntes intelectuais da Faculdade de Direito do Recife ver: MOURA, Carlos André de. *Fé, Saber e Poder*. Op. Cit, 2012.

mercado mundial ao mesmo tempo em que inseria a cidade em um círculo cultural que tinha Paris como centro”¹⁶⁴. Era também o Recife dos mucambos¹⁶⁵, onde uma parcela significativa de trabalhadores, e pessoas que não estavam integrados a vida urbana organizada sobreviviam. Quando escreve *Documentário Nordeste* na década de 1930, Josué de Castro já demonstra consciência sobre as desigualdades sociais do Recife. “O Recife, cidade dos rios, das pontes e das antigas residências palacianas, é também a cidade dos mocambos – das choças, casebres de barro batido a sopro, com telhados de capim, de palha e de fôlhas de flandres”¹⁶⁶.

Nesse cenário, um periódico de Recife, *A Província*¹⁶⁷, noticiava o retorno de Josué de Castro: “De regresso do México, o médico e intellectual inicia hoje, na *Província*, uma série de artigos em que fixa aspectos interessantes da Revolução Mexicana”¹⁶⁸. É perceptível que a menção de intellectual¹⁶⁹ ao médico recém formado, provavelmente era uma estratégia do jornal para chamar atenção dos leitores para a coluna, mas o termo “intellectual” denota o lugar social que possuíam os profissionais de medicina e um campo de atuação para além das ciências médicas. Muitos profissionais da saúde eram também, escritores, poetas, dramaturgos. A coluna perdura por alguns meses e o exercício da escrita¹⁷⁰ do jovem médico passa a ser constante nos jornais locais do estado.

Para Josué de Castro, o retorno ao Recife significou a oportunidade de desenvolver pesquisas e formular teorias sobre temas que iriam acompanhá-lo ao longo da sua trajetória intelectual. Em 1932 quando escreve *As condições de Vida das Classes*

¹⁶⁴ ARRAIS, Raimundo. *O pântano e o riacho: a formação do espaço público no Recife do século XIX*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2004, p. 44.

¹⁶⁵ Os mucambos eram habitações populares construídas nas áreas de relevo mais elevados da cidade, ou ainda nos percursos dos rios que cortam a geografia do Recife.

¹⁶⁶ CASTRO, Josué. *Documentário Nordeste*. Op. Cit, 1957, p. 21.

¹⁶⁷ O jornal *A Província* foi fundado pelo abolicionista José Mariano, representou um instrumento combativo, defendeu acirradamente a libertação dos escravos. O primeiro número desse periódico foi veiculado dia 6 de setembro de 1872, teve suas atividades encerradas em 1935.

¹⁶⁸ **A Província**. Recife, Pernambuco, sábado, 3 de maio de 1930. Acervo Pessoal Josué de Castro – Fundaj. Pasta 20.

¹⁶⁹ Como já foi dito na introdução, não utilizaremos uma categoria específica para demarcar o intellectual, pois o significado da palavra pode sofrer variações dentro da própria trajetória de Josué de Castro.

¹⁷⁰ Segundo Pamuk: “Escrever é transformar em palavras esse olhar pra dentro, estudar o mundo para o qual a pessoa se transporta quando se recolhe em si mesma – com paciência, obstinação e alegria”. PAMUK, Orhan. *A mala de meu pai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 13.

Operárias do Recife, passou a compreender que o problema da fome estava para além dos debates sobre nutrição. A questão era social.

Êste trabalho visa precisamente a alimentação das classes assalariadas, aquelas que por suas condições econômicas desfavoráveis e seu baixo nível intelectual pior se alimentam, necessitando portanto de uma assistência social urgente neste sentido, para que seja entravado o seu progressivo estiolamento provocado por uma inanição crônica e congênita, verdadeira fome tradicional. (...) Pela leitura das conclusões a que chegamos, temos de reconhecer a grande e crua verdade da expressiva frase de Juan B. Justo de que – “atualmente já não se pode assassinar o proletário mas se pode legalmente fazê-lo morrer de fome”¹⁷¹.

A linguagem técnica típica de uma medicina social, mas também a sensibilidade das palavras do médico e parlamentar argentino Juan B. Busto, um dos percussores das ideias socialistas na Argentina, demonstram o diálogo de Josué de Castro com os debates sobre alimentação e condições sociais das classes operárias na América Latina. Esse estudo serviu para as primeiras discussões em torno do salário mínimo que foi instituído por Getúlio Vargas em 1940. No pós-1930 o Estado brasileiro passou a reconhecer a questão social como uma demanda:

Até então tínhamos território e população, mas não havíamos tido governo, e a sua ausência traduzida na omissão do Estado liberal na inconsistência de suas elites – comprometia integralmente todo o conjunto. A revolução fundadora do Estado Nacional vinha exatamente rearticular esses elementos constitutivos, através da intervenção de quarto elemento fundamental: a finalidade do Estado, que devia ser encontrada fora da política, ou seja, na promoção do bem-estar nacional e na realização do bem comum¹⁷².

No decorrer da década de 1930, momento de intensas transformações do Estado brasileiro, Josué passa a lecionar em Recife, atividade esta que, segundo os mais próximos lhe dava imenso prazer e que realizou até os últimos dias de vida. A medicina, que segundo as fontes pesquisadas pouco o encantou durante os anos de curso universitário, mas significou o caminho inicial para a docência. Aprovado em um

¹⁷¹ CASTRO, Josué. As condições de Vida das Classes Operárias do Recife. In: *Documentário Nordeste*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1957, p. 76-77.

¹⁷² GOMES, Angela de Castro. *A Invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011, p. 196.

concurso público¹⁷³ para a cadeira de fisiologia da Faculdade de Medicina do Recife¹⁷⁴, defendeu a tese *O problema fisiológico da alimentação no Brasil*.

Até a década de 1920 os projetos universitários do Brasil não preconizavam as atividades de pesquisa, de investigação científica e pedagógica¹⁷⁵. Os grupos intelectuais do país se movimentavam para que uma cultura acadêmica fosse criada. Com a fundação do Ministério da Educação e Saúde Pública durante o governo provisório de Getúlio Vargas abriu-se um caminho para tímidas reformulações que somente seriam acentuadas durante a Reforma Capanema, já no Estado Novo¹⁷⁶. Os primeiros passos do estudante e do professor Josué de Castro foram dados nessa configuração universitária. Os relatos sobre as suas aulas são raros, mas trazem algumas informações importantes para as intenções desse texto. As aulas do período em que foi professor da Faculdade de Medicina do Recife são lembradas por um aluno que se tornou um amigo, o médico Jamesson Ferreira Lima:

Nos deparamos na sala de aula, com um jovem moreno, na casa dos vinte, magro e alto, de calças escuras e paletó pesado, cinzento esverdeado, estilo europeu, falando sobre metabolismo basal. O assunto pouco tinha de particularmente agradável. Ao contrário era difícil e técnico. Mas o conteúdo decorria em prosa ágil, viva, e a figura do expositor se situava numa contradição entre o ar pretensioso e a maneira simpática e eloqüente da preleção. (...) exposição se fazia neste tom comunicativo, fixando todos ao tema. Daí em diante continuei ouvindo as palestras com regularidade¹⁷⁷.

¹⁷³Em uma entrevista ao *Diário de Pernambuco* anos mais tarde, Josué de Castro narrou o início da carreira docente: “tentei em 1932, inscrever-me para o concurso de docência de Fisiologia da Faculdade de Medicina do Recife e tive essa pretensão vetada a princípio sob a alegação de que me faltava a idade legal para realizar o curso. Foi o diretor da faculdade, prof. Otávio de Freitas, quem defendeu minha pretensão e obteve autorização junto às autoridades federais, permitindo-me ingressar na carreira de professor”. *Diário de Pernambuco*, Recife, 06 de junho de 1947. Apud. SILVA, 1998, p. 100.

¹⁷⁴Documento de nomeação de Josué de Castro como professor na Faculdade de Faculdade de Medicina do Recife: “Nomeio o Dr. Josué de Castro, docente livre da cadeira de Physiologia, por ter sido aprovado em concurso, realizado nessa faculdade aos 10 de novembro de 1932. Faculdade de Medicina do Recife, 22 de novembro de 1932. Octávio de Freitas. Diretor”. Acervo Pessoal Josué de Castro – FUNDAJ. Pasta 6.

¹⁷⁵É importante frisar que a prática científica no Brasil até finais do século XIX e início do século XX foi caracterizada pela total falta de investigação. Nas faculdades de Medicina e Engenharia, o ensino era quase sempre feito em livros, inexistindo em quase todas a prática de laboratório e de investigação. CARVALHO, José Murilo de. Vargas e os militares. In: PANDOLFI, Dulce (Org.). *Repensando o Estado Novo*. Op.Cit, 2000, p. 15.

¹⁷⁶ FERREIRA, Marieta de Moraes. *A História como ofício*: Op. Cit, 2013, p. 20.

¹⁷⁷ACADEMIA PERNAMBUCANA DE MEDICINA. *Ciclo de Estudos sobre Josué de Castro; depoimentos*. Recife: UFPE, ed. Universitária, 1983, p. 95-96.

O trecho acima remete a um Ciclo de Debates em homenagem a Josué de Castro promovido pela Academia Pernambucana de Medicina, em 1983. As condições de produção do relato devem ser levadas em consideração. Tratava-se de um evento comemorativo, de exaltação da memória do intelectual, promovido por uma academia de colegas de profissão¹⁷⁸. Porém, é importante destacar que em vários outros depoimentos Josué de Castro é lembrado por meio de comentários elogiosos em torno da oratória, da clareza da escrita e da capacidade de se fazer inteligível em suas explanações. No *Jornal do Recife* foi publicada na sessão “Chronica Social” a seguinte nota sobre a atuação do professor de “Phisyologia”.

Manifestação

PROF. DR. JOSUÉ DE CASTRO – Ao encerrar hontem o curso de Phisyologia do 2º anno médico da Faculdade de Medicina do Recife, o Prof. Josué de Castro foi alvo de expressiva manifestação por parte dos seus alumnos. Em nome da classe, falou o acadêmico Moraes Guerra, que salientou a actuação do mestre, mostrando como o ensino de phisyologia, cadeira basica das sciencias medicas, ia tomando novos rumos, graças ao espírito renovador do prof. Josué. O homenageado agradeceu sendo ao final muito aplaudido¹⁷⁹.

A figura de professor tomava forma, e a produção de imagens exemplares acompanhará muitos momentos da trajetória de Josué de Castro. Os dois registros apresentados colaboram com a formação dessas imagens e emanam os signos da distinção. Por outro lado, a atividade docente se manifesta como uma importante ferramenta para a formação intelectual. A preparação das aulas e a atualização da literatura de uma disciplina lecionada se traduz em um esforço para o acúmulo de conhecimento. Nas atividades de professor, Josué de Castro também seguiu o caminho das Ciências Humanas e se tornou, em 1933, um dos fundadores da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais do Recife¹⁸⁰.

¹⁷⁸O lugar social do autor está ligado a produção do discurso com as condições institucionais, políticas, e acadêmicas. Dessa forma, se faz necessário compreender as articulações entre um saber e um lugar. CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Op.Cit, 2007.

¹⁷⁹ *Jornal do Recife*, Recife. Terça-Feira, 7 de novembro de 1933:2. Acervo Pessoal Josué de Castro - Fundaj. Pasta 15.

¹⁸⁰ De acordo com a socióloga Mercês Silva a Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais do Recife: “Foi idealizada por um grupo de intelectuais pernambucanos liderados pelo Professor Aníbal Bruno, a faculdade foi inaugurada em 22 de setembro de 1933, em solenidade no salão nobre da Faculdade de Direito do Recife. A abertura da faculdade teve larga repercussão no meio intelectual da cidade, bem como no estado. Constituindo um pioneirismo nos cursos superiores pela sua proposta - método de

Acaba de ser fundado em Pernambuco mais um estabelecimento de ensino superior. Por iniciativa de um grupo de intellectuaes, do qual faz parte o dr. Josué de Castro, Professor da Faculdade de Medicina do Recife e autor de várias obras de valor científico, fundou-se na importante cidade Nordestina, a Faculdade de Phylosofia e Sciencias Sociaes, cujo programma representa apreciável avanço na cultura sociológica daquelle Estado. A Faculdade lecionará as seguintes matérias: História, Sociologia, Antropogeografia Social, Economia Política, Introdução Biológica as Sciencias Sociaes, Hygiene Social, Pscologia e Phylosofia. Corpo docente: está assim organizado: drs. Olívio Montenegro, Josué de Castro, que ensinará Antropogeografia Social, Nelson Coutinho, Annibal Bruno, Ulysses Pernambucano, Sylvio Rabello e Bezerra Coutinho. A inauguração será 1 de setembro¹⁸¹.

A notícia veiculada pelo *Correio da Manhã*¹⁸² destacava a importância da fundação dessa instituição, que representava uma novidade no campo das ciências humanas e sociais no Recife. A preponderância e pioneirismo eram da Faculdade de Direito, que representava o principal centro de saber desse campo no Nordeste. A reportagem destaca, ainda, o grupo de intelectuais que possuía representatividade em Pernambuco e que tinha formação nas ciências médicas e nas ciências jurídicas. A menção da reportagem a Josué de Castro, primeiramente afirmando que foi um dos fundadores da instituição e posteriormente detalhando a disciplina que iria lecionar, revela um indício de que provavelmente a notícia foi veiculada no periódico por intermédio do próprio Josué de Castro. A fundação dessa instituição também irá proporcionar a Josué um contato ainda mais próximo com as ciências sociais¹⁸³.

interpretação e avaliação”. SILVA, Mercês de Fátima dos Santos. *Josué de Castro, pensamento e ação: a gênese do plano de segurança alimentar*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal de Pernambuco: Recife, 2010, p. 66.

¹⁸¹ *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, quarta-feira, 30 de agosto de 1933, p.7. Acervo Pessoal Josué de Castro - Fundaj. Pasta 22.

¹⁸² “Jornal carioca diário e matutino fundado em 15 de junho de 1901, por Edmundo Bittencourt e extinto em 8 de julho de 1974. Foi durante grande parte de sua existência um dos principais órgãos da imprensa brasileira, tendo-se sempre destacado como um “jornal de opinião”. Disponível em www.cpdoc.fgv.br/verbetes, acessado em 29 de maio de 2015.

¹⁸³ Documento de nomeação de Josué de Castro a cadeira de Geografia Humana da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais do Recife. “Faculdade de Filosofia e Ciências Sociaes do Recife. O diretor da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociaes, usando de suas atribuições, e em nome da Congregação, nomeia o Dr. Josué de Castro, Professor Catedrático da Cadeira de GEOGRAFIA HUMANA desta faculdade. Recife, 15 de agosto de 1933. Aníbal Bruno. Director”. Acervo Pessoal Josué de Castro – FUND AJ. Pasta 6.

As atividades do professor da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais do Recife¹⁸⁴ logo se estenderiam à parte administrativa, quando se torna vice-diretor dessa instituição. Um fato intrigante é que raramente, no início do século XX, médicos se dedicavam aos estudos geográficos, ligados naquele momento aos campos da engenharia e da geologia. Provavelmente a aproximação de Josué de Castro com a geografia se deu por meio dos estudos de antropologia¹⁸⁵.

É importante também pensarmos no processo de institucionalização da geografia no Brasil que está intrinsecamente ligado ao projeto modernizador na área educacional implementado a partir da década de 1930¹⁸⁶. A geografia seria a disciplina central para que Josué de Castro desenvolvesse as suas obras mais conhecidas: *Geografia da Fome* (1946) e *Geopolítica da Fome* (1951). O reconhecimento como geógrafo e os estudos sobre nutrição abriram possibilidades para que passasse a ocupar espaços de destaque durante o Estado Novo e também no segundo governo Vargas. Durante os anos 1930, a emergência de um projeto de modernização para o Brasil e busca por identidades se articularam com o pensamento geográfico, principalmente por meio da relação entre natureza, sociedade e território, que estavam atreladas às ideias de progresso¹⁸⁷.

¹⁸⁴ Sobre o grupo de intelectuais que formou o corpo docente dessa faculdade comentou Sylvia Couceiro: “Iniciativa realmente pioneira de Pernambuco é a criação, em fins do ano de 1931, da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais, pois apareceu antes dos cursos de Filosofia do âmbito federal. Foram os organizadores desta escola: Aníbal Bruno (diretor), Josué de Castro, Sílvio Rabelo, Luiz de Barros Freire, Alúcio Bezerra Coutinho, Olívio Montenegro e Gilberto Freyre”. COUCEIRO, Sylvia Costa. Prefácio. In: BARROS, Manuel de Souza. *A década 20 em Pernambuco*. Recife: CEPE, 2015, p. 16.

¹⁸⁵ Em um prefácio um dos principais interlocutores e amigos de Josué de Castro, o economista Souza Barros, autor do livro *A década de 20 em Pernambuco* relatou no prefácio do livro de Alain Tobelem um indício importante sobre as leituras do campo da geografia realizadas por Josué de Castro naquele momento: “Antes de partir mandou-me um recado: Que o procurasse no consultório. Era pra me oferecer uma série de livros referentes à sua cadeira na Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais do Recife e onde entre outros estavam os 3 tomos, valiosos, de Jean Brunet [geógrafo francês]. BARROS, Manuel de Souza. Prefácio. In: TOBELEM, Alain. *Josué de Castro e a descoberta da fome*. Rio de Janeiro: Editora Leitura, 1974, p. 18.

¹⁸⁶ Esse contorno institucional outorgou à Geografia brasileira possibilidades e condições concretas de seu desenvolvimento, permitindo a constituição da profissão de geógrafo e do professor de Geografia para o ensino médio e superior, algo novo para o cenário intelectual no Brasil. Ver: MACHADO, Mônica Sampaio. *A construção da Geografia Universitária no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2009: 36.

¹⁸⁷ MACHADO, Lia Osório. As idéias no lugar. O desenvolvimento do pensamento geográfico no Brasil no início do século XX. In: *Terra Brasilis* (Revista de História do Pensamento Geográfico no Brasil). Rio de Janeiro: julho/dezembro de 2000, ano I, nº 2, p. 11-31.

PROF. JOSUÉ DE CASTRO. CHEGOU, HONTEM, DA ARGENTINA, ESSE ILLUSTRE PHYSIOLOGISTA PERNAMBUCANO.

Pelo “General Artigas” chegou hontem da Argentina, onde fez um importante curso de especialização, no serviço do Prof. Pedro Escudero, director do Instituto Municipal de La Nutricion, Hospital Rawson, de Buenos Ayres, o prof. Josué de Castro, professor da Faculdade de Filosofia e Ciencias Sociaes e livre docente de Physiologia da Faculdade de Medicina do Recife. O Prof. Castro teve um concorrido desembarque tendo recebido innumeradas de pessoas de suas relações de amizade, que vão o abraçar em sua residência pelo seu sucesso nos grandes centros do Rio, São Paulo e Buenos Ayres onde fez importantes conferências. O prof. Josué de Castro acaba de fechar contracto, com a “Cia. Editora Nacional” de São Paulo para edictar o seu novo livro: “O Problema da Alimentação no Brasil”, em luxuosa edição de 3000 volumes, fazendo parte da Bibliotheca Pedagogica Brasileira (Coleção Brasileira), sob a direção do Prof. Fernando Azevedo. O livro do prof. Josué de Castro que estuda o problema da alimentação sob o ponto de vista médico social, é prefaciado pelo ilustre médico argentino, prof. Pedro Escudero. Cathedratico de Clinica Medica da Faculdade de Medicina de Buenos Ayres e a maior autoridade em nutrição nos países latino-americanos¹⁸⁸.

A notícia, com um tom de discurso entusiasmado, foi publicada em uma coluna do *Jornal do Recife* intitulada “Em Prol do Sertão”. Trata inicialmente do contato de Josué de Castro com o Prof. Pedro Escudero¹⁸⁹, na época era um dos principais estudiosos de nutrição na América Latina. Essa aproximação possibilitou a inserção de Josué de Castro em uma rede de debates intelectuais sobre a nutrição nas Américas e no mundo, bem como em sucessivas participações nas Conferências latino-americanas de Nutrição. Desse modo, “uma face importante dos primeiros textos de Josué de Castro – a formulação de dietas básicas para a população brasileira – demonstra as influências de

¹⁸⁸ *Jornal do Recife*, Recife, quinta-feira, 24 de janeiro de 1934:2. Acervo Pessoal Josué de Castro - Fundaj. Pasta 25.

¹⁸⁹ Sobre o médico e nutrólogo Pedro Escudero afirmou a historiadora Cláudia Louback do Nascimento: “Ele foi o pioneiro na Argentina, desenvolvendo a ciência da Nutrição em relação à esfera social e no âmbito de suas aplicações práticas. Em 1926, criou o Instituto de Nutrição de Buenos Aires, após acompanhar os avanços dessa área em outros países, principalmente nos Estados Unidos. Em 1933 criou a Escola Municipal de Dietistas, a qual foi elevada a nível universitário com a criação do “Instituto Nacional de La Nutrición” oferecendo em 1939, bolsas de estudo aos países latino-americanos, constituindo-se assim em um marco na formação do nutricionista na América do Sul”. NASCIMENTO, Cláudia Louback do. *Entre Homens e Caranguejos: o debate em torno da obra de Josué de Castro em Pernambuco*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006, p. 39.

Pedro Escudero”¹⁹⁰. Por outro lado, a docência nas faculdades de Medicina e de Filosofia e Ciências Sociais aproximou Josué de Castro dos campos disciplinares aparentemente distintos da geografia e da nutrição. Durante a década de 1940, esses saberes foram mobilizados de forma interdisciplinar, como ferramentas de análise que tornaram possível a elaboração de *Geografia da Fome*.

A reportagem faz menção, ainda, ao que provavelmente foi um dos primeiros contratos editoriais do autor. No início de uma carreira acadêmica, participar de uma coletânea dirigida pelo sociólogo Fernando de Azevedo, um dos intelectuais brasileiros de maior expressão no início do século XX, era um privilégio para poucos. Azevedo era um defensor do desenvolvimento da ciência e afirmava que “o grande atraso da nossa organização social se devia à nossa tardia produção científica e, principalmente, à ausência de espírito crítico e científico nas elites desse país. Uma elite, como dizia, entusiasmada pela palavra fácil e sonora”¹⁹¹. Fernando de Azevedo dirigiu um projeto editorial intitulado Biblioteca Pedagógica¹⁹² que viabilizou a publicação e circulação de inúmeros títulos.

Essa publicação será fundamental para que a sua obra passe a circular no Brasil e também na Argentina. No prefácio de “O Problema da Alimentação no Brasil”, o Prof. Pedro Escudero, um dos primeiros e principais interlocutores de Josué de Castro no campo da Nutrição, afirma: “*la ciencia de la Nutrición há elegido a tal grado de perfección que es necesario que seam aplicados por todos los médicos, sociólogos e industriales para resolver, uno de los problemas de la sociedad em estos momentos: la alimentación racional y econômica de los pueblos*”¹⁹³. Essas palavras se assemelham à obra de Josué de Castro que, em vários momentos, defendeu medidas de intervenção estatal para combater a fome. O discurso também apresenta a preocupação política com

¹⁹⁰ MAGALHÃES, Rosana. *Fome: uma (re) leitura de Josué de Castro*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1997, p. 34.

¹⁹¹ GUALTIERI, Regina Cândida Ellero. Fernando de Azevedo e a renovação cultural dos anos 1930 e 1940. CARULA, Karoline. CORRÊA, Magali Gouveia Engel (Orgs). *Os intelectuais e a nação: educação, saúde e a construção de um Brasil moderno*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2013, p. 141.

¹⁹² Segundo Regina Gualtieri: “A Biblioteca Pedagógica brasileira foi concebida com cinco séries, a saber: I-Literatura Infantil; II-Livros didáticos; III- Atualidades pedagógicas; IV – Iniciação científica; e V – Brasileira, para as quais a incumbência de Azevedo era selecionar os títulos e os autores em função do público visado, apresentá-los em determinada seqüência, e cuidar da organicidade das coleções. GUALTIERI, 2013: Fernando de Azevedo e a renovação cultural dos anos 1930 e 1940. CARULA, Karoline. CORRÊA, Magali Gouveia Engel (Orgs). *Os intelectuais e a nação*: Op. Cit, 2013, p. 145.

¹⁹³ ESCUDERO, Pedro. Prefácio. In: CASTRO, Josué de. *O Problema da Alimentação no Brasil*. São Paulo/ Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional (Col. Brasileira), 1934, p. 57.

uma alimentação racional de um mundo que estava entre guerras. Após clinicar e lecionar no Recife por cinco anos, Josué de Castro retorna à Capital Federal, Rio de Janeiro:

Os motivos de sua mudança repentina para o Rio de Janeiro permanece, assim como outros episódios de sua vida, sem muitas referências por parte de Josué. Os próprios filhos também não puderam ajudar a explicar este episódio na vida do pai, pois nada ou quase nada sabiam a respeito. O fato é que Josué parecia apagar da memória certos episódios de sua vida, alguns acontecimentos que deveria julgar só seus, quiçá dolorosos ou comprometedores não eram nunca revelados ou comentados, nem a nível doméstico. Em 1935, inicia no Rio de Janeiro uma nova vida. Deixa para trás a clínica freqüentada pelos clientes ricos, a docência de Fisiologia na Faculdade de Medicina, a de Geografia Humana na Faculdade de Filosofia, o cargo de vice-diretor da recém fundada faculdade, os amigos e também os desafetos. Uma nova fase da vida lhe aguardava com todas as suas venturas e desventuras. O Brasil vivia a “Era Vargas”¹⁹⁴.

Os anos vividos no Recife foram muito importantes para a formação do intelectual Josué de Castro, principalmente pela experiência acadêmica que adquiriu com a iniciação à docência, bem como pelo contato com a hierarquia do mundo universitário brasileiro. A necessidade de selecionar o que deve ser contado e lembrado, inclusive aos familiares, demonstra uma preocupação com a formação da sua imagem e com aquilo que é exclusivamente de foro íntimo. Infelizmente as correspondências desse momento da sua trajetória são fragmentadas e praticamente inexistentes no acervo pessoal. Josué de Castro deixava para trás a inserção no meio intelectual de Pernambuco, um conceituado consultório médico, “onde se dedicava à especialidade de fisiologista”¹⁹⁵, para se aventurar na capital do Brasil.

Provavelmente a escolha do Rio de Janeiro, cidade na qual já havia habitado quando era estudante de medicina, tenha sido levada em consideração pela oportunidade de transitar nos meios intelectuais. A Capital Federal dispunha de universidades que tinham uma vida acadêmica intensa, o que possibilitaria a Josué de Castro participar e ter acesso a debates intelectuais mais atualizados. Além disso, possibilitaria construção

¹⁹⁴ SILVA, Tânia Elias Magno da. *Josué de Castro*: Op. Cit, 1998, p. 82.

¹⁹⁵“Possuía um badalado consultório, onde se dedicava à especialidade de fisiologista e para onde acorriam as senhoras gordas que queriam emagrecer e não sabiam como”. SANTIAGO, Vandek. *Josué de Castro*: Op. Cit, 2008, p. 31.

de outras redes intelectuais e políticas que permitissem a aproximação com a renovação cultural que estava em curso durante a década de 1930 e que se estenderia pelos anos 1940.

2.3 – “Deixe-me ir. Preciso andar”: o retorno ao Rio de Janeiro

Em 1935, o Brasil enfrentava a insatisfação de alguns setores com os rumos do processo político iniciado com a Revolução de 1930. Era fundada a Aliança Nacional Libertadora, que defendia propostas nacionalistas, liderada por comunistas, congregando diversos setores do Exército, da Igreja Católica e até mesmo dos liberais. A ALN tinha inspiração nas frentes populares europeias, surgidas para impedir o avanço dos movimentos nazi-fascistas europeus. Esse momento histórico é marcado pelas tensões entre o governo Vargas e a ALN. No Brasil, assim como em várias partes do mundo, o liberalismo perdia terreno¹⁹⁶ e dava lugar à via autoritária.

A Capital Federal respirava os ares das tensões entre o governo Vargas e os comunistas¹⁹⁷. Josué de Castro também encontra, na cidade do Rio de Janeiro, um debate intenso nos meios intelectuais sobre os novos rumos das universidades no Brasil. Por essa época, o Distrito Federal viveu sob administração de Pedro Ernesto Batista, que delegou a Anísio Teixeira¹⁹⁸, educador integrante da Escola Nova¹⁹⁹, a Diretoria-

¹⁹⁶ “O fascismo vinha crescendo no mundo e empolgando aqueles que viram o capitalismo de livre-concorrência esfacelar-se com a quebra da bolsa de Nova Iorque. Atraía, com seu discurso nacional-revanchista e falsamente anticapitalista, setores sociais politicamente atrasados e angustiados pela catástrofe provocada pela grande crise do período entre guerras. Os governos “fortes” pareciam a melhor saída para a crise. Mussolini era dado como exemplo e em breve Hitler chegaria ao poder na Alemanha, prometendo ao país a glória da dominação do mundo até o final dos séculos. As democracias ocidentais viam os dois com muito bons olhos e muitas vezes os citavam como exemplos a ser seguidos. Num ponto estavam certos: nazifascismo era um grande aliado do comunismo. No Brasil, com uma cultura política autoritária e excludente, havia terreno fértil para a direita extremada”. VIANNA, Marly de Almeida Gomes. O PCB: 1929-43. In: FERREIRA, Jorge. REIS, Daniel Aarão. *Nacionalismo e Reformismo Radical* (1889-1945). As esquerdas no Brasil; v.1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 338-339.

¹⁹⁷ “A luta contra o comunismo serviu ainda ao governo para preparar o fim do curto experimento constitucional inaugurado em 1934. As revoltas de 1932 e 1935 tinham possibilitado aos novos chefes do Exército, promovidos a partir de 1930, a livrar-se dos radicais e outros oposicionistas dentro da corporação”. CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: O longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, p.105.

¹⁹⁸ Anísio Spínola Teixeira nasceu em 12 de julho de 1900 em Caetité no estado da Bahia e faleceu no Rio de Janeiro, 11 de março de 1971. Anísio Teixeira foi jurista, intelectual, educador e escritor, fundamental na história da educação no Brasil por ter difundido os pressupostos do movimento da *Escola Nova*. Esteve entre os responsáveis pela reformulação do sistema educacional da Bahia e do Rio de

Geral de Instrução do Rio de Janeiro. Em 1935, Anísio transformou a antiga Escola Normal em uma escola superior para professores. Segundo a historiadora Marieta de Moraes Ferreira:

A administração de Pedro Ernesto possibilitou uma experiência pioneira e original na história das universidades brasileiras. O objetivo da nova universidade era encorajar a pesquisa científica, literária e artística, e propagar as aquisições da ciência e das artes através do ensino regular de suas escolas e dos cursos populares. A UDF pretendia não apenas produzir profissionais, mas formar “quadros intelectuais” para o Brasil. Em seu primeiro ano de funcionamento, inaugurou os primeiros cursos de formação de professores e de especialização em diversas disciplinas. Em 1936, contava com aproximadamente 400 alunos e, em 1937, diplomou seus primeiros graduados²⁰⁰.

Estava criada a Universidade do Distrito Federal (UDF), que desenvolveu uma importante experiência no mundo universitário brasileiro, principalmente no que concerne a formação intelectual. A UDF tinha como preceito aproximar os intelectuais recém formados de ações ligadas à educação, promovendo o diálogo da Universidade com o sistema de Ensino Básico do Rio de Janeiro. Os diversos institutos e escolas que compunham a UDF (Institutos de Educação, Artes, Escolas de Direito e Economia, Filosofia e Letras) eram distribuídos por prédios públicos da região central da cidade²⁰¹.

A experiência como docente no Recife fez Josué de Castro²⁰² vislumbrar a possibilidade de lecionar na Universidade do Distrito Federal²⁰³. A sua inserção no meio

Janeiro, exercendo vários cargos executivos. A defesa da ideia de uma educação integral e gratuita para todos também esteve entre as suas concepções. Também foi um dos fundadores e Reitor da Universidade de Brasília entre anos de 1963 e 1964.

¹⁹⁹“O movimento da Escola Nova, sem se constituir em um projeto totalmente definido, estruturava-se ao redor de alguns grandes temas e de alguns nomes mais destacados. A escola pública, universal e gratuita ficaria com sua grande bandeira. A educação deveria ser proporcionada para todos, e todos deveriam receber o mesmo tipo de educação. Ela criaria, assim, uma igualdade básica de oportunidades, a partir da qual floresceriam as diferenças baseadas nas qualidades pessoais de cada um. Caberia ao setor público, e não a grupos particulares, realizar esta tarefa; pela sua complexidade e tamanho, como também pelo fato de que não seria o caso de entregá-la ao facciosismo de setores privados. Este ensino seria, naturalmente, leigo. Sua grande função era, em última análise, formar o cidadão livre e consciente que pudesse incorporar-se, sem a tutela de corporações de ofícios ou organizações sectárias de qualquer tipo, ao grande Estado Nacional em que o Brasil estava se formando.” SCHWARTZMAN, Simon. BOMENY, Helena Maria Bousquet. COSTA, Vanda Maria Ribeiro. *Tempos de Capanema*. São Paulo: Paz e Terra: Fundação Getúlio Vargas, 2000, p. 70.

²⁰⁰ FERREIRA, Marieta de Moraes. *A história como Ofício*. Op.Cit, 2013, p. 22-23.

²⁰¹ Idem, ibdem.

²⁰² Nesta época colabora com vários Jornais e Revistas do Rio de Janeiro e Recife, entre estes se destacam: *Diário Carioca*; *A Nação*, *A Manhã*, *Revista Carioca no Rio*, e *Revista Para Todos*, em Recife. SILVA,

acadêmico do Rio de Janeiro se fazia oportuna para continuar seus planos nas áreas de pesquisa e escrita; mas, para isso, era necessário se institucionalizar novamente. Nesse sentido, Josué de Castro mobilizava sua rede intelectual, ressaltando sua disponibilidade para a então recém criada Universidade. Entra em contato com Anísio Teixeira solicitando-lhe posicionamento sobre uma promessa de vaga como professor assistente que este diretor teria lhe feito por intermédio de Paulo Carneiro. Ao mesmo tempo, nessa correspondência, deixa transparecer certa ansiedade, seja em relação à possibilidade de se integrar à UDF e/ou mesmo de deixar o Rio:²⁰⁴

Prezado Dr. Anísio, 1935

Já o tenho procurado várias vezes para saber a resposta da promessa de assistente da Universidade que recebi da sua parte, por intermédio do Paulo Carneiro, mas infelizmente não o tenho encontrado. Creio noutras partes tudo continua no mesmo, desejava antes de resolver-me a não esperar mais aqui no Rio, ter uma resposta sua definitiva. Sendo difícil falhar-lhe pessoalmente dado seus múltiplos afazeres.
Josué de Castro²⁰⁵.

Porém, a tentativa de conseguir uma vaga como professor da UDF²⁰⁶ por intermédio de Anísio Teixeira – que possuía um cargo importante na administração local – parecia não ter sucesso. Infelizmente a resposta a essa solicitação não foi encontrada no acervo pessoal de Josué de Castro. No entanto, no decorrer da pesquisa percebemos que a indicação viria por meio de outro intelectual reconhecido na época, Roquette Pinto, que por motivos maiores não poderia assumir a cadeira que lhe foi oferecida na

Tânia Elias Magno da. *Josué de Castro: Op. Cit.*, 1998: 83. Naquele momento Josué de Castro também prestou concurso para Assistente da Diretoria de Estatísticas e Produção do Ministério da Agricultura sendo aprovado na prova oral primeira fase do concurso, mas foi reprovado no julgamento das teses. **Jornal do Brasil**, quarta-feira, 11 de dezembro de 1935.

²⁰³Intelectuais como Gilberto Freyre, Sergio Buarque de Holanda, Afonso Arinos também foram docentes e contemporâneos do Josué de Castro na Universidade do Distrito Federal.

²⁰⁴“As cartas fazem parte e expressam um *habitus*, ou seja, comportamentos regidos por valores próprios de uma dada época ou grupo social no qual se inserem ações individuais, num jogo entre indivíduo e contexto que constitui a dimensão da individualidade”. MALATIAN, Teresa. Narrador, registro e arquivo. PINSKY, Carla Bassanezi. LUCA, Tânia Regina de. (Orgs.). *O Historiador e Suas Fontes*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 201.

²⁰⁵ Arquivo Pessoal Anísio Teixeira – CPDOC-FGV/RJ. AT c, 1935.

²⁰⁶Sobre Paulo Carneiro: foi um intelectual do campo de saber da química, ligado ao Ministério da Agricultura e um dos importantes nomes do positivismo no Brasil ver: MAIO, Marcos Chor (Org.). *Ciência, política e relações internacionais: ensaios sobre Paulo Carneiro*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz e Unesco, 2004.

UDF. Iniciava-se assim um novo momento na trajetória acadêmica de Josué de Castro como professor universitário, nesse momento no círculo intelectual do Rio de Janeiro.

Rio, 7 de Maio de 1936

Exmo. Sr. Dr. Edmundo da Luz Pinto
D.D Diretor da Escola de Economia e Direito da Universidade do Distrito Federal
Senhor Diretor

Recebi com muito desvanecimento o honroso convite do Exmo Sr. Reitor da universidade e de V.Ex. para reger a cadeira de Antropologia da Escola de Economia e Direito. Infelizmente o meu estado de saúde não me permite mais os árduos trabalhos do magistério efectivo. Só por isso vejo me forçado a declinar do alto posto. No sincero desejo de colaborar com V.Ex. e como o Exmo sr Reitor peço permissão para lembrar o nome do Prof. Dr. Josué de Castro, da Fac. de Medicina do Recife, publicista conhecido, autor de valiosos trabalhos de natureza antropológica, moço de grande talento e erudição, de moralidade inatacável, brilhante expositor.

Agradecendo de coração ao Exmo sr. Reitor e a V.Ex peço receber os protestos da minha elevada estima e consideração.

E. Roquette-Pinto²⁰⁷

A historiadora Regina Horta Duarte, em *A biologia militante*, investiga como na primeira metade do século XX, acadêmicos brasileiros, ligados a área de biologia, faziam de suas pesquisas ferramentas para a construção de uma identidade nacional. Entre esses cientistas, que buscavam a divulgação de suas ideias e desejavam o apoio do governo para a construção de políticas públicas voltadas para a área da educação e proteção ambiental, estava Roquette-Pinto²⁰⁸. A aproximação entre Josué de Castro e Roquette-Pinto, muito provavelmente se estreitou quando o último foi professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. A obra de Josué de Castro já era reconhecida nos campos da antropologia e da nutrição. Além da carta de referência, Roquette-Pinto também se mostrava um admirador dos trabalhos de Josué de Castro, como demonstrou

²⁰⁷Acervo PROEDES – UFRJ. UDF. Pasta 01. Documento 07.

²⁰⁸Sobre a participação de intelectuais ligados ao saber biológico que utilizaram suas pesquisas para a construção de uma identidade nacional ver: DUARTE, Regina Horta. *A Biologia Militante: o Museu Nacional, especialidade científica, divulgação do conhecimento e práticas políticas no Brasil. 1926-1945*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

em uma resenha sobre o livro *Alimentação e Raça*²⁰⁹, veiculada em um dos jornais da cidade:

Alimentação e Raça

E. Roquette-Pinto

(...) “Alimentação e Raça”, palpitante assumpto agora versado em livro pelo prof. Josué de Castro, antigo professor de Physiologia da Faculdade do Recife. (...) Ao alcance de todos, em linguagem colorida, mas simples, estuda o conceito geral do alimento e passa em revista a carne, os saes minerais, o leite e as vitaminas. (...) A produção e o consumo das verduras, tão importantes da saúde, dependem muito mais da educação do que mesmo do bem estar da riqueza. E não é demais concluir que até mesmo aqui, o menu, o problema entre nós é, principalmente EDUCAR²¹⁰.

Em *Alimentação e Raça* o autor realiza uma incursão nos saberes da antropologia e da nutrição. A obra foi composta de monografias, reflexões, pesquisas e artigos de jornais, em sua maioria elaborados durante o período em que lecionou no Recife. O livro foi publicado por intermédio da “Bibliotheca de Divulgação Científica”, dirigida pelo antropólogo Arthur Ramos, também professor da UDF. Por outro lado, a aproximação com Roquette-Pinto que era um dos intelectuais mais reconhecidos no Brasil na época, colaborou para que Josué de Castro pudesse circular nos meios intelectuais cariocas e conquistar, mesmo que provisoriamente, a institucionalização.

É importante lembrarmos que a atuação de Josué de Castro enquanto acadêmico, professor e escritor, não está dissociada da clínica médica. Desde os tempos que atuava em Recife, Josué nunca deixou de se dedicar aos trabalhos clínicos. No retorno ao Rio de Janeiro, além de fazer parte da equipe do Professor Annes Dias do Hospital Estácio de Sá²¹¹, manteve um consultório particular como demonstra o anúncio a seguir:

²⁰⁹ CASTRO, Josué de. *Alimentação e raça*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.

²¹⁰ **Diário Carioca**, domingo, 12 de janeiro de 1936, p. 14.

²¹¹ *Jornal do Brasil*, quarta-feira, 22 de maio de 1935:6. Acervo Pessoal Josué de Castro - Fundaj. Pasta 35.

CLÍNICA DE DOENÇAS DA NUTRIÇÃO DR. JOSUÉ DE CASTRO. Cursos de especialização na América e Argentina – Diabete – Obesidade – Estomago – Intestino- Fígado – Medida do Metabolismo Basal. Rua da Assembléia, 98-5º - TELS, 22-5586 e 25-3942. Consultas: As 2as, 4as e 6as – de 17 em diante e as 3as, 5as e sábados, de 10 as 12 horas²¹².

A dedicação a várias atividades simultâneas e muitas vezes em diferentes campos do saber representam um traço interdisciplinar importante nessa trajetória. A dimensão internacional dada ao currículo do Dr. Josué de Castro²¹³ era uma tentativa de chamar atenção daquela sociedade que valorizava o novo e o desconhecido. Nesse sentido, a dedicação à clínica está ligada também a um lugar social, às redes desse campo profissional, e principalmente as relações de poder que implicam o saber médico.

Entretanto, o período em que Josué de Castro foi docente da UDF foi um momento de turbulência política²¹⁴. A vida da universidade, fundada nos ideais da Escola Nova, seria curta. Os intelectuais católicos, entre eles Alceu Amoroso Lima, pressionavam o então Ministro da Educação e Saúde Pública, Gustavo Capanema²¹⁵, para que Anísio Teixeira fosse demitido. Com a radicalização política, causada pelo levante comunista de 1935, Anísio e vários professores da UDF foram afastados, além do prefeito do Distrito Federal, Pedro Ernesto, que foi preso. A instalação do Estado Novo em 1937 e a criação da Universidade do Brasil nesse mesmo ano²¹⁶,

²¹² *Diário Carioca*, domingo 22 de setembro de 1935:2. Acervo Pessoal Josué de Castro - Fundaj. Pasta 22.

²¹³ Segundo a Professora Tânia Elias Magno: “A mudança para o Rio de Janeiro trouxe um começo de vida difícil, com muito trabalho e dificuldades financeiras, agora tinha sob sua responsabilidade a mãe e a esposa”. SILVA, Tânia Elias Magno da. *Josué de Castro*: Op. Cit: 1998, p. 84.

²¹⁴ No que concerne a radicalização política e o início do projeto ditatorial do Estado Novo, afirma a historiadora Marieta de Moraes Ferreira: “A polarização política entre forças de esquerda e de direita no Brasil era parte de uma conjuntura que desembocou em um golpe de Estado que garantiu a Getúlio Vargas sua permanência no poder, agora como ditador”. FERREIRA, Marieta. *A História como ofício*. Op. Cit, p. 33.

²¹⁵ Sobre a trajetória e atuação de Gustavo Capanema afirmou a historiadora Angela de Castro Gomes: “Capanema conseguiu produzir entre os intelectuais, mas não apenas entre eles, a imagem de um espaço distinto do restante do aparelho de Estado, este sim mais identificado com a opressão física e simbólica de um regime autoritário. GOMES, Angela de Castro. (Org.). *Capanema: o Ministro e seu Ministério*. Rio de Janeiro, Editora da FGV, 2000, p. 14.

²¹⁶ Em 1937, Josué de Castro publica um dos seus primeiros trabalhos sobre geografia humana, no qual problematiza os hábitos alimentares do Brasil a partir dos métodos da geografia. Naquele momento, a geografia passava pelos processos de institucionalização da disciplina no Brasil. Nesse trabalho, o método geográfico começa a ser utilizado para abarcar os diversos aspectos biológicos e sociais da alimentação, visando à compreensão de sua influência na evolução do povo brasileiro. A partir de regimes alimentares, o país é dividido em cinco regiões, com qualidades e defeitos específicos. Essa divisão do Brasil em cinco

possibilitaram o fechamento da UDF. Mas somente em 20 de janeiro de 1939, por meio do Decreto-Lei nº 1.063, houve a transferência dos seus estabelecimentos de ensino para a nova universidade²¹⁷. Alguns professores, como Josué de Castro e o Padre Maurílio Penido, estavam na Europa, participando de cursos e conferências, e não tomaram conhecimento sobre o desaparecimento da instituição.

2.3.1 – Entre os caminhos da Europa e o fim da UDF

Ainda em 1938, Josué de Castro realizou uma viagem para conferências e estudos na Itália, conforme registrou o *Jornal do Brasil* na sessão “Notas Sociais”: “Josué seguindo para proferir conferências sobre nutrição na Europa. A bordo do Neptunia”²¹⁸ um luxuoso transatlântico italiano. Ao chegar em Roma, Josué se corresponde com o Professor Luiz Camillo²¹⁹, um dos intelectuais que esteve a frente do movimento que criou a UDF. Escreveu Josué de Castro:

regiões será a base para estruturar o livro Geografia da Fome. CASTRO, Josué de. *A Alimentação brasileira à luz da geografia humana*. Porto Alegre: Globo, 1937.

²¹⁷ FERREIRA, Marieta de Moraes. *A História como ofício*. Op. Cit, 2013, p. 32-33.

²¹⁸ **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 23 de novembro de 1938, p. 10.

²¹⁹ O livro da historiadora Marieta de Moraes Ferreira, *A história como ofício*, traz em sua segunda parte intitulada: “Perfis e Trajetórias” informações importantes sobre a vida e a obra de Luiz Camillo. FERREIRA, Marieta de Moraes. *A História como ofício*. Op. Cit, 2013, p. 126-131.

Roma, 18 de dezembro de 1938.

Meu caro Luiz Camillo:

Depois de uma viagem com escalas interessantes chegamos a Trieste, a 8 do corrente, onde fomos festivamente recebidos por representantes do governo, professores, jornalistas e amigos. De Trieste viemos diretamente a Roma onde permanecemos há oito dias. (...) Tenho estado em Roma em contato com professores e intelectuais que tem me dado muito boa impressão. Uma das melhores é a que tenho do Prof. Carlos Foá, grande fisiólogo e biólogo, ex-catedrático da Universidade de Milão. O Prof. Foá é um dos maiores biólogos da Itália e mesmo, do mundo, com uma cultura e um patrimônio de trabalho realizado, verdadeiramente assombroso. Infelizmente o Prof. Foá é judeu e com os novos decretos políticos teve que deixar a cátedra de professor. Sem possibilidade na Itália, o prof. Foá deseja ir para o estrangeiro. Como ele já esteve no Brasil realizando conferências no Rio e em São Paulo, consultou-me sobre a possibilidade de aproveitamento em um desses dois centros de estudos. Ora meu caro Luiz, acho que seria para o Brasil e para todos nós uma aquisição inestimável levar o prof. Foá para trabalhar e produzir entre nós, um cientista da estrutura do prof. Foá. Estude o assunto e mande-me dizer alguma coisa, antes que os Estados Unidos mandem buscar esse grande professor e possamos perder, deste modo, tão rara oportunidade. Além deste caso, peço o favor de me escrever, dando notícias gerais de nossa Universidade e dos projetos de minhas atividades no próximo ano. Já fui recebido pelo Reitor da Universidade de Roma que pôs a minha disposição os laboratórios dos Institutos de Antropologia, Biologia e Geografia para os meus estudos. São laboratórios verdadeiramente maravilhosos. Resta-me saber apenas, em qual deles devo permanecer, e isso depende das decisões tomadas aí e que só você poderá me transmitir. Diga-me também alguma coisa sobre a minha licença. Via Crivelli, 12 – Milano – Itália²²⁰.

A Europa passava por um momento de ascensão dos regimes totalitários nazifascistas, as notícias de Josué de Castro traduzem a perseguição aos judeus na Itália, que seria intensificada nos anos seguintes. O que a escrita de Josué não leva em consideração é a aproximação do Estado Novo com a ideologia fascista dos países do Eixo, fato que impossibilitaria a provável vinda do Professor Carlos Foá, de quem não sabemos o destino. O governo Vargas procurou dificultar a imigração de judeus refugiados da Europa por meio de uma política imigratória restritiva²²¹.

²²⁰ Arquivo Pessoal Luiz Camillo. Fundação Casa de Rui Barbosa-RJ. LCON Código, p. 162.

²²¹ A historiadora Maria Luiza Tucci Carneiro ao trabalhar com a imigração dos judeus para o Brasil durante o Estado Novo afirma: “As manifestações de anti-semitismo verificadas no Brasil durante a Era Vargas e, mais especificamente, durante o Estado Novo, estão vinculadas aos seguintes fatores: ao panorama político-econômico europeu, a influência das ideias nazistas no Brasil, à persistência de um

No entanto, essa primeira viagem de Josué de Castro a Europa foi um marco importante para o seu pensamento e para a sua trajetória enquanto intelectual²²². Os contatos estabelecidos, as trocas de experiências, os processos de circulação de ideias, além da vivência nos laboratórios dos institutos de Antropologia, Biologia e Geografia, irão contribuir sobremaneira para as suas reflexões intelectuais. A incerteza sobre qual caminho seguir nos estudos na Universidade de Roma demonstram, novamente, a dimensão interdisciplinar do seu pensamento. Por outro lado, as incertezas em torno da UDF provocavam apreensão sobre os próximos passos daquela experiência. Josué de Castro ainda não havia conquistado um vínculo efetivo com a universidade; as suas palavras demonstram a preocupação, provavelmente com um futuro concurso para uma das disciplinas que lecionava.

Infelizmente, não encontrei a resposta de Luiz Camillo²²³. Àquela altura, Josué de Castro, enquanto professor, já havia restabelecido o contato com a disciplina de Geografia humana, e lecionado também a disciplina de Antropologia Física na UDF. No retorno ao Brasil, era preciso saber qual caminho institucional seguiria. Após a finalização das atividades da UDF muitos professores foram reaproveitados na Universidade do Brasil. Em 1939 foi criada a Faculdade Nacional de Filosofia, que abrigou os cursos das ciências humanas entre esses o curso de História e Geografia. Preocupado com o seu lugar institucional, Josué de Castro, recém chegado da Europa, enviou uma carta ao Ministro Gustavo Capanema:

pensamento racista e elitista entre os intelectuais brasileiros, à sobrevivência de um regime autoritário no período de 1937-1945, e a adoção de uma política imigratória restritiva aos judeus pelo governo brasileiro, nitidamente caracterizada por diretrizes eugênicas e raciais”. CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Brasil, Um Refúgio nos Trópicos*. A Trajetória dos Refugiados do Nazi-Fascismo. São Paulo: Estação Liberdade/Instituto Goethe, 1996, p. 103.

²²² Em sua estada na Europa, Josué de Castro também publicou um trabalho sobre alimentação e clima que envolvia os conhecimentos de nutrição, antropologia e geografia. CASTRO, Josué de. *Alimentazione e Acclimatazione Umana nel Tropici*. Milão, 1939.

²²³ Sobre a trajetória de Luiz Camillo ver também: PENNA, Maria Luiza. *Luiz Camillo: perfil intelectual*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006, p. 188-212.

Universidade do Distrito Federal
Cadeira de Antropologia Física
Prof. Josué de Castro
Rio, 11 de abril de 1939.

Exmo. Sr.
Ministro Gustavo Capanema
NESTA.

Como é talvez do conhecimento de V.Excia, fui durante os anos de 1935, 1936, 1937 professor de Antropologia da Universidade do Distrito Federal, tendo sido indicado para esse cargo pelo Prof. Roquette-Pinto. Em 1938, foi porém, de acordo com a reforma desta Universidade, suprimida a cadeira de Antropologia, tendo o então Reitor processado a minha transferência para a cadeira de Geografia na situação menos interessante de professor-adjunto. Atendendo aos meus protestos, recebi posteriormente do novo Reitor a promessa categórica de ser restabelecida a minha cadeira de Antropologia. Baseado nessa promessa, os quatro meses da minha estadia na Europa para aperfeiçoar os meus conhecimentos nesta disciplina. De regresso ao Brasil, fui surpreendido com as novas disposições de Lei, pelas quais a Universidade do Distrito Federal deverá ser extinta. Verifiquei, porém, com prazer que na Escola de Filosofia, Ciências e Letras faz parte de seu curriculum uma cadeira de Antropologia e Etnografia. Esta verificação me leva a preparar-me com entusiasmo para um futuro concurso. Como, entretanto, segundo o regulamento publicado, venho submeter a apreciação de V.Excia. esta minha aspiração a reger esta Cadeira na qual poderia continuar as pesquisas que há tempo me venho dedicado no estudo da raça, dos biótipos, do crescimento, da nutrição e de outros aspectos da antropologia brasileira²²⁴.

As incertezas provocadas pelos contornos institucionais da criação da Faculdade Nacional de Filosofia fizeram Josué de Castro utilizar-se da retórica nessa correspondência. Ao apresentar o seu currículo, ele se coloca como o professor mais indicado para assumir a cadeira de Antropologia e Etonografia, já que havia lecionado a disciplina durante três anos na então UDF. Ao mesmo tempo, destaca a importância do desenvolvimento das suas pesquisas que, naquele momento histórico, se constituíam como fatores importantes para o Estado Novo.

Outros intelectuais também entraram na disputa pelas disciplinas da nova universidade. No que concerne a “cadeira de Antropologia e Etnografia, também estava sendo solicitada por Arthur Ramos, então diretor do Museu Nacional, pessoa bastante

²²⁴ Carta de Josué de Castro endereçada ao Ministro Gustavo Capanema. Acervo PROEDES-UFRJ. UDF. Documento 125. Pasta 12.

influyente à época. Arthur Ramos²²⁵ acaba assumindo a cátedra²²⁶. Naquele momento, a disciplina de Geografia Humana, que havia lecionado no último ano na UDF, parecia não encantar Josué de Castro, principalmente pelos seus estudos realizados na Europa. Segundo a carta, suas pesquisas foram direcionadas para o campo de saber da Antropologia. A preocupação com o futuro, apontada na correspondência que escreve de Roma para Luiz Camillo, tinha uma razão de ser: as disputas acadêmicas por um lugar institucional.

Entretanto, “sua nomeação, só ocorre, em 1940, mas para a cátedra de Geografia Humana, em substituição a André Gibert, que retorna à França. Josué de Castro compõe o quadro da FNFi não apenas em função do seu trabalho intelectual, mas pelas articulações políticas com Getúlio Vargas²²⁷. A documentação do Arquivo Pessoal de Gustavo Capanema aponta para a nomeação de Josué de Castro e de vários outros professores em 1940 em uma carta manuscrita do então ministro da educação²²⁸. Não encontramos referências nas pesquisas sobre uma possível interferência de Getúlio Vargas na nomeação de Josué de Castro. Porém a socióloga Tânia Elias Magno faz referência a essa rede estabelecida com a família Vargas:

²²⁵ Sobre a trajetória intelectual e as contribuições de Arthur Ramos para o campo da Antropologia no Brasil, ver: BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti (Org.). *Arthur Ramos*. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2011.

²²⁶ FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque (Org.). *Faculdade Nacional de Filosofia: projeto ou trama universitária?* Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1989, p. 76.

²²⁷ MACHADO, Mônica Sampaio. *A construção da Geografia Universitária no Rio de Janeiro*. Op.Cit, 2009, p. 119.

²²⁸ Essa carta manuscrita é acrescida de uma listagem que constam os nomes de diversos professores divididos por cadeiras. Provavelmente tenha sido um manuscrito de organização das vagas, posteriormente se transformou em um documento datilografado que lista o corpo de professores auxiliares, entre eles está Josué de Castro. “Auxiliares: Filosofia – Alvaro Vieira Pinto, Psicologia – Almir de Andrade, Botânica – Tusnalda Abrens, Mineralogia – Elysário Távora, Geografia Humana – Josué de Castro, História Antiga – Eremildo Viana, Francês – Corrêa Alvim e Madelaine Manuel, Italiano – Spinelli. Arquivo Pessoal Gustavo Capanema. CPDOC, FGV-RJ. Rolo 54.

Sua nomeação para a Universidade do Brasil deu-se, segundo o professor e geógrafo Orlando Valverde, que foi seu aluno na época, “por influência direta de Getúlio Vargas. Josué era amigo de Getúlio e médico particular da família e muito amigo da Alzirinha, a filha do Getúlio”. A ligação com a família Vargas trouxe-lhe muitas oportunidades, mas também muitos aborrecimentos e inimigos políticos, pois a crítica a ditadura de Vargas, de cunho fascista, resvalava em quem dela se aproximasse. Na Universidade, conforme o depoimento de Orlando Valverde: “ele era visto como um populista”, em decorrência de ter sido indicado diretamente por Getúlio Vargas para a cadeira de Geografia Humana²²⁹.

Desse modo, o reconhecimento intelectual, além da provável proximidade de Josué de Castro com a família Vargas, teriam contribuído substancialmente para garantir um lugar nessa nova configuração universitária. No decorrer dos anos, Josué de Castro também desenvolve em sua atuação universitária atividades administrativas, como Chefe do Departamento de Geografia e do Conselho Departamental durante a década de 1940 e início da década de 1950²³⁰.

É importante ressaltar que a maior parte da produção intelectual de Josué de Castro se deu durante o período em que esteve ligado às universidades. Alguns intelectuais, como o sociólogo Gilberto Freyre, tiveram a oportunidade de realizar uma formação acadêmica tradicional em universidades americanas e européias para, posteriormente, adentrar no mundo profissional²³¹. Josué de Castro, ao contrário, teve que buscar sua formação intelectual no ambiente universitário, nas práticas e disputas acadêmicas.

As publicações de Josué de Castro lhe deram visibilidade internacional, principalmente a partir de *Geografia da Fome*, quando passou a receber convites de diversos países para realizar palestras e cursos, principalmente sobre temas relacionados à fome e à nutrição. Embora a sua atuação enquanto intelectual tenha extrapolado o campo da geografia, Josué de Castro contribuiu para consolidação e divulgação dos

²²⁹ Apud. SILVA, Tânia Elias Magno da. *Josué de Castro*: Op.Cit, 1998: 92-93.

²³⁰ Verifiquei a atuação do Josué de Castro em várias atas do Conselho Departamental. Acervo PROEDES-UFRJ.

²³¹ “Para resumir, os anos que Freyre passou fora do Brasil foram importantes para seu desenvolvimento não somente porque permitiriam que descobrisse novos mundos intelectuais, mas também porque encorajaram a distanciar-se da sua própria cultura. (...) O autor comenta que “a civilização estrangeira lhe revelara o que nunca teria podido compreender sem ela: o valor e a beleza de sua própria civilização” (HEARN, 1896)”. BURKE, Peter. PALHARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *Repensando os trópicos*: um retrato intelectual de Gilberto Freyre. São Paulo: Editora da UNESP, 2005, p. 65.

estudos geográficos brasileiros. No entanto, as atividades interdisciplinares continuavam em pauta na vida universitária de Josué de Castro. Além da geografia, o campo da nutrição se construiu como um percurso importante que abordaremos no segundo capítulo. Os anos 1940 ainda teriam um importante episódio no campo da geografia.

2.4 - “Uma festa de cultura”: da construção do geógrafo à cátedra da Universidade do Brasil.

A Segunda Guerra mundial havia acabado há poucos anos, mas os desdobramentos daquele conflito se faziam presentes nas mais diversas sociedades. A Europa encontrava-se em reconstrução. Na ordem do dia estava, não apenas uma reedificação do ponto de vista material, mas, principalmente, no âmbito político e social. Julgamentos e punições aos colaboracionistas nazi-fascistas fizeram parte do ambiente dos governos do Pós-Guerra. Os processos de esquecimento do terror da guerra se apresentavam. A Europa lançava o olhar para o futuro. Benefícios e direitos sociais eram ampliados, como uma tentativa dos estados de promover o bem estar social. Aqueles anos foram “uma espécie de breve Era de Reformas”²³².

Na diplomacia internacional, Estados Unidos e União Soviética reverteram a aliança que perdurou durante a guerra. A ordem internacional passa a ser pautada pelos parâmetros da Guerra Fria²³³. Quanto a América Latina, a preocupação estadunidense era criar mecanismos de defesa que garantissem principalmente a hegemonia americana no continente. Enquanto isso, a União Soviética atuou por meio dos Partidos Comunistas que enfrentaram severas dificuldades, inclusive o Partido Comunista Brasileiro (PCB), que teve seu registro cassado em 1947²³⁴.

²³² JUDT, Tony. *Pós-Guerra: uma história da Europa desde 1945*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011:77.

²³³ PINHEIRO, Letícia. O Brasil no Mundo. In: GOMES, Angela de Castro de. *História do Brasil Nação: 1808-2010*. Vol. 4. Olhando para dentro. 1930-1964. 2013, p. 163-164.

²³⁴ “Em maio de 1947, o Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu colocar o Partido Comunista na ilegalidade. No mesmo dia dessa decisão o Ministério do Trabalho ordenou a intervenção em quatorze sindicatos e fechou uma central sindical controlada pelos comunistas. A repressão ao PCB se completou com a cassação do mandato de senadores, deputados e vereadores eleitos pelo partido, enquanto o Brasil rompia relações diplomáticas com a União Soviética, em outubro de 1947”. FAUSTO, Boris. *Vida Política*. In: GOMES, Angela de Castro. *História do Brasil Nação: Op.Cit*, 2013, p. 109.

O Brasil vivenciava uma experiência democrática, inspirada na conjuntura internacional e em ideias liberais que valorizavam a democracia representativa. Uma Assembléia Constituinte elaborou a nova constituição em 1946, que garantia a divisão dos poderes (executivo, legislativo e judiciário), bem como o mandato de cinco anos para cargos eletivos do executivo e também ratificava o voto feminino para maiores de 18 anos. Nesse sentido, “a constituição de 1946 manteve as conquistas sociais do período anterior e garantiu os tradicionais direitos civis e políticos”²³⁵. No campo econômico, o general Eurico Gaspar Dutra elaborou o plano SALTE²³⁶, que tinha como objetivo desenvolver os setores de saúde, alimentação, transporte e energia. No entanto, as altas taxas de inflação diminuíram a capacidade de investimento do Estado e aumentaram sobremaneira o custo de vida da população. Entre os preceitos desse plano estava a alimentação, questão central no mundo, durante e após a Segunda Guerra.

No campo cultural, as universidades também passavam por um processo paulatino de distanciamento do elogio e culto à nacionalidade brasileira que havia sido implementado pelo Estado Novo. No entanto, algumas estruturas administrativas das universidades, consideradas arcaicas por muitos intelectuais, permaneceram e foram reforçadas a partir da Constituição de 1946, como as cátedras universitárias, que foram retificadas:

para o provimento das cátedras, no ensino secundário oficial e no superior oficial ou livre, exigir-se-á concurso de títulos e provas. Aos professores, admitidos por concurso de títulos e provas, será assegurada a vitaliciedade;²³⁷

A dimensão vitalícia das cátedras sinalizava para a tentativa de controle do conhecimento por alguns grupos de intelectuais estabelecidos, impedindo em grande medida, a renovação de ideias e sinalizando para a perpetuação de um pensamento conservador nas instituições de ensino. Desse modo, “as medidas resultantes dessas posições acabaram por reforçar as “microditaduras” no interior das universidades; o que

²³⁵ CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil*: Op. Cit, 2013, p. 127.

²³⁶ Plano econômico apresentado pelo então Presidente da República Eurico Gaspar Dutra ao Congresso Nacional em 10 de maio de 1948. Por meio da mensagem presidencial nº 196 foi aprovado após dois anos de tramitação, pela Lei 1.102, de 18 de maio de 1950. A designação Salte representa os quatro principais problemas da economia brasileira que o plano pretendia resolver. Disponível em www.cpdoc.fgv.br/verbetes. Acessado em 30 de julho de 2015.

²³⁷ BRASIL, *Constituição dos Estados Unidos do Brasil*. Capítulo II, Artigo 168, Inciso VI, 1946.

houve foi o reforço do poder incontrolado do catedrático”²³⁸. A palavra cátedra significa essencialmente o mais alto cargo da carreira professoral. As cátedras acabavam por acirrar as disputas pelo poder no âmbito universitário e geravam querelas acadêmicas. Por outro lado, a exigência constitucional de titulação e a realização de provas para o exercício da docência, significaram um avanço em relação à qualificação do quadro de professores. Estavam as cátedras situadas nos mais diversos campos do conhecimento, inclusive no campo de saber da geografia.

Em 1948, o campo científico da geografia moderna já havia se localizado ao lado dos projetos de construção do Estado Nacional brasileiro, especificamente a geografia universitária do Rio de Janeiro²³⁹. Na Capital Federal se destacava o curso de Geografia e História da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil. Os professores de geografia, em sua maioria advindos dos cursos de engenharia, contribuíram para a constituição de um saber importante para o (re) conhecimento do país.

Nesse sentido, o perfil e a performance dos professores de Geografia, mostram-se bastante específicos. Paralelamente às suas atividades na universidade, esses profissionais tiveram uma atuação importante como pesquisadores e promotores de instituições e entidades como o IBGE, a Associação de Geógrafos Brasileiros, o Conselho Nacional de Geografia e a Revista Brasileira de Geografia. Além disso, exerceram um papel fundamental na inserção do Conselho Nacional de Geografia no Comitê Internacional de Geografia²⁴⁰.

O campo de saber da geografia se constituía como um lugar privilegiado, seja nas universidades ou em outras instituições. No quadro de professores do geminado curso de Geografia e História²⁴¹, estavam intelectuais de renome como Delgado de

²³⁸ CUNHA, Luiz Antônio. *A Universidade Temporã: o ensino superior da colônia à Era Vargas*. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 1983, p. 219.

²³⁹ MACHADO, Mônica Sampaio. *A construção da Geografia Universitária no Rio de Janeiro*. Op.Cit, 2009.

²⁴⁰ FERREIRA, Marieta de Moraes de. *A história como Ofício*. Op. Cit, 2013, p. 41.

²⁴¹ De acordo com as pesquisas apontadas pela historiadora Marieta de Moraes Ferreira, os cursos de Geografia e História foram geminados, a partir da Reforma Capanema de 1939, gerando assim uma série de tensões, conciliações e iniciativas de vários intelectuais para que ocorresse a separação e definição dos campos disciplinares, fato que somente aconteceu em 1955. FERREIRA, Marieta. *A História como ofício*. Op. Cit, 2013, p. 32-49.

Carvalho²⁴², Arthur Ramos, Victor Leuzinguer e Hélio Vianna. Esse último fez menção a um ensaio de geografia urbana publicado em 1948:

Com tese de concurso a cátedra de Geografia Humana da Faculdade Nacional de Filosofia, da Universidade do Brasil, apresentou o professor Josué de Castro um ensaio de geografia urbana em que examinou os *Fatores de Localização da Cidade do Recife*. (...) Como não podia deixar de acontecer a história local e regional figura no primeiro plano do trabalho geográfico, de modo a torná-lo interessante também aos historiadores. Fazendo-o, com pleno conhecimento de causa, sólida documentação bibliográfica e brilhante argumentação, notável trabalho realizou o professor Josué de Castro ao estudar *Fatores de Localização da Cidade do Recife*. Hélio Vianna²⁴³.

A referência do acadêmico Hélio Vianna à tese defendida por Josué de Castro no concurso para professor catedrático de Geografia Humana, foi publicada na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro²⁴⁴, em uma seção intitulada “Críticas de Livros”. Apesar do elogio ao trabalho, a fonte localiza a tese como importante para a história local e regional, demonstrando a autoridade do instituto para atestar um lugar científico para os trabalhos daquele tempo. Havia uma proximidade institucional entre o IHGB²⁴⁵ e o curso de Geografia e História, pois muitos professores da Faculdade Nacional de Filosofia também eram membros do IHGB²⁴⁶, entre eles estavam o próprio Hélio Vianna, Delgado de Carvalho, Afonso Arinos de Melo Franco, entre outros. A aprovação de Josué de Castro em uma cátedra de Geografia Humana da Universidade

²⁴² Sobre a trajetória de Delgado de Carvalho ver: FERREIRA, Marieta. *A História como ofício*. Op. Cit, 2013, p. 120-126.

²⁴³ *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Vol. 194. Rio de Janeiro, janeiro - março de 1947:122-123. Acervo Pessoal Josué de Castro. CEHIBRA - FUNDAJ. Pasta 187.

²⁴⁴ Ao comentar a produção do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro a historiadora Marieta de Moraes Ferreira afirma: “Como já foi fartamente estudado, o IHGB desempenhou um papel fundamental na constituição dos estudos históricos no Brasil (Guimarães, Manoel Salgado, 2011; Guimarães Lúcia, 2007; Cezar, 2011), tanto no que diz respeito à produção de um conhecimento construído de acordo com regras consideradas científicas, quanto do ponto de vista de um projeto pedagógico destinado a despertar o patriotismo dos seus cidadãos”. FERREIRA, Marieta. *A História como ofício*. Op. Cit, 2013, p. 9.

²⁴⁵ Sobre a fundação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o seu papel na construção da nacionalidade brasileira, afirmou a historiadora Angela de Castro Gomes: “Em 1838 era criado no Brasil o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Sob os auspícios do imperador e a inspiração de Francisco Adolfo Varnhagen, o instituto deveria dedicar-se à escrita da história do país, num processo simultâneo de construção dessa história e de afirmação do papel do Estado como criador e garantidor de nossa nacionalidade”. GOMES, Angela de Castro. *História e Historiadores*. Rio de Janeiro: FGV, 2013, p. 15.

²⁴⁶ Sobre a produção do saber oficial do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, ver: SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças*. Cientistas, Instituições e questão racial no Brasil. 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 99 – 140.

do Brasil, significou um processo de construção e de aproximação com o campo disciplinar da geografia que se iniciou ainda na década de 1930. O concurso para cátedra também foi noticiado no jornal *O Globo*.

Mesa Redonda de Geografia Humana

O concurso para provimento efetivo da cátedra de Geografia Humana da Universidade do Brasil, a que se submeteu o professor de Geografia Josué de Castro com a sua tese: Fatores de Localização da Cidade do Recife, serviu, entre outras coisas igualmente preciosas, como a oportunidade de revelações públicas das variadas posições assumidas pelos nossos em face da Geografia Humana. O candidato teve diante de si uma banca eclética, o que equivale dizer que dentro do bojo das ciências do homem da terra e da sociedade surgiram “fronts” diferentes, de uma combatividade disciplinar e persistente, chamando-o com insistência aqueles campos de luta conceitualmente diferenciados²⁴⁷.

A banca daquele concurso foi composta por Arthur Ramos, Cristovam Leite de Castro, Alberto Lamengo Filho, Pedro Calmon e Delgado de Carvalho. O ritual acadêmico da disputa de uma cátedra envolve produções discursivas, hierarquia acadêmica e principalmente relações de poder.

Este concurso de Geografia Humana foi mais uma mesa redonda ou um simpósio, tal a confluência de autoridade científica, tal o desembaraço e o desejo real de discutir o problema sem preconceitos apriorísticos como se observou ali. Longe desta tertúlia aquela malsinada técnica do argüidor de teses cuja primeira atitude é tentar pulverizar o candidato, num esforço traumatizante, baseado num ataque e na destruição sistemática desenvolvidos²⁴⁸.

O jornal traz a imagem de que aquela banca não foi inquisitória, mas um debate em torno de questões centrais para a geografia humana. Em um ritual como esse, os discursos que circulam são regidos pelas leis da instituição universitária. Existem interdições que rondam os discursos proferidos pelos avaliadores e igualmente pelo postulante. Os examinadores possuem o poder da avaliação que é regido a partir de

²⁴⁷ *O Globo*, Rio de Janeiro, 05 de abril de 1948. Arquivo Pessoal Josué de Castro – FUNDAJ. Pasta 26

²⁴⁸ Idem, *Ibidem*.

normas e modelos institucionais²⁴⁹. Na fotografia a seguir, o registro do momento da posse na cátedra de Geografia Humana.



Figura 6: Posse de Josué de Castro na Cátedra de Geografia Humana da Universidade do Brasil, 1948. Autor: desconhecido. Acervo Pessoal Josué de Castro – FUNDAJ. Fotografias.

Josué de Castro tornara-se um especialista em diversos campos do conhecimento como medicina, antropologia, nutrição e geografia. A circulação por diversas áreas da ciência havia lhe proporcionado a elaboração de um currículo vasto e diversificado. Mas, principalmente, contribuiu para a formação de redes e circuitos intelectuais que possibilitaram a sua movimentação por diversas instituições, ora acadêmicas, ora políticas. Naquela ocasião ficou a cargo de um dos membros da banca do concurso, o antropólogo Arthur Ramos, a responsabilidade de proferir o discurso de posse da Cátedra de Geografia Humana.

²⁴⁹ FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2006, p. 8-9.

Constitui para mim motivo de grande desvanecimento o de saudar em nome da congregação desta casa, seu novo catedrático, o prof. Josué de Castro. Não se trata, na realidade, de recebê-lo, em nosso seio – ele já era dos nossos, e dos mais brilhantes mestres, que desde 1940, vem honrando a nossa faculdade – mas de oficializar um momento de reencontro, pretexto de lhe dizermos, ao ilustre professor, dos nossos agradecimentos pelo que já tem feito, e da nossa alegria em tê-lo definitivamente entre nós. Por uma feliz circunstância, coube-me também o privilégio de ter feito parte da banca examinadora do seu concurso, e pude ver confirmado, naquela ocasião, o juízo que já havia formado sobre as extraordinárias capacidades científicas e didáticas do novo professor. (...) Sr. Professor Josué de Castro: Quero exprimir-vos mais uma vez, meu caro professor e colega, os meus sentimentos de alto louvor, nesse novo encontro que marcámos em nossa vida universitária. Estas intersecções em nossa trajetória vêm com efeito de muito longe. Começaram em nossa velha Bahia, e desde aqueles tempos pude acompanhar a vossa vida de cientista e escritor, que hoje pode apresentar um curriculum vitae dos mais fecundos e brilhantes(...)²⁵⁰.

O discurso proferido em uma cerimônia de posse de uma cátedra traz consigo condições de produção ligadas às interdições do ambiente universitário. O tom comemorativo, mas também criterioso, no intuito de abalizar as etapas cumpridas com sucesso pelo candidato, também se constitui como um traço das palavras de Arthur Ramos. A menção à trajetória acadêmica e aos encontros universitários entre Josué de Castro e Arthur Ramos ainda se estenderiam para outros caminhos, principalmente quando o último se torna representante do Brasil na UNESCO²⁵¹. É importante ressaltar que desde 1940, como vimos anteriormente, Josué de Castro já fazia parte do corpo docente da Faculdade Nacional de Filosofia.

Porém, naquela configuração universitária, se tornar catedrático representava uma condição de distinção na instituição, principalmente de autoridade no campo de saber da Geografia Humana. Em 1948, Josué de Castro preparava o lançamento, em francês, da obra *Geografia da Fome*. Nesse sentido, se tornar catedrático na disciplina, era também um projeto de poder. Como afirmou o geógrafo Manuel Correia de Andrade: “A posição alcançada na Universidade, a repercussão e o prestígio alcançados

²⁵⁰ Discurso de Artur Ramos na cerimônia de posse de Josué de Castro na Cátedra de Geografia Humana em 1948. Pasta M. Arquivo Pessoal Josué de Castro – FUNDAJ.

²⁵¹ Sobre a atuação de Arthur Ramos na UNESCO, ver: MAIO, Marcos Chor. O Projeto Unesco e a agenda das ciências sociais no Brasil dos anos 40 e 50. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* - Vol. 14 Nº 41, 1999, p. 141-158.

pelo livro *Geografia da fome* serviriam de alicerce para que partisse para vãos mais altos no cenário internacional”²⁵².

No que concerne à escolha da geografia como um campo de saber por Josué de Castro, não encontraríamos a resposta em um único conjunto documental. A geografia significou um campo onde Josué pôde se mover, produzir conhecimento, bem como efeitos para os seus discursos de combate a fome. Devemos considerar a importância dessa disciplina nos anos 1930 e 1940, não só no meio acadêmico, mas, principalmente, como um instrumento das elites intelectuais e do Estado para construção de políticas públicas estratégicas de intervenção no território brasileiro²⁵³. Arthur Ramos continuou o discurso:

(...) As preferências que desde cedo revelastes, para os estudos do vasto campo da nutrição, não vos fizeram estiolar na fase puramente química ou fisiológica da especialidade. Quebrastes cedo as amarras que vos mantinham preso à formação médica que tivestes, o que foi também o meu caso noutra série de estudos. Verificastes a necessidade de experimentar os vossos conhecimentos no campo social. (...) O estudo dos aspectos sociais e culturais da alimentação alargou desta maneira o campo das vossas investigações. E o mestre da ciência da nutrição – que iniciou sua campanha numa época em que praticamente nada havia neste setor – se tornou professor de Antropologia e de Geografia Humana. O homem e o meio tornam-se então os objetos precípuos da verificação dos fenômenos de nutrição. O condicionamento geográfico das áreas de alimentação passam a construir toda uma série de estudos, que vos conduzem à cátedra, que hoje conquistais oficialmente. Poderíamos dizer, se isso não fosse uma redundância, que humanizastes a geografia humana, e ainda aqui os nossos caminhos se têm cruzado várias vezes, na preocupação comum pelos estudos do homem e da cultura²⁵⁴.

A continuação do discurso de Arthur Ramos aponta para o início das nossas discussões, principalmente no que concerne aos médicos que trilharam outros caminhos no exercício do saber. A racionalização da alimentação e a preocupação do Estado brasileiro com as questões nutricionais foram demandas sociais surgidas no período

²⁵² ANDRADE, Manuel Correia de. Josué de Castro: o homem, o cientista e seu tempo. *Estudos Avançados*. 11 (29), 1997, p. 169-194.

²⁵³ GOMES, Maria do Carmo Andrade. Territórios em disputa: escritos geográficos e cartografias brasileiras. In: DUTRA, Eliana de Freitas. *O Brasil em dois tempos: história, pensamento social e tempo presente*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, p. 255-256.

²⁵⁴ Discurso de Artur Ramos na cerimônia de posse de Josué de Castro na Cátedra de Geografia Humana em 1948. Pasta M. Arquivo Pessoal Josué de Castro – FUNDAJ.

Entre Guerras e durante a Segunda Guerra Mundial. Contudo, essas demandas ainda estariam na ordem do dia durante os anos 1950. Por um momento, o discurso deixa transparecer a ideia de que Josué de Castro era muito mais um acadêmico ligado as questões da nutrição, do que mesmo da geografia. A fonte explicita uma trajetória que ainda não apresentamos aos leitores sobre a atuação de Josué de Castro no Departamento de Nutrição da Universidade do Brasil, bem como na fundação do Serviço de Alimentação Nacional, experiências vividas nos anos 1940 e que foram fulcrais para a escrita de *Geografia da Fome*.

Desse modo, Arthur Ramos também aponta para uma significativa mudança de perspectiva analítica na obra de Josué de Castro do II Pós-Guerra. Naquele momento o autor passa a demonstrar uma postura crítica em relação aos rumos da política e da economia, em contraste com os seus primeiros escritos, que apresentam uma série de descrições sobre o quadro da alimentação e da fome no Brasil. A partir do final da década de 1940, Josué de Castro destaca a necessidade de aliar a questão social à produção científica e propõe algumas medidas para solucionar o problema da fome no país: “a reforma agrária, a mecanização do campo, e o controle da produção, visando atender as necessidades mínimas da população”²⁵⁵. Ainda sobre a cerimônia da Cátedra, o periódico *O Mundo* noticiou da seguinte forma:

²⁵⁵ MAGALHÃES, Rosana. *Fome: uma (re) leitura de Josué de Castro*. Op.Cit, 1997, p. 53

Uma festa de cultura

O professor Josué de Castro foi solenemente empossado na cátedra da Faculdade de Filosofia. Depois de ter lido o termo de posse e sido feita a entrega do título de nomeação o diretor da FNFi, em nome da mesma, passou as mãos do Sr. Josué de Castro, o diploma de Doutor em Geografia e História. (...) O discurso do mestre. O professor Josué de Castro está, agora, com a palavra. Referiu-se unicamente ao “amor intelectual” a que aludiu Spinoza. O orador fez elogios a Arthur Ramos amigo de muitos anos, fez referências ao Sr. Roquete Pinto, paraninfo daquela festa de amizade e cultura. Elogiou o homem que muito concorreu para que ele – o orador se tornasse catedrático, pois por aquele fôra indicado para lecionar antropologia na Universidade do Distrito Federal. Quase finalizando sua peroração, reafirmou que a Geografia é a mais universalista das ciências e teceu judiciosos comentários a respeito²⁵⁶.

Naquela ocasião, o discurso proferido pelo recém empossado catedrático versou sobre a “Função Social da Universidade”²⁵⁷, destacando a dimensão humanista dessa instituição em detrimento ao tecnicismo. Para Josué de Castro, “as universidades, mais do que oficinas de sábios devem ser fábricas de Homens”. Nessa frase lembrou o filósofo Spinoza, mas, principalmente, o tempo em que vivia, em que estava na ordem do dia à reconstrução do homem que havia se despedaçado com os horrores da guerra. Josué de Castro também rememora os tempos de estudante de medicina na Bahia e o início da carreira docente no Rio de Janeiro.

Assim, a trajetória universitária desse intelectual múltiplo, interdisciplinar, que transitou por diversas áreas do conhecimento (medicina, nutrição, antropologia, geografia) e que ocupou cargos de na esfera da administração tema que trataremos mais adiante. Castro permanece na cátedra de geografia humana até meados da década de 1950, “quando se ausenta da universidade e parte para a atuação intensiva na arena política nacional e internacional”²⁵⁸. No entanto, alguns caminhos que levaram Josué de Castro ao campo da nutrição e a tecer as ideias que o levaram a escrever *Geografia da Fome*, serão agora apontados no próximo capítulo.

²⁵⁶ *O Mundo*, Rio de Janeiro, 15 de junho de 1948. Acervo Pessoal Josué de Castro - Fundaj. Pasta 30.

²⁵⁷ *Jornal do Comercio*, Rio de Janeiro, 18 de junho de 1948. Acervo Pessoal Josué de Castro – Fundaj. Pasta 30.

²⁵⁸ MACHADO, Mônica Sampaio. *A construção da Geografia Universitária no Rio de Janeiro*. Op.Cit, 2009, p. 120.

CAPÍTULO III

GEO(GRAFIAS) DO TEMPO

*“Para o leigo, para aqueles que têm conhecimento da fome apenas através dos noticiários de jornais, reduzem-se a estas duas grandes regiões geográficas – Oriente exótico e a Europa decadente e devastada – as áreas de distribuição da fome, atuando como calamidade social. Na realidade, a fome coletiva é um fenômeno social bem mais generalizado. É um fenômeno geograficamente universal, não havendo nenhum continente que escape a sua ação nefasta. Toda a terra dos homens tem sido também hoje terra da fome. Mesmo no nosso continente, chamado o da abundância e simbolizado até hoje nas lendas do Eldorado, sofre intensamente o flagelo da fome. E, se os estragos desse flagelo na América não são tão dramáticos como sempre foram no Extremo Oriente, nem tão espetaculares como se apresentaram nos últimos anos na Europa, nem por isso são menos trágicos, visto que, entre nós, esses estragos se fazem sentir mais sorrateiramente, mirrando a nossa riqueza humana numa persistente ação destruidora, geração após geração”.*²⁵⁹

²⁵⁹ CASTRO, Josué de. *Geografia da Fome*. A Fome no Brasil. Rio de Janeiro: Edições Cruzeiro, 1946, p. 46.

O trabalho do historiador parte do presente e busca por meio do fazer historiográfico uma interpretação sobre o passado. As indagações do presente são as janelas para (re) construir os fragmentos desse passado, por meio de documentos, vestígios que são os fios dessa representação escrita. Recentemente a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) divulgou um relatório que foi veiculado em jornais do mundo inteiro afirmando que: “O Brasil tem hoje 3,4 milhões de pessoas em situação de insegurança alimentar, o que corresponde a 1,7% da população nacional. Essas estatísticas colocam o país na lista de nações que superaram o problema da fome”²⁶⁰.

A fome, sensação que traduz o desejo, a necessidade de comer, foi compreendida por Josué de Castro a partir de uma perspectiva histórica e social. A fome e a alimentação, como desejamos empregar nesse capítulo, é atrelada à razão de Estado, à práticas culturais, mas também à lógica dos sistemas econômicos. Adquire formas diversas, de acordo com as condições históricas. Suas razões são complexas, mas assume a face da escassez de víveres; da miséria, da pobreza e da morte. Estima-se que “cerca de 805 milhões de pessoas no mundo, uma em cada nove, sofrem de fome”²⁶¹.

O combate à fome no Brasil foi influenciado, em grande medida, por experiências desenvolvidas no país entre as décadas de 1940 e 1960, por organizações, universidades, centros de pesquisa e por intelectuais que se dedicaram aos estudos de segurança alimentar, nutrição, e estratégias de combate à fome e a pobreza. A publicação de *Geografia da Fome* (1946) de autoria de Josué de Castro – momento histórico em que a fome e a alimentação se tornaram uma demanda social – traz uma série de discussões em âmbito nacional sobre as condições subumanas a que uma parcela significativa da população brasileira estava submetida. Não pretendemos realizar um inquérito da fome no Brasil, até porque outros trabalhos já trouxeram informações importantes nesse sentido. O objetivo é problematizar a trajetória de Josué de Castro em instituições de pesquisa voltadas para o campo da alimentação e que colaboraram para a publicação de uma das suas obras mais conhecidas.

²⁶⁰RELATÓRIO FAO. O estado da segurança alimentar e nutricional no Brasil: um retrato multidimensional, 2014. Disponível em www.fao.org.br. Acessado em 16 de setembro de 2014.

²⁶¹<http://www.onu.org.br/relatorio-da-onu-fome-diminui-mas-ainda-ha-805-milhoes-de-pessoas-no-mundo-com-desnutricao-cronica/>. Acessado em 16 de setembro de 2014.

Nas próximas páginas, à luz da perspectiva histórica, adentraremos na configuração dos debates em torno da alimentação, da nutrição e da fome nos momentos em que o Brasil se preparava para participar da Segunda Guerra Mundial, bem como quando, após o conflito, o país recebeu os ares da democracia representativa. A trajetória de Josué de Castro, como um intelectual atrelado às políticas públicas alimentares do Estado, tem uma relação intrínseca com a produção dos seus livros.

O leitor terá contato com um processo dinâmico, no qual Josué de Castro transcende as fronteiras do mundo acadêmico – não apenas na atuação como técnico de instituições alimentares – mas como homem público que, por meio dos seus escritos, buscou atrelar a problemática da fome à competência do Estado.

3.1 – A atuação institucional de Josué de Castro no campo da alimentação e da nutrição.

Ainda se faz imprescindível trabalhar um fragmento da trajetória de Josué de Castro que, intencionalmente, não foi abordado até o momento. O contato do então professor de fisiologia humana da Faculdade de Medicina do Recife com um campo das ciências da saúde que se interessava em trabalhar os problemas da nutrição foi lembrado, bem como o seu interesse pelos hábitos alimentares e pelas condições sociais dos operários daquele momento histórico. Porém, a relação de Josué de Castro com os estudos e pesquisas do campo de saber da nutrição se tornou mais intensa na Universidade do Brasil e está ligada às demandas sociais do Estado Novo e de um mundo que convivia com as incertezas da Segunda Guerra Mundial.

Desde a década de 1930 se estabelecem no Brasil debates sobre a implantação de políticas públicas de enfrentamento a fome e a desnutrição. Essas políticas se tornaram demandas sociais no mundo a partir da Primeira Guerra Mundial e tiveram a influência de pesquisas e estudos da disciplina de nutrologia, que posteriormente se tornou o campo de saber da nutrição. Nesse sentido, foi no período entre guerras que a alimentação passou a ser tratada como uma questão de segurança nacional; os processos de urbanização e industrialização também foram fatores que influenciaram essa demanda no Brasil.

Os médicos brasileiros, por sua vez, foram influenciados pelas escolas de nutrição européias e americanas, mas também pelos estudos do Prof. Pedro Escudero da Argentina, já citado no capítulo anterior²⁶². No Brasil, entre os pioneiros podem ser citados os nomes de “Annes Dias, Peregrino Júnior, Seabra Velloso, Silva Telles, Moura Campos, Paula Souza, Dutra de Oliveira, Hélio Lourenço de Oliveira, Silva Mello, Olavo Rocha, Alexandre Moscoso”²⁶³. Mas quem obteve maior evidência foi Josué de Castro. Os seus esforços estiveram concentrados na busca por transformar o tema alimentar em um assunto de interesse nacional. Para isso, além das suas obras que foram publicadas em várias línguas, atuou em diversos organismos nacionais e internacionais que tinham como cerne as questões alimentares. Nesse sentido, no período que se estende dos anos 1940 até o início dos anos 1960, Josué de Castro esteve próximo das discussões sobre as políticas de alimentação do Brasil.

Em 1940, em pleno Estado Novo, foi criado o Serviço de Alimentação da Previdência Social (SAPS), através do Decreto-Lei nº 05/08/1940²⁶⁴. Por meio dessa instituição o Estado brasileiro assume o papel de conduzir uma política que buscasse solucionar o problema demonstrado pelos cientistas, principalmente no que concerne à alimentação da classe operária. A alimentação passa da condição de uma área do conhecimento para se tornar uma política pública. Os vários estudos de intelectuais brasileiros sobre o tema da alimentação e a situação de guerra contribuíram para que a então nutrologia encontrasse um lugar na configuração estatal.

Nesse mesmo ano foi criada a Sociedade Brasileira de Alimentação, que “foi fundada com o fim de promover medidas de caráter científico e social para melhoria dos

²⁶² BARROS, M.S.C; TARTAGLIA, J.C. A política de alimentação e nutrição no Brasil: breve histórico, avaliação e perspectivas. *Alim. Nutr.*, Araraquara, v.14, n.1, 2003, p. 109-121.

²⁶³ É importante observar que Josué de Castro teve contato primeiramente com a escola americana quando realizou um estágio no Medical Center de Nova Iorque e posteriormente se aproximou do Prof. Pedro Escudero.

²⁶⁴ Destaco a tese de doutorado da historiadora Ana Maria Evangelista que investigou a criação e atuação do Serviço de Alimentação da Previdência Social (SAPS) como instrumento de uma política pública de alimentação e cultura do Estado Novo. Nesse trabalho, a autora destaca de que modo os estudos voltados para a alimentação e nutrição desenvolvidos por Josué de Castro e por outros intelectuais foram de extrema valia para a implementação de políticas públicas voltadas para a alimentação. EVANGELISTA, Ana Maria da Costa. *Arroz e feijão, discos e livros: histórias e memórias do Serviço de Alimentação da Previdência Social, SAPS*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2012.

hábitos alimentares no Brasil”²⁶⁵. Essa instituição tinha como membros engenheiros, etnógrafos e médicos em sua maioria, a presidência ficou a cargo de Josué de Castro. A ideia de aproximar alimentação da questão social, bem como de buscar a valorização do homem brasileiro²⁶⁶ por meio de uma alimentação racional era uma das diretrizes dessa instituição de cunho privado, mas que contribuiu também para uma ação estatal na área da alimentação²⁶⁷.

No entanto, houve uma instituição anterior ao SAPS que teve uma vida breve. Em 1939 foi criado o Serviço Central de Alimentação, pelo Ministério do Trabalho Indústria e Comércio. Essa instituição inicial era dirigida por um Conselho, “formado, em sua maioria, por médicos nutrólogos, tendo à frente Josué de Castro. Esse grupo de cientistas agrega-se à máquina pública²⁶⁸”. Helion Póvoa e Dante Costa também faziam parte desse Conselho. Esses estudiosos do campo da nutrição no Brasil passaram a comandar as instituições responsáveis pela execução de políticas públicas alimentares.

O Serviço Central de Alimentação e, principalmente o SAPS²⁶⁹, fazem parte de um conjunto de medidas implantadas pelo Estado Novo na área social que juntamente com o controle sindical, tinha como intenção reforçar a imagem de Getúlio Vargas como defensor da classe trabalhadora. Essa política de alimentação está relacionada com a finalidade do Estado, e segundo a historiadora Angela de Castro Gomes, “na

²⁶⁵ Carta de Josué de Castro para o Diretor do Departamento de Imprensa e Propaganda, Lourival Fontes. Rio de Janeiro, 06 de julho de 1941. Na carta como presidente dessa instituição Josué de Castro apresenta os preceitos e intenções da Sociedade Brasileira de Alimentação. Estiveram entre os membros de diretoria dessa instituição Raul Pontual, Messias do Carmo, Miguez de Mello, Marcondes Vasconcellos, Ruben Descartes e Thalino Botelho. Arquivo Pessoal Josué de Castro. Fundaj - CEHIBRA. Pasta 76. Correspondências.

²⁶⁶ Em artigo no livro *Repensando o Estado Novo*, a historiadora Angela de Castro Gomes trás um debate que atende as preocupações daquela Sociedade Brasileira de Alimentação no que concerne a cidadania do homem brasileiro. “O trabalho, desvinculado da situação de pobreza, seria o ideal do homem na aquisição de riqueza e cidadania. A aprovação e a implementação de direitos sociais estariam, desta forma, no cerne de uma ampla política de revalorização do trabalho caracterizada como dimensão essencial de revalorização do homem”. GOMES, Angela de Castro. *Ideologia e trabalho no Estado Novo*. In: PANDOLFI, Dulce (Org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 1999, p. 55.

²⁶⁷ MAGALHÃES, Rosana. *Fome: uma (re) leitura de Josué de Castro*. Op. Cit, 1997, p.45.

²⁶⁸ BARROS; TARTAGLIA, A política de alimentação e nutrição no Brasil: breve histórico, avaliação e perspectivas. Op. Cit, 2003, p. 109-121.

²⁶⁹²⁶⁹ Sobre o SAPS, afirmou o sociólogo Renato Carvalheira: “O SAPS era uma criação do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio para fazer frente a um decreto-lei que estabelecia a obrigatoriedade das empresas com mais de quinhentos empregados a instalarem refeitórios para os trabalhadores”. NASCIMENTO, Renato Carvalheira do. A contribuição de Josué de Castro para o sistema e a política nacional de segurança Alimentar e Nutricional. In: SILVA, Tânia Elias Magno (Org.). *Josué de Castro*. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2012, p. 608.

promoção do bem-estar nacional e na realização do bem comum”²⁷⁰. Durante o Estado Novo, as demandas relacionadas com o trabalho e com a pobreza foram colocadas em pauta na agenda política brasileira. Inaugurava-se no Brasil um modelo de Estado intervencionista: “Este deveria proteger o homem contra a fome e a miséria, garantindo-lhe o trabalho como meio de realização pessoal e promoção do desenvolvimento social”²⁷¹.

O Estado Novo, apesar das práticas centralizadoras e intervencionistas, foi fundado sobre as bases da democracia da justiça social. De acordo com o discurso do governo, a liberdade individual era limitada pelos critérios de interesse social. Significava, também, a retomada da ideia de igualdade, compreendida como a igualdade de oportunidades na luta pela vida. O valor contido na ideia de justiça social era exatamente o ideal de respeito ao trabalho e aos frutos do trabalho²⁷².

Assim, outras instituições foram criadas, seguindo o quadro de tensões que o mundo atravessava pela eclosão dos conflitos da Segunda Guerra Mundial. O Serviço Técnico de Alimentação Nacional (STAN) foi criado por meio da portaria nº 5/42, de 19/10/1942, e tinha como função principal fornecer orientação técnica para a produção agrícola e para a indústria de alimentos do país. Esse órgão também foi chefiado por Josué de Castro. Nesse momento, ele terá a oportunidade de aprofundar os estudos sobre nutrição e de se aproximar, ainda mais, como homem público, da esfera estatal.

Através do STAN, por exemplo, Josué de Castro e um grupo de nutrólogos lançam a primeira publicação periódica sobre nutrição no país: os Arquivos Brasileiros de Nutrição. A revista, fruto de um convênio com a Nutrition Foundation, de Nova Iorque, permite a divulgação dos avanços da ciência da nutrição no Brasil e tece a supervisão científica de Josué de Castro por vários anos. O STAN, vinculado à Coordenação de Mobilização Econômica criada em 1942, foi um espaço importante para o escritor, na medida em que incorpora também a produção industrial de alimentos²⁷³.

Essas articulações institucionais, concomitantemente às atividades acadêmicas e de divulgação científicas, favoreceram a formação da imagem de Josué de Castro como

²⁷⁰ GOMES, Angela de Castro. *A Invenção do trabalhismo*. Op.Cit, 2011, p. 196.

²⁷¹ Idem, *Ibidem*., p. 205.

²⁷² GOMES, Angela de Castro. *A Invenção do trabalhismo*. Op.Cit, 2011, p. 206-207.

²⁷³ MAGALHÃES, Rosana. *Fome: uma (re) leitura de Josué de Castro*. Op. Cit, 1997, p. 46.

uma autoridade em relação ao campo de saber da nutrição no Brasil, colaborando para que se engajasse em projetos de Estado²⁷⁴. Nesse momento, há uma aproximação de Josué de Castro com o projeto de desenvolvimento da indústria brasileira implementado por Getúlio Vargas²⁷⁵. No processo de formação de um estado intervencionista no Brasil, houve uma forte aproximação com o empresariado brasileiro. O Estado Novo tinha como preceito reconhecer o capital, a propriedade privada e a importância da livre iniciativa empresarial²⁷⁶. A indústria de alimentos estava na confluência das relações com o Estado.

Desse modo, o STAN era um órgão governamental que visava fortalecer a indústria de alimentos no país, no momento em que o Brasil se incluía entre os participantes da Segunda Guerra Mundial. Segundo a socióloga Ana Maria Castro, na medida em que o STAN contribuía para o fortalecimento da indústria alimentícia no Brasil, estava também colaborando para que os aliados pudessem ter sucesso na guerra²⁷⁷. Assim, “desses órgãos participaram representantes dos empresários e

²⁷⁴ Segundo Ziegler sobre a atuação de Josué de Castro no campo da alimentação, em vários países, no período do Estado Novo: “Durante esse período, Josué de Castro, convidado por governos de diversos países para estudar problemas de alimentação e nutrição, visitou a Argentina (1942), os Estados Unidos (1943), a República Dominicana (1945), o México (1945). ZIEGLER, Jean. *Destruição em massa*. Geopolítica da Fome. São Paulo: Cortez, 2013, p. 115.

²⁷⁵ Durante as pesquisas encontrei alguns indícios na documentação sobre a proximidade entre indústrias alimentícias e Josué de Castro. Essa relação proporcionou o financiamento da edição de algumas obras, entre essas, está “Fisiologia dos Tabus”, publicada em 1938. Esse ensaio, correlaciona fisiologia, antropologia e psicologia para a pesquisa das restrições alimentares tradicionais da cultura brasileira. O conceito de Pavlov de reflexo condicionado é aplicado aos hábitos alimentares. Posteriormente, o ensaio será incluído na coletânea Ensaio de Biologia Social. No documento a seguir, a Companhia Industrial e Comercial Brasileira de Produtos alimentícios, que representava a *Nestlé* no Brasil, em correspondência endereçada a Josué de Castro traz o seguinte: Rio de Janeiro, 7 de agosto de 1941. Ilmo. Sr. Prof. Dr. Josué de Castro. Prezado senhor professor. É com justa satisfação que contribuimos para o lançamento de mais uma edição do admirável trabalho realizado por V.S. – Fisiologia dos Tabus. A qual deve sair do prelo. Baseando-se no grande sucesso alcançado pela primeira edição, que repercutiu de maneira intensa nos meios intelectuais, tanto do país como do estrangeiro, estamos certos que a 2ª, aumentada por V.S com mais algum, as anotações de real interesse, alcançara ainda maior sucesso. (...) Com os nossos cumprimentos apresentando-lhe. Cordiais saudações p.p Companhia Industrial e Comercial Brasileira de Produtos Alimentares [Assinatura não identificada] Sub-Diretor. Arquivo Pessoal Josué de Castro. Fundaj-CEHIBRA. Pasta 76. Correspondências.

²⁷⁶ Segundo a historiadora Angela de Castro Gomes, na formação do estado intervencionista no Brasil, houve uma forte aproximação com o empresariado brasileiro. O Estado Novo tinha como preceito reconhecer o capital, a propriedade privada e a importância da livre iniciativa empresarial. GOMES, Angela de Castro. *A Invenção do trabalhismo*. Op.Cit, 2011, p. 205.

²⁷⁷ CASTRO, Anna Maria. *Nutrição e desenvolvimento: análise de uma política*. Tese para o concurso de livre docência em Sociologia: Instituto de Nutrição do Centro de Ciências da Saúde da UFRJ. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro; 1977, p. 121.

especialistas do próprio governo. A política era eliminada, tudo se discutia como se tratasse de um assunto puramente técnico, a ser decidido por especialistas²⁷⁸.

3.1.1- Alimentação no Brasil em tempos de guerra

A experiência das duas grandes guerras contribuiu para o surgimento de um novo homem, de uma nova experiência com o tempo. O utilitarismo daquele mundo gerou dor e sofrimento. Mas, a tecnologia avançou substancialmente e os meios de comunicação, as armas de destruição em massa seguiram o mesmo caminho. Para os países envolvidos no conflito, era preciso buscar a velocidade no processo de destruição do inimigo: “a guerra moderna envolve todos os cidadãos e mobiliza a maioria; é travada com armamentos que exigem um desvio de toda uma economia para a sua produção²⁷⁹. A alimentação se tornava uma política pública controlada pelo Estado e um importante mecanismo de controle da população²⁸⁰.

Durante a Segunda Guerra Mundial houve um agravamento do problema alimentar no mundo. Uma campanha internacional, que tinha como preceito buscar alternativas para eliminar o flagelo da desnutrição no mundo, teve início na Conferência Nacional de Alimentação convocada pela Liga das Nações²⁸¹, em *Hot Springs*, nos Estados Unidos, em 1943. Participaram dessa reunião aproximadamente quarenta países que “se comprometeram a apagar do mapa demográfico mundial as manchas negras representando núcleos de populações subnutridas e famintas²⁸². A questão alimentar estava fortemente presente na agenda pública²⁸³.

²⁷⁸CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil*: Op.Cit, 2013, p. 109-110.

²⁷⁹HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos*. O Breve século XX. 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 51.

²⁸⁰ Sobre os variados mecanismos de controle da população e a ideia de biopoder, ver: FOUCAULT, Michel. *Segurança, território, população*: curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

²⁸¹A Liga das Nações foi uma organização internacional criada em abril de 1919, quando a Conferência de Paz de Paris adotou seu pacto fundador, posteriormente inscrito nos demais tratados de paz, ver: BERTRAND, Maurice. *A ONU*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1995.

²⁸²MELO, José Marques. *Conferência proferida na solenidade de abertura da COMSAÚDE 2004 – VII Conferência Brasileira de Comunicação e Saúde*, na noite de 11 de agosto, promovida pela Cátedra UNESCO/UMESP de Comunicação, em parceria com três universidades pernambucanas: UFPE – Universidade Federal de Pernambuco, UFRPE – Universidade Federal de Pernambuco e AESO – Centro de Estudos Superiores Barros Melo.

²⁸³ Sobre os debates em torno da fome e o agravamento das condições de subnutrição no Pós Guerra afirmou o historiador Henrique Carneiro: “Essa situação alterou-se após o segundo pós-guerra, quando

Mas, estava também em pauta a alimentação dos combatentes que participaram da Segunda Guerra Mundial. A máquina de guerra precisava estar abastecida por alimentos para levar à frente as estratégias dos estadistas. O investimento na indústria de alimentos e em pesquisas voltadas para a fabricação de rações desidratadas para os soldados também foi introduzido no Brasil.

Durante o Estado Novo (1937-1945), o governo brasileiro promoveu uma série de iniciativas para a modernização das Forças Armadas, principalmente a partir de 1942 quando o Brasil se aliou aos Estados Unidos²⁸⁴. Esse processo de modernização envolveu o auxílio técnico americano não apenas nos armamentos, mas também em áreas estratégicas como a alimentação das tropas. Nesse momento, de um acordo diplomático entre Brasil e Estados Unidos²⁸⁵ para marcharem juntos na guerra, Josué de Castro como missivista do governo brasileiro quando chefiava o Serviço Técnico de Alimentação Nacional, realizou uma visita aos Estados Unidos, conforme noticiou o

ocorreu uma verdadeira “descoberta” da fome mundial, paralela ao processo de independência dos países coloniais. Como explica o geógrafo Yves Lacoste, “enquanto existiam os elos estreitos da dominação colonial, e enquanto se procurava mantê-los por bem ou por mal, admitir que as populações colonizadas estavam na miséria era, em certa medida, reconhecer o fracasso desta famosa missão civilizadora, alibi ideológico da colonização”. Esta “descoberta” levou a tentativas de conceituá-la em seus diversos níveis como fomes agudas, subalimentação crônica ou fome oculta (carência qualitativas de proteínas ou vitaminas)”. CARNEIRO, Henrique. *Comida e Sociedade*. Uma história da alimentação. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003, p. 24.

²⁸⁴A aliança entre Brasil e Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial, além de ter sido proporcionada pelo interesse estratégico dos americanos, também foi provocada pelos possíveis afundamentos de navios brasileiros por alemães. “A partir da década de 40, os imigrantes alemães, italianos e japoneses passaram a ser manchete na imprensa nacional. Em meio às notícias relativas aos afundamentos de navios brasileiros, chamam a atenção às denúncias contra os alemães, acusados de desenvolver atividades contra a segurança nacional, além da existência de notícias que se referem às mobilizações, de cunho nacionalistas, lideradas por estudantes secundaristas e universitários e por profissionais liberais, além dos apelos desses segmentos ao governo varguista para que o Brasil aderisse ao conflito”. FERRAZ, César. *Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 2005, p. 71.

²⁸⁵A política externa brasileira se modificou com a ascensão do Estado Novo, o papel do ministro Osvaldo Aranha nesse período foi importante no que concerne a reaproximação entre Brasil e Estados Unidos. “Em ocasiões diversas Osvaldo Aranha, Ministro das Relações Exteriores de 1938 a 1944, repetiu que a política externa brasileira se resumia na seguinte orientação: apoiar os Estados Unidos em seu papel de potência mundial, em troca do apoio destes a supremacia do Brasil na América do Sul. Conforme a prática na condução da política externa brasileira, essa orientação era descrita por Aranha como uma tradição, legada principalmente pela chancelaria do Barão do Rio Branco. Inserida no governo Vargas, tal política devia auxiliar os projetos do governo que buscavam centralizar e modernizar o Estado e industrializar o país. Supunha-se, portanto, que uma aliança com os norte-americanos renderia frutos neste sentido. ALVES, Vágner Camilo. Ilusão desfeita: a “aliança especial” Brasil- Estados Unidos e o poder naval brasileiro durante e após a Segunda Guerra Mundial. *Rev. Bras. Polít. Int.* 48 (1), 2005, p. 151-177.

periódico *A Noite*: “O prof. Josué de Castro, da Universidade do Brasil e chefe do STAN, acaba de regressar dos Estados Unidos, onde esteve a convite do governo norte-americano²⁸⁶, estudando os mais modernos aspectos dos problemas de alimentação e nutrição humana²⁸⁷”.



Figura 7: Josué de Castro em Miami em 1943. Autor: desconhecido. Acervo Pessoal Josué de Castro – FUNDAJ. Fotografias.

Uma visita oficial aos Estados Unidos, em tempos de guerra, trouxe uma série de contribuições para as políticas do Estado brasileiro no campo da alimentação. Nessa missão Josué de Castro trouxe para o Brasil a possibilidade da criação de um Instituto de Tecnologia Alimentar, uma estratégia que unia a expansão da indústria de alimentos com as políticas estatais de abastecimento das tropas. A fotografia registra uma das primeiras missões oficiais de Josué de Castro. O contato com instituições internacionais contribuiu substancialmente para criação de novas redes que posteriormente foram

²⁸⁶ Carta em inglês da Embaixada dos Estados no Rio de Janeiro, convidando Josué de Castro para realizar um período de estudos sobre os problemas de nutrição nos Estados Unidos. “Cópia. Embaixada dos Estados Unidos da América. Rio de Janeiro, Maio de 1943. Senhor. A Embaixada tem o prazer de estender a você em nome do Coordenador de Assuntos Inter -A , um convite para visitar os Estados Unidos durante um período de um mês para estudos dos problemas de nutrição. Espero que seja possível para você fazer a visita , e gostaria que me informasse quando pretende ir, a fim de que sejam tomadas as providências necessárias para realização da viagem. Muito sinceramente. John F. Simmons. Cônsul da Embaixada. Tradução livre. Acervo Pessoal Josué de Castro. Fundaj-Cehibra. Correspondências. Pasta 76.

²⁸⁷ *A Noite*, Rio de Janeiro, 09 de Agosto de 1943:2. Acervo Pessoal Josué de Castro. Fundaj-Cehibra.. Pasta 76.

fundamentais para a publicação e circulação das suas obras. Apesar dos poucos indícios da fotografia acima, o cuidado em registrar as missões oficiais, demonstra a preocupação que tinha de produzir imagens de um intelectual de Estado. Sobre o problema alimentar e a situação de guerra, afirmou Josué de Castro ao periódico *A Noite*²⁸⁸:

Graças a vitória da técnica, soldado norte-americano continua sendo o mais bem alimentado do mundo. Claro que, para manter esse *standart* de nutrição de suas tropas, as populações civis se privam de luxos e excessos, tendo sua alimentação, em parte, racionada. (...) Cheguei a conclusão insofismável de que a alimentação racionada do povo norte-americano, na atual emergência da guerra, é muito melhor e muito mais racional do que a de todos os outros países do mundo em tempo de paz. Para manter esta alimentação perfeita dos exércitos das Nações Unidas, os Estados Unidos têm o maior interesse em apoiar os planos de ampliação e de racionalização da produção de alimentos dos seus aliados, de acordo com as recomendações da Conferência de *Hot Springs*. O Brasil é um dos países de maiores possibilidades de produção de alimentos e, portanto daqueles que poderão prestar maior auxílio nesse esforço hercúleo de bem alimentar metade do mundo²⁸⁹.

Em um mundo tecnicista e utilitarista, muitos intelectuais serviram ao Estado em missões que atrelavam os seus campos de saber às demandas da guerra. O discurso de Josué de Castro demonstra interesse pela organização e racionalidade do campo da alimentação, que se tornava uma demanda social, mas também um interesse econômico estratégico que visava favorecer a economia dos Estados Unidos. Josué de Castro constrói um discurso de Estado que tinha como intuito representar a proximidade do Brasil com os aliados, especialmente com os Estados Unidos. Em outras palavras a violência do capitalismo de guerra tinha como cerne a preocupação com a produção e

²⁸⁸ A historiadora Eliana Ferreira Dutra nos traz informações importantes sobre a linha editorial dos periódicos cariocas *A Noite* e *A Manhã*: “Ainda no campo editorial, retornando ao DIP, outra linha de atuação privilegiada foi a imprensa, que teve dois porta-vozes oficiais nos jornais *A Noite*, entregue à direção do poeta Menotti Del Picchia, e *A Manhã*, dirigido pelo também poeta Cassiano Ricardo, ambos oriundos dos grupos modernistas paulistas “verde-amarelo” e “anta” e fortes adeptos de um nacionalismo de tradição ufanista. (...) A linha que imprimiram às matérias políticas e culturais dos jornais que controlavam defendia as ideias que professavam, em sintonia com a política do Estado com o qual colaboravam. Assim, a política deveria se subordinar aos fatores tradicionais, étnicos e culturais do povo brasileiro, de maneira a assegurar a harmonia nacional e o ideal de brasilidade”. DUTRA, Eliana de Freitas. *Cultura In: GOMES, Angela de Castro de. História do Brasil Nação: 1808-2010. Vol. 4. Op.Cit, 2013, p. 259-260.*

²⁸⁹ *A Noite*, Rio de Janeiro, 09 de Agosto de 1943:2. Acervo Pessoal Josué de Castro. Fundaj-Cehibra.. Pasta 76.

com o lucro. Nessa mesma entrevista, um pouco mais adiante, relata a importância da desidratação dos alimentos:

Procurei observar e proceder uma seleção dos atuais processos de tecnologia alimentar, com o fim de aplicar alguns deles às condições peculiares do Brasil. Há dois grandes grupos de processos técnicos que vêm desenvolvendo espantosamente nos Estados Unidos, em função das necessidades da guerra: - os processos de refrigeração e os processos de desidratação de alimentos. (...) Visitei um grande número de fábricas de desidratação em diferentes regiões do país, familiarizando-me com os diferentes tipos de aparelhos usados e chegando à conclusão de que muitos deles podem ser fabricados inteiramente no Brasil. (...) Visitei estabelecimentos onde se produz diariamente toneladas de alimentos desidratados, que são embalados em condições especiais para suportarem os diferentes tipos de climas, onde ora têm lugar as operações militares dos Exércitos norte-americanos. (...) O STAN e o Instituto de Tecnologia Alimentar estarão prontos a fornecer os informes e as especificações técnicas necessárias à instalação dessas novas indústrias, que irão trabalhar dentro de um plano de economia de guerra, de interesse comum dos governos brasileiro e norte-americano²⁹⁰.

Como já foi citado anteriormente, Josué de Castro alia os seus conhecimentos ao projeto industrial do Estado Novo. A preocupação com a alimentação se intensificava, pois Roosevelt já havia autorizado Getúlio Vargas a formar um corpo expedicionário²⁹¹. O investimento em tecnologia de alimentos não visava apenas a manutenção das tropas brasileiras, mas também a possibilidade de uma reserva técnica para os americanos. Naquele momento histórico, o Brasil passava por um processo de americanização, a chamada “política de boa vizinhança” adotada por Roosevelt “era o instrumento, de

²⁹⁰ *A Noite*, Rio de Janeiro, 09 de Agosto de 1943, p. 3.

²⁹¹ “A ideia original era formar três divisões de infantaria, num total de 100 mil homens, mas os custos materiais e humanos, além do completo despreparo do exército foram barreiras quase insuperáveis. Além disso, as péssimas condições de saúde e de educação da população brasileira criaram sérias restrições à formação das unidades expedicionárias adequadas aos padrões de uma guerra moderna. Em meados de 1944, fora enviada uma divisão de infantaria, num total de 25.334 praças e oficiais formada por soldados de todos os estados da União, enquadrados em três regimentos, o 1º RI, o 6º RI e o 11º RI”. A formação da Força Expedicionária Brasileira trouxe uma série de novidades para o exército, já que este se vinculava, no início do século XX, a outras culturas militares, especialmente a prussiana e a francesa (MACCANN, 2007). O envio da FEB, subordinada ao 5º Exército dos EUA, permitiria uma experiência real de combate com o que tinha de mais moderno em termos de doutrina, armamentos e equipamentos em emprego naquele momento, inclusive no que tange a alimentação. MERON, Luciano Bastos. *Memórias do front: relatos de guerra de veteranos da FEB*. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2009, p. 20.

amplo espectro, para execução do plano de americanização”²⁹². Nesse processo os Estados Unidos estava muito mais interessado na preservação do continente americano como parte de seu mercado.

A visita de Josué de Castro aos Estados Unidos trouxe uma série de experiências que foram paulatinamente implementadas pelo Exército Brasileiro. Um ofício da Diretoria de Intendência do Exército continha o seguinte assunto: “Suplemento de Vitaminas no Reforço da ração normal da Campanha”²⁹³. Nesse documento as pesquisas desenvolvidas pelo STAN foram levadas em consideração. As ideias de Josué de Castro sobre a alimentação racional foram ampliadas a partir da missão aos Estados Unidos e demonstraram uma fragilidade nas rações utilizadas pelo Exército Brasileiro. O documento ainda afirma que “a indústria de desidratação, já se encontra em condições de ser facilmente impulsionada, com o interesse do governo de uma produção certa e de maior volume com assistência da Coordenação de Mobilização Econômica”²⁹⁴.

Desse modo, até 1945, Josué de Castro participa não só das atividades de caráter científico e técnico, mas também de espaços mais diretamente ligados aos projetos de interesse estatal²⁹⁵. “Assim, é concedido ao intelectual um papel de conselheiro consultivo do Estado”²⁹⁶. Nesse sentido, paulatinamente em uma trajetória que se inicia nos anos 1930, “Josué de Castro se torna o principal representante do saber e da política de alimentação no país”²⁹⁷. Essa experiência institucional em que serviu ao Estado Novo, as pesquisas nos órgãos administrativos, a vivência acadêmica interdisciplinar na Universidade e a relação com um mundo entre guerras, que estava em ebulição, propiciaram um olhar amplo sobre a alimentação, ou sobre a ausência dela.

²⁹² TOTA, Antonio Pedro. *O imperialismo sedutor. A americanização do Brasil da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 19.

²⁹³ Ofício Nº 52- S/3. Armas da República Ministério da Guerra. Diretoria de Intendência do Exército. Capital Federal, 17 de novembro de 1943. Acervo Pessoal Josué de Castro. Fundaj-Cehibra. Pasta 76.

²⁹⁴ Idem, ibidem.

²⁹⁵ As atividades institucionais de Josué de Castro até meados da década de 1940 impossibilitaram a publicação de novos trabalhos. O autor continua escrevendo artigos e ensaios sobre o tema da alimentação. Esses artigos trazem informações sobre o debate nacional em torno da alimentação. Entre esses escritos estiveram: *Vitamina para o Brasil*. Observador Econômico e Financeiro, 1941, n.º 68; *Pão e Guerra*. Separata de Resenha Clínico-Científica. São Paulo, 10 de outubro de 1943, *Indústria de desidratação dos alimentos*. Estudos econômicos, Rio de Janeiro, 1944, n.º 3.

²⁹⁶ ROLLAND, Denis. O estatuto da cultura no Brasil do Estado Novo: entre o controle de culturas nacionais e a instrumentalização das culturas estrangeiras. In: BASTOS, Elide Rugai. RIDENTI, Marcelo. ROLLAND, Denis (Orgs). *Intelectuais: sociedade e política, Brasil-França*. São Paulo: CORTEZ EDITORA, 2003, p. 87.

²⁹⁷ MAGALHÃES, Rosana. *Fome: uma (re) leitura de Josué de Castro*. Op. Cit, 1997, p. 47.

3.2 - Geografia da Fome: uma obra denúncia

A obra mais conhecida de Josué de Castro é o livro *Geografia da Fome*, publicado em 1946 pelas Edições *Cruzeiro*²⁹⁸ do Rio de Janeiro. Esse livro²⁹⁹ teve como momento histórico da publicação um ambiente de Pós-Guerra em que a Europa tentava se reerguer e que os debates em torno de políticas públicas de combate a fome provocados pela guerra estavam em circulação. Nesse contexto, os estudos que tratavam da relação entre fome, pobreza e controle alimentar passaram a ter espaço, o que demonstra a circulação, apropriação e intercâmbio de ideias na obra de Josué de Castro, bem como a leitura que fazia do seu tempo.

No entanto, em sua produção do Pós-Guerra há uma significativa mudança de perspectiva analítica que é importante de ser conhecida para seguirmos adiante. O autor passa a demonstrar uma postura crítica em relação aos rumos da política e da economia, em contraste com os seus primeiros escritos, que apresentam apenas uma série de descrições sobre o quadro das condições nutricionais dos operários no Brasil. A partir de meados da década de 1940, Josué de Castro destaca a necessidade de aliar à questão social a produção científica, e propõe algumas medidas para solucionar o problema da fome no país: “a reforma agrária, a mecanização do campo, e o controle da produção, visando atender as necessidades mínimas da população”³⁰⁰, estiveram entre as propostas esmiuçadas nas publicações desse período³⁰¹.

A mudança de perspectiva na obra de Josué de Castro tem relação com a já tratada trajetória de professor universitário. Esse trânsito interdisciplinar é importante para compreendermos os meandros da sua obra, bem como as redes intelectuais e políticas que construiu. A atuação como Professor de Geografia Humana da Faculdade

²⁹⁸ As *Edições Cruzeiro* foi uma editora pertencente ao grupo do Diário Associados, fundada em 1941, era do mesmo grupo e possuía o mesmo nome de uma importante revista de variedades intitulada *O Cruzeiro* que circulou de 1930 até 1975. Na contracapa da primeira edição do livro *Geografia da Fome* encontramos a seguinte inscrição: “Este livro foi composto e impresso nas oficinas da Empresa Gráfica O CRUZEIRO S.A., Rua do Livramento, 191, Rio de Janeiro, para a sua “Seção de Livros”. Superintendente – Leão Gondim de Oliveira. Diretores – Frederico G. Chateaubriand e Antonio Accioly Netto. Em dezembro de 1946”. CASTRO, Josué de. *Geografia da Fome*. A Fome no Brasil. Rio de Janeiro: Edições Cruzeiro, 1946.

²⁹⁹ MAGALHÃES, Rosana. *Fome: uma (re) leitura de Josué de Castro*. Op. Cit, 1997, p. 47.

³⁰⁰ MAGALHÃES, Rosana. *Fome: Op. Cit*, 1997, p. 53.

³⁰¹ Em uma reportagem o periódico do *Diário Trabalhista*, Rio de Janeiro, 08 de dezembro de 1946, Josué afirmou: “Combate ao latifúndio e reforma agrária para combater a fome no Brasil”.

Nacional de Filosofia permite a ampliação do debate para além das fronteiras do biológico e do social, sobretudo, a partir dos estudos geográficos.

Em vários artigos publicados no período de 1936 a 1953 Josué de Castro emprega em suas análises o método geográfico, o mesmo ocorre nas diversas conferências e palestras que ministrou, inclusive na Associação dos Geógrafos do Rio de Janeiro. Ao falar na Associação Brasileira de Geografia do Rio de Janeiro (AGB-DF), no final da década de cinquenta, sobre a Operação Nordeste, irá assumir a sua condição de geógrafo³⁰².

Ao localizar seus estudos no campo disciplinar da geografia, Josué de Castro interliga, direciona e atualiza sua produção intelectual primeiramente ao nacionalismo do Estado Novo e posteriormente ao nacional-desenvolvimentismo do período democrático. É como geógrafo que obtém (re) conhecimento internacional, estabeleceu ligado a uma corrente possibilista e se tornou um dos fundadores do Centro Universitário de Vincennes em 1968 onde lecionou geografia até o fim da vida.

Sobre o processo de especialização dos intelectuais, Michel Foucault afirmou que o chamado intelectual universal teve seu lugar tomado, principalmente no Pós-Guerra, pelo intelectual específico, alguém que domina um assunto, que é capaz de usar seu conhecimento em qualquer área. Provavelmente, Foucault estava se referindo a trajetória do físico americano Oppenheimer, “que saiu da sua área específica quando atuou como organizador do projeto de bomba atômica de *Los Alamos* em 1942-1945 e depois se tornou uma espécie de comissário de assuntos científicos nos Estados Unidos”³⁰³. Josué de Castro se construiu como um intelectual ligado a fome, a partir da mobilização de vários campos do saber.

Nesse sentido, o trânsito interdisciplinar e as redes que construiu por meio dessas experiências, nos possibilitou compreender como Josué de Castro deu continuidade ou transcendeu o mundo cultural em que viveu. A partir do conceito de campo intelectual, que pode ser compreendido como uma rede de posições intelectuais variadas, que se definem pelas relações que têm entre si e pelo lugar que ocupam no

³⁰² SILVA, Tânia Elias Magno da. *Josué de Castro*: Op. Cit, 1998, p. 278.

³⁰³ SAID, Edward. *Representações do Intelectual*. As conferências Reith de 1993. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 24.

campo como um todo, a autoridade ou poder simbólico dos agentes intelectuais sendo diferentes e competindo, por assim dizer, pela hegemonia³⁰⁴.

A participação de Josué de Castro na proposição de políticas públicas internacionais voltadas para o combate a fome no mundo, foi paulatinamente construída a partir da circulação mundial da sua obra, que teve início em 1948,³⁰⁵ quando *Geografia da Fome* foi publicada em língua francesa³⁰⁶ pelas *Éditions Ouvrières*³⁰⁷. Os estudos sobre essa publicação, bem como sua circulação em língua francesa, ainda é um tema carente nas produções acadêmicas que envolvem Josué de Castro, significando um campo fértil para futuras pesquisas.

No Brasil, o fim do Estado Novo e a tentativa de reconstrução da democracia significou um momento propício para o lançamento de um livro que promoveu uma denúncia sobre a condição de desnutrição em que a maior parcela da população brasileira vivia. Assim como muitos outros intelectuais que estiveram ligados ao Estado Novo, Josué de Castro não teria muita influência no recém estabelecido Governo Dutra. O processo de construção da nação e do homem brasileiro, já não se constituía como prioridade. Seguindo uma tendência internacional do Pós-Guerra, a preocupação do Estado com os modelos de desenvolvimento passou a ser latente. Josué de Castro fará, posteriormente, a leitura dos novos movimentos e projetos políticos do Estado e adequará sua obras e posicionamentos a partir da noção de desenvolvimentismo dos anos 1950.

³⁰⁴ PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos*. São Paulo: Editora da UNESP, 2005, p. 19.

³⁰⁵ Em 1948 foi publicada a Declaração Universal dos Direitos Humanos que tem em seu Artigo XXV menciona questões relativas a importância da alimentação como direito fundamental: “1. Todo ser humano tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar-lhe, e a sua família, saúde e bem-estar, inclusive alimentação, vestuário, habitação, cuidados médicos e os serviços sociais indispensáveis, e direito à segurança em caso de desemprego, doença, invalidez, viuvez, velhice ou outros casos de perda dos meios de subsistência em circunstâncias fora de seu controle”. Disponível em <http://www.dudh.org.br/declaracao/>. Acessado em 30 de janeiro de 2014.

³⁰⁶ Sobre o ambiente intelectual da Europa e principalmente em Paris nos anos que sucederam a Segunda Guerra Mundial afirmou o historiador Tony Judt: “Enfim, nos anos seguintes à Segunda Guerra Mundial, só poderia haver uma localidade adequada para a vida intelectual européia: somente uma cidade, uma capital nacional cujas obsessões e divisões podiam refletir e definir a condição cultural do continente como um todo. As correntes estavam ocupadas, destruídas, ou tinham se tornado provincianas. Desde a década de 1920, à medida que os Estados europeus tombavam diante de seus ditadores, os refugiados políticos e intelectuais exilados dirigiam-se a França”. JUDT, Tony. *Pós-Guerra: uma história da Europa* desde 1945. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011, p. 221.

³⁰⁷ A obra *Geografie de la faim* publicada pelas *Éditions Ouvrières* foi consultada na Biblioteca Nacional da França (BNF).

A Constituição de 1946 trazia consigo uma convergência internacional favorável a democracia representativa. A participação popular nas eleições foi fortalecida pela extensão do voto para todos os homens e mulheres maiores de 18 anos, sendo obrigatório, secreto e direto³⁰⁸. A criação de novos partidos como o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e o Partido Social Democrático (PSD) ainda que controlados por Vargas, e a cassação do registro do PCB em 1947, traduzem parcialmente o rosto daquela democracia. Os ventos democráticos estão ligados principalmente à proximidade diplomática entre Brasil e Estados Unidos. Pois, de acordo com alguns autores “a diplomacia brasileira não apenas alinhava-se automaticamente com as posições americanas nas organizações internacionais, como as vezes chegava a exceder-se no apoio”³⁰⁹. O Brasil rompeu, em 1947, relações diplomáticas com a União Soviética e passou a compor o combate a subversão comunista, construindo uma democracia por intermédio e controle do modelo americano.

No campo da alimentação, o governo Dutra promoveu uma atenção especial ao abastecimento, em detrimento das instituições que desenvolveram pesquisas no período em que Vargas esteve no poder³¹⁰. Apesar da mudança de direcionamento do governo Dutra, Josué de Castro continuou exercendo a função de autoridade no campo da alimentação no país, porém não gozava do espaço político e científico que obteve anteriormente³¹¹. As publicações e a experiência internacional na Organização das

³⁰⁸ CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil*: Op. Cit, 2013, p. 145.

³⁰⁹ VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. Do Nacional-desenvolvimentismo à Política Externa Independente (1945-1964). In: DELGADO, Lucília de Almeida Neves. FERREIRA, Jorge (Orgs.). *O Brasil Republicano*. O tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964; v.3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010, p. 199-200.

³¹⁰ Sobre o esvaziamento das instituições voltadas para a questão alimentar no Brasil no governo Dutra ver: NATAL, Jorge Luiz Alves. *Questão Alimentar Nutricional na Política e Economia (1930-1976)* - um Vaivém na Periferia da Agenda Pública. Dissertação de Mestrado, Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, 1982.

³¹¹ Sobre as mudanças nas políticas de alimentação no Brasil após o Estado Novo e durante o Governo Dutra afirma o sociólogo Renato Carvalheira: “Em 1945, o STAN é substituído pela Comissão Nacional de Alimentação (CNA), que Josué de Castro passa também a dirigir até 1954. Era um órgão do Conselho Federal de Comércio Exterior que tratava de dar um caráter mais permanente às atividades iniciadas pelo STAN: educação alimentar e assistência à indústria nacional de alimentos, no tocante ao aperfeiçoamento de tecnologia alimentar também de base nacional. Entretanto, a CNA criada em 1945 só será regulamentada em 1951, pois perde importância no governo Dutra (1946-1951), sendo transferida para o âmbito do Ministério da Educação e Saúde, com menor poder de atuação. No ano de sua regulamentação lhe é atribuída a função de Comitê Nacional da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), passando a atuar de acordo com as recomendações desse órgão da O. N. U”. NASCIMENTO, Renato Carvalheira do. *Três Combates da Fome no Brasil*: Josué de Castro, Betinho e

Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) serão importantes para lançar suas ideias internacionalmente.

A temática da alimentação na obra de Josué de Castro foi paulatinamente sendo gestada, primeiramente em uma escrita técnica, ligada a participação institucional em organismos estatais. Alguns trabalhos afirmam que embora outros intelectuais, como Gilberto Freyre, tenham tratado do tema da alimentação e descrito detalhadamente o que se produzia e comia no Brasil, Josué de Castro foi o primeiro a tratar do assunto como objeto central de suas investigações e, sobretudo, encaminhando-as como crítica social. Esse pioneirismo é um campo fértil para a criação de mitos fundadores e para a produção de uma memória de exaltação do intelectual, visão que se distancia de como pensamos a história. Os itinerários que levaram Josué de Castro a se engajar nos estudos sobre a alimentação e, posteriormente, no efetivo combate a fome, são movimentos que apresentam subsídios essenciais para a problematização dessa trajetória, fugindo de uma perspectiva simplista da escrita da história.

A trajetória de Josué de Castro como um intelectual que se especializou nos estudos da alimentação e da Nutrição, o acúmulo de conhecimentos em suas experiências institucionais e acadêmicas, colaboraram para a publicação de *Geografia da Fome*. Essa obra será analisada a partir desse momento, tendo como foco o seu prefácio, a materialidade e algumas imagens que a compõem.

3.2.1 – “Na aurora dessa nova era social”: obra e trajetória na análise de um prefácio

Os prefácios representam um complexo território de produção das obras literárias, bem como, dizem muito sobre o campo intelectual e o mundo cultural no qual o autor se inseriu³¹². É importante percebermos seu lugar de fala³¹³, e a sua condição de

Dom Hélder Câmara. VIII Congresso Latino Americano de Sociologia Rural, Porto de Galinhas – PE, novembro de 2010, p. 1-29.

³¹²BURKE-PALHARES, Maria Lúcia Garcia. *Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos*. Op.Cit, 2005: 25.

³¹³O lugar social do autor está ligado à produção do discurso com as condições institucionais, políticas, e acadêmicas. Dessa forma, se faz necessário compreender as articulações entre um saber e um lugar. CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Op.Cit, 2007.

um intelectual que havia estabelecido certa autoridade na área da alimentação no Brasil e, paulatinamente, lançava suas ideias internacionalmente.

Josué de Castro publicou *Geografia da Fome*, em 1946, aos 38 anos. Uma parcela significativa dos textos que compuseram a obra foi escrita durante estadas em uma casa que possuía em Petrópolis, região serrana do Rio de Janeiro. Essa obra foi “pensada e está sendo escrita sob a influência psicológica da pesada atmosfera que o mundo vem respirando nos últimos dez anos”³¹⁴. Josué de Castro se refere àqueles tempos sombrios que assolaram a humanidade “com suas catástrofes políticas, seus desastres morais, e seu surpreendente desenvolvimento das artes e ciências”³¹⁵. Nesse sentido, a publicação de *Geografia da Fome* está intrinsecamente ligada ao momento histórico em que o autor vivia. Os discursos que circulavam, as relações entre saber e poder, as demandas sociais, foram condições essenciais para a elaboração do livro. Assim, como “não é possível tornar-se qualquer sujeito em qualquer época”³¹⁶, também não é possível avaliar *Geografia da Fome* sem considerar a época em que foi escrita³¹⁷.

Na primeira página do prefácio, o autor discorre sobre a ausência de trabalhos que tratam do fenômeno da fome e afirma: “o assunto deste livro é bastante delicado e perigoso. A tal ponto delicado e perigoso que se constituiu num dos tabus da nossa civilização”³¹⁸. Nesse sentido, Josué de Castro, por meio dos seus escritos, deixava evidente que “tornar a fome visível, dar a ela um lugar de destaque nas reflexões acadêmicas e nas atuações de organismos nacionais e internacionais era uma forma de

³¹⁴CASTRO, Josué de. *Geografia da Fome*. Op. Cit, 1946, p. 26.

³¹⁵ARENDT, Hannah. *Homens em tempos sombrios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p.7.

³¹⁶VEYNE, Paul. *Foucault: seu pensamento, sua pessoa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p.189.

³¹⁷O historiador Tony Judt traz informações sobre a escassez de alimentos na Europa do Pós-Guerra: “No início de 1947, ficou claro que as decisões mais difíceis ainda não tinham sido tomadas, e que não podiam mais ser adiadas. Para começar, o problema fundamental de provisão de alimento ainda não fora sanado. A escassez de víveres era endêmica, exceto na Suécia e na Suíça. Não fossem os suprimentos da Administração das Nações Unidas para Auxílio e Restabelecimento (ANUAR), estocados durante a primavera de 1946, os austríacos teriam passado fome nos 12 meses seguintes. A provisão de calorias na Zona Britânica da Alemanha caiu de 1.500 por dia, por adulto, em meados de 1946, para 1.050, no início de 1947. Os italianos, que padeceram de fome dois anos seguidos, em 1945 e 1946, apresentavam, na primavera de 1947, níveis nutricionais médios inferiores aos de todas as populações do Oeste Europeu. Em pesquisas de opinião realizadas na França ao longo de 1946, os itens “alimentação”, “pão” e “carne” superavam todos os demais enquanto principal preocupação do povo”. JUDT, Tony: *Pós-Guerra*: Op. Cit, 2011, p. 89-90.

³¹⁸CASTRO, Josué de. *Geografia da Fome*. Op. Cit, 1946, p. 13.

buscar soluções para o problema que assolava a humanidade”³¹⁹. O autor questiona quais seriam os mecanismos que levaram a sociedade, as instituições, os intelectuais a silenciarem sobre o tema da fome, seriam esses cúmplices dos interesses políticos e econômicos? Por outro lado, descreve o campo na nutrição como responsável por pesquisas que constatarem que “um terço da humanidade vive em um estado permanente de fome”³²⁰ e também como uma via capaz de fazer o mundo mudar de atitude em relação à fome³²¹.

A palavra fome não tem apenas o sentido clássico de falta do alimento necessário para satisfazer o apetite e que pode provocar a morte. O sentido moderno que lhe é atribuído por Josué de Castro inclui a carência de quaisquer dos quarenta elementos nutritivos indispensáveis à salvaguarda e ao equilíbrio da saúde. Se a falta total de alimento constitui uma causa importante da mortalidade (fomes) – inclusive mais importante do que a guerra – o número de vítimas é diminuto se comparado com as debilidades que o regime alimentar defeituoso provoca, terreno ótimo para a proliferação de doenças³²².

Geografia da Fome se apresenta como um livro que contém uma abordagem que se diferencia do pragmatismo dos estudos médicos, restritos apenas às análises do campo da nutrição. A maquinaria utilizada pelo autor para se afastar dos estudos tradicionais foi encontrada com a utilização do método geográfico, que possibilitou problematizar a situação alimentar do Brasil a partir das dimensões regionais. Percebendo a carência de estudos que tratavam da fome a partir de uma perspectiva interdisciplinar, Josué de Castro, buscou essa abordagem teórica que levasse em consideração as questões sociais.

Sobre a utilização do método geográfico, Josué de Castro destaca que ele permite “estudar o problema em sua realidade total, sem arrebentar-lhe as raízes que o

³¹⁹ REZENDE, Maria José de. Colonialismo, subdesenvolvimento e fome em Josué de Castro. *Cadernos de Estudos Sociais*. Vol. 19, n.2, jul./dez., 2003, p. 227-245.

³²⁰ CASTRO, Josué de. *Geografia da Fome*. Op. Cit, p. 18.

³²¹ Aqui podemos lembrar o trabalho do historiador Tony Judt quando trata do engajamento dos intelectuais. “O século XX foi o século do intelectual: o próprio termo passou a ser usado (pejorativamente) na virada do século, e desde o início descrevia homens e mulheres do mundo acadêmico, literário e de outras artes, que se dedicavam ao debate e a influenciar a opinião pública e a política. O intelectual era por definição comprometido – “engajado”: normalmente em um ideal ou projeto”. JUDT, Tony. *Reflexões sobre um século esquecido, 1901-2000*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010, p. 25.

³²² TOBELEM, Alain. *Josué de Castro e a descoberta da fome*. Op.Cit: 1974, p. 42.

ligam subterraneamente a inúmeras outras manifestações econômicas e sociais da vida dos povos”³²³. É importante enfatizar que a corrente geográfica da qual Josué de Castro se aproximou foi o possibilismo³²⁴. Por meio da geografia possibilista trilhou o caminho para compreender a dimensão social da fome no Brasil. A geografia foi um instrumento que o ajudou a localizar e problematizar as peculiaridades alimentares das diferentes regiões do país. O campo de saber da geografia também foi escolhido por Josué de Castro como instrumento para tornar a fome visível, em uma tentativa de materializá-la por meio dos mapas e da narrativa produzida em *Geografia da Fome*.

No andamento do prefácio, conforme as regras convencionais desse tipo de escrita, as partes do livro são apresentadas. A geografia aparece como elemento constituinte da divisão dos capítulos. Josué de Castro divide o Brasil em cinco regiões que se distinguem da divisão oficial de regiões do país. Nesse caso, os critérios para delimitação são as questões alimentares, as áreas de fome e de subnutrição. Nesse sentido, “ao trabalhar a singularidade regional da fome, ele procurava indicar qual era o grau de profundidade da penúria alimentar de uma parte de seus habitantes e, deste modo, fornecer elementos para que os governantes e as organizações internacionais”³²⁵ desenvolvessem projetos de combate a fome. Aqui antecipamos uma das imagens que constituem a obra.

³²³ CASTRO, Josué de. *Geografia da Fome*. Op. Cit, 1946, p. 16.

³²⁴ A escola francesa de geografia, conhecida também como escola "possibilista", foi criada por Paul Vidal de la Blache e acreditava na possibilidade de haver influências recíprocas entre o homem e o meio natural. Ela traz o termo possibilismo, que foi elaborado pelo historiador Lucien Febvre para diferenciar a geografia francesa dos trabalhos influenciados pelo determinismo ambiental, da escola alemã.

³²⁵ REZENDE, Maria José de. *Geografia da Fome: um estudo pioneiro sobre a fome no Brasil*. In: SILVA, Tânia Elias Magno (Org.). *Josué de Castro*. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2012, p. 482.



Figura 8: Mapa das áreas alimentares do Brasil Autor: Josué de Castro. CASTRO, Josué de. *Geografia da Fome. A Fome no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Cruzeiro, 1946. Ilustrações.

Entendemos que não é possível realizar uma análise detalhada do mapa das áreas alimentares no Brasil apenas pela leitura apressada da legenda destacada. É preciso inserir a análise do mapa em dois caminhos de discussão, o primeiro é o debate em torno do território brasileiro e o outro é a noção de região. Josué de Castro acompanhou os debates em torno da “marcha para o Oeste”³²⁶, uma vez que durante o Estado Novo, como já vimos, foi um dos intelectuais colaboradores, bem como esteve inserido no prolongamento dessas discussões sobre a ocupação das áreas centrais do território brasileiro, durante a década de 1950. As disputas territoriais acabaram provocando a

³²⁶ Em 1940, durante o Estado Novo, Getúlio Vargas lançou uma campanha intitulada "Marcha para o Oeste", que tinha como objetivo buscar integrar territorialmente o país. Sobre a “marcha para o Oeste” ver os trabalhos: RICARDO, Cassiano. *Marcha Para Oeste: a influência da bandeira na formação social política do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1940. LENHARO, Alcir. *Colonização e Trabalho no Brasil: Amazônia, Nordeste e Centro-Oeste*. Campinas: Editora da Unicamp, 1986. LOPES, Sérgio. *O Território do Iguaçu no contexto da “Marcha para Oeste”*. Cascavel: Editora da Unioeste, 2002. GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. *A lenda do ouro verde. Política de Colonização no Brasil contemporâneo*. Cuiabá/MT: Ed. Unicem (Apoio Unesco), 2002.

mudança da capital federal do Rio de Janeiro para Brasília³²⁷. Nesse mapa, Josué de Castro apresentava, também, uma preocupação com a região amazônica³²⁸ que foi uma área de intensas disputas territoriais durante o regime civil-militar. Para localizar as dietas alimentares de cada região do país, Josué de Castro utilizou como referência o mapa da divisão regional estabelecida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 1941.

Apesar do interesse da obra *Geografia da Fome* estar centrado nas preocupações da alimentação e da fome, não podemos dissociar os debates em torno do território brasileiro no mapa apresentado: assim, “após a construção do território, fundamento concreto do Estado, este passa a produzir um espaço político, o seu próprio espaço, para exercer o controle social, espaço constituído de normas, leis, hierarquias”³²⁹. Desse modo, delimitar áreas de carência alimentar também envolve relações de poder, de controle e de interesses estatais. Nesse sentido, a ideia de região também é questionada por Josué de Castro, principalmente quando faz menção ainda no prefácio a região Nordeste do Brasil. Afinal, é preciso compreender a região como um processo de construção, seja realizado pelo discurso científico ou regionalista³³⁰, pois “definir a região é pensá-la como um grupo de enunciados e imagens que se repetem, com certa regularidade, em diferentes discursos, em diferentes épocas, pensá-la uma homogeneidade”³³¹.

No prefácio, além das influências dos geógrafos possibilistas franceses, Paul Vidal de la Blache, Jean Brunhes e Pierre Deffontaines³³², Josué de Castro, aponta

³²⁷Entre outros sobre os processos que levaram a transferência da capital federal brasileira do Rio de Janeiro para Brasília, ver: HOLSTON, John. *A cidade modernista*. Uma crítica de Brasília e sua utopia. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

³²⁸Sobre os projetos de colonização na região amazônica implementados pela iniciativa privada com o apoio dos incentivos fiscais do governo federal durante a ditadura civil-militar, ver os trabalhos da historiadora: GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. *A lenda do ouro verde*. Op. Cit, 2002.

³²⁹BECKER, Bertha. *Amazônia: geopolítica na virada do III milênio*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004, p. 26.

³³⁰ALBUQUERQUE JÚNIOR. *A Invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2006, p. 24.

³³¹BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009:124-130.

³³²A historiadora Marieta de Moraes Ferreira estudou a trajetória do geógrafo e professor francês Pierre Deffontaines que foi docente da Universidade do Distrito Federal e um dos articuladores da Sociedade Brasileira de Geografia: “Deffontaines iniciou seu contato com o Brasil na década de 30, fundando a cadeira de geografia na USP em 1935. Nos anos seguintes, mesmo sem se fixar de maneira definitiva no país, manteve contatos regulares com o Brasil. Foi o criador da cadeira de geografia na UDF, e aí lecionou de 1936 a 1938. Foi também um dos principais responsáveis pela criação da Associação dos Geógrafos Brasileiros, do Conselho Nacional de Geografia e da *Revista Brasileira de Geografia*.”

alguns outros pensadores que foram centrais para a composição dessa obra. Entre esses, cita o filósofo Bertrand Russel, que mais tarde se tornaria um dos seus principais interlocutores³³³. O pensamento de Russel, principalmente no que concerne ao papel do indivíduo naquela sociedade de Pós-Guerra, representa bem a ideia dos intelectuais que acreditavam que eram sujeitos agentes da história e poderiam modificar as estruturas sociais a partir das suas ações. Outro escritor e biólogo britânico, Julian Huxley, primeiro presidente da UNESCO, também é citado como uma influência importante na abordagem do homem. Para Huxley, o homem mudou de estatuto e no Pós-Guerra deixava de ser “econômico” e passava a ser “social”³³⁴. Nos estudos fisiológicos e na busca pelo seu conceito de fome, Castro teve como influências Schiff, Lucianni, Turró, Cannon, além de romancistas como Knut Hamsun e Alexander Neverov.

Na parte do prefácio dedicada aos agradecimentos, uma rede importante de colaboradores e de interlocutores são apresentados; desde intelectuais reconhecidos até técnicos das instituições por onde Josué de Castro passou. No grupo dos intelectuais destaque Luis da Câmara Cascudo, do Rio Grande do Norte, que desenvolveu inúmeras pesquisas sobre o folclore brasileiro, mas também sobre a alimentação³³⁵. Edson Carneiro, folclorista baiano, citado como um importante colaborador, que desenvolveu estudos sobre o Quilombo de Palmares que foram utilizados por Josué de Castro na escrita de *Geografia da Fome*. Thales de Azevedo, antropólogo baiano, e o médico pernambucano estudioso do campo da nutrição, Orlando Parahym. O historiador, e

Promoveu, igualmente, a participação do Conselho Nacional de Geografia do Brasil no Comitê Internacional de Geografia”. FERREIRA, Marieta de Moraes. Diário pessoal, autobiografia e fontes orais: a trajetória de Pierre Deffontaines. In: INTERNATIONAL ORAL HISTORY CONFERENCE (10.1998: Rio de Janeiro, RJ). *Oral history challenges for the 21st century: proceedings [of the] X International Oral History Conference /Eds. Ilana Strozemberg...[et al]*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV/Casa Oswaldo Cruz, v.1, 1998, p. 379-386.

³³³Uma vasta correspondência entre esses intelectuais pode ser encontrada no Acervo Pessoal Josué de Castro.

³³⁴ Manuel Correia de Andrade comenta a percepção de Josué de Castro na mudança de categoria de análise do homem no Pós-Guerra: “Sendo um pensador com grandes preocupações sociais a ponto de admitir que o período entre as duas guerras mundiais foi o de domínio do econômico, enquanto aquele iniciado com o fim da Segunda Guerra Mundial seria o do homem social, procurou sempre desenvolver o seu raciocínio e a sua ação em função de uma política de bem-estar social. Tal política foi seguida na Europa por vários países, com a formação de governos trabalhistas, sociais-democratas, socialistas e com a expansão do sistema soviético na Europa Oriental. Admitia que a humanidade caminhava para uma sociedade mais justa, com melhor distribuição das riquezas e com o atendimento de aspirações mínimas de educação e saúde”. ANDRADE, Manuel Correia de. *Josué de Castro: Op.Cit*, 1997, p. 169-194.

³³⁵ Sobre os hábitos alimentares e a cultura da alimentação no Brasil, ver: CASCUDO, Luis da Câmara. *História da Alimentação no Brasil*. São Paulo: Global, 2004.

então diretor da Biblioteca Nacional, José Honório Rodrigues³³⁶ foi lembrado por ter facilitado as pesquisas bibliográficas naquela instituição. É importante, também, destacar os agradecimentos que foram feitos à equipe do Serviço Técnico de Alimentação que depois passou a ser vinculado à Universidade do Brasil se transformando no Instituto de Nutrição. Abaixo uma fotografia da equipe desse Instituto.



Figura 9: Equipe do Instituto de Nutrição. Josué de Castro está no centro, e a química Emília Pechnik do lado esquerdo da imagem. Década de 1940. Autor: Desconhecido. Acervo Pessoal Josué de Castro – FUNDAJ. Fotografias.

Durante a década de 1940, como já foi dito, Josué de Castro transitou por instituições ligadas à área da alimentação. A fotografia registra a equipe de técnicos da área da alimentação em um momento em que a racionalidade dos processos de nutrição se tornaram uma política de Estado³³⁷. Por outro lado, para Josué era importante d

³³⁶ Sobre a vida e a obra de José Honório Rodrigues ver: RODRIGUES, Lêda Boechat. MELLO, José Octávio de Arruda Mello. *José Honório Rodrigues: um historiador na trincheira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.

³³⁷ Sobre o posicionamento ideológico do Instituto de Nutrição da Universidade do Brasil que pesavam no desenvolvimento social, aliado a questões econômicas e biológicas: “Assim para o desenvolvimento do país seria necessário solucionar a questão alimentar, essa mesma solução dependeria do desenvolvimento econômico do Brasil, representado em múltiplos fatores, dentre os quais a produção de alimentos e seu transporte e distribuição, bem como o nível de renda e educação da população. Sendo o problema alimentar multifacetado, envolvendo questões médico-sanitárias e econômico-sociais, o planejamento de uma alimentação brasileira racional deveria ser intersetorial, abrangendo agricultura, indústria, comércio, educação, transportes e outros”. BIZZO, Maria Letícia G.; LIMA, Nísia Trindade. O projeto civilizatório

divulgar a imagem de um homem de laboratório que fazia ciência. Além de Josué de Castro (1) que está vestido com um terno branco no centro da fotografia, só foi possível identificar a química romena Emília Pechnik (2), que se encontra ao seu lado direito. Os trabalhos dos membros da equipe do Instituto de Nutrição foram essenciais para que Josué de Castro pudesse elaborar o livro *Geografia da Fome*. Em vários momentos da obra, os dados e as pesquisas nutricionais que são citadas, fazem parte do trabalho que estava sendo desenvolvido naquele Instituto. Entre os membros do Instituto citados no prefácio³³⁸ estão Sálvio de Azevedo, Pedro Borges, Ítalo Mattoso, Emília Pechnik, Isnard Teixeira, José Maria Chaves³³⁹.

Por fim, Castro agradece ao poeta modernista Augusto Frederico Schmidt “que pôde nele derramar alguns reflexos do seu imenso sentir poético”³⁴⁰. Além de um leitor cuidadoso, Augusto Frederico Schmidt, era editor e proprietário da Livraria Schmidt, Editora que publicou algumas obras como *Casa Grande & Senzala*³⁴¹ (1933) de Gilberto Freyre e *Caetés* de Graciliano Ramos. Porém, um excerto do prefácio, que intencionalmente deixamos para tratar no final dessa passagem do trabalho, foi a menção de agradecimento que Josué de Castro fez a Gilberto Freyre e ao seu mais conhecido livro *Casa Grande & Senzala*. Ao destacar a contribuição de vários autores nacionais e internacionais escreveu:

nacional do Instituto de Nutrição da Universidade do Brasil, 1946-1960. *Perspectivas* (UNESP), v. 37, n. 1, 2010, p. 191-209.

³³⁸ CASTRO, Josué de. *Geografia da Fome*. Op. Cit, 1946, p. 26.

³³⁹ Nesse grupo de colaboradores do Instituto de Nutrição destaca-se a química romena Emília Pechnik que coordenava a “Seção de Pesquisas Biológicas” e que trouxe a sua experiência com pesquisas alimentares na Europa para o Brasil. O médico paraense com especialização no campo da Nutrição na Argentina, Pedro Borges, era o responsável pela Seção de Pesquisas Sociais e Educação Alimentar, dedicado aos temas da produção de alimentos e da alimentação deficiente de determinados grupos da população brasileira. BIZZO, Maria Leticia Galluzzi. *Agências internacionais e agenda local: atores e ideias na interlocução entre nutrição e país (1932-1964)*. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, 2012.

³⁴⁰ CASTRO, Josué de. *Geografia da Fome*. Op. Cit, 1946, p. 42.

³⁴¹ A historiadora Maria Lúcia Pallares-Burke comenta a dimensão interdisciplinar da principal obra de Gilberto Freyre. “A importância da “evidência científica” que Freyre apresentara em sua obra de 1933 já foi muito bem assinalada por Thomas Skidmore (1993, p.191, 274). Sem dados de cientistas brasileiros de várias áreas – nutrição, antropologia, medicina, psicologia, sociologia e agronomia – que apontavam os problemas sociais e não a raça como responsáveis pelos males do país, teria sido impossível Casa Grande & Senzala exercer a extraordinária influência que exerceu”. BURKE, PETER. PALHARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *Repensando os trópicos*: Op.Cit, 2005, p. 336.

Dêstes devo destacar, em primeiro lugar, a Gilberto Freyre que com a publicação de *Casa Grande e Senzala*, despertou em nosso espírito dois sentimentos, ambos fecundos para o nosso trabalho ulterior no rumo de nossas pesquisas. Um dos sentimentos a que aludimos nasceu da verificação que fizemos da existência de umas tantas falhas, de uma certa deficiência científica no que diz respeito, principalmente a problemas de categoria biológica na obra do grande sociólogo – mais significativa das até então publicadas no país – e do desejo que se viesse a se criar entre nós uma sociologia cada vez mais científica, pondo os fundamentos biológicos dos nossos problemas sociais em pé de igualdade com os seus fundamentos de categoria cultural. (...) O outro sentimento foi de admiração pela liberdade e originalidade com que o novo sociólogo se lança na arena, para discutir problemas tão sérios com um desembaraço tão encantador. Esta impressão consolidou em nosso espírito a ideia de que se iniciava no país uma nova era, na qual seria possível escrever-se sobre o Brasil livros que harmonizassem, num equilíbrio sadio, a experiência científica, a observação rigorosa dos fatos e a elaboração clara dos conceitos explicativos. (...) Por esses dois sentimentos: um, produto da crítica sincera e outro, da emoção admirativa, ambos benéfica influência na criação deste modesto trabalho, apresentamos os nossos agradecimentos ao autor de “Casa Grande e Senzala”.³⁴²

O discurso utilizado nessa parte do texto traz um agradecimento em tom crítico, e indícios de uma disputa intelectual, pois Josué de Castro se coloca em um patamar de igualdade ao “mestre de Apipucos”. No âmbito do debate intelectual as críticas podem promover fissuras irreparáveis nas relações acadêmicas. O começo dessa querela remonta a década de 1930, quando Josué de Castro publicou “O Problema Fisiológico da Alimentação Brasileira”, que foi alvo de críticas ferrenhas por parte de Freyre³⁴³. As disputas entre os dois intelectuais estiveram ligadas ao estabelecimento do campo intelectual³⁴⁴, principalmente no que concerne às abordagens culturais intrínsecas a obra de Freyre e às análises biológicas e sociais de Castro. Naquele momento, um era médico recém-formado e outro um sociólogo que havia publicado uma obra de impacto no meio acadêmico brasileiro.

³⁴² CASTRO, Josué de. *Geografia da Fome*. Op. Cit, 1946, p. 43.

³⁴³ Os debates intelectuais sobre a abordagem biológica ou cultural travados respectivamente entre Gilberto Freyre e Josué de Castro durante a década de 1930, ver: SILVA, Mercês de Fátima dos Santos. *Josué de Castro, pensamento e ação*: Op.Cit, 2010.

³⁴⁴ Bourdieu sobre o conceito de campo intelectual afirma: “Isso significa que só compreendemos, verdadeiramente, o que diz ou faz um agente engajado num campo (um economista, um escritor, um artista, etc.) se estamos em condições de nos referirmos à posição que ele ocupa nesse campo, se sabemos “de onde ele fala”. BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência*: Op.Cit, 2004, p. 23-24.

Por diversas vezes suas trajetórias se cruzaram, seja na rápida experiência na UDF, onde foram contemporâneos, ou ainda pelas redes intelectuais próximas. No entanto, os posicionamentos políticos radicalmente divergentes, acirrados, principalmente, entre os 1950 e 1960, promoveram um distanciamento ainda maior, já que Josué de Castro se engajou no campo das esquerdas, enquanto Gilberto Freyre foi um dos que apoiou a deposição de Goulart em 1964. O fato é que, nas edições subsequentes de *Geografia da Fome*, a crítica de Josué de Castro as “tantas falhas, de uma certa deficiência científica” na obra de Freyre não são mais encontradas, demonstrando que os debates intelectuais são datados e influenciados pelas demandas sociais de cada momento histórico.

Nesse prefácio, Josué de Castro apresentou indícios da elaboração de uma futura produção intelectual. A continuidade dos seus estudos e pesquisas faziam parte de um projeto maior, que pretendia estudar as causas da fome no mundo. Como afirmou: “Evidencia-se, assim, a vantagem em dividir didaticamente o trabalho em vários volumes, realizando a sua publicação imediata à proporção que sejam ultimadas as análises das várias áreas geográficas incluídas e encadeadas dentro do plano geral da obra completa”³⁴⁵. O autor projetava uma nova obra que circulasse com mais abrangência e que contemplasse a dimensão social da fome em âmbito universal. No pensamento de Josué de Castro a fome não tinha fronteiras, mas se manifestava com peculiaridades específicas em cada região do globo. Nascia a ideia de publicar *Geopolítica da Fome* (1951), problematizando os cinco continentes, tema que trataremos em outro capítulo. O autor Josué de Castro tomava forma.

3.2.2 – A invenção do autor Josué de Castro e a obra Geografia da Fome.

Após a análise do prefácio se faz necessário adentrarmos algumas questões que envolvem a noção de autor. Um dos textos mais conhecidos sobre essa problemática é do filósofo Michel Foucault intitulado: “O que é um autor?” Outras iniciativas, como “A morte do autor”, de Roland Barthes³⁴⁶, bem como diversos escritos do historiador

³⁴⁵ CASTRO, Josué de. *Geografia da Fome*. Op. Cit, 1946, p. 27.

³⁴⁶ BARTHES, Roland. A morte do autor. In: *O Rumor da Língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

Roger Chartier³⁴⁷ também discutem o tema. A partir das considerações desses autores, é possível realizar alguns questionamentos.

Foucault problematiza como se deu o processo de individualização do autor, qual estatuto lhe foi dado, bem como em que momento começou-se a contar a vida dos autores e não mais dos heróis. Nesse sentido, aponta o jogo de signos que envolve a escrita, e a relação entre o autor e o texto. A escrita proporcionaria a abertura de um espaço onde o sujeito que escreve não cessa de desaparecer. Seguindo essa mesma trilha, Barthes afirma: “a voz perde a sua origem, o autor entra na sua própria morte, a escrita começa”³⁴⁸. Assim, ao escrever e publicar suas obras, Josué de Castro se insere no mundo dos autores, produzindo um registro em um determinado campo discursivo.



Figura 10: Josué de Castro em um momento de autógrafos no Ceará. Autor: Desconhecido. Acervo Pessoal Josué de Castro – FUNDAJ. Fotografias.

A fotografia acima registra o momento em que Josué de Castro visitava o estado do Ceará, no Nordeste do Brasil, em 1961, onde, além de proferir uma palestra, participou de uma sessão de autógrafos. O fato dessa fotografia ter sido salvaguardada no arquivo pessoal de Josué de Castro, tem em si um significado: a preservação da imagem de um autor. Na década de 1960, Josué de Castro já havia publicado inúmeras

³⁴⁷ Aqui nos valeremos do seguinte trabalho: CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun/ Roger Chartier*. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

³⁴⁸ BARTHES, Roland. A morte do autor. In: *O Rumor da Língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 28.

obras, entre essas, a que provavelmente mais circulou no mundo, *Geopolítica da Fome* (1951).

A imagem de um intelectual, político, professor e militante do combate a fome havia se cristalizado, tanto por meio das suas obras, quanto pelas inserções nos meios de comunicação. Assim, para o autor se faz necessário ser sempre lembrado, com o fim de alimentar a ilusão de que continua existindo. As fotografias são importantes ferramentas para o processo de produção de imagens de um intelectual, pois, a partir delas, é possível construir uma crônica textual de si mesmo³⁴⁹.

Foucault apresenta algumas noções intrínsecas à questão do autor e da obra. Quando afirma que o próprio da crítica não é destacar a relação da obra com o autor, mas sim de analisar a obra em sua estrutura, em sua arquitetura, em sua forma. Argumenta que os prefácios, as capas, os rastros deixados pelo autor na elaboração da obra, os interlocutores, as críticas e, por fim, o mundo que provocou aquela escrita são fontes fundamentais para produzir uma compreensão sobre essa produção. Para isso, elege alguns questionamentos. O que é de fato uma obra? De quais elementos ela se compõe? Quais fantasmas os autores desencadeiam em suas obras? Foucault afirma que: “A palavra “obra” e a unidade que ela designa são provavelmente tão problemáticas quanto a individualidade do autor”³⁵⁰. A seguir a capa da primeira edição de *Geografia da Fome* (1946):

³⁴⁹ SONTAG, Susan. *Sobre Fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p 19.

³⁵⁰ FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001, p. 282.

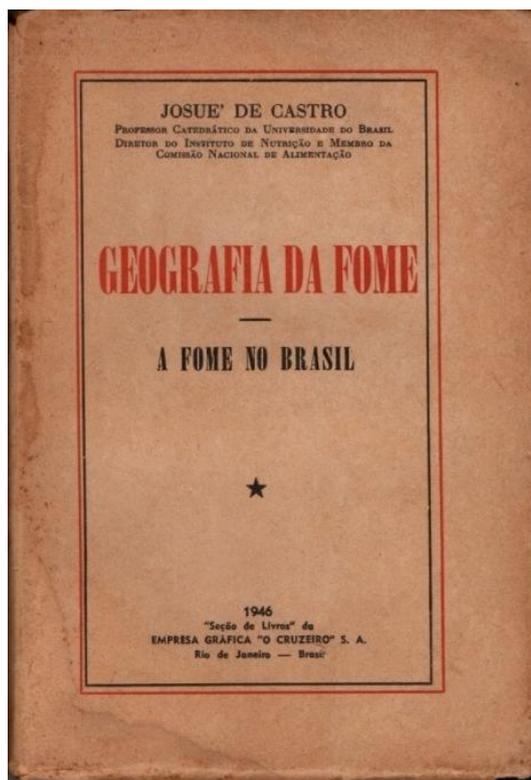


Figura 11: Capa da primeira edição de *Geografia da Fome* (1946). Acervo Pessoal Josué de Castro – FUNDAJ. Biblioteca Blanche Knopf.

A capa da primeira edição de *Geografia da Fome*, relativamente simples, não traz nenhum indício de uma publicação mais aprimorada esteticamente. Mas traz dois aspectos que coadunam com as discussões apresentada pelos autores citados. A primeira delas é o nome do autor, algo obrigatório e comum nas capas da maioria dos livros, porém a relação do seu nome com instituições se apresenta como um elemento importante a ser analisado. O fato da capa apresentar Josué de Castro como Professor Catedrático da Universidade do Brasil, como Diretor do Instituto de Nutrição e membro da Comissão Nacional de Alimentação, figura como um instrumento para legitimar que o autor estava credenciado para tratar do tema *Geografia da Fome*.

Outro elemento é o subtítulo da obra: “A fome no Brasil”, que é utilizado apenas na primeira edição, pois nas subseqüentes, muda para “o dilema do Brasil: pão ou aço”. Provavelmente, a modificação tem relação com as propostas do desenvolvimentismo³⁵¹

³⁵¹ Os debates sobre o desenvolvimentismo e a aproximação de Josué de Castro com as políticas públicas de Estado nos anos 1950 serão apresentados nos próximos capítulos.

que vigorou como política de Estado no Brasil, principalmente nos anos 1950. Com a mudança do subtítulo a obra passava a emitir um signo propositivo.

Para pensar “o nome do autor”, utilizamos o personagem dessa escrita. Quando se diz Josué de Castro, emprega-se uma palavra que é equivalente a uma descrição, ou a uma série de descrições definidas, como: “o autor de Geografia da Fome”, Josué da Fome. Mas, não se pode ficar preso a essa produção de imagem, pois um nome próprio não tem em si uma significação. Desse modo, o nome próprio e o nome do autor estão situados entre esses dois pólos: o da descrição e o da designação. “Eles tem seguramente uma certa ligação com o que eles nomeiam, mas não inteiramente sob a forma de designação, nem inteiramente sob a forma de descrição: ligação específica”³⁵².

O nome do autor não é, pois, exatamente um nome próprio como os outros. O nome do autor exerce um papel em relação ao discurso: assegura uma função classificatória, “tal nome” permite reagrupar um número de textos, delimitá-los, excluir alguns, relacioná-los a outros. Enfim, o nome do autor funciona para caracterizar um modo de ser do seu discurso: o fato de que se possa dizer “isso foi escrito por tal pessoa” ou “tal pessoa é o autor disso”, indica que esse discurso não é uma palavra cotidiana, a sua palavra, em uma dada cultura, pode receber um certo *status*³⁵³. E assim, Josué de Casto construiu paulatinamente sua imagem de escritor, de um autor ligado ao combate da fome no mundo, principalmente a partir da publicação de *Geografia da Fome*, em 1946.

Foucault ainda discorre sobre o tema, afirmando que o nome do autor não está localizado no estado civil dos homens, nem na ficção da obra, mas na ruptura que instaura um grupo de discursos e seu modo singular de ser. Nesse sentido, “a função do autor é, portanto, característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de certos discursos no interior de uma sociedade”³⁵⁴. O autor foi inserido no sistema de propriedade o qual caracteriza a nossa sociedade. Sobre a função-autor,

³⁵² FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: *Estética*: Op.Cit, 2001, p. 284.

³⁵³ Idem, *Ibidem*.

³⁵⁴ FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: *Estética*: Op.Cit, 2001, p. 285.

Chartier acrescenta: “os elementos pertinentes à definição da figura do autor devem ser compilados a partir de inúmeros eventos que constituem a vida de um indivíduo”³⁵⁵.

Contudo, Foucault resume e afirma que a função do autor está ligada ao sistema jurídico e institucional que contém, determina, articula o universo dos discursos. Ela não se exerce uniformemente e da mesma maneira sobre todos os discursos, em todas as épocas, e em todas as formas de civilização, não é definida pela atribuição espontânea de um discurso ao seu produtor, mas por uma série de operações específicas e complexas. Ela não remete pura e simplesmente a um indivíduo real: pode dar lugar simultaneamente a vários egos e posições-sujeitos que classes diferentes de indivíduos podem vir a ocupar. Assim, para Josué de Castro só foi possível se constituir enquanto um autor porta-voz da denúncia fome no Brasil e no mundo porque esteve inserido em um tempo em que as demandas sociais apresentavam essas possibilidades. Em um processo de construção de imagem, de autoria, Josué de Castro trazia para si a responsabilidade de ter denunciado a fome: “Denunciei a fome como flagelo fabricado pelos homens, contra outros homens”³⁵⁶.

3.3 – Olhares da imprensa brasileira sobre a obra *Geografia da Fome*

Geografia da Fome é considerada uma obra denúncia do flagelo da fome no Brasil. Reconhecida como um estudo cuidadoso, de escrita precisa e rigor acadêmico nas análises empreendidas, foi premiada por duas vezes. Logo após o seu lançamento pela Associação Brasileira de Escritores³⁵⁷ com o Prêmio Pandiá Calógeras³⁵⁸ e,

³⁵⁵ CHARTIER, Roger. História intelectual do autor e da autoria. In: CHARTIER, Roger. FAULHABER, Priscila. LOPES, José Sérgio Leite. (Org.s). *Autoria e história cultural da ciência*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2012, p. 38.

³⁵⁶ Frase obtida no site: www.josuedecastro.com.br, acessado em 16 de março de 2015.

³⁵⁷ A Associação Brasileira de Escritores foi fundada no Rio de Janeiro em 1942 por escritores que criticavam a ausência de liberdade de expressão imposta pelo Estado Novo. Entre seus fundadores incluíam-se Otávio Tarquínio de Sousa, Sérgio Buarque de Holanda, Astrojildo Pereira, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Sérgio Milliet, Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Érico Veríssimo. De acordo com a historiadora Ana Amélia Melo: “Segundo os estatutos da ABDE, a associação, com sede no Rio de Janeiro, teria a finalidade de “defender os direitos fundamentais do indivíduo intelectual e zelar pelos interesses dos escritores brasileiros mediante fiscalização e cobrança, no país e no estrangeiro, de direitos autorais, assistência a seus associados e, em geral, a escritores necessitados”. 18 Autores de qualquer trabalho intelectual publicado em qualquer meio e que proporcione direitos autorais poderiam ser sócios. As funções, portanto, são de dar garantias mínimas de uma regulamentação da questão autoral, representando legalmente os escritores”. MELO, Ana Amélia de Moura Cavalcante de. Associação

posteriormente, pela Academia Brasileira de Letras com o Prêmio José Veríssimo. No prêmio da Associação Brasileira de Escritores, o voto favorável do folclorista Edison Carneiro traz algumas nuances do que representou o livro *Geografia da Fome*:

Voto no livro de Josué de Castro, *Geografia da Fome*. Entre todos os livros apresentados no Prêmio Pandiá Calógeras, nenhum me parece tão nacional em caráter, nem de tema tão importante e vital, nem compreendendo tanto estudo e pesquisa, quanto este ensaio sobre o flagelo da fome. (...) O livro de Josué de Castro uma primeira e grande tentativa, na maior parte bem sucedida, de delimitar a extensão e a profundidade das carências alimentares que afligem, há mais de quatro séculos a nossa população. (...) Não creio que nenhum dos outros livros possam ter conseqüências tão tremendas quanto este sobre o pensamento social brasileiro. (...) Assim pelo que significa como seriedade de estudo da nossa vida social, num dos aspectos mais característicos e dolorosos, e pelo que significa como solução, como decisão política a tomar, este livro de Josué de Castro me parece digno do Prêmio Pandiá Calógeras, como melhor ensaio sobre assunto brasileiro de 1946³⁵⁹.

A dimensão nacional do problema da fome no Brasil provocou impacto no recente processo de redemocratização. A opinião de Edison Carneiro, que é citado no prefácio de *Geografia da Fome* como um dos colaboradores, valoriza o esforço acadêmico empreendido, concedendo ao livro um estatuto inovador no âmbito do pensamento social brasileiro³⁶⁰. Essa inovação se devia principalmente pela condição de

Brasileira de Escritores dinâmica de uma disputa. *Varia História*, Belo Horizonte, vol. 27, nº 46 jul/dez 2011, p. 711-732.

³⁵⁸ O prêmio levou o nome de João Pandiá Calógeras que “nasceu no Rio de Janeiro, em 1870. Engenheiro, formou-se pela Escola de Minas, de Ouro Preto, em 1890. Elegeu-se deputado federal pela primeira vez em 1897, pelo Partido Republicano Mineiro (PRM). Em 1932, presidiu a Liga Eleitoral Católica (LEC) e, no ano seguinte, elegeu-se deputado federal constituinte pela legenda do Partido Progressista de Minas Gerais. Morreu em Petrópolis (RJ), em 1934”. *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.

³⁵⁹ Voto de Edison Carneiro no Prêmio Pandiá Calógeras concedido a *Geografia da Fome* em 1946. Acervo Pessoal Josué de Castro – FUNDAJ. Parecer sobre JC 3ºs. Pasta M.

³⁶⁰ Sobre a dimensão social da obra *Geografia da Fome* afirma Maria Leticia Bizzo: “*Geografia da Fome*, publicado em 1946, lança a ideia de que todo o Brasil está sob condição de fome, seja ela aberta (os casos de magreza, de nítida desnutrição) ou “frustra” (deficiências calóricas, vitamínicas e minerais, por vezes indetectáveis ao exame visual). Variavam, portanto, grau e tipo de fome, mas a incidência seria nacional. É reafirmada a identidade de Brasil como país faminto, tendo por consequência prejuízos à organização social e à qualidade do povo (Castro, 1946: 244). Essa inferiorização da população seria culpa exclusiva da estrutura econômico-social”. 401. BIZZO, Maria Leticia Galluzzi. *Ação política e pensamento social em Josué de Castro*. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciências. Humanas, Belém, v. 4, n. 3, set.- dez. 2009, p.401-420.

ser uma obra propositiva no âmbito das políticas públicas de combate à fome, e humanista, pela preocupação com a dignidade humana.

A Associação Brasileira de Escritores era formada em grande parte por intelectuais de esquerda, ligados ao PCB³⁶¹. Em um momento em que a busca por novos caminhos políticos para o Brasil estava no horizonte, premiar uma obra que trazia à tona as péssimas condições sociais em que vivia o povo brasileiro, poderia apontar caminhos para combater a situação de subnutrição de uma grande parcela da população do país. As premiações colaboraram para fortalecer a circulação de *Geografia da Fome*. No Brasil foram nove edições, sendo a última comemorativa no centenário de Josué de Castro em 2008. A dimensão internacional do livro deve ainda ser mencionada, já que foi publicado em vinte e cinco idiomas. O prêmio da Academia Brasileira de Letras também foi registrado na revista dessa instituição.

Prêmio José Veríssimo. Parecer da Comissão. Concorreram ao prêmio Josué Veríssimo os sete volumes seguintes: 1- Geografia da Fome – Josué de Castro, 2- A margem do estilo Cruz e Souza – Antônio de Pádua, 3- Profetas de um mundo que morre – Evaristo de Moraes Filho, 4- Esboço de Filosofia – Jorge Duarte Ribeiro, 5- Comunidade ou comunismo – Manuel Joaquim Pimenta Veloso, 6- Presidencialismo – Galdino Catunda Gondim, 7- Figuras e Legendas – Sebastião Fernandes. Dêstes sete livros, pareceu-nos ser o de n.1 – Geografia da Fome, do sr. Josué de Castro – o mais importante. É um trabalho minucioso, aberto nas linhas de um panorama sociológico de larguíssimo recorte. Elaborado por um especialista em assunto da alimentação, nele as condições de vida orgânicas da população brasileira são estudadas a luz de rigorosos dados estatísticos, com o auxílio dos insubstituíveis inquéritos locais. (...) Conclusão: Propomos, pois, para o Prêmio José Veríssimo a obra *A Geografia da Fome*, do sr. Josué de Castro. Rio de Janeiro, 7 de maio de 1948. Múcio Leão, Relator. Manuel Bandeira, Viriato Correia³⁶².

³⁶¹ “Entre os fundadores estavam também Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Júnior, Astrojildo Pereira, Sérgio Milliet, Antonio Candido e os diversos escritores consagrados do momento como José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Mario de Andrade, Raquel de Queiroz, Aníbal Machado, Monteiro Lobato”. MELO, Ana Amélia de Moura Cavalcante de. Associação Brasileira de Escritores dinâmica de uma disputa. Op. Cit, 2011, p. 711-732.

³⁶² *Revista da Academia Brasileira de Letras*. Concursos literários de 1947. V.75, jan-jun, 1948, p. 277-278. Acervo da Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro, Biblioteca Acadêmica Lúcio de Mendonça.

Após vencer dois prêmios e ser aceito pela comunidade acadêmica da Capital Federal, o livro *Geografia da Fome*, ganharia ainda muito espaço no meio intelectual e na imprensa. Naquele momento, a Academia Brasileira de Letras era uma instituição importante para conferir estatuto acadêmico e literário às obras publicadas em língua portuguesa. O parecer que reconheceu uma semelhança de *Geografia da Fome* com a obra de dois reconhecidos intelectuais brasileiros, Gilberto Freyre e Oliveira Viana, também colaborava para a distinção e reconhecimento do livro. Ao situar a obra no campo sociológico, o parecer também institui um lugar no campo das ciências humanas para um autor que até então era reconhecido pelas contribuições ao campo da Nutrição. Para além do mundo acadêmico, que reconheceu com os dois prêmios citados, outro meio de circulação importante para legitimar uma obra é a imprensa.

Vários periódicos brasileiros veicularam matérias³⁶³ sobre a obra *Geografia da Fome*, entre eles o *Diário de Notícias*³⁶⁴, que trouxe na edição do dia 22 de dezembro de 1946, praticamente uma resenha do livro em questão, intitulada: “Geografia da Fome. Rachel de Queiroz. Especial para o Diário de Notícias”³⁶⁵. Neste artigo, a escritora apresenta informações detalhadas da obra em um texto que se assemelha a uma resenha, e faz uma comparação entre a atividade do literato e a do cientista e afirma: “Diante de certos livros é que a gente vê como é fácil e sem importância o ofício de literato. Sim

³⁶³ Inúmeras matérias foram veiculadas em jornais brasileiros sobre o livro *Geografia da Fome*, porém na leitura da documentação notamos uma série de repetições nas análises da obra. Sendo assim, selecionamos matérias que de algum modo fugiam dessa repetição e propiciaram a ampliação da discussão sobre a obra. Entre essas matérias estão “Fome e Civilização”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16 de fevereiro de 1947, “Uma Geografia da Fome”. *A Tarde*, Salvador, 19 de fevereiro de 1948, “Um livro que é um libelo!”, *O Dia*, Curitiba, 18 de fevereiro de 1947, “Um cientista denuncia as áreas de fome no Brasil”. *O Globo*, 24 de março de 1947.

³⁶⁴ Sobre a fundação, circulação e linha editorial do periódico *Diário de Notícias*, afirma a historiadora Marieta de Moraes Ferreira: “O jornal carioca diário e matutino fundado em 12 de junho de 1930 por Orlando Ribeiro Dantas. Saiu de circulação em 1974. A realização das eleições presidenciais em dezembro de 1945 deu ao *Diário de Notícias* a oportunidade de fornecer seu apoio integral a Eduardo Gomes. O editorial do dia das eleições conclamava todos os eleitores: “Votai em Eduardo Gomes!” Porém, as esperanças e expectativas do jornal logo se diluíram com a vitória do general Eurico Gaspar Dutra, do Partido Social Democrático (PSD), e a explicação para a derrota do candidato udenista foi “o despreparo do povo para a democracia” Iniciado o novo governo, o jornal manteve uma posição crítica, pois na sua concepção, Dutra nada mais era que o herdeiro de Getúlio. Entretanto, várias das realizações do governo mereceram o apoio do jornal, tais como o combate às forças esquerdistas e a proibição da prática do jogo do bicho, além de várias medidas de ordem econômica. Em relação à política externa o *Diário de Notícias* defendia uma efetiva cooperação continental, enfatizando, entretanto, suas predileções por uma política especial de aproximação com os EUA”. Disponível em www.cpdoc.fgv.br/verbetes, acessado em 20 de maio de 2015.

³⁶⁵ *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 22 de dezembro de 1946, p. 5. Acervo Pessoal Josué de Castro – FUNDAJ. *Geografia da Fome* (contém índice) (Crítica 1946/1955). Pasta 16.

realmente os cientistas nos botam complexo de inferioridade³⁶⁶”. Promove uma reflexão sobre o fazer literário que, na opinião da autora, não busca as verdades encobertas como Josué de Castro buscou em *Geografia da Fome*. Quanto à escrita, afirma que “o autor segue a escola criada no Brasil pelo nosso grande Gilberto Freyre”³⁶⁷. As menções sucessivas que a documentação tem apresentado sobre a semelhança entre a narrativa de Freyre e Castro, não dão conta, das querelas entre esses intelectuais.

Raquel de Queiroz³⁶⁸ na última página do artigo afirma: “Aí vem esse novo “ladrão de cenas”, como se diz em cinema, ou antes, ladrão de temas, roubar dos pobres romancistas o tema da fome”³⁶⁹. Nesse trecho a autora destaca o ineditismo do trabalho, mas também reafirma a falta de estudos específicos sobre a temática fome no Brasil. E continua: “Vejam o professor Josué de Castro, por exemplo: dedica seu livro, além de Euclides da Cunha, “a três romancistas da fome” no Brasil: Rodolfo Teófilo, José Américo de Almeida e esta sua humilde criada. E fica a gente tão radiante e honrada com a homenagem”³⁷⁰.

A página da dedicatória³⁷¹, da primeira edição de *Geografia da Fome*, traz as seguintes inscrições: “A Rachel de Queiroz e José Américo de Almeida autores de “O Quinze” e “A Bagaceira”, romances da Fome no Brasil”³⁷². Essa homenagem destaca a proximidade que Josué de Castro tinha não somente com a literatura, mas também com as ideias do que se convencionou chamar de movimento modernista, da Geração de 1930³⁷³. Os literatos que compuseram esse movimento emitiram por meio dos diversos

³⁶⁶ Idem, *Ibidem*.

³⁶⁷ *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 22 de dezembro de 1946:6. Acervo Pessoal Josué de Castro – FUNDAJ. *Geografia da Fome* (contém índice) (Crítica 1946/1955). Pasta 16.

³⁶⁸ Destaco a tese da historiadora Natália Guerellus que trabalhou a trajetória de Rachel de Queiroz que problematiza o seu pensamento político que transita do comunismo, nos anos 30, ao conservadorismo, nos anos 1960. GUERELLUS, NATÁLIA de Santanna. *Como um castelo de cartas: culturas políticas e a trajetória de Rachel de Queiroz (1910-1964)*. Tese (Doutorado) - Universidade Federal Fluminense, Departamento de História, 2015.

³⁶⁹ Idem, *ibidem*.

³⁷⁰ Idem, *Ibidem*.

³⁷¹ De acordo com o historiador Roger Chartier: “A retórica de todas as dedicatórias visa, na verdade, oferecer ao príncipe aquilo que ele já possuía. Não aquilo que ele não tinha, essa obra, que sob a forma de um livro lhe é dada, mas aquilo que ele já possuía, na medida em que ele é o autor primeiro, o autor primordial. Ele não escreve o livro, mas a intenção do livro estava já no seu espírito”. CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: Op.Cit*, 1998, p. 40.

³⁷² *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 22 de dezembro de 1946, p. 6. Acervo Pessoal Josué de Castro – FUNDAJ. *Geografia da Fome* (contém índice) (Crítica 1946/1955). Pasta 16.

³⁷³ A Geração de 1930, também conhecida como Segunda Geração Modernista, foi responsável por alçar a produção literária brasileira a novos patamares de escrita e narrativa. Faziam parte dessa geração na

escritos uma preocupação com as questões sociais e políticas. Por outro lado, Josué de Castro também fez a dedicatória “À memória de Euclides da Cunha e Rodolfo Teófilo, sociólogos da fome no Brasil”. Nesse último caso a homenagem a esses dois intelectuais, nomeados de sociólogos, demonstra a intenção de Josué de Castro de se aproximar conceitualmente do pensamento desses autores, o que contribuiu para circulação e aceitação da obra no meio intelectual.

Alguns meses depois o *Diário de Notícias* publicou outro artigo elogiando a obra, intitulado: “Fome no Brasil” de autoria de J. Fernando Carneiro. O autor do artigo afirmou: “O último livro de Josué de Castro – “A Geografia da Fome” – merece, em verdade, o interesse que vem despertando e a cópia de críticas que vem provocando³⁷⁴”. Essa matéria segue o tom elogioso do artigo anterior, destacando que “o livro de Josué de Castro tem o mérito de colocar o assunto da fome na ordem do dia”³⁷⁵. A fome estava paulatinamente na agenda pública brasileira, processo que foi intensificado durante a década de 1950.

O periódico *O Jornal*³⁷⁶, também veiculou um artigo de mesmo título “A fome no Brasil” escrito por Paul Vanorden Shaw: “poucos livros tem a arte, a ciência, ou a sorte de serem tão sugestivos e tão úteis como este, pois explica uma maneira satisfatória de toda uma série de fenômenos brasileiros”. O leitor pode perceber que, paulatinamente, as imagens de uma obra essencial e que torna pública a dimensão social da fome no país vai sendo construída.

prosa Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Jorge Amado, Érico Veríssimo. E na poesia Carlos Drummond de Andrade, Vinicius de Moraes, Cecília Meireles, Jorge de Lima, Murilo Mendes.

³⁷⁴ *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 02 de fevereiro de 1947, p. 3. Acervo Pessoal Josué de Castro – FUNDAJ. Geografia da Fome (contém índice) (Crítica 1946/1955). Pasta 16.

³⁷⁵ Idem, *Ibidem*.

³⁷⁶ Seguem algumas informações sobre o periódico *O Jornal* que assim como as *Edições Cruzeiro* pertenciam ao grupo *Diários Associados*: “Jornal carioca diário fundado em 17 de julho de 1919 por Renato de Toledo Lopes. Cinco anos após sua fundação, foi adquirido por Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, tornando-se o primeiro elo e o órgão líder da cadeia dos Diários Associados. Foi extinto em abril de 1974. Com o fim do Estado Novo e o início da redemocratização, O Jornal apoiou a candidatura do brigadeiro Eduardo Gomes à presidência da República, lançada pela União Democrática Nacional (UDN). Não obstante, o periódico deu apoio às principais medidas do governo do general Eurico Dutra, candidato vitorioso do Partido Social Democrático (PSD)”. Disponível em www.cpdoc.fgv.br/verbetes, acessado em 20 de julho de 2015.

No entanto, em outro artigo intitulado “Ou comer é um problema econômico?”, o articulista Humberto de Bastos³⁷⁷, também do *Diário de Notícias*, realiza uma série de críticas a obra, buscando o prevaletimento do econômico em detrimento do social. Para citar uma dessas afirmações: “Diz que o imperialismo econômico e o comércio internacional a serviço do mesmo, são responsáveis pela fome. Que imperialismo econômico?” Para Humberto de Bastos acusar o comércio internacional como responsável pela fome, significa desconhecer que o Brasil tem um mercado consumidor pequeno em virtude do baixo padrão de vida da população daquele momento histórico.

O tom ácido daquela narrativa continuava: “As causas naturais e sociais podem influenciar outras estruturas, menos a econômica que, no nosso caso, é a determinante”. É possível perceber que a análise que coloca o econômico como predominante, provavelmente é de uma linha teórica marxista. Josué de Castro inicialmente não utilizou ferramentas do marxismo para analisar as causas da fome no Brasil. Mas, como já mencionamos, buscou aliar as ferramentas da geografia, da nutrição e da sociologia em um método interdisciplinar. Segundo Bizzo: “Castro situa o desajustamento econômico e social como fruto da incapacidade do Estado para servir de poder equilibrante entre interesses privados e coletivos”³⁷⁸.

Os embates intelectuais foram intensos no processo empreendido por Josué de Castro na tentativa de trazer novas análises para o fenômeno da fome durante toda a sua trajetória. Humberto Bastos finaliza o artigo de modo irônico: “Algumas considerações a respeito do livro do meu amigo Josué de Castro, tão bem escrito, cheio de erros seriíssimos que se avolumam e crescem quando cometidos por um homem dono de uma cátedra”. Os campos de disputa política e acadêmica acabam promovendo debates acirrados e que por vezes se tornam públicos, principalmente quando se trata de uma obra como *Geografia da Fome*, que circulou com evidência. O periódico *Tribuna Popular*³⁷⁹, ligado ao Partido Comunista Brasileiro também promoveu a crítica ao livro em questão:

³⁷⁷ Humberto Bastos economista, jornalista e escritor. Estudioso do capitalismo brasileiro tem como principais obras são *A Marcha do Capitalismo no Brasil* (1944) e *Produção ou Pauperismo* (1946) e *A Economia Brasileira e o Mundo Moderno* (1948).

³⁷⁸ BIZZO, Maria Letícia Galluzzi. *Agências internacionais e agenda local*: Op.Cit, 2012, p. 224.

³⁷⁹ A historiadora Marieta de Moraes Ferreira nos traz informações sobre o periódico *Tribuna Popular*: que era um: “Jornal carioca diário, criado em 22 de maio de 1945 e fechado em dezembro de 1947, vinculado ao Partido Comunista Brasileiro (PCB). Da direção coletiva da *Tribuna Popular* faziam parte

A Geografia da Fome do Professor Josué de Castro

Numa bela apresentação gráfica das edições Cruzeiro acaba de aparecer um livro que pelo seu conteúdo, poderá exercer um papel positivo nos debates para a solução de alguns dos problemas imediatos do povo brasileiro. Referimo-nos a *Geografia da Fome*. (...) Pode-se discordar de certas apreciações e conclusões do Professor Josué de Castro, mas a verdade é que entre as soluções por ele aconselhadas, para o problema, cada vez mais grave, algumas que até certo ponto coincidem com as do Partido de Prestes. (...) E sem ser marxista, seguindo como confessa os métodos da ecologia, chega porém o diretor do Instituto de Nutrição a conclusões semelhantes, em mais de um ponto fundamental, as de Prestes e seu Partido³⁸⁰.

A partir do excerto acima é possível perceber como uma obra pode ser apropriada por um determinado grupo político. É fato que aquele mundo do Pós-Guerra estava dividido e o Brasil, como já adiantamos, se fidelizou ao projeto estadunidense. A obra *Geografia da Fome*, que questionava a estrutura agrária, que propunha uma melhor distribuição de renda foi, paulatinamente, sendo utilizada pelos movimentos de esquerda. Esse processo se intensificou na década seguinte, mas podemos conhecer um pouco desse começo.

Na análise da estrutura da página do jornal *Tribuna Popular*, o livro foi noticiado na sessão de política, muito próximo de outra reportagem que versava sobre “O senador do povo”, Luis Carlos Prestes. A menção na matéria transcrita afirmando que Josué de Castro não era marxista, mas se aproximava dos ideários do programa do Partido Comunista, é uma questão que acompanhou toda a sua trajetória intelectual³⁸¹.

Pedro Mota Lima, Álvaro Moreira, Aidano do Couto Ferraz, Dalcídio Jurandir e Carlos Drummond de Andrade. A equipe do jornal era integrada tanto por comunistas como por não-comunistas. Além de participar de campanhas em que se envolveu toda a imprensa do país, a *Tribuna Popular* caracterizou-se pela defesa constante do trabalhador em sua luta contra os empregadores, posição essa que lhe valeu grande popularidade. Logo nos primeiros meses de vida, o jornal manteve uma periodicidade diária, chegando a atingir, uma tiragem de 123 mil exemplares”. Disponível em www.cpdoc.fgv.br/verbetes, acessado em 26 de junho de 2015.

³⁸⁰ *Tribuna Popular*, Rio de Janeiro, 04 de janeiro de 1947. Pessoal Josué de Castro – FUNDAJ. *Geografia da Fome* (contém índice) (Crítica 1946/1955). Pasta 16.

³⁸¹ Sobre o estabelecimento de uma cultura política comunista no Brasil, bem como sobre as motivações que levaram as pessoas a aderirem ao movimento comunista afirma: “Muitos militantes tornaram-se comunistas por identificarem-se com a imagem de Luis Carlos Prestes, de Stalin, ou da União Soviética, a “pátria do socialismo”; ou então, pelo sentimento de afinidade com familiares comunistas (pais, avós, tios, irmãos; ou ainda seduzidos pela leitura de um romance proletário ou social, com o seu desfile de heróis positivos ou desprezíveis; ou atraídos pela satisfação simbólica a uma forte comunidade de sentido – a “família comunista” - que se imaginava na vanguarda da humanidade e do progresso social”. NAPOLITANO, Marcos. CZAJKA, Rodrigo. MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Comunistas Brasileiros: cultura política e produção cultural*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2013, p. 19

O monitoramento de Josué de Castro por órgãos de vigilância política pode ser percebido nos prontuários do DOPS-RJ e DOPS-PE³⁸², que apontam a participação de Josué de Castro em eventos, reuniões e destacam a aproximação com os setores da esquerda brasileira, a partir de meados da década de 1940. Essa proximidade com o campo da esquerda e a mudança de perspectiva de análise da obra de Josué de Castro, quando passou a criticar os rumos da política e da economia no Brasil, contribuirá para que ele seja, posteriormente, nomeado de comunista pelos órgãos de vigilância.

Em uma reportagem de capa de outra edição, o jornal *Tribuna Popular*, trouxe a seguinte manchete: “O aniversário de Prestes comemorado em todo Brasil. Escritores e artistas falam sobre o aniversário de Prestes”³⁸³. Entre os escritores estavam Graciliano Ramos, Barão de Itararé e Josué de Castro, que teceu comentários elogiosos: “Luís Carlos Prestes terá um grande papel a representar na luta tenaz que as forças democráticas terão que desenvolver no mundo inteiro para sufocar as últimas e renitentes forças fascistas”. Nessa declaração, Josué de Castro reconhece a importância política de Prestes e se coloca também no campo de combate contra o fascismo no mundo. Naquele momento, o PCB vivenciava dias difíceis, pois foi extinto em 1947 e, no ano seguinte, teve todos os mandatos de políticos que pertenciam ao partido cassados³⁸⁴.

A imprensa brasileira continuou veiculando matérias e textos sobre o livro *Geografia da Fome*. No periódico *O Jornal*, havia uma coluna dedicada a livros da área de Ciências Humanas, intitulada *História*, assinada pelo historiador e então diretor da Biblioteca Nacional, José Honório Rodrigues. O livro de Josué de Castro foi lembrado no artigo “Alguns novos livros de História”:

³⁸² Prontuário de Josué Apolônio de Castro. Nº 600. DOPS-RJ. Acervo do APERJ e Prontuário de Josué Apolônio de Castro. Nº 10.691. DOPS-PE.

³⁸³ *Tribuna Popular*, Rio de Janeiro, 03 de janeiro de 1947. Pessoal Josué de Castro – FUNDAJ. Geografia da Fome (contém índice) (Crítica 1946/1955). Pasta 16.

³⁸⁴ No que concerne a cassação dos mandatos de políticos do PCB: “A 10 de janeiro de 1948, foram cassados os mandatos de todos os comunistas eleitos ao longo da legalidade do partido. Os efeitos da cassação foram dramáticos para a organização e a linha política do PCB. Os caminhos institucionais de acesso ao movimento sindical estavam cortados, bem como os canais parlamentares”. SILVA, Fernando Teixeira da. O equilibrista e a política: o “Partido da Classe Operária” (PCB) na democratização (1945-1964). In: FERREIRA, Jorge. REIS, Daniel Aarão. *Nacionalismo e Reformismo Radical (1945-1964)*. As esquerdas no Brasil; v.2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p.115.

(...) Não queremos, ainda, deixar de mencionar a Geografia da Fome. A fome no Brasil do Sr. Josué de Castro, que não sendo também um livro de história, é registrado porque deve merecer a atenção dos estudiosos dos problemas brasileiros. O autor resolveu encarar o problema da fome no Brasil, não do ponto de vista puramente fisiológico, mas num plano de conjunto, onde se destacam as ligações, influências e conexões de múltiplos fatores que interferem na manifestação do fenômeno. Seu método foi geográfico, sem que, por disso se tenha tornado o seu estudo uma monografia geográfica da fome. Viu também aspectos médicos, biológicos e higiênicos, não descurando da perspectiva histórica. Examinou a parte que a fome representou na evolução de nossa vida, apontou fatos novos, explicou vários problemas específicos, do trabalhador brasileiro, negro ou branco, sertanejo ou cidadão. Ao terminar o trabalho, que se mostrou rico na consulta e utilização de dados históricos, o autor chegou, entre outras conclusões, a de que a fome no Brasil, é antes de tudo, do seu passado histórico³⁸⁵.

A dimensão histórica da obra de Josué de Castro é pouco ou quase não lembrada nos diversos trabalhos acadêmicos sobre o autor. A escrita de Castro, especialmente em *Geografia da Fome*, questiona a estrutura agrária do Brasil que até hoje é essencialmente amparada no latifúndio. Josué de Castro constata, na década de 1940, que o passado da colonização portuguesa contribuiu para que o Brasil tivesse uma concentração fundiária perversa, que contribuía substancialmente para cerceamento do direito à alimentação de uma parcela significativa da população. Nesse sentido, compreender que a fome é um fenômeno social, não seria possível sem estudar o tema localizado no tempo e nas relações entre os homens. A história enquanto disciplina, apesar de não ser uma ferramenta explícita na estrutura da obra, foi utilizada pelo autor como um mecanismo para a leitura do presente³⁸⁶:

³⁸⁵ *O Jornal*, Rio de Janeiro, 22 de janeiro de 1947, p. 6.

³⁸⁶ Sobre a complexidade do fazer historiográfico: “A história é um processo de construção permanente. Processo marcado por temporalidades e delimitações espaciais. Processo construído por sujeitos individuais e sujeitos coletivos. Dinâmica complexa, que envolve ideologias, cultura, vida privada, ações públicas, representações, imaginários, lutas, reações, resistência, valores, instituições, entre múltiplas variáveis que constituem a complexa rede da inserção do homem na vida em comunidade através do tempo. DELGADO, Lucília de Almeida Neves. Partidos políticos e frentes parlamentares: projetos, desafios e conflitos na democracia. In: DELGADO, Lucília de Almeida Neves. FERREIRA, Jorge (Orgs.). *O Brasil Republicano*. O tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964; v.3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010, p. 129.

(...) ao final da década de 1940, a produção de Josué de Castro aponta, como ideia básica, a compreensão da fome como um processo intimamente relacionado a um certo perfil histórico de consolidação das estruturas econômicas, políticas e sociais do país. É com esse ponto de vista que o autor constrói sua argumentação, contrapondo uma organização da sociedade geradora de fome, e em outro extremo, um conjunto de transformações da realidade, capaz de emancipar a população da grave situação alimentar em que vive³⁸⁷.

Por meio desse debate, ao defender uma mudança da estrutura fundiária do Brasil, Josué de Castro se coloca em um campo de contestação das estruturas sociais vigentes³⁸⁸, aliando-se às lutas populares no momento histórico que antecede o golpe civil-militar no Brasil. Principalmente a partir de 1945, setores ligados ao PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) passaram a defender a ideia de que por meio de reformas das estruturas socioeconômicas do Brasil seria possível chegar ao desenvolvimento e ao bem estar da sociedade³⁸⁹.

A circulação de *Geografia da Fome* e a atuação de Josué de Castro como um intelectual que apontava caminhos para o combate a fome, colaboraram para que conquistasse espaço, não apenas no meio intelectual brasileiro, mas também em âmbito internacional. As nações se reuniam para criar organizações que dessem conta dos problemas que ainda persistiam no Pós-guerra. Nesse sentido, “a criação de instituições interestatais, de normas de direito internacional e de armas de combate ao flagelo da fome”³⁹⁰ contribuíram para a criação de projetos, debates e políticas públicas que visavam superar o problema.

³⁸⁷ MAGALHÃES, Rosana. *Fome: uma (re) leitura de Josué de Castro*. Op. Cit, 1997, p. 55.

³⁸⁸ Ainda em relação a sua obra é importante mencionar que as edições dos livros *Geografia da Fome* e *Geopolítica da Fome*, que circularam durante a década de 1950 e início dos anos 1960, foram sendo levemente reformuladas de acordo com as demandas sociais e novas redes onde passou a circular, numa tentativa de atualizá-las e colocá-las no centro dos debates do Estado.

³⁸⁹ De acordo com a historiadora Lucília Neves Delgado: “Da década de 1940 até o golpe militar, expressivos segmentos da sociedade civil brasileira acreditaram que a modernidade somente seria alcançada se apoiada em um programa governamental sustentado para a industrialização, por políticas sociais distributivas e por efetiva defesa do patrimônio econômico e cultural do país. DELGADO, Lucília Neves. *Trabalhismo, desenvolvimentismo: um projeto para o Brasil*”. In: FERREIRA, Jorge (Org.). *O populismo e a sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 172.

³⁹⁰ ZIEGLER, J. *Destruição em massa*. Op. Cit, 2013, p. 109.

3.4 – O discurso de Josué de Castro se lança para o mundo.

Em meio aos conflitos da Segunda Guerra Mundial passou-se a discutir em âmbito internacional, a criação de uma entidade que auxiliasse as nações nos conflitos diplomáticos e que estivesse próxima das causas humanitárias. O sistema organizacional da Organização das Nações Unidas (ONU), concebido entre 1942 e 1945, pelos países vencedores da guerra, tinha a intenção de manter a paz conquistada que significava a manutenção da ordem, que tinham estabelecido com a sua vitória³⁹¹.

Com o estabelecimento da ONU, o campo da alimentação passou a fazer parte das prioridades institucionais de diversos países. Em 1946, na cidade de Quebec, no Canadá, houve uma reunião com Estados membros das Nações Unidas que realizou a primeira conferência da Organização para Alimentação e Agricultura (FAO)³⁹². A finalidade dessa nova instituição era promover a igualdade de distribuição dos alimentos entre a humanidade, de combater e erradicar a fome³⁹³.

Nesse momento de criação de instituições que permitam acompanhar as tensões mundiais, também houve a elaboração de leis e decretos voltados para os direitos do homem. A *Declaração Universal dos Direitos Humanos* (1948) traz em seu artigo 25º, o direito à alimentação. O livro *Geografia da Fome* obteve reconhecimento nos meios intelectuais e teve sua circulação favorecida pelas condições e discursos daquele momento histórico. Josué de Castro passou a ser convidado para participar de conferências e palestras promovidas pela ONU. O periódico *Diário de Notícias* publicou em 20 de outubro de 1948³⁹⁴ um decreto que autorizava Josué de Castro a representar o Brasil como um dos delegados na Conferência Geral de Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura, na capital dos Estados Unidos. Nessa

³⁹¹ BERTRAND, M. A *ONU*. Op.Cit, 1995, p. 10.

³⁹² Trataremos especificamente da FAO e da contribuição de Josué de Castro para essa instituição no quarto capítulo desta tese.

³⁹³ ZIEGLER, J. *Destruição em massa*. Op. Cit, 2013, p. 110.

³⁹⁴ “Representarão o Brasil na Conferência da ONU para Alimentação e Agricultura. O Presidente da República assinou um decreto autorizando Newton de Castro Neleza, Josué de Castro, Antônio da Cunha Bairra, e Armando Peregrino e o Cônsul Geral Valder Lima Sarmanho, este como delegado-chefe e aqueles como delegados do Brasil à Conferência Geral de Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura a realizam-se em Washington em novembro próximo”. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 20 de outubro de 1948: 2. Acervo Pessoal Josué de Castro – FUNDAJ. Pasta 15.

mesma conferência, Josué de Castro foi eleito “Vice-Presidente da Comissão de Atividades Técnicas”³⁹⁵.

Josué de Castro começa a se mover em organismos internacionais, representando o Brasil, adequando o discurso de combate a fome ao que estava sendo discutido internacionalmente. No regresso da conferência afirmou: “a fome é a maior sabotadora da paz no mundo”³⁹⁶. Em uma reportagem veiculada pelo *Diário Popular* de São Paulo, relatou algumas impressões sobre a conferência:

Regressou dos estados Unidos o Prof. Josué de Castro, que representou o Brasil na Conferência da Organização de Alimentação e Cultura. O Prof. Josué de Castro assinalou que foi debatido naquele certame o grave problema da malária, chegando-se a conclusão que a principal causa é a subnutrição. Depois de outras considerações, afirmou: “A luta mundial contra a fome” foi o tema central da minha conferência em que tomei parte. Interrogado sobre as conclusões alcançadas nesse terreno, disse-nos: - Concordaram os delegados dos 56 países membros da Organização que a fome, o maior sabotador da paz no mundo, além de ser um fenômeno universal, é uma praga feita pelo homem. Dois terços da humanidade em todos os continentes, sofrem de fome, endêmica ou epidemicamente. Sobre as causas dessa situação, disse o prof. Josué de Castro: - Existe no mundo grande desequilíbrio entre as necessidades de consumo e a produção de alimentos. A deficiência de produção, entretanto, não pode ser atribuída a condições naturais, mas a incapacidade do homem de aproveitar essas condições. No Brasil a área aproveitada para a produção de alimentos é de menos de 1% do território nacional³⁹⁷.

As construções discursivas atendem a determinadas interdições, a historicidade e ao ato impositivo de verdade. No caso específico da reportagem, Josué de Castro apresenta a necessidade de atrelar as ideias defendidas em *Geografia da Fome* ao discurso institucional da FAO. A ideia de denunciar a fome não estava mais na agenda pública, o que vigorava era a necessidade de reunir condições para combater o problema³⁹⁸. Nessa reportagem, podemos identificar o início de uma luta que tomou

³⁹⁵ *A Noite*, Rio de Janeiro, 24 de novembro de 1948:5 Acervo Pessoal Josué de Castro – FUNDAJ. Pasta 15.

³⁹⁶ *A Gazeta*, São Paulo, 28 de dezembro de 1948:6. Acervo Pessoal Josué de Castro – FUNDAJ. Pasta 15.

³⁹⁷ *Diário Popular*, São Paulo, 28 de dezembro de 1948:6. Acervo Pessoal Josué de Castro – FUNDAJ. Pasta 15.

³⁹⁸ O historiador Tony Judt trata da situação de tensão social com que a Europa vivia em 1947. “A situação era semelhante em outros países europeus. Esse elevado crescimento da procura por bens norte-americanos, ironicamente, indicava a melhoria da atividade econômica européia — porém, para se

dimensões internacionais, passando por diversas instituições, Josué de Castro procurou criar mecanismos que atacassem diretamente a fome³⁹⁹. Analisarei, ainda, uma notícia veiculada com o seguinte título: “A Alimentação na América do Sul”⁴⁰⁰.

A circulação das suas obras, palestras, conferências e articulações tecidas por Josué de Castro, tanto no âmbito universitário, quanto no campo da política, propiciaram a sua participação em organismos internacionais como a FAO, primeiramente como membro e posteriormente como presidente, entre os anos de 1952 e 1954. Apesar de sua obra e da atuação político-intelectual terem contribuído para colocar na agenda pública brasileira e na ONU questões que norteiam o problema alimentar, suas idéias, em alguns momentos, enfrentaram resistências das potências mundiais.

comprar produtos ou matérias-primas americanas eram necessários dólares. Os europeus nada tinham para vender ao resto do mundo; mas, sem moeda, não podiam adquirir alimentos para impedir que milhões de pessoas passassem fome, tampouco podiam importar as matérias-primas e maquinaria necessárias para desenvolver a sua própria produção”. JUDT, Tony. *Pós-Guerra*: Op.Cit, 2011, p. 91.

³⁹⁹ Analisando o pensamento de Josué de Castro no que concerne às ações que deveriam ser tomadas para combater a fome, afirma a socióloga Maria José de Rezende: “Segundo ele, era necessário criar programas que facilitassem o uso das tecnologias e dos conhecimentos científicos em favor da humanidade e dos seguimentos mais empobrecidos. Todavia, ele dizia que tinha plena clareza de que a ciência e a técnica não tinham como resolver, por si mesmas, o problema da fome, já que este dependia de decisões políticas, portanto, o estabelecimento de uma cooperação universal no combate à fome era essencial. Seriam necessários programas de melhoria das condições de vida nas regiões mais atrasadas do planeta, mas isto teria de ser feito dentro de uma lógica de emancipação colonial completa. A dignidade da condição humana só poderia prevalecer se fossem rompidas todas e quaisquer formas de submissão”. REZENDE, Maria José de. *Geopolítica da Fome: uma obra esclarecedora das nuances básicas de um debate político sobre as populações pobres no mundo*. In: SILVA, Tânia Elias Magno (Org.). *Josué de Castro*. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2012, p. 511.

⁴⁰⁰ *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 12 de julho de 1949:13. Acervo Pessoal Josué de Castro – FUNDAJ. Pasta 15.

A Organização de Educação, Ciência e Cultura das Nações Unidas desejou apurar a questão da alimentação pública na América do Sul e incumbiu de um estudo especial o professor brasileiro Josué de Castro, conhecedor da matéria, autor de estudos vários e diretor do Instituto de Alimentação da Universidade do Brasil. O trabalho do professor Josué de Castro vem compor uma separata do volume de trabalhos e pesquisas. O resultado do estudo, em linhas gerais, foi a verificação de que na América do Sul, ao contrário de ser um *El Dorado* em que foi tida por largo tempo contém uma população subalimentada. (...) A conclusão do estudo do professor Josué de Castro, declarando que o regime agrícola sul-americano de tipo semi-colonial á base de uma exploração semi-feudal do solo, utilizando processos agrícolas arcaicos e de manifesta tendência a monocultura latifundiária, apresenta um coeficiente de produção alimentar muito abaixo das necessidades biológicas da população⁴⁰¹.

Nesse sentido, a atividade institucional, não esteve dissociada da produção intelectual. A aproximação com a UNESCO possibilitou a publicação do estudo: “Os problemas da alimentação na América do Sul”⁴⁰². Escrever um trabalho para a UNESCO significava garantir a circulação internacional nos países membros da organização, bem como facilitar o intercâmbio de ideias e acesso a outros modos de pensar⁴⁰³. Analisando a situação fundiária da América do Sul, assim como fez em termos de Brasil em *Geografia da Fome*, o tema fundiário, aliado à reforma agrária, estará presente na atuação de Josué de Castro, nos anos 1950 e início dos anos 1960, como um instrumento necessário para o combate a fome. A atuação em organismos internacionais também será importante para elaboração e financiamento do livro *Geopolítica da Fome*.

⁴⁰¹ Idem, *Ibidem*.

⁴⁰² Esse artigo que circulou por todos os continentes, distribuído pela UNESCO, foi publicado em língua inglesa, francesa e espanhola. Ao lançar uma problemática voltada para a alimentação na América do Sul, Josué de Castro antecipava algumas das suas preocupações do livro *Geopolítica da Fome*, publicado em 1951. Informações obtidas em consulta realizada na Biblioteca e no Arquivo da UNESCO em Paris. UNESCO Archives. COM.COL.HN/01.

⁴⁰³ “Publicações. Os problemas da alimentação na América do Sul é o título de uma separata da revista “Trabalhos e Pesquisas” mandada editar pelo Instituto de Nutrição da Universidade do Brasil. Trata-se de um trabalho de cerca de 30 páginas, especialmente elaborado a pedido da UNESCO pelo professor Josué de Castro para ser divulgado em vários idiomas destinado a servir de roteiro para os debates que, a respeito, serão levados a efeito este ano nos países aderidos a esse organismo internacional. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 09 de junho de 1949. Acervo Pessoal Josué de Castro – FUNDAJ. Pasta 15.

CAPÍTULO 4:**JOSUÉ DE CASTRO NO LIMIAR DO LABIRINTO**

A história da humanidade tem sido, desde o princípio a história de sua luta pela obtenção do pão-nosso-de-cada-dia. Parece, pois difícil explicar e ainda mais difícil compreender o fato singular de que o homem - êste animal pretensiosamente superior, que tantas batalhas venceu contra as forças da natureza, que acabou por se proclamar por seu mestre e senhor – não tenha até agora obtido uma vitória decisiva nesta luta por sua própria subsistência. Basta ver que, depois dêste longo período de algumas de algumas centenas de milhares de anos de batalha, hoje se verifica, sob critério de observação científica de dois terços da população do mundo vivem num estado permanente de fome; que cerca de um bilhão e meio de seres humanos não encontram recursos para escapar às garras da mais terrível de tôdas as calamidades sociais⁴⁰⁴.

⁴⁰⁴ CASTRO, Josué de. *Geopolítica da Fome*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1959, p. 45.

Na década de 1950, as primeiras tensões da guerra fria entre os blocos capitalista e socialista produziam efeitos e tensões no campo da política internacional, intensificando uma corrida armamentista e produzindo a defesa de modos de vida. Diversas mudanças comportamentais e avanços tecnológicos passaram a fazer parte daquela configuração histórica. A difusão da cultura norte-americana na América Latina, do chamado *american way of life* representava um modo de viver amparado no otimismo e no estímulo ao consumo, trazendo um discurso imperialista e sedutor que influenciava os modos de agir, pensar e sentir. Na Europa, o modelo político de um Estado capitalista de “bem estar social” também projetava a possibilidade de intervenções estatais para assegurar a efetivação de direitos sociais.

No Brasil, as eleições de 1950, marcaram o retorno de Getúlio Vargas ao poder, “nos braços do povo”, por meio do voto direto popular. No final do mês de janeiro de 1951, Vargas voltou a ocupar a cadeira principal do Palácio do Catete, sede da Presidência da República no Rio de Janeiro. Em seu segundo governo, o presidente trouxe uma discussão importante para o cenário político, principalmente por meio de projetos de modernização do país que marcariam as décadas seguintes. O Presidente defendia um projeto nacionalista para o Brasil. Enquanto os seus opositores pretendiam uma associação direta ao capital internacional, o nacional-desenvolvimentismo⁴⁰⁵, tinha como cerne a defesa do mercado interno e a valorização da indústria nacional⁴⁰⁶. Apesar do acirramento das lutas políticas, continuava em curso a mais longa experiência democrática vivenciada pelo país até então.

O cenário de fortalecimento do Estado brasileiro, a preocupação com questões ligadas à cidadania e ao bem-estar social passaram a fazer parte do cenário das políticas de Estado. É nesse momento histórico que Josué de Castro participa ativamente do segundo governo Vargas, bem como passa a ter uma atuação relevante em organismos

⁴⁰⁵ A partir dessa época, o termo nacional-desenvolvimentismo passou a ser empregado constantemente para designar um projeto que teve como espaço inicial de formulação o Instituto Brasileiro de Estudos Sociais e Políticos (IBESP), criado em 1952 e que mais tarde passaria a ser o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), vinculado, a partir de 1954 ao Ministério da Educação. Os intelectuais ligados a essas instituições defenderam a perspectiva de que o Estado assumiria o papel de ator da modernização e da democratização do país. O nacionalismo passou a ser pensado como uma ideologia dotada de funções para vencer as forças de exploração das massas.

⁴⁰⁶ SCHWARCZ, Lilia Moritz. STARLING, Heloisa Murgel. *Brasil: Op.Cit*, 2015, p. 399-403.

internacionais ligados ao combate a fome. Mas também se insere na política partidária, especificamente, no PTB (Partido Trabalhista Brasileiro).

4.1 – O PTB como caminho: sobre quando uma derrota pode significar uma vitória.

O Partido Trabalhista Brasileiro foi criado em 1945, em meio ao processo de democratização, com a queda do Estado Novo e a formação do pluripartidarismo de base nacional. Desse modo, “o provável modelo inspirador do PTB foi o Partido Trabalhista Inglês, e suas bases foram construídas efetivamente a partir do Ministério do Trabalho”⁴⁰⁷. A articulação e controle político inicial do partido ficaram a cargo de Getúlio Vargas⁴⁰⁸. O PTB apresentou como um dos seus principais objetivos, reunir os trabalhadores em torno de um partido forte e capaz de defender os interesses corporativos⁴⁰⁹, mantendo a sua base política nos sindicatos. A intenção inicial do partido era atuar junto aos setores urbanos e industriais, os mesmos seguimentos sociais de interesse do Partido Comunista Brasileiro (PCB).

Segundo a historiadora Lucília Neves Delgado, alguns fatores contribuíram para a criação do PTB. Primeiramente, a manutenção dos poderes do Estado Novo, mesmo em uma nova configuração política, que tinha como base a ideia de democracia. Em segundo lugar, estava o interesse de Getúlio Vargas em preservar o controle sobre as organizações de trabalhadores, com o intuito de evitar o crescimento do PCB junto a esses setores. A influência personalística e carismática de Vargas representou o elo entre os dois fatores apresentados⁴¹⁰.

O PTB também apresentou, desde a sua fundação, uma dimensão reformista e que posteriormente se tornou a principal bandeira de luta do partido. A pauta da reforma agrária, a prática da estatização e nacionalização das riquezas, bem como a valorização de uma legislação trabalhista no campo e na cidade eram as principais reivindicações. A

⁴⁰⁷ GOMES, Angela de Castro. *A Invenção do trabalhismo*. Op.Cit, 2011, p. 283.

⁴⁰⁸ GOMES, Ângela de Castro. *Uma breve história do PTB*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2002. Trabalho apresentado na Palestra no I Curso de Formação e Capacitação Política, realizado na Sede do PTB. São Paulo, 13.jul.2002.

⁴⁰⁹ DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *PTB: do Getulismo ao Reformismo (1945-1964)*. São Paulo: LTr, 2011, p. 35-36.

⁴¹⁰ DELGADO, Lucília. *PTB*: Op. Cit, 2011, p. 37-38.

partir da década de 1950, o PTB passou a “comprometer-se cada vez mais com projetos de reforma social e de nacionalismo econômico”⁴¹¹. O historiador Jorge Ferreira destaca a importância da atuação do trabalhismo como uma cultura política daquele momento histórico:

o trabalhismo com forte dimensão nacionalista representou um importante instrumento para formação de um projeto de país que agradou a grande parte da população brasileira. Esperança, reformismo, distributivismo e nacionalismo passaram a ser um signo importante daquela época⁴¹².

Desse modo, as eleições de 1950 representaram um ambiente favorável para o retorno de Vargas ao poder. O discurso eleitoral de Vargas teve uma vertente estritamente nacionalista e com uma forte preocupação social. A estratégia de campanha era mobilizar as camadas populares urbanas, buscando, concomitantemente, produzir um discurso conciliatório entre as classes sociais. Desse modo, deixava clara a possibilidade, caso fosse eleito, de organizar um governo de conciliação. Outro fator que favorecia Vargas era a memória de expressiva parcela dos trabalhadores de terem obtido ganhos efetivos nos seus governos anteriores, tanto no que concerne aos salários, quanto à legislação trabalhista.⁴¹³

Em Pernambuco, as eleições de 1950 para o cargo de governador pôs em disputa as duas maiores forças políticas daquele momento. O PSD (Partido Social Democrático), que estava sob o domínio de Agamenon Magalhães⁴¹⁴, que ocupava naquela ocasião o cargo de Deputado Federal, e a UDN (União Democrática Nacional) que tinha como presidente do diretório estadual o usineiro João Cleofas. Ao mesmo tempo, Barbosa Lima Sobrinho, que era o então Governador do Estado, e alguns setores

⁴¹¹ Idem, ibidem: 81.

⁴¹² FERREIRA, Jorge. *O imaginário trabalhista: getulismo, PTB e cultura política popular. 1945-1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, p. 12.

⁴¹³ A historiadora Lucília Neves Delgado destaca ao longo capítulo II os principais fatores que favoreceram a reeleição de Vargas em 1950. DELGADO, Lucília. *PTB: Op. Cit*, 2011, p. 80-95.

⁴¹⁴ Sobre o controle político autoritário exercido por Agamenon Magalhães assinalou o historiador Flávio Weinstein Teixeira: “Esse é um fato tanto mais relevante quando se considera o papel central desempenhado por Agamenon, não apenas como interventor durante o Estado Novo, mas também como homem de confiança de Getúlio Vargas. Os quase ilimitados recursos de que dispôs nessa fase, lhe permitiu, inclusive, formar uma vasta clientela política, pareciam ser de ordem de compensar as desvantagens decorrentes de ser o mais lídimo representante de um período autoritário durante uma fase de democracia liberal”. TEIXEIRA, Flávio Weinstein. *O movimento e a linha: presença do teatro do estudante e do gráfico amador no Recife (1946-1964)*. Recife: UFPE, 2007, p. 47.

do PSD e da UDN, desejavam que houvesse candidato único ao pleito estadual, mas as forças políticas não entraram em acordo.

Nesse cenário político, Josué de Castro que até então era mais reconhecido por sua atuação intelectual, passou a se inserir ativamente na política partidária⁴¹⁵. Em 1950 se filiou ao PTB, e nas eleições que foram marcadas pelo retorno de Getúlio Vargas à disputa eleitoral, candidatou-se a deputado federal por Pernambuco, apesar de residir há muitos anos, no Rio de Janeiro. Seguindo as orientações nacionais do partido participou da coligação que pretendia eleger o udenista João Cleofas ao governo de Pernambuco.

O candidato udenista obteve o apoio de Getúlio Vargas⁴¹⁶ que rompeu com Agamenon Magalhães, interventor em Pernambuco durante o Estado Novo, mas seguiu as orientações do PSD nacional⁴¹⁷. Nesta eleição, Josué de Castro participou de uma coligação partidária composta por setores considerados conservadores e que representavam os grupos de direita em Pernambuco. O periódico *Diário de Pernambuco*, na seção *Política*, destacou em uma breve nota, a intenção de Josué de Castro em concorrer ao pleito daquele ano:

Encontra-se novamente no Recife, o prof. Josué de Castro. Sua viagem se prende, desta vez, à indicação do seu nome à representação federal por este Estado. Será candidato pelo PTB, na chapa da Coligação. Ontem em horas diferentes, o visitaram no Grande-Hotel os senhores João Cleofas e Oswaldo Lima. O prof. Josué de Castro almoçou em companhia do candidato coligacionista ao governo do Estado⁴¹⁸.

As páginas do jornal *Diário de Pernambuco*, até então, destacavam o lançamento de livros, a realização de palestras, enfim as atividades acadêmicas de Josué

⁴¹⁵ Destacamos, em especial, a contribuição de Foucault à discussão acerca do intelectual específico e universal, fundamental para refletirmos acerca dos intelectuais que se inseriram ativamente na vida política, como foi o caso de Josué de Castro. FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Op. Cit, p. 69-78.

⁴¹⁶ De acordo com a historiadora Lucília de Almeida Neves Delgado a aliança nacional que viabilizou a candidatura de Getúlio Vargas a presidência da República foi entre PTB e o Partido Social Progressista (PSP). Porém não oficialmente, setores da UDN deixaram de apoiar o Brigadeiro Eduardo Gomes para apoiar a candidatura de Vargas. DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *PTB: do Getulismo ao Reformismo (1945-1964)*. Op.Cit, 2011, p. 88.

⁴¹⁷ MONTENEGRO, Antônio Torres. SANTOS, Taciana Mendonça. Lutas em Pernambuco... A frente do Recife chega ao poder (1955-1964). In: FERREIRA, Jorge. REIS, Daniel Aarão (Orgs.). *Nacionalismo e Reformismo Radical (1945-1964)*. As esquerdas no Brasil; v.2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 463.

⁴¹⁸ *Diário de Pernambuco*, Política, sábado, 26 de agosto de 1950, p. 8. Hemeroteca Digital Brasileira.

de Castro. Mas, nessa nota de 26 de agosto de 1950, data muito próxima das eleições que se avizinhavam em outubro, surge provavelmente uma das primeiras notícias da sua atuação político-partidária no PTB. É possível perceber nos jornais que um deslocamento significativo estava sendo construído, a representação de Josué de Castro como político.

Quando estava em Recife, Josué de Castro hospedava-se frequentemente no Grande Hotel, localizado na área central da cidade, mais precisamente no Cais de Santa Rita, bairro de São José. As reuniões daquele dia podem trazer informações importantes sobre aquela coligação partidária. Uma das visitas recebidas por Josué de Castro no Grande Hotel, segundo o jornal, foi a do político João Cleofas, candidato a Governador do Estado. Também se reuniu com Josué de Castro, o deputado estadual Oswaldo Lima Filho, um dos fundadores do PSD⁴¹⁹ que, em 1950, filiou-se ao Partido Social Progressista (PSP) para se candidatar ao cargo de Senador. É importante lembrar que Oswaldo Lima Filho havia sido, durante o Estado Novo, delegado do DOPS (Delegacia de Ordem Política e Social) de Pernambuco e um dos aliados mais importantes do interventor Agamenon Magalhães.

Esmiúçar esses detalhes da composição da coligação partidária se faz necessário para compreendermos em qual configuração política Josué de Castro disputou a sua primeira eleição. Uma semana após a publicação dessa breve nota na primeira página o *Diario de Pernambuco* veicula o seguinte comunicado:

⁴¹⁹ Sobre a atuação do PSD e UDN em Pernambuco ver o trabalho da historiadora Dulce Pandolfi. PANDOLFI, Dulce Chaves. *Pernambuco de Agamenon Magalhães: consolidação e crise de uma elite política*. Recife: Massangana, 1984.

Partido Trabalhista Brasileiro

Convite ao Povo Pernambucano

O P.T.B, Secção Pernambuco, convida o povo pernambucano para receber em nossa terra o eminente brasileiro Senador Getúlio Vargas, candidato à presidência da República. O senador e a sua comitiva chegarão hoje às 9 horas no aeroporto dos Guararapes (...) Terá lugar no Parque 13 de Maio o grande comício que consagrará a candidatura de Getúlio de Vargas na terra pernambucana. Falarão nesse comício os seguintes oradores: Em primeiro lugar usará a palavra o Dr. Severino Maris presidente do P.T.B de Pernambuco. Em seguida o Dr. Edgar Fernandes presidente do PSP, o prof. Josué de Castro, candidato a Deputado Federal pelo P.T.B, Oswaldo Lima Filho; Adalberto Guerra pela Frente Eleitoral Trabalhista e o operário Otávio Carneiro. Finalizando usará a palavra o Senador Getúlio Vargas. (...) O comício será irradiado pela Rádio Clube de Pernambuco⁴²⁰.

Desse modo, através da candidatura ao cargo de deputado federal, Josué de Castro buscava, novamente, ampliar sua inserção em projetos que visavam atender às demandas sociais do seu tempo. Josué de Castro encontra no discurso reformista e nacionalista do PTB uma oportunidade para dar prosseguimento à sua atuação intelectual e política nos debates em torno da alimentação.

Josué de Castro havia desembarcado em Recife alguns dias antes: articulou a candidatura e posteriormente se lançou como deputado federal com a presença de Getúlio Vargas. É possível perceber a ausência de João Cleofas entre aqueles que iriam discursar, provavelmente devido a divisão no interior da UDN com relação ao apoio à Getúlio Vargas. Segundo a historiadora Dulce Pandolfi, Vargas, em plena campanha em Pernambuco afirmou: “vim encontrar em Pernambuco o ilustre engenheiro João Cleofas. Este é o nome que aconselho aos vossos votos, por ter sido escolhido pelo PTB”⁴²¹. A transmissão radiofônica do evento favorecia os candidatos participantes, pois a frequência da Rádio Clube de Pernambuco conseguia chegar aos lugarejos mais distantes do estado.

Durante a campanha política, o *Diário de Pernambuco* também veiculou a seguinte propaganda partidária: “Partido Trabalhista Brasileiro. Votai no cientista Josué de Castro para Deputado Federal. Chapas na Rua Nova, 282; Rua do Bom Jesus, 207, 2º

⁴²⁰ *Diário de Pernambuco*, Política, domingo, 27 de agosto de 1950, p.1. Hemeroteca Digital Brasileira

⁴²¹ PADOLFI, Dulce. As eleições de Pernambuco de 1950 a 1954. In: LAVAREDA, Antônio. SÁ, Constança. (Orgs.). *Poder e Voto: a luta política em Pernambuco*. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1986, p. 95.

andar; e Rua da Palma, 450”⁴²². O texto foi veiculado durante todo o mês de setembro que antecedia o pleito eleitoral: a propaganda denota as práticas políticas⁴²³ utilizadas naquele momento histórico. As cédulas eleitorais – chapas - eram distribuídas pelos próprios candidatos e poderiam ser conseguidas, no Comitê Nacional Getúlio Vargas.

A Coligação Democrática Pernambucana⁴²⁴ elegeu 10 deputados federais. Nessas eleições Josué de Castro obteve apenas 4.770 votos tendo ficado com a sexta suplência⁴²⁵. O Governo do Estado foi ocupado por Agamenon Magalhães, que durante as eleições soube arregimentar a estrutura do PSD ao seu favor.

A partir de 1945 é no Partido Social Democrático e na União Democrática Nacional que pode ser observada a maior concentração de lideranças políticas de Pernambuco envolvida em acirradas disputas eleitorais, foram a UDN e o PSD que protagonizaram as principais disputas políticas em Pernambuco, sobretudo entre os anos 1945 a 1955⁴²⁶.

O fato de Josué de Castro, mesmo com o apoio de Getúlio Vargas, ter perdido as eleições em Pernambuco, está ligado, principalmente, à falta de uma base eleitoral no Estado, pois residia há vinte anos no Rio de Janeiro. Apesar das suas obras serem amplamente divulgadas nos jornais de Pernambuco, a sua atuação político-partidária ainda era desconhecida⁴²⁷. As principais forças políticas do estado, o PSD e a UDN, estavam ainda ligadas a práticas políticas que se assemelhavam ao coronelismo. Ao mesmo tempo, o PTB, que possuía uma maior atuação nos centros urbanos, em

⁴²² *Diário de Pernambuco*, Política, sexta-feira, 22 de setembro de 1950, p.3. Hemeroteca Digital Brasileira.

⁴²³ Sobre as práticas políticas e eleitorais durante a década de 1950 ver: VILELA, Márcio Ananias Ferreira. *A trajetória política de Francisco Heráclio do Rêgo*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2014

⁴²⁴ A Coligação Democrática Pernambucana foi formada pelos seguintes partidos UDN, PR, PRP, PDC, PTB, PL.

⁴²⁵ DEPUTADOS, Câmara. Dados estatísticos: eleições federais e estaduais, realizadas no Brasil em 1950. V.2. Brasil. Tribunal Superior Eleitoral. <http://bd.camara.leg.br>. Acessado em 21 de janeiro de 2016.

⁴²⁶ VILELA, Márcio Ananias Ferreira. *A trajetória política de Francisco Heráclio do Rêgo*. Op.Cit, 2014, p. 148.

⁴²⁷ É importante ressaltar que durante o ano de 1950, o nome de Josué de Castro, circula constantemente no *Diário de Pernambuco*, mas não com uma conotação política e sim por meio de propagandas das suas obras publicadas pelas Edições Cruzeiro. No *Diário de Pernambuco* de 14 de julho de 1950 a obra *Cidade do Recife* é anunciada pelo preço de C\$ 30,00. Já na edição do dia 20 de julho de 1950 o livro anunciado é a *Geografia da Fome*, até então a obra mais conhecida do autor que custava C\$ 40,00. Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

Pernambuco ainda era um partido com eleitorado reduzido. Esses fatores podem ter colaborado para a derrota de Josué de Castro nas urnas.

Porém, essa candidatura e o alinhamento com o discurso político do PTB, possibilitaram a Josué de Castro a inserção em outras esferas. Assim como Josué de Castro, inúmeros intelectuais, técnicos, burocratas, sobretudo políticos que colaboraram com o Estado Novo e também se aproximaram do projeto nacional-desenvolvimentista do segundo governo Vargas.

4.2 – A inserção de Josué de Castro no segundo Governo Vargas

O retorno de Getúlio Vargas ao Palácio do Catete possibilitou, para aqueles que não obtiveram um cargo eletivo nas eleições de 1950, a oportunidade de se inserirem em um governo que se pretendia de coalizão nacional⁴²⁸. Entre os derrotados nas eleições estava, Josué de Castro. Apesar de não ter conseguido êxito na campanha eleitoral, a filiação de Castro ao PTB e a candidatura a deputado federal significaram uma maneira de se inserir em meio a uma nova configuração política que se apresentava. Passada a disputa eleitoral, a composição do governo Vargas entrou em pauta. O *Diário de Pernambuco* de 7 de março de 1951⁴²⁹ trouxe, em sua primeira página, notícias sobre inúmeras nomeações assinadas por meio de decreto presidencial. Segundo o jornal, Josué de Castro foi nomeado como membro da Comissão Nacional de Alimentação.

Essa nomeação possibilitou que Josué de Castro continuasse transitando e inferindo nos debates sobre o tema da alimentação no âmbito estatal. A Comissão Nacional de Alimentação foi fundada ainda em 1945 e tinha como função definir a política nacional de alimentação, estimular pesquisas, realizar campanhas educativas, e aprimorar a indústria de alimentos desidratados. Mas, no segundo Governo Vargas essa

⁴²⁸ No prefácio do livro da historiadora Maria Celina D'Araújo, o ex-assessor de Vargas durante aquele governo, Rômulo Almeida, comenta a dificuldade que o governo enfrentou para compor a base no congresso, principalmente devido ao insucesso na eleição de deputados e senadores comprometidos com o projeto de Vargas. “A vitória eleitoral do presidente fora sensacional, mas não teve relação com o resultado da eleição para o Congresso. As concessões precisavam ser muito grandes para manter a tranquilidade do sistema de poder; e implicariam minar seriamente a eficiência da administração no cumprimento dos compromissos da campanha eleitoral”. D'ARAÚJO, Maria Celina. Prefácio. *O segundo governo Vargas 1951-1954: democracia, partidos e crise política*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1992, p. 10.

⁴²⁹ *Diário de Pernambuco*, quarta-feira, 07 de março de 1951, p.1. Hemeroteca Digital Brasileira.

comissão passou a ter um novo papel, de acordo com o decreto presidencial Nº 29.446 de 6 de abril de 1951:

Decreto Nº 29.446

Atribui funções à Comissão Nacional de Alimentação.

O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o art. 87, item I, da Constituição;

(...)

Considerando que a Organização de Alimentação e Agricultura, agência especializada incumbida dos assuntos de alimentação e agricultura das Nações Unidas, para a qual contribui o Brasil como país-membro, tem recomendado repetidamente a instalação em cada país de um Comitê Nacional com a função de centro de coordenação e ligação dessas atividades,

Considerando ainda que, para essa função, está perfeitamente indicada a atual Comissão Nacional de Alimentação, integrada por membros designados por decretos de 7 de março de 1951 e recrutados nos vários ministérios diretamente interessados nos assuntos da referida organização internacional,

Resolve:

Art. 1º - Fica a Comissão Nacional de Alimentação investida nas funções de Comitê Nacional de Organização e Alimentação e Agricultura das Nações Unidas.

Rio de Janeiro, 6 de abril de 1951,

Getúlio Vargas⁴³⁰,

Essas questões da burocracia estatal, que aparentemente são meramente técnicas, representam um importante caminho para compreender a articulação da formação do segundo governo Vargas, tornando-se relevantes para analisar o percurso de Josué de Castro durante toda a década de 1950. Construía-se a imagem de um intelectual e político ligado às políticas públicas e ao debate internacional sobre o combate a fome, inclusive possibilitando sua atuação em organismos nacionais e internacionais.

O decreto presidencial proporciona a possibilidade de compreendermos o momento em que a ONU, por meio da FAO, pretendia implementar políticas públicas voltadas para a agricultura e alimentação. De acordo com Maria Letícia Bizzo, a FAO no período que compreende 1949 a 1953, realizou cooperação técnica por meio da produção e divulgação do conhecimento científico, visando em suas ações os países subdesenvolvidos⁴³¹. Essa política da FAO se alinhava com o pensamento nacional-

⁴³⁰ Acervo Alzira Vargas Amaral Peixoto - Vida pública. AVAP vpu sg. CPDOC-FGV.

⁴³¹ BIZZO, Maria Letícia Galluzzi. *Agências internacionais e agenda local: Op.Cit*, 2012:, p. 112.

desenvolvimentista defendido por Vargas e pelo PTB, bem como com as teses defendidas por Josué de Castro em suas obras.

Além do trabalho desenvolvido como presidente da Comissão Nacional de Alimentação e Diretor do Instituto de Nutrição da Universidade do Brasil, Josué de Castro, participou de outra comissão que também envolvia uma das preocupações centrais da FAO. Em outubro de 1951, sob a presidência do ministro do Trabalho, Indústria e Comércio, Danton Coelho, e a vice-presidência de Josué de Castro, constituiu-se a Comissão Nacional do Bem-Estar Social (CNBS)⁴³². Participar dessa comissão era estar ligado às políticas estatais do trabalhismo de Vargas que eram implementadas principalmente por meio desse ministério.

A CNBS desenvolveu estudos e ações sobre algumas demandas sociais que o Brasil enfrentava naquele presente. Inspirada na ideia do Estado Bem-Estar Social implementado em países europeus do Bloco Capitalista no Pós-Guerra, essa comissão tinha o intuito de desenvolver políticas públicas de alcance social visando a melhoria de vida das camadas populares e investimentos nas áreas de alimentação, habitação e previdência social. Um ofício do Ministério do Trabalho para o então Presidente Getúlio Vargas justifica a necessidade de criar a comissão:

⁴³² O periódico *Diario de Pernambuco* noticiou a nomeação de Josué de Castro e de outros indicados para a Comissão. “Integrarão a C.N de Bem Estar Social. Foi assinado um decreto designando os senhores Almir de Castro, Josué de Castro, Gildo Amado, Dorilo Vasconcelos Brasil, Machado Neto, Evaldo Lodi e Almir do Amaral Peixoto”. *Diario de Pernambuco*, quarta-feira, 24 de outubro de 1951. Hemeroteca Digital Brasileira.

Excelentíssimo Senhor Presidente da República, 4 de abril de 1951
 Compete a esse Ministério de dar unidade e coordenação as medidas necessárias a perfeita execução da política de bem-estar social preconizada por V.Ex., promovendo a organização de aparelhamento técnico e administrativamente adequado ao desempenho dessa tarefa da mais alta significação para os destinos da nacionalidade. (...) Dentro deste pensamento, parece-me da maior conveniência a criação, neste Ministério, de uma Subsecretaria de Estado, encarregada do Bem-Estar Social, a qual, abrangendo todos os serviços de assistência social ao trabalhador brasileiro e as suas famílias, se incumbiria de planificar e por em execução, sob a direta orientação do titular da pasta, as atividades que se destinam a esse objetivo e que hoje constituem esforços parcelados de serviços e órgãos que, na esfera de competência deste Ministério, se ocupam dos problemas fundamentalmente ligados á conquista desse bem-estar, entre os quais avultam os relativos á alimentação, á previdência social, promovendo, outros sim, mais amplas oportunidades de valorização técnica e cultural do trabalhador. Danton Coelho⁴³³.

O documento apresenta as diretrizes da CNBS com o ideário trabalhista “que é apresentado como a única saída para a solução dos problemas sociais do Brasil”⁴³⁴. A necessidade de conciliação de Vargas estava presente na composição do governo e na tentativa de harmonia entre as classes sociais, para que assim fosse possível promover o bem-estar geral. É importante enfatizar que o partido trabalhista inglês que inspirou a criação do PTB, utilizou um discurso semelhante no que concerne ao bem-estar social⁴³⁵. É fato que durante o governo Vargas as sucessivas divisões internas do Partido⁴³⁶, a alta dos preços e a perda de renda dos trabalhadores, dificultaram em um primeiro momento, que as políticas em torno do bem-estar social para os trabalhadores,

⁴³³ Ofício do Danton Coelho, então Ministro do Trabalho, Indústria e Comércio de Vargas, justificando a necessidade de criação da Comissão de Bem-Estar Social. Acervo Alzira Vargas Amaral Peixoto - Vida pública. AVAP vpu sgv 1951.04.04. CPDOC-FGV.

⁴³⁴ D'ARAUJO, Maria Celina. Prefácio. *O segundo governo Vargas 1951-1954*: Op. Cit., 1992, p. 98.

⁴³⁵ Segundo o historiador Tony Judt a mudança de prioridade nos investimentos no bem-estar social do trabalhador produziu uma divisão interna no Partido Trabalhista inglês e que também demonstra a crise do trabalhismo em âmbito internacional: “O governo britânico foi forçado a desviar receitas públicas previamente destinadas a serviços de bem-estar social a fim de fazer frente a compromissos de defesa, decisão que dividiu o Partido Trabalhista, que então comandava o país, e contribuiu para a derrota dos trabalhistas nas eleições de 1951”. JUDT, Tony. *Pós-Guerra*: Op.Cit, 2011, p. 137.

⁴³⁶ Segundo a historiadora Lucília Neves Delgado as crises internas no PTB, tiveram início devido a postura conciliadora de Getúlio Vargas em seu governo, a crise econômica também afetou a relação do partido com os trabalhadores, pois os ganhos reais nos salários eram corroídos pela inflação. Além desses fatores o desentendimento de Danton Coelho e posteriormente de Segadas Viana na relação entre governo e sindicatos desgastaram ainda mais o início de governo. Essas crises somente seriam amenizadas com a chegada de João Goulart ao Ministério do Trabalho que implementa uma visão reformista ao governo. DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *PTB: do Getulismo ao Reformismo (1945-1964)*. Op.Cit, 2011, p. 104-114.

assegurassem a efetivação de uma cidadania também pautada na existência de direitos sociais.

As tensões no PTB proporcionaram a queda de Danton Coelho do Ministério do Trabalho. A CNBS passou a ter uma nova presidenta, Alzira Vargas do Amaral Peixoto⁴³⁷, filha de Vargas que já desenvolvia um trabalho na Legião Brasileira de Assistência⁴³⁸. Nessa comissão, Alzira Vargas, desempenhou o papel de aliar as discussões em torno do trabalho em um plano internacional, pois já tinha participado da Conferência Internacional do Trabalho, da Conferência do Trabalho dos Estados Americanos e da Conferência Interamericana do Trabalho. Esses eventos atualizaram o governo Vargas em torno dos debates sobre a questão do trabalho no mundo.

Nesse sentido, a participação de Josué de Castro na CNBS foi uma experiência relevante na sua trajetória, pois permitiu que tivesse a possibilidade de participar da construção de políticas públicas de bem-estar social, voltadas especificamente para a classe trabalhadora, bem como estar próximo dos debates que a ONU, a FAO e outros organismos internacionais produziam naquele momento. A CNBS também propiciou à Josué de Castro o acesso as pesquisas e inventários desenvolvidos por essa comissão sobre o padrão de vida de alguns grupos sociais como operários industriais, classes médias, e agricultores. Desse modo, o fortalecimento das relações institucionais entre o governo brasileiro e a FAO favoreceram Josué de Castro nessa instituição, da qual era membro desde 1947.

Em uma das viagens para participar de uma reunião em Roma na Itália, Josué de Castro escreveu a seguinte carta para Alzira Vargas:

⁴³⁷ Acervo Alzira Vargas Amaral Peixoto - Vida pública. AVAP vpu sgv. CPDOC-FGV.

⁴³⁸ Nomeação de Alzira Vargas para a Comissão Nacional de Bem-estar Social. 23 de outubro de 1951. Acervo Alzira Vargas Amaral Peixoto - Vida pública. AVAP vpu sgv 1951.04.04.

Roma, 1 de Dezembro de 1951.
 Exma. Sra. Alzira Vargas do Amaral Peixoto
 Rio de Janeiro
 Brasil

Minha grande amiga,
 Depois de quase um mês de trabalho duro, de lutas e de peripécias que contará com detalhe (caso você tenha tempo para ouvi-lo) o portador desta, meu companheiro de delegação, Dr. João Gonçalves de Souza, ganhamos a parada da Presidência do Conselho da F.A.O. Foi um espetáculo inédito e de estarrecer, este do Brasil (país lá-bás) ganhar uma luta contra as grandes potências unidas (a Inglaterra, os Estados Unidos e a França). Até hoje as delegações das potências estão atordoadas com a surpresa. Mas, palavra que foi bom! Agora, com a eleição, sou forçado a demorar um pouco mais aqui para presidir a sessão do Conselho, que se reúne logo depois da Conferência. Tenho, no entanto, a impressão que a demora será recompensada com as vantagens que poderemos tirar da FAO para o país, no programa do Bem Estar Social ora em planejamento. Já estou encaminhando uma série de convênios em matéria de assistência técnica que a meu ver será de utilidade nos nossos planos. Muito grato por seu telegrama de felicitações e também pela ajuda magnífica que vem dando aos trabalhos da nossa comissão. Tenho a impressão que na minha volta não terei mais nada por fazer. Vocês já fizeram tudo. Dê todas as suas ordens e disponha da admiração e gratidão do

Josué de Castro⁴³⁹.

A correspondência noticia a chegada de Josué de Castro a Presidência do Conselho Consultivo da FAO. A forma de tratamento utilizada por Josué de Castro para cumprimentar Alzira Vargas, demonstra uma relação de proximidade e afetividade entre os dois. Josué de Castro se expressou com uma narrativa carregada de emoção e entusiasmo, exaltando o feito de ter vencido as grandes potências para chegar ao cargo. O uso da expressão francesa *lá-bas* que significa literalmente “abaixo”, para mencionar o Brasil, provavelmente se remete ao que se convencionou chamar de “terceiro mundo”, ou ainda país subdesenvolvido. Esses termos tiveram um lugar central no final dos anos 1950.

Josué de Castro, ao tomar posse da presidência do Conselho Consultivo da FAO, proferiu um discurso na sede da FAO, em Roma. A partir daquele momento, as suas ideias passaram a ter mais publicidade, além de também favorecer a construção de outras redes intelectuais e políticas nas quais passou a estar inserido. Josué de Castro, a

⁴³⁹ Acervo Alzira Vargas Amaral Peixoto - Vida pública. AVAP vpu sgv. Correspondência Geral. 1 de Dezembro de 1951. CPDOC-FGV.

partir de então, falava para o mundo, dialogando também com representantes de diversos países.



Figura 12: Fotografia da posse de Josué de Castro na FAO. Manifesto dos Trabalhadores de Pernambuco. Autor: desconhecido. Acervo Pessoal Josué de Castro – FUNDAJ. Fotografia.

Essa inserção internacional influenciou diretamente a mudança de perspectiva na produção das suas obras. As temáticas do desenvolvimento e subdesenvolvimento, do colonialismo, e da reforma agrária passaram a estar mais presentes nos seus escritos produzidos na década de 1950. A experiência da FAO proporcionou a Josué de Castro o contato com diversos modelos de desenvolvimento, principalmente por meio do debate com líderes de países desenvolvidos e subdesenvolvidos. Provavelmente, as críticas que construiu ao longo da década de 1950 em relação ao modelo desenvolvimentista brasileiro, adotado principalmente pelo governo de Juscelino Kubistchek, tenham sido pensadas a partir dessa experiência. Em uma entrevista a *Revista Manchete*, Josué de Castro, lembrou sua chegada à Presidência do Conselho Consultivo da FAO.

A mais tremenda emoção de minha vida foi quando alcancei a presidência do Conselho da FAO. Meu competidor era Lord Bruce, da Inglaterra. Atribuo a minha vitória a dois fatores: a) não acreditavam nela; b) quem ganhou foi a miséria. (...) Foi justamente naquela eleição, quando venci Lord Bruce por 34 a 30 votos, depois de um empate no primeiro escrutínio. Minha grande emoção foi sentar na cadeira da presidência, olhar um a um dos representantes das grandes potências e recordar os mocambos do Recife, onde se reproduzia o Ciclo do Caranguejo, onde viviam outros meninos de rua, como eu tinha sido⁴⁴⁰.

As palavras de Josué de Castro, construídas poucos dias antes de golpe civil-militar de 1964 narram de forma épica a vitória conquistada na FAO. Mas, não faz referência à construção do processo, às articulações, aos caminhos percorridos para conquistar a posição. A eleição de Josué de Castro para a presidência do conselho consultivo da FAO, muito se deve a sua inserção, por meio de várias conferências de Nutrição, nas delegações brasileiras que participaram dos debates sobre alimentação na FAO⁴⁴¹, bem como a participação nos órgãos estatais de caráter científico que foram trabalhados nos capítulos anteriores. Essas atividades proporcionaram a construção de uma rede, principalmente entre os países latino-americanos, fato que contribuiu para a sua vitória⁴⁴². Desse modo, através de Josué de Castro, o Brasil passou a ter uma atuação relevante nas políticas da FAO durante os anos 1950.

⁴⁴⁰ *Revista Manchete*, nº625. Rio de Janeiro, abril de 1964. Arquivo Pessoal Josué de Castro – FUNDAJ. Pasta 95.

⁴⁴¹ Em 1949, Josué de Castro, chefiou a delegação brasileira para a Conferência na FAO, participou também durante a década de 1940 de congressos voltados para o campo da nutrição na Argentina, na Venezuela e no Chile.

⁴⁴² Segundo Jean Ziegler as articulações de Josué de Castro junto a FAO tiveram início nos anos 1940 e se destacou entre os especialistas da delegação brasileira que apoiou a criação da agência: “Paralelamente ao seu engajamento nacional, Castro desempenhou um papel internacional determinante ao participar, em 1946, da fundação da FAO. Ele fez parte do pequeno grupo de especialistas encarregados pela Assembléia Geral das Unidas de preparar a criação do organismo e depois o delegado do Brasil à Conferência da FAO em Genebra, em 1947, membro do Conselho Consultivo Permanente da FAO no mesmo ano e, enfim, presidente do seu Conselho Executivo entre 1952 e 1956”. ZIEGLER, Jean. *Destruição em massa*. Geopolítica da Fome. Op.Cit, 2013, p. 119-120.

Através da participação de Josué de Castro, o Brasil atuou na FAO em um período importante da agência. Castro atuou desempenhando um papel colaborador na construção de certas ações da agência, participando da administração da FAO, defendendo políticas de ataque mais profundo e pragmático à fome no mundo e exercendo uma representatividade do bloco de países considerados “subdesenvolvidos”. Sua participação se deu em um momento-chave da instituição, posto que nele a agência passou por situações cruciais: ampliou a inserção da temática alimentar no debate internacional; sedimentou-se e expandiu-se como agência especializada, em uma conjuntura na qual o papel das agências da ONU ainda estava sendo melhor desenhado; gerou e estimulou a construção de conhecimento técnico-científico; lançou recomendações e linhas programáticas importantes ligando alimentação e questões nacionais, na perspectiva do desenvolvimento; prestou assistência técnica a amplo quantitativo de países e passou por profundas modificações internas⁴⁴³.

Josué de Castro atuou na presidência do conselho da FAO durante quatro anos, tendo sido eleito em 1952 e reeleito em 1954. As reuniões da FAO aconteciam semestralmente, não havendo a necessidade de Josué de Castro residir em Roma. Nessa fase a sua atuação no Brasil passou a ser mais incisiva no que concerne à articulação das ações da FAO que trouxessem soluções para o enfrentamento da fome no país. No entanto, grande parte dessas ações não passou da fase de cooperação técnica. Contudo, Josué de Castro passou a desenvolver trabalhos como a Campanha Nacional de Alimentação, fomentada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e pela FAO, que englobou diversas outras políticas⁴⁴⁴, que tiveram como foco principalmente o Programa Nacional de Merenda Escolar. Essas iniciativas estiveram ligadas a Comissão Nacional de Alimentação e a Comissão de Bem-Estar Social⁴⁴⁵.

⁴⁴³ BIZZO, Maria Letícia Galluzzi. *Agências internacionais e agenda local*: Op.Cit, 2012, p. 261.

⁴⁴⁴ Um documento que trata dos programas criados na Campanha Nacional de Alimentação de 1952, sem constar a fonte, é apresentado em um livro que reúne vários pesquisadores que se dedicam ao estudo da vida e da obra de Josué de Castro. “Entre os programas desenvolvidos estavam o Programa de Educação Alimentar, o Programa Nacional de Merenda Escolar, o Programa de Investigações e Pesquisas, o Estabelecimento de áreas demonstrativas para a instalação de centros rurais de assistência e educação alimentar. O programa Nacional de Merenda Escolar, o mais vasto e de consequência imediata, dispõe de 65% do total das disponibilidades financeiras, sendo que pelo menos 75% daquela parcela é destinada à compra de alimentos (principalmente leite em pó), misturas alimentícias e complementos alimentares para a distribuição em escolas não assistidas com merenda, e enriquecimento artificial de alimentos locais. Pretende assim, a campanha, fornecer merenda gratuita a pelo menos 800.000 crianças, dentre as mais necessitadas, num vasto programa de assistência alimentar”. SILVA, Tânia Elias Magno (Org.). *Josué de Castro*. Op.Cit, 2012, p. 643-644.

⁴⁴⁵ Os jornais do período também trouxeram críticas a atuação da Comissão de Bem-Estar Social, segundo o Diário de Notícias não tinha nem endereço certo, nem transparência da fonte de recursos: “É atribuição e obrigação desta Comissão enfrentar e anular as agruras nacionais, permitindo ao povo do Brasil o

Segundo Maria Letícia Bizzo, um interlocutor importante tanto para chegada a FAO, quanto para o pensamento de Josué de Castro, foi o médico escocês, prêmio Nobel da Paz em 1949 pelos trabalhos no campo da nutrição, e um dos percussores da FAO, Lord Jonh Boyd Orr. Algumas ideias defendidas por Josué de Castro na década de 1950, como a criação de uma reserva alimentar para o mundo em tempos de crise, são fortemente influenciadas por Boyd Orr. Alguns anos mais tarde, em uma releitura da experiência da FAO, na qual permaneceu como membro até 1962 afirmou:

Longe de mim menosprezar a obra realizada pela FAO, mas desejo dizer com toda a sinceridade (...) que me sinto decepcionado diante da obra que realizamos. Decepcionado pelo que fizemos porque, a meu ver, não elaboramos, até hoje uma política de alimentação realista que ponha em linha de conta, ao mesmo tempo as desesperadas necessidades do mundo e nossos objetos. Não fomos suficientemente ousados, não tivemos a coragem suficiente para encarar, de frente, o problema e buscar as suas soluções. Apenas afloramos a sua superfície, sem penetrar em sua essência, sem querer, na verdade, resolvê-lo, por falta de coragem de desagradar a alguns. Precisamos, a meu ver, ter a coragem de discordar de certas opiniões para aceitarmos a imposição das circunstâncias, resolvendo o problema no interesse da humanidade⁴⁴⁶.

As relações da política não se dão apenas no âmbito da conciliação, mas essencialmente no jogo das relações de poder e das questões relativas à governabilidade, à soberania e à razão de Estado. As grandes potências econômicas daquele período ajustavam seus discursos às demandas econômicas, não necessariamente se sensibilizando com a questão alimentar mundial, como pretendia Josué de Castro. Nesse sentido, Castro, em meio a Guerra Fria, se opõe aos investimentos massivos dos blocos antagônicos em armamentos, afirmando que seria possível acabar com a fome, se revertessem esses recursos para a produção de alimentos.

Ao demonstrar frustração no desempenho da FAO no combate a fome no mundo, Josué propõe profanar as políticas alimentares então vigentes. A tentativa de criar um banco de alimentos para ser utilizado em momentos de crise alimentar, que seria abastecido pelas grandes potências, foi uma das suas principais propostas.

ingresso imediato no reinado mais eufórico do Bem –Estar Social. Tremebunda tarefa!?. *Diario de Notícias*, 08 de fevereiro de 1952. Acervo Pessoal Josué de Castro – FUNDAJ. Pasta 23.

⁴⁴⁶ CASTRO, Josué. *Sete Palmas de Terra e um Caixão*. Ensaio sobre o Nordeste uma Área Explosiva. São Paulo: Editora Brasiliense, 1967, p. 55.

Concomitantemente, Josué de Castro, no limiar dos debates, dos enfrentamentos, produz um efeito de verdade, por meio do seu discurso que pretendia justificar a ineficácia das suas próprias ações. Por outro lado, no período em que Josué de Castro esteve a frente da FAO, passou a ser convidado por diversos países para proferir palestras, e a se comunicar diretamente com chefes de Estado de aproximadamente 68 nações. Com a notoriedade internacional produzida por meio do cargo, as obras de Castro foram publicadas nos mais variados idiomas.

4.2.1- A FAO, a política, e o Brasil.

A vitória de Josué de Castro nas eleições para o Conselho Consultivo da FAO repercutiu nos jornais brasileiros. Várias reportagens destacaram a importância para o país do fato que um brasileiro chegasse a presidir uma agência ligada diretamente a ONU. Os jornais mencionavam o suposto orçamento de 12 milhões de dólares anuais para investimento em cooperação técnica, desenvolvimento da agricultura e conseqüentemente para o combate a fome no mundo. Essa trajetória de Josué de Castro na presidência do Conselho da FAO se tornou relevante para as relações internacionais brasileiras como destacou a reportagem do *Diário da Noite*:

Um brasileiro na Presidência da F.A.O. Referenciais do ministro João Neves à distinção conferida a Josué de Castro. Na entrevista concedida pelo ministro das relações exteriores, senhor João Neves da Fontoura, sobre a atuação do Brasil no campo internacional, no ano que acaba de findar, foram assinalados alguns pontos muito significativos do relevo e da importância que o Brasil vem assumindo no plano de atividades internacionais, no seio dos organismos representativos da comunhão ocidental e do excepcional prestígio que começamos a desfrutar nos círculos mais autorizados da política e da diplomacia de nossos dias. Merece, um especial registro, a expressiva vitória, obtida pelo professor Josué de Castro, nas eleições para a presidência da FAO, o mais importante organismo das Nações Unidas. Não há dúvidas que esse, como tantos outros episódios, constitui motivos animadores para a cultura e a técnica brasileiras e testemunhos que refletem a projeção crescente do nome do Brasil no mundo em que vivemos e nas instituições representativas⁴⁴⁷.

⁴⁴⁷ *Diário da Noite*, 10 de janeiro de 1952. Acervo Pessoal Josué de Castro – FUNDAJ. Pasta 23.

O interesse do governo Vargas pelas ações da FAO aumentou com a vitória de Josué de Castro. Um escritório regional da agência para a América Latina foi instalado no Rio de Janeiro. O *Correio da Manhã* destacou a presença do diretor geral da FAO, Norris Dodd, na inauguração da instituição na Capital Federal. Naquela ocasião comentou que o governo do Brasil sempre foi amigo da FAO, e que “a conferência da FAO deu uma prova ao eleger para presidente, o insigne Josué de Castro que estimulará a participação do Brasil e de outras nações para criar um mundo pacífico e melhor”⁴⁴⁸. Naquele momento, o Brasil se tornava o centro das políticas implementadas pela agência na América Latina.

O governo Vargas mantinha a CNBS, que tratava principalmente do bem estar do trabalhador urbano. Inspirando-se na estrutura organizacional da FAO, criou a Comissão Nacional de Política Agrária, ligada ao Ministério da Agricultura. A nova comissão era praticamente uma versão da CNBS para as questões rurais e teve como vice-presidente, Josué de Castro. Naquele momento, João Cleofas, derrotado nas eleições para o Governo de Pernambuco, foi nomeado Ministro da Agricultura, acumulando a função de presidente dessa comissão. Segundo o jornal *Diário de Notícias*, o Ministro destacou, durante a reunião de criação da Comissão de Política Agrária, que a realização de estudos para organização de um fundo para o produtor rural, a utilização racional do solo e a formação de uma política agrária seriam as prioridades⁴⁴⁹.

É importante lembrar que durante a década de 1950, as questões em torno da terra e da reforma agrária adquiriram uma nova face. O ambiente de reformas se apresentou na agenda pública brasileira e Josué de Castro esteve próximo a esses debates. Segundo o geógrafo Manuel Correia de Andrade:

Vargas, que procurava dar sentido mais social à sua administração corrigindo erros que caracterizaram o seu governo anterior (1930-45), criou a Comissão Nacional de Política Agrária, que deveria estender aos trabalhadores rurais os direitos concedidos aos trabalhadores urbanos⁴⁵⁰.

⁴⁴⁸ *Correio da Manhã*, 10 de janeiro de 1952. Acervo Pessoal Josué de Castro – FUNDAJ. Pasta 23.

⁴⁴⁹ *Diário de Notícias*, 15 de janeiro de 1952. Acervo Pessoal Josué de Castro – FUNDAJ. Pasta 23.

⁴⁵⁰ ANDRADE, Manuel Correia de. Josué de Castro: Op.Cit, 1997.

As experiências de Josué de Castro durante o segundo governo Vargas no campo da alimentação, do bem estar social e da questão agrária, se tornaram importantes, sobretudo, em meio a um governo em crise. Os principais encontros políticos estiveram relacionados com a Guerra Fria, a política sindical e o petróleo. Segundo José Murilo de Carvalho, a oposição e os apoiadores de Vargas se polarizaram.

De um lado ficavam os nacionalistas, defensores do monopólio estatal do petróleo e de outros recursos básicos, como a energia elétrica, partidários do protecionismo industrial, da política trabalhista, da independência na política externa. Para esses, os inimigos eram entreguistas, pró-americanos, reacionários, golpistas. Do outro lado, também estavam os defensores da abertura do capital externo, inclusive na área dos recursos naturais, os que condenavam a aproximação entre o governo e os sindicatos, os que queriam uma política externa de cooperação com os Estados Unidos. Os oponentes eram por eles estigmatizados como comunistas, sindicalistas, demagogos e golpistas⁴⁵¹.

Aquele momento da história do Brasil foi marcado por disputas políticas intensas, por uma campanha midiática radical, liderada pelo jornal *O Globo*, que teve como porta-voz o líder da UDN, Carlos Lacerda e, também, por uma crise econômica que atingiu diretamente as classes trabalhadoras. A pressão para a queda do presidente era grande. Vargas “deu um tiro no [seu] coração no dia 24 de agosto de 1954, em seu quarto no Palácio do Catete, deixando uma carta-testamento de forte conteúdo nacionalista e populista”⁴⁵². A reação popular foi imediata. Algumas sedes dos jornais da oposição foram destruídas, uma multidão comovida tomou conta das principais avenidas do Rio de Janeiro, demonstrando a força popular construída por Getúlio Vargas. Outras articulações e composições políticas foram necessárias, principalmente para o PTB que perdeu o seu principal líder. Nesse novo cenário político, João Goulart, que tinha sido Ministro do Trabalho, assumiu a liderança do partido e Josué de Castro disputou novas eleições em 1954.

⁴⁵¹ CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil*: Op.Cit, 2013, p. 128-129.

⁴⁵² Idem, p. 131.

4.3 – Josué de Castro e as eleições de 1954 em Pernambuco.

Com o suicídio do presidente Getúlio Vargas, em 1954, instauraram-se novas diretrizes para a política nacional. O próprio PTB teve que se articular internamente a fim de se reformular, “avançando com propostas cada vez mais ousadas de reformismo econômico e social”⁴⁵³. Esse período histórico também foi marcado pela abertura do país para o capital internacional, mudanças no campo cultural, nos hábitos e costumes da sociedade. E pela construção de imagens do Nordeste como uma região que ameaçava o país, seja através miséria existente, seja pela ação dos movimentos sociais.

O então Presidente da FAO disputou outra eleição pelo PTB de Pernambuco. Um escritório eleitoral foi montado na Avenida Guararapes, área central do Recife, com o intuito de organizar um comitê pró-candidatura de Josué de Castro para deputado federal⁴⁵⁴. Seguindo a linha política do PTB, Josué de Castro, passou a se aproximar dos movimentos sociais e, principalmente, de setores nacionalistas do PCB.

As articulações em torno daquela campanha em Pernambuco foram construídas por meio da ânsia das oposições de derrotar o PSD, partido que há muito governava Pernambuco. A coligação partidária da qual Josué de Castro participou era composta pelos seguintes partidos: UDN, PST, PTN, PTB, PSB e PCB, que apoiaram a candidatura de João Cleofas para o Governo do Estado. Por outro lado, o candidato indicado para suceder o então governador Etelvino Lins, o General Cordeiro de Farias, teve apoio de setores dissidentes da UDN e do PSD, bem como do PL, do PRT, do PSP e acabou vitorioso⁴⁵⁵.

Em Pernambuco o PTB não construiu uma articulação política para além da figura de Getúlio Vargas. Portanto, não chegou a disputar eleições majoritárias. Porém, manteve as diretrizes nacionais do partido no que concerne à aproximação com sindicatos, federações e associações de trabalhadores. A estrutura eleitoral de Pernambuco estava controlada, no interior do Estado, principalmente por lideranças locais dominadas pelo PSD.

⁴⁵³ FERREIRA, Jorge. *O imaginário trabalhista*: Op.Cit, 2005, p. 205.

⁴⁵⁴ *Diário de Pernambuco*, Recife, terça-feira, 3 de agosto de 1954. Hemeroteca Digital Brasileira.

⁴⁵⁵ PANDOLFI, Dulce. As eleições de Pernambuco de 1950 a 1954. In: LAVAREDA, Antônio. SÁ, Constança. (Orgs.). *Poder e Voto*: Op.Cit, 1986.

No entanto, paulatinamente no PTB houve uma nítida divisão política, pois uma ala do partido seguiu o Deputado Federal Barros de Carvalho, enquanto outra, mais recente, era liderada por Josué de Castro. Naquela eleição conflituosa ao Governo do Estado de Pernambuco, alguns jornais apontaram que Josué de Castro “desempenharia o papel de emissário do sr. Getúlio Vargas”⁴⁵⁶ no Estado. A candidatura de Josué de Castro nas eleições de 1954, manteve a base principalmente no Recife e teve amplo apoio de federações e sindicatos. Um panfleto da campanha de 1954 intitulado “Manifesto dos Trabalhadores de Pernambuco. A Candidatura de Josué de Castro a Deputado Federal” traz a seguinte descrição:

O Conselho Consultivo dos Trabalhadores de Pernambuco, órgão constituído por quatro federações e quarenta e sete Sindicatos de trabalhadores do Estado, vem de público declarar que em Assembléia Geral decidiu por unanimidade apresentar o nome do Professor Josué de Castro como seu candidato a Deputado Federal. Escolhendo o nome deste eminente cientista e grande administrador para recomendar ao sufrágio dos trabalhadores de Pernambuco, este Conselho está certo de que indica um candidato que corresponde às aspirações das classes trabalhadoras e que representa uma garantia do cumprimento de suas justas reivindicações⁴⁵⁷.

Os trabalhadores não estavam apenas apoiando Josué de Castro, mas sim participando de um projeto mais amplo, de uma política organizada pelo PTB que tinha nos sindicatos e associações de trabalhadores o seu principal sustentáculo⁴⁵⁸. Nas eleições de 1954, houve uma aproximação maior no plano sindical entre o PTB e o PCB. Nesse sentido, “a morte de Vargas ativou essa união que marcaria profundamente

⁴⁵⁶ *Jornal do Commercio*, Recife, quinta-feira, 22/04/1954. Acervo Pessoal Josué de Castro – FUNDAJ. Pasta 16.

⁴⁵⁷ Manifesto dos Trabalhadores de Pernambuco. A Candidatura de Josué de Castro a Deputado Federal. Panfleto. Acervo Pessoal Josué de Castro – FUNDAJ. Pasta 265. Esse manifesto também foi veiculado no jornal *Folha da Manhã* no dia 19 de abril de 1954.

⁴⁵⁸ O *Jornal do Commercio* do Recife também veiculou uma reportagem mencionando o apoio do Conselho Consultivo dos Trabalhadores de Pernambuco a candidatura a deputado federal de Josué de Castro: “Compareceram a reunião representantes de cinquenta e um sindicatos da Capital e do Interior, que numa unanimidade impressionante aclamaram o nome do cientista pernambucano, professor Josué de Castro como o candidato das classes trabalhadoras para as próximas eleições. (...) Em sua oração o Professor Josué de Castro rememorou a sua luta e trabalho em benefício das classes menos favorecidas durante toda a sua vida pública, e frisou o desejo de continuar a trabalhar pelas reivindicações dos que com suor e esforço físico constroem a grandeza da pátria. *Jornal do Commercio*, Recife, segunda-feira, 19/04/1954. Acervo Pessoal Josué de Castro – FUNDAJ. Pasta 16.

a participação dos trabalhadores na vida política brasileira”⁴⁵⁹. O panfleto também exalta as contribuições do Professor Josué de Castro às classes trabalhadoras do país e do mundo.

A sua valiosa contribuição aos problemas coletivos não se faz sentir apenas pelos seus trabalhos teóricos nem pelos seus estudos científicos, mas, sobretudo, pela sua atividade prática à frente de organismos nacionais e internacionais de finalidades e objetivos tendentes à melhoria das condições de vida do trabalhador. Faz-se, no entanto, necessário apontar um certo número de realizações do Prof. Josué de Castro este eminente e infatigável colaborador do saudoso Presidente Getúlio Vargas que lhe confiou a direção nacional do Bem-Estar Social das classes trabalhadoras⁴⁶⁰.

Nas eleições de 1954 a memória de Vargas⁴⁶¹ foi cultivada e mobilizada pelas forças políticas. No caso do panfleto analisado as contribuições de Josué de Castro ao governo de Getúlio Vargas e as suas obras são lembradas como instrumentos para melhoria da condição de vida das classes trabalhadoras. É possível perceber a construção discursiva que tem como intencionalidade produzir Josué de Castro como um político próximo dos trabalhadores.

O panfleto também traz inúmeras atividades de Josué de Castro, sempre partindo da prerrogativa de que as suas realizações estavam “ligadas aos interesses vitais das classes trabalhadoras”⁴⁶². O estudo das condições de vida das classes operárias do Recife realizado ainda na década de 1930, os estudos voltados para a alimentação, a direção do Serviço Alimentação da Previdência Social, a vice-presidência da Comissão

⁴⁵⁹ SILVA, Fernando. NEGRO, Antonio Luigi. Trabalhadores, sindicatos e política. In: FERREIRA, Jorge. DELGADO, Lucília Neves. *O Brasil Republicano vol.3 – O Tempo da experiência democrática*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 67.

⁴⁶⁰ Manifesto dos Trabalhadores de Pernambuco. A Candidatura de Josué de Castro a Deputado Federal. Panfleto. Acervo Pessoal Josué de Castro – FUNDAJ. Pasta 265.

⁴⁶¹ Em um artigo a historiadora Marieta de Moraes Ferreira problematiza os usos da memória de Getúlio Vargas em diversos momentos da História do Brasil. “O fato de que desde 1954 a lembrança de Vargas tenha sido cultivada reforça a tese de que a memória tem sido uma das preocupações culturais mais importantes das sociedades contemporâneas. Esse debruçar-se constante sobre o passado recente conduz à produção de uma cultura da memória que se materializa de várias maneiras, entre elas as comemorações. Eventos desse tipo, como vários estudos têm demonstrado, não são, porém, inócuos: expressam estratégias de controle do passado para poder comandar o presente, e nesse sentido são marcos de mutações sociais”. FERREIRA, Marieta de Moraes. *Getúlio Vargas: uma memória em disputa*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006, p. 1-16.

⁴⁶² Manifesto dos Trabalhadores de Pernambuco. A Candidatura de Josué de Castro a Deputado Federal. Panfleto. Acervo Pessoal Josué de Castro – FUNDAJ. Pasta 265.

de Bem-Estar Social, a Presidência da FAO, bem como as publicações de *Geopolítica da Fome* e *Geografia da Fome*, foram apresentadas como as principais motivações que levaram o “Conselho Consultivo dos Trabalhadores de Pernambuco a apresentar o Professor Josué de Castro como seu candidato a Câmara Federal”⁴⁶³.



Figura 13: Fotografia de Josué de Castro em uma propaganda política. Manifesto dos Trabalhadores de Pernambuco. Autor: desconhecido. Acervo Pessoal Josué de Castro – FUNDAJ. Pasta 265

A produção de imagens de um político, professor, intelectual e homem público sensível às questões da humanidade e principalmente dos trabalhadores brasileiros, continuava sendo atrelada ao discurso reformista do PTB. Ao contrário das eleições disputadas em 1950, Josué de Castro, soube mobilizar os discursos e promover as articulações políticas com os movimentos sociais. Um artigo sem autoria defende a candidatura de Josué de Castro à Câmara Federal:

⁴⁶³ Idem, *ibidem*.

O Brasil está, no momento, numa encruzilhada mais trágica da sua história. O nosso país prosseguirá no caminho do progresso social, traçado pelo grande Presidente Getúlio Vargas, o maior presidente do Brasil de todos os tempos, no caminho que conduz ao bem estar do povo, a justa e equitativa divisão entre capital e trabalho, à verdadeira democracia, não somente formal e política, como também econômica e social. Ou, então, rompendo com esses rumos de evolução progressista, retrocederá aos períodos superados de feudalismo colonial, de exploração condenável, de homem de trabalho pelo capitalismo voraz, nacional ou estrangeiro de pobreza e de fome. Não existe um outro, terceiro caminho... A decisão irrevogável e definitiva, não pode ser mais protelada. Ela terá de ser feita nas próximas semanas, no pleito eleitoral de 3 de outubro de 1954. A candidatura do Professor Josué de Castro está plenamente integrada a sua vida à causa do bem estar social das classes populares pernambucanas, brasileiras e mundiais⁴⁶⁴.

O artigo traz a leitura de um tempo de incertezas e novas disputas. O suicídio de Vargas abriu o espaço para inserção de outros atores políticos, a exemplo do próprio Josué de Castro. O monopólio do discurso trabalhista foi quebrado, e com isso, evidencia-se um momento de disputas e a atuação de outras forças políticas⁴⁶⁵. O texto traz um discurso com um conteúdo fortemente nacionalista, mas, também se aproxima do marxismo quando defende a divisão justa entre capital e trabalho. As eleições de 1954 marcaram um encontro significativo entre Josué de Castro e os trabalhadores. A aproximação com os movimentos sociais acompanhou a sua trajetória de político no PTB até os anos 1960.

Nas eleições de 1954, Josué de Castro, integrou a coligação Movimento Popular Autonomista⁴⁶⁶, conseguindo articular uma ampla rede de apoios, sindicatos, associações de trabalhadores rurais, intelectuais e músicos que contribuíram para a sua campanha⁴⁶⁷. Nessas eleições, Josué de Castro aproximou-se também do advogado

⁴⁶⁴ Artigo em defesa da candidatura de Josué de Castro à Câmara Federal. Sem autoria. Acervo Pessoal Josué de Castro – FUNDAJ. Pasta 265.

⁴⁶⁵ FERREIRA, Jorge. *O imaginário trabalhista*: Op.Cit, 2005, p. 119-124.

⁴⁶⁶ Aliança Nacional entre o PTB e o Partido Social Trabalhista (PST).

⁴⁶⁷ O jornalista Vandek Santiago em uma passagem do seu livro *Josué de Castro o Gênio Silenciado* narrou o apoio do poeta Ascenso Ferreira a candidatura para deputado federal de Josué de Castro em 1954. Naquela campanha eleitoral, o poeta Ascenso Ferreira escreveu um artigo no *Jornal do Commercio* apoiando a candidatura de Josué de Castro. “Eleitores de todos os credos e paixões! Homens de espírito de Pernambuco! A mocidade estudiosa, que, sendo as esperanças do amanhã, não tendes direito de olvidar!(...) Ajudar a cumprir o seu destino a esse Gigante de botas de sete léguas que vem recolhendo no seio todas as dores do mundo” (*Jornal do Commercio*, domingo, 22 de agosto de 1954). SANTIAGO, Vandek. *Josué de Castro*: Op.Cit, 2008, p. 69-70.

Francisco Julião, que viria a se tornar líder das Ligas Camponesas e que foi eleito deputado estadual naquelas eleições pelo PSB. Essas articulações políticas resultaram na eleição de Josué de Castro como deputado federal com 14.076 votos⁴⁶⁸.

Como deputado federal, Castro atuou influenciado por uma consciência da geopolítica da fome, pensamento que anos antes de sua eleição e marcado por sua atuação na FAO, ganhou expressividade com seu livro “Geopolítica da Fome”. Neste, preocupou-se essencialmente em denunciar que o fracasso da humanidade em combater a fome, o que se tornou também um de seus objetivos políticos.

4.4- Uma consciência política e “um livro que viajou o mundo”.

Em 1951, Josué de Castro publicou o livro *Geopolítica da Fome*, estudo que já demonstrava a intenção de produzir nas primeiras páginas de *Geografia da Fome*. O caminho da geografia continuava sendo viável para tecer as suas preocupações em torno da carência alimentar e da subnutrição das camadas populares. Deixava claro, em seus escritos, que o aspecto da geografia que aspirava utilizar não era meramente a transformação que o homem realizava no meio natural, mas, essencialmente, aquilo que deixou de realizar. Em outras palavras, o que interessava para Josué de Castro era “uma geografia de trágicas singularidades”⁴⁶⁹ que possibilitasse estudar o fenômeno da fome em sua expressão universal.

Josué de Castro dava prosseguimento aos seus estudos e pesquisas sobre a fome no mundo, apesar das várias palestras, funções públicas e atividades acadêmicas que passou a assumir desde a publicação de *Geografia da Fome*, até que recebeu uma

⁴⁶⁸ Nessas eleições o Movimento Popular Autonomista (PTB-PST) obteve um total de 207.757 votos para a Câmara Federal, enquanto a Frente Democrática Pernambucana (PSD, PDC, PSP, PL, PRP) conseguiu obter 221.259 votos superando a coligação da qual Josué de Castro participava. No caso específico de Josué de Castro angariou 14.076 votos, sendo o sétimo deputado federal mais votado do Movimento Popular Autonomista. Já Francisco Julião Arruda de Paula foi eleito pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB) para o cargo de Deputado Estadual com 497 votos. DEPUTADOS, Câmara. Dados estatísticos: eleições federais e estaduais, realizadas no Brasil em 1954 e 1955. V.3 (parte 2). Brasil. Tribunal Superior Eleitoral. <http://bd.camara.leg.br>. Acessado em 21 de janeiro de 2016.

⁴⁶⁹ CASTRO, Josué de. *Geopolítica da fome*. Op.Cit, 1959, p. 25.

proposta da editora *Little Brown & Company*⁴⁷⁰. A editora americana, com sede em Boston, propôs ao autor que escrevesse um trabalho sobre as diversas formas de manifestação da fome no mundo, suas implicações e tensões políticas⁴⁷¹. *Geopolítica da Fome*, escrito em uma linguagem acessível, pretendia atender ao leitor médio dos Estados Unidos. O livro também foi publicado em Londres, pela editora *Vitor Golanez*, em Paris pela *Economie et Humanisme*⁴⁷² e também pelas *Éditions Ouvrières*, e posteriormente no Brasil pela Editora Casa do Estudante do Brasil.

Os prefácios dessas publicações foram escritos por personalidades de renome internacional, demonstrando a rede na qual Josué de Castro estava inserido no início dos anos 1950. No caso dos Estados Unidos, coube a escritora Pearl Buck⁴⁷³, Prêmio Nobel de Literatura de 1938, tecer os comentários iniciais sobre a publicação estadunidense de *Geopolítica da Fome*. As palavras de Pearl Buck foram fundamentais para a divulgação das obras e do pensamento de Josué de Castro naquele país.

⁴⁷⁰ A editora norte-americana Little Brown & Company sediada na cidade de Boston foi fundada em 1837. Atualmente a editora ainda está em funcionamento e se destaca na lista dos livros mais vendidos dos Estados Unidos.

⁴⁷¹ Um dos principais críticos de *Geopolítica da Fome* foi o editor americano Sanford J. Greenburguer do *International Litterary Bureau* que desempenhou um papel importante entre os anos de 1932 e 1971 buscando obras no mercado literário mundial para serem traduzidas e publicadas nos Estados Unidos. Sanford Greenburguer foi um facilitador da publicação das obras de Josué de Castro nos Estados Unidos.

⁴⁷² Segundo Jean Ziegler o livro *Geopolítica da Fome* despertou o interesse de alguns economistas cristãos franceses liderados pelo Padre Lebret: “A associação *Économie et humanisme*, fora criada em 1941, em Marselha, pelo padre dominicano Louis-Joseph Lebret”. ZIEGLER, Jean. *Destruição em massa*. Op. Cit, 2013, p.117.

⁴⁷³ Escritora norte-americana Pearl Sydenstricker Buck, nasceu no estado da Virgínia em 26 de junho de 1892. Publicou o romance *The Good Earth* em 1931 que foi considerado inovador na narrativa por conseguir uma prosa de tom bíblico com a estrutura narrativa de sagas chinesas. Essa obra foi vencedora do Prêmio Pulitzer, e tornada em filme em 1937. Em 1938 tornou-se a primeira mulher norte-americana a ser agraciada com um Prêmio Nobel de Literatura. A autora faleceu em 6 de março de 1973.

É este o mais encorajador, o mais esperançoso e o mais generoso livro que eu já li em toda a minha vida. Livro escrito por um famoso cientista, um técnico que sabe o que está dizendo, um conhecedor dos problemas práticos, um homem do mundo no melhor sentido da palavra, porque conhece o mundo e suas populações e apresenta-nos numa obra magistralmente escrita o conhecimento fundamental para felicidade e a paz dos homens. É por esta razão que eu afirmo que este livro - *A Geopolítica da Fome*, do eminente cientista Josué de Castro – é o mais importante livro que já foi publicado nestes confusos, perigosos e ridículos tempos atuais. Ridículos porque, embora a paz seja prática e possível, indivíduos há, em várias partes do mundo, tocando seus tambores para manufaturar uma guerra⁴⁷⁴.

Para além da força da narrativa de Pearl Buck, que certamente trouxe uma substancial contribuição para a circulação da obra nos Estados Unidos, suas palavras foram marcadas pelo tempo em que a Guerra Fria alimentava as tensões e disputas entre os blocos capitalista e socialista. O discurso da paz passou a ser um instrumento fundamental para a continuação da existência da humanidade em meio a era atômica. Um livro que trata das diversas faces que a fome adquire no mundo, seja nos países desenvolvidos ou subdesenvolvidos, sensibilizava aqueles que tinham um olhar mais voltado para o social.

Na edição inglesa coube ao médico especialista em questões da nutrição, fundador da FAO, prêmio Nobel da Paz de 1949, realizar a apresentação do livro. Lord Boyd Orr afirmou: “O título desse livro escrito pelo Prof. Josué de Castro, bem poderia ser Fome e Política, porque nos debates por ele suscitados, surgem perspectivas políticas de primeira grandeza”⁴⁷⁵. O autor do prefácio destaca uma das principais teses de Josué de Castro, de que a fome não foi um tema tratado em sua dimensão política, apesar das relações intrínsecas com revoluções e guerras. E continua afirmando que “se os políticos de todas as nações do mundo pudessem esquecer por um momento os seus conflitos e lessem este livro, adquiririam certamente uma visão mais sábia dos problemas universais”⁴⁷⁶. No momento em que *Geopolítica da Fome* foi lançado, a FAO fracassava na tentativa de um acordo com as grandes potências, entre elas, Estados

⁴⁷⁴ Prefácio da primeira edição americana. CASTRO, Josué de. *Geopolítica da fome*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1959, p. 20.

⁴⁷⁵ CASTRO, Josué de. *Geopolítica da fome*. Op.Cit, 1959, p. 13. Prefácio da primeira edição inglesa

⁴⁷⁶ Idem, ibdem.

Unidos, Reino Unido e URSS, que se negaram a colaborar com a elaboração de um Plano de Alimentação Mundial.

No caso da França, o prefácio foi escrito pelo geógrafo da Sorbonne, o professor Maximilien Sorre⁴⁷⁷. Os aspectos mais teóricos da geografia possibilista e a valorização de uma geografia humana voltada para questões sociais, são tratados nesse momento. Para Sorre, o livro de Josué de Castro “culpa os erros dos homens, o espírito de ganância, a imprevidência, como responsáveis por todo mal. Constitui ainda esse livro como um libelo contra os maléficos do imperialismo, e do colonialismo⁴⁷⁸”. Nesse sentido, Sorre aponta o imperialismo que representou para as duas grandes guerras mundiais as principais motivações do conflito, bem como a exploração colonialista que marcou profundamente a estrutura social da África e da Ásia. Destaca, ainda, que o método geográfico possibilitou a Josué de Castro problematizar as inúmeras questões naturais e culturais sobre a temática da fome.

Antes de avançar surge uma questão significativa no que concerne à produção do conhecimento no Brasil. A obra *Geopolítica da Fome* é primeiramente publicada em língua inglesa e posteriormente em língua portuguesa. Provavelmente, esse movimento possibilitou uma circulação mais rápida e dinâmica da obra de Josué de Castro no mundo, sobretudo após a Segunda Guerra Mundial, quando a língua inglesa ganhou um lugar central na diplomacia, na literatura, no comércio exterior e, principalmente, nas obras acadêmicas.

É importante destacar também que *Geopolítica da Fome* foi recomendada pela FAO como uma obra fundamental para o debate em torno da complexidade do fenômeno da fome como um tema universal. Ao final da década de 1960, o livro chegou a ser publicado em 26 idiomas. Para Jean Ziegler, estudioso da obra de Josué de Castro: “*Geopolítica da fome* constitui uma das maiores obras do Pós-Guerra, conheceu múltiplas reedições e marcou profundamente as consciências”⁴⁷⁹. O livro que circulou o

⁴⁷⁷ O geógrafo Maximilien Sorre nasceu em Rennes na França em 1880, geógrafo foi professor da Sorbonne, seguidor da Escola Possibilista. Destacou-se pelos estudos que aproximaram a geografia humana e a biologia, também se dedicou a dar continuidade dos estudos do geógrafo Paul Vidal de La Blache. No Brasil, Milton Santos e Josué de Castro tiveram Sorre como uma das principais influências. Max Sorre faleceu em Paris em 10 de agosto de 1972.

⁴⁷⁸ CASTRO, Josué de. *Geopolítica da fome*, Op.Cit. 1959, p. 21. Prefácio da primeira edição francesa.

⁴⁷⁹ ZIEGLER, Jean. *Destruição em massa*, Op. Cit, 2013, p.116.

mundo obteve sucesso de vendas, críticas e foi fundamental na trajetória intelectual e política de Josué de Castro.

4.4.1- Geopolítica da Fome: percursos de escrita

Nas primeiras páginas de *Geopolítica da Fome* uma pintura foi escolhida por Josué de Castro provavelmente com a intenção de preparar o leitor para a discussão humanitária que o livro trazia. O quadro a *Apoteose da Guerra* do pintor russo Vasily Vereshchagin.

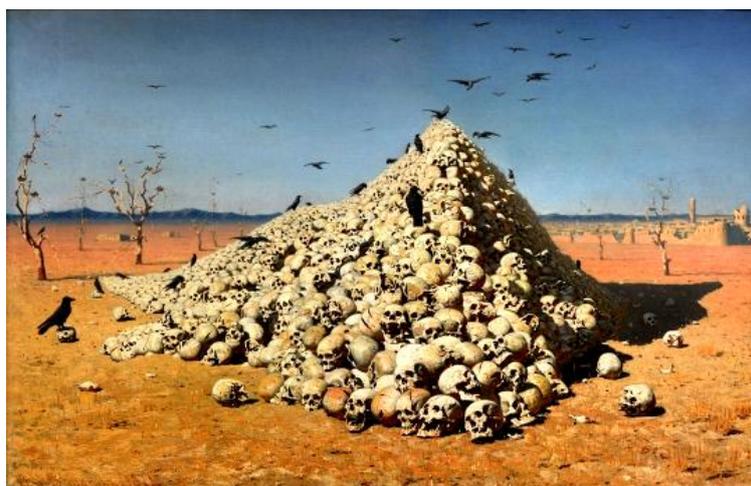


Figura 14: A Apoteose da Guerra. Vasily Vereshchagin, 1871. Fonte: www.tretyakovgallery.ru/en/collection/_show/author/_id/67. Acessado em 20 de janeiro de 2016.

Vereshchagin, pintor, desenhista, artista de batalha, criador de uma série de estudos e desenhos sobre a natureza etnográfica e pinturas históricas, dedicou-se também a carreira militar, o que possibilitou viajar o mundo presenciando as atrocidades das batalhas empreendidas pela Rússia dos czares. Após se dedicar, durante anos, a retratar o realismo da guerra por meio de desenhos dos combates que presenciou, criou uma série de obras onde a descrição sangrenta passou a ser substituída pelo drama e simbolismo da guerra. Dentro desse processo de mudança de perspectiva da produção artística de Vereshchagin está a tela *A Apoteose da Guerra*. Em uma superfície de 127 cm x 197 cm o autor descortina para o espectador a face destruidora da guerra.

A escolha dessa pintura era propícia no livro que circulava internacionalmente, sobretudo em um momento da história da humanidade onde a ameaça atômica passou a transitar nos discursos políticos e a estar presente no cotidiano da população. A tela de Vereshchagin, apesar de ter sido produzida no final do século XIX, quando a humanidade ainda não tinha conhecido o poder de destruição das duas grandes guerras mundiais, ensejava reconhecer através dela, a capacidade humana de destruição em massa e a efemeridade da vida.

Ao longo do livro, Josué de Castro defenderá a tese de que os debates em torno das guerras estão presentes na literatura, na ciência, no cinema, nos meios de comunicação. Enquanto que a fome é tratada apenas como uma sensação, “cujas repercussões não deveriam ir além dos domínios do subconsciente, uma vez que a consciência lhe fechava as portas, com ostensivo desprezo”⁴⁸⁰. Nesse excerto, Josué problematizou o que denominou de “tabu da fome” da civilização ocidental. Considerava a fome um assunto perigoso por suas implicações políticas e sociais, até mesmo um tema proibido. Também denuncia a ausência de uma bibliografia especializada sobre o tema, principalmente quando comparado com as epidemias e as guerras. Segundo Josué de Castro, as razões do silêncio do mundo ocidental em torno da fome “mergulhavam no escuso mundo dos interesses econômicos, dos interesses de minorias dominantes e privilegiadas, que sempre trabalharam para escamotear o exame do fenômeno da fome do panorama intelectual moderno”⁴⁸¹.

Para o autor, após a Revolução Russa e as duas grandes guerras, não se fez mais possível ocultar a realidade social da fome. Esse movimento não era considerado natural. Apesar dos antagonismos dos modelos econômicos vigentes, seja o interesse do homem pelo próprio homem ou ainda a busca pelo bem-estar coletivo. Josué de Castro compreendia que o momento do pós-guerra representava a passagem da “era do homem econômico para a nova “era do homem social”⁴⁸². Desse modo, alguns Estados

⁴⁸⁰ CASTRO, Josué de. *Geopolítica da fome*. Op.Cit, 1959, p.47.

⁴⁸¹ Idem, ibdem, p. 49.

⁴⁸² Em vários trechos de *Geopolítica da Fome*, Josué de Castro se inspira na obra do inglês Julien Huxley que foi biólogo, escritor e humanista e o primeiro diretor-geral da UNESCO. Huxley definiu as relações homem/natureza e cunhou o conceito de “humanismo científico” ou “humanismo evolucionista”. Desse modo, Huxley interpretava o homem como uma unidade que está em relação com o meio e que, simultaneamente, se distingue dos demais “seres vivos”. Para Huxley o homem tem um papel decisivo no processo evolutivo, pois atua com as suas faculdades mentais em união com o resto do seu corpo. O

passaram a coletar dados estatísticos sobre as condições sociais das populações muito em virtude dos organismos internacionais que foram criados com o fim da segunda guerra mundial.

Nesse sentido, a pintura de Vereshchagin foi evocada nas primeiras páginas do livro, não apenas pelo seu teor catastrófico, mas, principalmente, para alertar o leitor que uma das principais consequências das guerras, do imperialismo e do colonialismo era a fome, que se constituía como um dos principais desafios daquela contemporaneidade. A partir das palavras de Josué de Castro, é possível identificar os fragmentos do horizonte de expectativa diante daquela sociedade:

O objetivo deste livro é estudar o terrível fenômeno da erosão que a fome está provocando no homem e na sua civilização. Erosão que ameaça remover e apagar de vez, da superfície da terra, toda essa gigantesca obra humana esculpida pelo trabalho árduo de centenas de sucessivas gerações. Se a humanidade não puser em prática, com urgência, e em escala universal, medidas capazes de entrar a ação corrosiva da fome, dentro em breve serão desmoronadas e arrastadas pela poeira do tempo todas as criações do engenho humano, e, isso muito antes que a erosão natural tenha consumido os incalculáveis recursos do solo. E a humanidade que hoje estremece ante o perigo remoto de um mundo transformado em deserto pelo esgotamento de seus recursos naturais assistirá ao paradoxal advento de um mundo deserto e despovoado, embora que ainda pejado de fertilidade e de potencialidades geográficas⁴⁸³.

Utilizando o método geográfico para explicar a tragédia anunciada pelas guerras, Josué de Castro, faz a leitura do seu próprio tempo. A partir do conceito ocidental de civilização, pensa o mundo a partir de uma visão eurocêntrica, e alerta o leitor para a possibilidade de desaparecimento do gênero humano. O futuro de um mundo atômico, que deixava a sociedade desnordeada, tornou-se um campo de possibilidades finitas⁴⁸⁴. Enquanto as memórias da última grande guerra traziam imagens de destruição, simultaneamente, a reconstrução da Europa representava uma esperança através dos discursos de paz que ganhavam forma. A própria FAO, onde Josué de Castro atuou,

humanismo para Huxley era fruto da autonomia humana em relação a natureza. A principal obra de Huxley utilizada por Josué de Castro foi *On Living in a Revolution* (1942).

⁴⁸³ CASTRO, Josué de. *Geopolítica da fome*. Op.Cit, 1959, p. 74.

⁴⁸⁴ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. Puc-Rio, 2006.

ensejava discursos de denúncia, ação e esperanças, além de um outro posicionamento diante do mundo.

A fome talvez tenha sido uma das principais armas utilizadas pelos nazistas contra os judeus. O controle diário de calorias e de uma dieta mínima, apenas para manter a sobrevivência dos prisioneiros, foram utilizados nos campos de concentração. Os campos devastados pela guerra e as estradas tomadas pelo conflito destruíram paulatinamente a agricultura e o sistema de abastecimento alimentar. Sobre essa questão afirmou Josué de Castro: “ao lado da discriminação racial, estabelecia, assim, a Alemanha, a discriminação alimentar com a divisão da Europa em grupos bem alimentados, deficientemente alimentados, grupos famintos e grupos mortos de fome”⁴⁸⁵. As reflexões de Josué Castro são extremamente críticas sobre as posições das superpotências de enfrentar o problema alimentar.

Quando a Segunda Guerra Mundial foi declarada, um dos primeiros planos de Adolf Hitler foi organizar a apropriação dos alimentos dos países ocupados. Essa perversa estratégia de guerra foi inspirada no bloqueio alimentar imposto pela Inglaterra contra a Alemanha durante a Primeira Guerra Mundial. Os países ocupados “foram saqueados, suas reservas roubadas e seu gado e pescado postos a serviço do *Reich*”⁴⁸⁶. A fome se instalou rapidamente nos países dominados pelos alemães.

O autor trata a fome ao longo do texto como uma calamidade, um tabu sobre o qual a civilização ocidental criou mecanismos para não enfrentar. Para Josué de Castro, o ocidente se sustentava por meio de uma economia amparada na miséria humana. Ao dissertar sobre um tópico intitulado: “O homem sem partido”, escreveu:

⁴⁸⁵ CASTRO, Josué de. *Geopolítica da fome*. Op.Cit, 1959, p. 420.

⁴⁸⁶ ZIEGLER, Jean. *Destruição em massa*. Op. Cit, 2013, p. 127.

O fato de o autor fazer uso, em alguns trechos, de tintas um tanto negras deve ser considerado pelo leitor uma consequência inevitável de ter sido este livro – documentário de uma era de calamidades – pensado e escrito sobre a influência psicológica da pesada atmosfera que o mundo vem respirando nos últimos quinze anos. Atmosfera contaminada pela corrupção, pela frustração e pelo medo, e abafada pela fumaceira das bombas e dos canhões, pela pressão das censuras de toda ordem, pelos gritos e clamores das vítimas da guerra e pelos gemidos surdos dos aniquilados pela fome⁴⁸⁷.

Nessa obra, Josué de Castro mobilizou os estudos geográficos, as pesquisas realizadas no campo da nutrição, mas, principalmente, os saberes médicos. Em diversos momentos do texto evocou doenças como o nanismo, a tuberculose, a pelagra que, em sua opinião médica e política, tinha como causa primeira, a fome. Nesse sentido, se colocava como um homem de ciência para expor as principais causas da fome no mundo. Josué de Castro declarava que acreditava que na era do homem social⁴⁸⁸, o desenvolvimento da ciência iria produzir o bem-estar do ser humano.

Ao longo dos capítulos do livro Castro analisa historicamente⁴⁸⁹ a construção de um modelo de sociedade que permitiu o surgimento de “grandes contingentes populacionais famintos”. Alicerça a sua análise a partir de uma “distribuição regional da fome”, criticando fortemente as consequências históricas dos processos de colonização em diversos continentes. Ao trabalhar com as Américas, divide a análise por meio dos diferentes processos de colonização da América inglesa, espanhola e portuguesa. Nesse

⁴⁸⁷ CASTRO, Josué de. *Geopolítica da fome*. Op. Cit, 1959, p. 78.

⁴⁸⁸ O conceito de “homem social” é datado do final da Segunda Guerra Mundial e era inspirado naquela atmosfera de reconstrução do mundo ocidental, seja por meio da criação de instituições e organismos internacionais, ou ainda por políticas públicas e reforma dos Estados. Sobre o pensamento e as ações de Josué de Castro, escreveu o geógrafo e historiador Manuel Correia de Andrade: “No que diz respeito à luta contra o subdesenvolvimento, Josué de Castro tinha posições bem definidas, presentes em seus livros e defendidas em sua ação política. Sendo um pensador com grandes preocupações sociais a ponto de admitir que o período entre as duas guerras mundiais foi o de domínio do econômico, enquanto aquele iniciado com o fim da Segunda Guerra Mundial seria o do homem social, procurou sempre desenvolver o seu raciocínio e a sua ação em função de uma política de bem-estar social. Tal política foi seguida na Europa por vários países, com a formação de governos trabalhistas, sociais-democratas, socialistas e com a expansão do sistema soviético na Europa Oriental”. ANDRADE, Manuel Correia de. *Josué de Castro*: Op. Cit, 1997.

⁴⁸⁹ Apesar da perspectiva histórica utilizada por Josué de Castro está fortemente carregada da ideia de progresso o autor não adota a linearidade para analisar o fenômeno da fome. Segundo a socióloga Maria José Rezende: “Encontra-se em Josué de Castro uma perspectiva de diretividade histórica progressiva. Todavia, não se deve supor que ele caracterizava sempre o processo social em termos de mudanças diretas, pois não havia, em seu entender, linearidade em todos os campos da vida social. A industrialização, a urbanização e o desenvolvimento científico possibilitaram o desenvolvimento de amplas indagações acerca da miserabilidade como fenômeno social”. REZENDE, Maria José de. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis: EDUFSC, n.33, p.117-145, abril de 2003.

sentido, dedica grande parte do livro para discutir as conseqüências nefastas do sistema monocultor colonial amparado no latifúndio que, segundo o autor, foi responsável pela perpetuação da pobreza nessas regiões. Sobre a fome na América do Sul afirmou:

A fome reinante nas terras sul-americanas é uma conseqüência direta do seu passado histórico: da história de sua exploração colonial, de tipo mercantil, desdobrada em ciclos sucessivos, de economia destrutiva, ou pelo menos desequilibrante, da integridade econômica do continente – o ciclo do ouro, o ciclo do açúcar, o ciclo das pedrarias, o ciclo do café, o ciclo da borracha, o ciclo do petróleo. Durante cada um desses ciclos, vemos toda uma região absorvendo-se inteiramente no monocultivo ou na monoexploração de um produto, esquecendo tudo o mais e degradando destarte as riquezas naturais e as possibilidades de abastecimento da região⁴⁹⁰.

O autor considera os ciclos econômicos de exploração como uma forma de economia destrutiva dessas regiões, amparada em uma estrutura agrária secular e arcaica, produtora de desigualdade social e de fome. Em outras palavras, Josué de Castro, afirmava que o subdesenvolvimento da América do Sul continuava sendo reforçado por uma estrutura oligárquica que mantinha uma estrutura agrária praticamente inalterada desde o período colonial. Esses ciclos de economia destrutiva, amparados principalmente no uso do regime de trabalho escravista, produziram uma elite dominante abastada e uma população de miseráveis. Por outro lado, apresentou a partir de uma perspectiva histórica, a tese de que o “imperialismo norte-americano que estaria entavando, através de inúmeras ações, o desenvolvimento econômico nesta região do mundo”⁴⁹¹.

Além da análise da fome na Europa e no Novo Mundo, Josué de Castro analisou também os aspectos da fome na Ásia. Nesse continente, observa que a divisão de terras em minifúndios não necessariamente contribui para sanar o problema da fome, pois, segundo o autor, pode provocar o desgaste demasiado do solo e um cultivo pouco diverso de alimentos. Nesse sentido, em uma proposta de escrita muito semelhante à que desenvolveu em *Geografia da Fome*, analisa as carências nutricionais asiáticas.

⁴⁹⁰ CASTRO, Josué de. *Geopolítica da fome*. Op.Cit, 1959, p. 190.

⁴⁹¹ REZENDE, Maria José de. Colonialismo, subdesenvolvimento e fome em Josué de Castro. *Cadernos de Estudos Sociais*. Vol. 19, n.2, jul./dez., 2003.

Em um tópico intitulado “O despertar da nova China”, afirma que uma profunda mudança na estrutura econômica e uma rápida transformação da situação de miséria, de fome e de estagnação, se deu por meio da implantação da República Popular China em 1949. Nesse momento, o autor se isenta de realizar uma discussão política e habilmente afirma: “Deixando de parte as considerações de caráter estritamente político, que não se enquadram bem no âmbito do nosso trabalho, temos o dever de mostrar as principais transformações que ocorreram nas condições de vida do povo da China”⁴⁹². Estratégias de escrita como essa são recorrentes em várias partes do livro. Como afirmamos, a publicação foi concebida inicialmente para atender ao leitor médio dos Estados Unidos e qualquer discussão elogiosa sobre o comunismo poderia desagradar ao público alvo, principalmente em tempos de Guerra Fria.

Josué de Castro foi um dos primeiros intelectuais brasileiros a reconhecer, na República Popular da China, o surgimento de uma nova potência. Em sua análise destaca a eficiente reforma agrária realizada neste país asiático, o que representou em poucos anos, uma diminuição significativa da fome crônica⁴⁹³. Na visão de Josué de Castro, a China priorizou combater a fome, a miséria, as doenças que afligiam o país, tendo como modelo a “justa de distribuição da riqueza, capazes de promover o bem-estar social de todos os habitantes, através da evolução dos seus padrões de vida e a progressiva eliminação da fome e da subnutrição”⁴⁹⁴. Nesse excerto, o autor demonstra certa simpatia com os resultados alcançados por esse país.

No que concerne ao continente africano, este é representado como o principal cenário da fome universal. Algumas questões são colocadas pelo autor como fatores para que a África fosse considerada “um continente de povos famintos”. A primeira delas parte de uma análise geográfica que considera que uma parcela das paisagens naturais não são propícias para a ocupação humana. As inúmeras áreas desérticas que não possibilitam o desenvolvimento da agricultura são apontadas como um fator preponderante para os altos índices de subnutrição do continente. A partir dessa análise, é possível perceber uma aproximação do autor com o determinismo geográfico.

⁴⁹² CASTRO, Josué de. *Geopolítica da fome*. Op.Cit, 1959, p. 303.

⁴⁹³ Josué de Castro faz uma distinção entre fome aguda e fome crônica. A primeira está relacionada a uma determinada periodicidade, já a fome aguda atua permanentemente. CASTRO, Josué de. *Geopolítica da fome*. Op.Cit, 1959.

⁴⁹⁴ CASTRO, Josué de. *Geopolítica da fome*. Op.Cit, 1959, p. 308.

Uma segunda motivação apresentada por Josué de Castro para construir a narrativa da África como um continente faminto é a conjuntura econômica e social. O autor assegura que a colonização européia do século XV, através do mercantilismo, promoveu uma exploração predatória das riquezas naturais e do homem africano. Para Josué de Castro: “A África se constituiu um dos mais vastos campos de ação da aventura colonial, com todos os exageros, desmandos e maléficos levados a efeito contra populações quase sempre indefesas”⁴⁹⁵. Destaca, ainda, que o neocolonialismo ou imperialismo do século XIX⁴⁹⁶ contribuiu para a generalização da pobreza do continente. Afirma, também, que “toda a África é politicamente controlada por potências européias, em cuja conduta colonial há bem pouca coisa a louvar”⁴⁹⁷. Essa tese do autor está ligada ao fato de que mesmo após a independência de alguns países africanos, as potências européias continuaram impondo um controle político e econômico no continente.

Amparado em uma vasta bibliografia publicada pela FAO, em dados da ONU, e por uma literatura de estudiosos do campo da nutrição, Josué de Castro, sugere caminhos para que a sociedade possa “extirpar a fome da superfície da terra”⁴⁹⁸. Após o mapeamento da fome no mundo e das reflexões tecidas ao longo dos capítulos, o autor aponta uma tese conclusiva afirmando que “a fome coletiva é um fenômeno de categoria social, provocado, pelo aproveitamento inadequado das possibilidades e recursos naturais ou pela má distribuição dos bens de consumo obtidos”⁴⁹⁹. A tese conclusiva apontada por Josué de Castro, também esvaziava a opinião dos neomalthusianos⁵⁰⁰, que afirmavam que a fome era necessariamente provocada pelo

⁴⁹⁵ Idem, ibidem, p. 363.

⁴⁹⁶ Após o final da Segunda Guerra Mundial a população mundial apresentou níveis elevados, provocando um crescimento demográfico importante. Os neomalthusianos foram cientistas que renovaram as ideias do economista inglês Thomas Malthus que no século XIX desenvolveu teorias afirmando que a pobreza e a miséria eram diretamente proporcionais ao aumento no crescimento demográfico. Os neomalthusianos ainda defendiam que na medida em que a população mundial aumentasse, haveria uma diminuição da renda *per capita* gerando pobreza e fome. Para eles a solução estava em tornar política pública o controle de natalidade, principalmente nos países subdesenvolvidos.

⁴⁹⁷ CASTRO, Josué de. *Geopolítica da fome*. Op.Cit, 1959, p. 363.

⁴⁹⁸ CASTRO, Josué de. Op.Cit, 1959, p. 496.

⁴⁹⁹ Idem, ibidem, p. 466.

⁵⁰⁰ Alguns nomes se descaram entre os neomalthusianos: J. D. Black, Marston Bates e Arnold Toynbee. Segundo a socióloga Maria José de Rezende: “Josué de Castro desenvolveu uma perspectiva centrada na refutação absoluta das teses neomalthusianas que estava a fazer, em meados do século XX, profecias apocalípticas sobre o fim da humanidade. Aquelas que se ocupavam inteiramente em divulgar uma

crescimento da população mundial⁵⁰¹. Desse modo, os neomalthusianos acreditavam que o controle de natalidade era o melhor método para equilibrar a economia mundial.

Para Milton Santos⁵⁰², Josué de Castro se destacou por ter conseguido encontrar uma categoria de análise que deslocou a fome como um problema gerado por causas naturais, para compreendê-lo como um fenômeno econômico e social.

A luta contra a fome e a sua possível eliminação da superfície da terra não constitui, portanto, utopia, nem o fantasmagórico sonho de um mundo de fadas, mas um objetivo perfeitamente realizável nos limites da capacidade dos homens e das possibilidades da Terra. O que se faz necessário é proceder a um melhor ajustamento dos homens às terras por eles ocupadas e uma melhor distribuição dos benefícios com que a terra costuma brindar o homem. No momento atual, essa batalha contra a fome não se constitui uma tarefa de idealismo quixotesco, porém uma análise fria e realista da atual situação política e econômica do mundo.⁵⁰³

Nesse sentido, *Geopolítica da Fome* não é apenas um livro que faz um inventário das causas da fome no mundo. É uma obra que aponta soluções para o enfrentamento da questão alimentar. Segundo o autor, a humanidade, por meio de esforços políticos conjuntos entre as nações, poderia desenvolver conhecimentos científicos para superar o problema da fome. O aumento da produção de alimentos deveria ser a prioridade, mas somente seria alcançado com o desenvolvimento de tecnologia agrícola para ampliar o cultivo em terras tropicais. Como tratou mais tarde na publicação *O Livro Negro da Fome*, Josué de Castro, acreditava que as superpotências, os homens de ciência e de ação poderiam investir em ações para criar uma economia capitalista humanitária⁵⁰⁴.

suposta não-existência de saídas para a fome e para a miserabilidade”. REZENDE, Maria José de. *Revista de Ciências Humanas*, Op. Cit, 2003.

⁵⁰¹ Os estudos sobre as populações romperam as fronteiras da geografia e da demografia e chegaram até o campo disciplinar da história. Nesse sentido, a relação entre abastecimento alimentar e crescimento populacional se tornou uma demanda dos estudos daquela atualidade. Segundo o historiador Peter Burke: “O surgimento da história demográfica deu-se na década de 50, e isso se deve à consciência da explosão populacional mundial”. BURKE, Peter. *A Escola dos Annales: a Revolução Francesa da Historiografia*. São Paulo: UNESP, 2000, p. 67.

⁵⁰² SANTOS, Milton. Apresentação - Josué de Castro e a Geografia da Fome. In: CASTRO, Josué de. *Geografia da fome*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 30.

⁵⁰³ SANTOS, Milton. Apresentação - Josué de Castro e a Geografia da Fome. In: CASTRO, Josué de. *Op.Cit*, 2008, p. 30.

⁵⁰⁴ CASTRO, Josué de. *O livro Negro da Fome*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1968.

Nesse sentido, as ideias de Josué de Castro não apresentavam uma dimensão de ruptura por meio de uma revolução, tal como, defendiam as ideias marxistas. As soluções para as tensões sociais no mundo e, especificamente, para superação da fome, estavam centradas em estabelecer um modelo de cooperação capitalista. A ideia central era modificar a concepção econômica, abandonando a economia colonial para estabelecer uma economia mundial cooperativa⁵⁰⁵. Em outras palavras, Josué de Castro procurava encontrar uma alternativa para transformar o imperialismo que esfacelava as economias dos países subdesenvolvidos produzindo pobreza.

O livro *Geopolítica da Fome* surgiu em um momento histórico em que os debates internacionais sobre as injustiças sociais estavam na ordem do dia. A estratégia de Josué de Castro de construir uma alternativa dentro do próprio capitalismo, sem realizar uma crítica radical ao mundo socialista, facilitou a circulação e publicação da obra nos dois blocos antagônicos. Em um momento em que reações antiimperialistas surgiam e o debate sobre o “Terceiro Mundo” se alicerçava, a obra *Geopolítica da Fome* foi premiada nos Estados Unidos e na União Soviética.

4.4.2 – A Geopolítica da Fome entre prêmios e o anticomunismo

Em 1952, o livro *Geopolítica da Fome* foi congratulado pela Academia Americana de Ciências Políticas dos Estados Unidos com o Prêmio Franklin Delano Roosevelt, sendo considerado pela comissão⁵⁰⁶ como o mais importante livro do ano no campo das ciências políticas e sociais. *Geopolítica da Fome* foi escolhido entre oitenta e cinco livros publicados nos Estados Unidos em 1951. A circulação do livro na América do Norte e as críticas que recebeu nos jornais americanos renderam a láurea. A inserção do livro nos Estados Unidos também se deu devido às fortes críticas empreendidas por Josué de Castro aos neomalthusianos, cujas ideias não eram bem vistas por uma grande parcela dos economistas americanos.

⁵⁰⁵ Sobre a criação de uma economia cooperativa Josué de Castro afirmou: “Tudo depende da forma por que as potências coloniais venham a encarar a nova realidade do mundo. Transformando-se em grandes mercados consumidores, as áreas coloniais poderão cooperar substancialmente para a estruturação de uma economia mais equilibrada, absorvendo os excedentes de determinados produtos das áreas altamente desenvolvidas”. CASTRO, Josué de. *Geopolítica da fome*. Op.Cit, 1959, p. 504.

⁵⁰⁶ A Comissão do prêmio foi formada pelos seguintes acadêmicos: Earl G.Lathan (Amherst College), Charles B. Horan (Universidade de Illinois), George Benson (Claremont College).

Criado em 1946, em memória do presidente norte-americano, o Prêmio Roosevelt representava uma das mais altas distinções acadêmicas concedidas aos intelectuais nos Estados Unidos. Josué de Castro foi o primeiro escritor latino-americano a receber o prêmio. Na cerimônia, coube ao Professor Earl Lathan proferir o discurso:

Em seu livro, o Prof. Josué de Castro defende sua tese, brilhante apresentada, com uma impressionante disposição de torná-la evidente. Cada capítulo põe à mostra os conhecimentos provocantes do autor, sua capacidade de encontrar a expressão justa, seu ardente e enérgico humanismo liberal. A *Geopolítica da Fome* não é um livro calmante; é um livro que expõe um argumento, que toma partido, que assume compromissos⁵⁰⁷.

As imagens produzidas pela narrativa construída por Josué de Castro circularam o mundo. A proposta humanista do autor agradava os EUA que, no início da década de 1950, difundia os seus ideais e tinha certa dificuldade de inserção na Europa, principalmente devido ao sucesso das redes e da propaganda comunista. Durante a década de 1950, os Estados Unidos passaram a investir substancialmente em uma proposta anticomunista. A Guerra Fria passou a ser também uma “guerra de culturas”, na qual houve um investimento vigoroso em projetos culturais e educacionais⁵⁰⁸.

Ao comprovar em seus escritos que a fome não tinha fronteiras, mas que apresentava uma face diferente em cada continente, Josué de Castro, construiu uma narrativa ambivalente. Por um lado, contribuía com o discurso adotado pela União Soviética de que era necessário construir esforços para trabalhar pela paz e pela união entre os povos. E, por outro, agradava aos americanos com um “humanismo liberal”,

⁵⁰⁷ Discurso pronunciado em Buffalo, cidade americana do estado de Nova Iorque, durante a entrega do Prêmio Roosevelt da Academia Americana de Ciências Políticas – USA. Acervo Pessoal Josué de Castro – FUNDAJ. Pasta B.

⁵⁰⁸ No que concerne a guerra de culturas implementada pelos americanos, principalmente na Europa a partir dos anos 1950, afirmou Tony Judt: “Já em 1950, a Agência de Informação dos Estados Unidos assumiu plena responsabilidade pelo intercâmbio cultural norte-americano e pelos programas de informação na Europa. Ao lado do Departamento de Serviços de Informação que servia às autoridades norte-americanas encarregadas da ocupação da Alemanha Ocidental e da Áustria (e que detinha controle absoluto da mídia e de toda população cultural da Zona norte-americana nesses países), a Agência via-se em condições de exercer grande influência sobre a vida cultural européia. Já em 1953, no auge da Guerra Fria, os programas culturais dos EUA no exterior (excluindo subsídios secretos a fundações particulares empregavam 13 mil pessoas e custavam 129 milhões de dólares, recursos gastos principalmente na batalha para conquistar corações e mentes da elite intelectual do Oeste Europeu”. JUDT, Tony. *Pós-Guerra*: Op.Cit, 2011, p. 234.

através do qual as alternativas para enfrentar a fome deveriam ser encontradas no interior do próprio sistema capitalista.

Alguns anos depois o livro *Geopolítica da Fome* seria novamente premiado. Em 1949 a União Soviética criou o Prêmio Internacional da Paz, e seus agraciados eram escolhidos por um comitê que privilegiava personalidades que contribuíram para a paz entre os povos. A premiação estava articulada a uma política estratégica de Stálin, intitulada de “Movimento Internacional pela Paz”⁵⁰⁹.

Alguns brasileiros estiveram inseridos de modo mais significativo entre as redes comunistas. Entre esses estava Jorge Amado que “foi o principal beneficiário da integração na rede cultural comunista, primeiro no exílio em Paris, depois no castelo dos escritores na Tchecoslováquia”⁵¹⁰. As obras desse escritor foram publicadas em diversos idiomas e passaram a circular em toda a Europa. No começo da Guerra Fria a repressão aos comunistas na América Latina aumentou significativamente. Por esse motivo, muitos militantes passaram a buscar abrigo em Paris, onde tiveram o apoio do Partido Comunista Francês.

Nesse sentido, as redes de sociabilidade comunistas permitiram tanto a Jorge Amado quanto a outros “escritores, pintores, cineastas e artistas, a se projetarem e até ganharem prêmios no exterior”⁵¹¹. O escritor Jorge Amado, membro do PCB, tornou-se em 1951, o primeiro brasileiro a receber o Prêmio Internacional da Paz. Além da destacada militância comunista no âmbito internacional, as obras de Amado tinham, desde a década de 1930, um engajamento político⁵¹², sendo praticamente um embaixador cultural comunista. Esses fatos colaboram para que a sua obra *O Mundo da Paz* (1950) que trazia uma série de reportagens sobre países socialistas, fosse premiada.

⁵⁰⁹ O historiador Tony Judt atribuiu a estratégia política da União Soviética como uma tentativa de construir a ideia de que a política externa dos Estados Unidos representavam uma ameaça imediata de guerra na Europa. “Na tentativa de se beneficiar desse medo incipiente em relação à guerra, e da suspeita das elites européias em relação a questões norte-americanas, Stálin desencadeou um movimento internacional da paz. De 1949 até a morte do líder soviético, “Paz” foi o ponto central da estratégia cultural soviética”. JUDT, Tony. *Pós-Guerra*: Op.Cit, 2011, p. 232.

⁵¹⁰ RIDENTI, Marcelo. Jorge Amado e seus camaradas no círculo comunista internacional. *Revista Sociologia & Antropologia*. Rio de Janeiro: UFRJ-PPGSA. V.01.02: 165 – 194, 2011.

⁵¹¹ Idem, ibidem.

⁵¹² Destaco como obras de engajamento político com o campo do socialismo as seguintes obras do escritor Jorge Amado: *Capitães de Areia* (1937), *Terras do Sem-fim* (1943), *São Jorge dos Ilhéus* (1944), *O Cavaleiro da Esperança* (1945).

Em 1954, uma reunião do Conselho Mundial da Paz, do qual Jorge Amado era membro permanente, era realizada em Estocolmo, na Suécia. A delegação brasileira convidada foi formada pelo deputado e Presidente da FAO Josué de Castro, pelo deputado Frota Moreira, secretário geral do PTB, e pelo médico e escritor Marques Rabelo⁵¹³. O periódico *Tribuna Popular* veiculou uma reportagem sobre a participação de Josué de Castro no Conselho Mundial da Paz.

Fala em Estocolmo o Prof. Josué de Castro

Trabalham as diversas comissões do Conselho Mundial da Paz, preparando o texto das resoluções que serão discutidas nos dias que restam antes do encerramento do importante certame. Ontem, 20, foi o dia dos países oprimidos, cujos representantes ocuparam a tribuna. Falaram também os representantes dos países asiáticos. O professor Josué de Castro, do Brasil, Presidente da FAO, declarou: “Em nosso mundo atual, os 20 países mais ricos, que concentram apenas 16% da população do globo, têm mais de 70% do total da renda universal. Ao passo que, os 15 países mais pobres, onde se concentra 50% da população do planeta, não chegam a totalizar 10% da renda total do mundo”⁵¹⁴.

A reportagem denota duas questões relevantes para aquele momento histórico. A primeira é pensar que o “Movimento pela paz não passava de um veículo para a política soviética, motivo pelo qual abraçou, em 1951, o tema da “coexistência pacífica”, devido a uma alteração na estratégia internacional de Stálin”⁵¹⁵. Nesse sentido, pode-se compreender que o apoio à propaganda comunista e o discurso em torno da pacificação em grande medida tiveram sucesso na Europa. O bloco capitalista, por sua vez, promoveu uma resposta à União Soviética através de um grupo de intelectuais do Ocidente, que criaram o Congresso para Liberdade Cultural⁵¹⁶. A segunda questão relevante se relaciona diretamente com a fala atribuída à Josué de Castro que denuncia

⁵¹³ *Notícias de Hoje*, São Paulo, sábado, 20/11/1954. Acervo Pessoal Josué de Castro – FUNDAJ. Pasta 16.

⁵¹⁴ *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, quinta-feira, 02/12/1954. Acervo Pessoal Josué de Castro – FUNDAJ. Pasta 16.

⁵¹⁵ JUDT, Tony. *Pós-Guerra*: Op.Cit, 2011, p. 232.

⁵¹⁶ De acordo com o historiador Tony Judt: “A reunião que inaugurou o Congresso para Liberdade Cultural (CLC) foi realizada em Berlim, em junho de 1950. O congresso foi planejado como resposta ao Movimento pela Paz. (...) O Congresso para a Liberdade Cultural foi formado sob a chancela oficial de Berthand Russell, Benedetto Croce, Jonh Dewey, Karl Jaspers e Jacques Maritain, o filósofo católico francês”. JUDT, Tony. *Pós-Guerra*: Op.Cit, 2011, p. 233.

que assim como a fome, a concentração de renda estava presente naquela contemporaneidade, seja nos países do bloco capitalista ou socialista. Essa constatação acompanha praticamente todas as suas obras do Pós-Guerra.

A Presidência do Conselho da FAO, a publicação de livros em várias línguas, a militância política em um partido reformista no Brasil, bem como as redes intelectuais que foram sendo fortalecidas, permitiram que Josué de Castro produzisse uma imagem universal de intelectual e homem público que militava em defesa das causas humanitárias no mundo. Em 1954, Josué de Castro foi indicado ao Prêmio Nobel de Medicina. Em junho daquele ano estava em Roma, realizando atividades na FAO, quando recebeu a carta com a indicação do seu nome para concorrer ao Nobel. Em uma entrevista para o periódico *A Gazeta*, disse:

A honrosa inclusão do meu nome realizada espontaneamente pela Comissão do Prêmio Nobel de Medicina sensibilizou-me muito, embora que compreenda que esta Comissão visou especialmente homenagear a medicina brasileira, cujo conceito universal é hoje muito sólido, e não a minha modesta obra científica cuja significação não me parece merecer tão alta distinção. Não posso pronunciar-me sobre nenhum outro aspecto do assunto, mas apenas aguardar o julgamento final da Comissão que se realizará no próximo mês de novembro⁵¹⁷.

Quando Josué de Castro atribui a indicação ao Nobel à excelência da medicina brasileira, não significa somente dividir os méritos com esse campo de saber, mas, ao mesmo tempo, mobilizar a sua formação inicial em Medicina. Os estudos e pesquisas desenvolvidos na área da alimentação e da nutrição colaboraram para que se destacasse internacionalmente e chegasse à Presidência do Conselho da FAO. No entanto, a indicação ao Prêmio Nobel está relacionada a uma rede mais ampla que conseguiu construir com dois ganhadores do Prêmio Nobel, o médico Lord Jonh Boyd Orr (Nobel da Paz em 1949) e da escritora Pearl Buck (Nobel de Literatura em 1938). A indicação ao prêmio era realizada por meio do Comitê Nobel “integrado por sumidades médicas mundiais”.⁵¹⁸

⁵¹⁷ *A Gazeta*, terça-feira, 01/06/1954. Acervo Pessoal Josué de Castro – FUNDAJ. Pasta 16.

⁵¹⁸ *Folha da Manhã*, São Paulo, sexta-feira 02/04/1954. Acervo Pessoal Josué de Castro – FUNDAJ. Pasta 16.

A indicação de Josué de Castro ao Prêmio Nobel teve ampla repercussão em jornais de todo o Brasil. Mas, o Nobel de Medicina daquele ano foi atribuído conjuntamente a John Franklin Enders, Thomas Huckle Weller e Frederick Chapman Robbins “pela descoberta da capacidade do vírus da poliomielite de se desenvolver em culturas de vários tipos de tecidos”⁵¹⁹.

Em 1955, ano seguinte à sua indicação ao Nobel de Medicina, Josué de Castro foi congratulado com o Prêmio Internacional da Paz por sua obra *Geopolítica da Fome*, que fora publicada em língua russa em 1954. A notícia de que Josué de Castro receberia um prêmio ofertado pela União Soviética provocou a reação de alguns setores da sociedade brasileira. O debate sobre o prêmio circulou na imprensa. Muitos criticavam a possibilidade de Josué de Castro receber um “prêmio comunista”, outros mencionavam que a premiação significava orgulho para o Brasil. Uma charge veiculada no *Diário de Pernambuco* traz alguns aspectos dessa discussão.

⁵¹⁹ Informações obtidas no site do Prêmio Nobel. <http://www.nobelprize.org/>. Acessado em 30 de março de 2016.



Figura 15: Charge do jornal *Diario de Pernambuco*. *Diario de Pernambuco*, 05 de julho de 1955. Prontuário de Josué Apolônio de Castro. DOPS-PE. APEJE-PE

Um prêmio internacional ofertado por Moscou a uma personalidade brasileira despertou a reação de setores conservadores da sociedade. A charge é assinada pela Cruzada Brasileira Anti-Comunista⁵²⁰, critica os comunistas brasileiros por homenagearem com um jantar no Automóvel Clube do Rio de Janeiro, o então deputado pelo PTB de Pernambuco Josué de Castro, que foi agraciado com o Prêmio Internacional da Paz.

⁵²⁰Segundo as reflexões do historiador Rodrigo Patto que é um dos principais especialistas sobre o tema do anticomunismo no Brasil: “A Cruzada Brasileira Anticomunista foi uma das mais notórias organizações anticomunistas do período posterior a 2ª Guerra, e sua linguagem e atuação são semelhantes às dezenas de entidades congêneres do mesmo período. Foi a interação dessas três doutrinas (catolicismo, nacionalismo e liberalismo) que subsidiou a cruzada anticomunista brasileira, na constituição de imagens que caracterizavam o comunismo como “perigo vermelho”. SÁ MOTTA, Rodrigo Patto. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva, 2002, p. 49.

Na imagem é possível identificar os comunistas representados com traços demoníacos, em preto, armados com facas afiadas e alguns bebendo vodca, possivelmente extasiados. Os demais integrantes da mesa estão bem vestidos, porém com expressões sérias e desconfiadas. Josué de Castro, sentado ao centro, ladeado pelo militante do PCB o escritor Jorge Amado, tem em seu nome uma sutil interrogação. Nesse sentido, a imagem tem como intenção gerar dúvidas no leitor sobre a possibilidade de Josué de Castro “ser ou não ser” comunista. A presença do PCB também pode ser observada por meio de um pássaro que se apresenta ao centro do banquete, supostamente convidado por Jorge Amado, declarando que o escritor baiano o mandou ficar escondido.

Uma cena que poderia induzir o leitor a cogitar que Josué de Castro seria um comunista disfarçado e atuante, ou mesmo, tentar aproximar o discurso trabalhista do intervencionismo e das reformas sociais, ao discurso comunista. Nesse sentido, “ao mesmo tempo em que demonizavam os comunistas, seus adversários contribuíram para reafirmar o seu lugar no cenário público, confirmando a sua centralidade como atores políticos”⁵²¹.

A proximidade entre Josué de Castro e Jorge Amado na charge aponta não apenas para uma relação pessoal, afetiva – presente em outras fontes pesquisadas – mas, sobretudo, para uma afinidade político-ideológica. Nesse sentido, “devemos pensar o comunismo e o anticomunismo, antes de mais nada, como práticas sociais e culturais, como filosofias de vidas e também propostas políticas”⁵²². O discurso conservador contra o comunismo assinalava tempos difíceis para a militância política de esquerda no Brasil.

O texto construído abaixo da charge denota a preocupação da Cruzada com a vigilância e o controle daqueles que eventualmente participariam da premiação. A ideia central era defender a pátria do “perigo vermelho”, já que o comunismo fora apresentado como uma antítese das liberdades individuais e um atentado à democracia. No texto a valorização do nacionalismo é mesclada ao discurso religioso. O *Jornal Pequeno* do Recife também fez uma dura crítica a Josué de Castro.

⁵²¹ NAPOLITANO, Marcos. CZAJKA, Rodrigo. SÁ MOTTA, Rodrigo Patto. *Comunistas Brasileiros: cultura política e produção cultural*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2013, p. 29.

⁵²² CAVALCANTI, Erinaldo Vicente. *Relatos do Medo: a ameaça comunista em Pernambuco (Garanhuns – 1958-1964)*. Recife, Editora Universitária, 2012, p. 43.

The Red Gold Of Moscou (O Ouro Vermelho de Moscou)

O burguês reacionário Josué de Castro, comunista fichado, prega a fome de barriga cheia, enquanto propinas de nações estrangeiras leoninas...Tem-se falado muito no famoso “Ouro de Moscou”. Mas, em verdade, nunca se pode dizer que determinada pessoa haja recebido dinheiro dos comunistas. Meras suposições, embora com todos os visos de verdade, pois não se admite que a propaganda vermelha seja feita sem o metal soante. Agora, porém, há um cavalheiro que recebeu no duro. Dinheiro contadinho, um milhão de cruzeiros. O felizardo foi o sr. Josué de Castro. Coube a esse médico brasileiro, ser contemplado este ano, com o Prêmio de Paz Stálin. Esse prêmio, por certo, não tem nenhuma significação especial, porque representa, tão somente, um instrumento da propaganda vermelha. Afinal, que fez o sr. Josué de Castro, pela paz, para merecer um prêmio de caráter internacional? Se ele trabalhou pela “paz comunista” explica-se o galardão. Mas a paz comunista não é o que o mundo quer. No final das contas, o leitor fica sabendo, de fato, o “Ouro de Moscou”. Chama-se Josué de Castro, professor e deputado federal, por Pernambuco.

A matéria é assinada pela Frente de Juventude Democrática⁵²³, que atuava no movimento estudantil universitário e tinha fortes inspirações anticomunistas, estando politicamente ligada à UDN. É importante salientar que, tanto a charge apresentada anteriormente, quanto a matéria veiculada pelo *Jornal Pequeno*, se preocupam em denunciar o suposto recebimento de recursos por parte de Josué de Castro. Esse fato denota uma preocupação dos anticomunistas⁵²⁴ em rastrear os possíveis financiamentos da União Soviética à militantes políticos de esquerda no Brasil. A aproximação de Josué de Castro com o campo das esquerdas, nacionalmente e internacionalmente, contribuiu

⁵²³ MATTOS, André Luiz Rodrigues de Rossi. Entre o comunismo e o anticomunismo: a União Nacional dos Estudantes entre os anos de 1950 e 1956. In: *Anais do V Simpósio Internacional Lutas Sociais na América Latina: “Revoluções nas Américas: passado, presente e futuro”*, 2012: 13-29. “A FJD se manteve atuante até 1964 e foi a organização de combate aos comunistas entre a juventude mais importante dos anos de 1950 e 1960, tempo em que protagonizou cenas de violência, provocou a prisão de estudantes estrangeiros acusados de comunismo e insistiu em denúncias exasperadas pela criminalização dos universitários de esquerda e por intervenções policiais e jurídicas no interior do movimento estudantil”.

⁵²⁴ O historiador Erinaldo Cavalcanti, comenta a formação de organizações anticomunistas entre as décadas de 1950 e 1960: “O período em tela foi marcado por um expressivo crescimento de organizações anticomunistas, em virtude do medo que afligia as chamadas organizações de direitas, ou parte destas. No período que antecedeu ao golpe de 1964 surgiram várias entidades nessa dimensão tendo por objetivo maior de sua existência, o combate ao comunismo, mesmo que algumas delas tenham tido vida efêmera. Figuraram entre elas a Cruzada Brasileira Anticomunista, a Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade, entre outras. CAVALCANTI, Erinaldo Vicente. *Relatos do Medo*: Op.Cit, 2012, p. 33.

para que paulatinamente ele passasse a ser identificado como comunista. Em um de seus discursos na Câmara Federal, Josué de Castro, tratou da polêmica em torno do Prêmio Internacional da Paz:

Sr. Presidente, não tencionava subir à tribuna desta Casa para fazer o menor comentário acerca do fato de ter-me sido concedido o Prêmio Internacional da Paz, assunto que foi objeto de longo debate nessa casa. (...) Desejo declarar que sempre trabalhei e continuarei a trabalhar pela paz. Não conheço missão mais digna, mais necessária, mais dignificante da condição humana e da condição por excelência do intelectual do que trabalhar pela compreensão entre os homens, propondo-se dentro de suas limitadas possibilidades a ser sempre instrumento de ligação, de interpretação, de confiança e de compreensão, numa hora grave como a hora atual do mundo, hora de tremendas tensões sociais que ameaçam afundar o mundo numa conflagração irremediável. (...) Não me contaminei por nenhuma ideologia, porque não tenho outra que não a de minha terra – meu nacionalismo e meu patriotismo de brasileiro, meu universalismo de homem de estudo. (...) Escrevi um livro acima dos partidos, acima das ideologias partidárias, acima das paixões humanas. Escrevi esse livro não a serviço de blocos, mas a serviço da humanidade (...).

O discurso atende a determinadas interdições, a historicidade, ao ato impositivo de verdade e foi realizado em meio às tensões de grupos políticos do Congresso Nacional, que eram contrários que um parlamentar brasileiro recebesse um prêmio concedido pela União Soviética. Josué de Castro se defendeu ao incorporar elementos de valorização da pátria e do nacionalismo, coincidentemente os mesmos propagados pela Cruzada Brasileira Anticomunista. O autor demonstra que estava atento aos conflitos do mundo do Pós-guerra, bem como define sua posição como intelectual engajado que acreditava ser sujeito da própria história. As disputas e tensões a respeito do Prêmio Internacional da Paz na Câmara Federal foram parar na Comissão de Diplomacia que emitiu o seguinte parecer:

(...) Numerosos deputados requereram um voto de congratulações ao Professor Josué de Castro pela honrosa distinção. No entanto, antes de ser submetido à consideração do plenário, foi o requerimento enviado a Comissão de Diplomacia. Segundo consta a impugnação à homenagem se fundamenta na alegação de que o Conselho Internacional da Paz é de inspiração soviética. (...) A Comissão de Diplomacia acha que a homenagem prestada na Câmara a um cientista brasileiro que recebeu um prêmio internacional pelo sentido humanitário e pacifista da sua obra, não constitui matéria de ordem diplomática ainda que nos pareça da maior justiça e concessão do prêmio e o voto de congratulações objeto dessa consulta⁵²⁵.

As tramas do poder e a construção dos discursos em meio a disputas parlamentares de um momento da história da humanidade marcado por conflitos de blocos considerados antagônicos, estão presentes nesse parecer. Apesar da tentativa de impugnação, Josué de Castro finda recebendo o prêmio em Helsinque com o aval da Câmara dos Deputados. O recebimento desse prêmio estreitou os laços acadêmicos de Josué de Castro com a União Soviética; anos depois, Castro passa a ocupar um cargo na Academia Nacional de Ciências de Moscou, “mesmo após as denúncias dos crimes de Stálin que abalaram os comunistas depois de 1956”⁵²⁶.

⁵²⁵ *Diário do Congresso Nacional*, Seção I, de 21 de maio de 1955. Acervo da Biblioteca da Câmara dos Deputados.

⁵²⁶ RIDENTI, Marcelo. Jorge amado e seus camaradas no círculo comunista internacional. *Revista Sociologia & Antropologia*. Op.Cit, 2011.

CAPÍTULO 5: “O HOMEM, A TERRA E A LUTA”

Josué de Castro toma nitidamente posição em face desse problema de desigualdade das regiões. Não se pretende, de modo algum, que as regiões mais ricas sintam piedade pelas outras e que exerçam uma espécie de caridade. Trata-se, sim, de empreender a unificação real do país, libertando as regiões econômicas e organizado uma luta estruturada contra o subdesenvolvimento em função das possibilidades reais do conjunto do país⁵²⁷.

⁵²⁷ TOBELEM, Alain. *Josué de Castro e a descoberta da fome*. Rio de Janeiro: Editora Leitura, 1974, p. 135.

A partir do primeiro mandato como deputado federal, a atuação político-partidária de Josué de Castro foi paulatinamente se sobrepondo as atividades intelectuais. Em 1957 um periódico de Fortaleza veiculou uma matéria com o seguinte título: “Josué vive o drama: conciliar política e ciência”⁵²⁸. O homem público continuou denunciando o flagelo da fome, mas outras demandas sociais surgiram. A crise econômica e social que o Brasil atravessava nos primeiros anos do governo de Juscelino Kubistchek se apresentava com mais intensidade no Nordeste do Brasil, principalmente por causa da estiagem que atingiu a região por praticamente toda a década de 1950.

Apesar do governo JK está pautado nas ideias de movimento, ação e desenvolvimento e de ter em grande medida consolidado o capitalismo no Brasil, a inflação, a carestia, a seca, a desigualdade regional, atrelados ao distanciamento das promessas de desenvolvimento social, produziram “desigualdades sociais que até então caracterizavam (e ainda caracterizam) a trajetória nacional”⁵²⁹. Ao término do seu governo, apesar da industrialização, da integração territorial do país e da construção de Brasília, Juscelino Kubistchek deixou a crise como legado.

O PTB, compôs a base aliada do governo JK, pois havia constituído uma aliança nacional com o PSD desde as eleições para Presidente da República de 1956. Josué de Castro, em seus mandatos como deputado federal, participou incisivamente dos debates em torno da Operação Nordeste, da criação da Superintendência para o Desenvolvimento para o Nordeste (SUDENE), e dos debates sobre reforma agrária, situando-se politicamente entre os nacionalistas⁵³⁰. Aproximou-se do grupo de intelectuais fundadores do ISEB que “estavam seguros de ter vocação para desempenhar, como categoria social específica, um papel decisivo nas mudanças políticas”⁵³¹.

⁵²⁸*O Povo*, Fortaleza, 10 de agosto de 1957. Arquivo Pessoal Josué de Castro. Pasta 30.

⁵²⁹MOREIRA, Vânia Maria Losada. Os anos JK: industrialização e modelo oligárquico de desenvolvimento rural. In: DELGADO, Lucília de Almeida Neves. FERREIRA, Jorge (Orgs.). *Op. Cit.*, 2010, p. 191.

⁵³⁰O historiador José Murilo de Carvalho discorre sobre as bases ideológicas do nacional-desenvolvimentismo: “A fundamentação ideologia do nacional desenvolvimentismo vinha do pensamento da Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL) e foi elaborada no país pelo Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), órgão criado em 1955, ligado ao Ministério da Educação. CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil*: Op.Cit, 2013, p. 133.

⁵³¹PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil*. Entre o povo e a nação. São Paulo: Editora Ática, 1990, p. 103.

Por outro lado, continuou participando do combate internacional contra a fome. Fundou com intelectuais e políticos, em 1957, em Paris, a Associação Mundial de Luta Contra a Fome (ASCOFAM)⁵³² que desenvolveu ações efetivas no Nordeste do Brasil⁵³³. Nesse sentido, Josué de Castro aproximou a sua atuação como deputado federal, às ações da ASCOFAM no Brasil, integrando aos discursos de combate a fome, a necessidade urgente de que o Brasil realizasse uma reforma agrária, que possibilitaria a superação do subdesenvolvimento.

Principalmente durante o segundo mandato como deputado federal, Josué de Castro, se aproximou mais incisivamente dos movimentos sociais, especialmente, dos que defendiam a reforma agrária e tinham como preceitos a melhoria das condições de trabalho e vida no campo, como era o caso das Ligas Camponesas⁵³⁴. No final da década de 1950 e início dos anos 1960, Josué de Castro se engajou na luta contra o imperialismo e passou a defender as reformas que julgava imprescindíveis para que o Brasil superasse a miséria, a fome e a desigualdade social.

5.1 - Josué de Castro e a Frente Parlamentar Nacionalista

A base político-partidária do governo JK foi concebida por meio de uma aliança entre o partido do Presidente, o PSD, e o PTB, partido do vice-presidente João Goulart, apesar das agendas sociais distintas, já que o primeiro tinha um perfil ruralista e conservador, enquanto o PTB possuía uma forte inserção no meio urbano e defendia o interesse dos trabalhistas. Quanto à oposição, ficou a cargo da UDN, que combatia

⁵³²Em 1957 Josué de Castro e um grupo de intelectuais e políticos de várias partes do mundo fundam em Paris a Associação Mundial de Luta Contra a Fome (ASCOFAM). Naquela ocasião também foi publicado *O Livro Negro da Fome* uma espécie de manifesto da associação e de autoria de Josué de Castro. No prefácio desse livro tratou da criação dessa associação. “Criada a ASCOFAM, graças ao apoio de um grupo de personalidade de renome internacional, interessadas pela sorte da humanidade, entre as quais tenho o grato dever de destacar os nomes do Padre Joseph Le Bret, do Abbé Pierre, de Albert Schweitzer, de Raymond Schevein, de Louis Marie, de Kuo-Mo-Jo, de Paul Matin, de Lord Boyd Orr, de Tibor Mende, de René Dumont, de Max Habith, foi este documento divulgado em várias línguas no mundo inteiro”. CASTRO, Josué de. *O Livro Negro da Fome*. Op.Cit, 1968, p. 1.

⁵³³ Na sede da ASCOFAM no Recife foi criada uma usina de beneficiamento de alimentos, em especial, uma farinha beneficiada (complemento alimentar) que chegou a ser distribuída no Nordeste do Brasil.

⁵³⁴ “As ligas camponesas foram associações de trabalhadores rurais criadas inicialmente no estado de Pernambuco, posteriormente na Paraíba, no estado do Rio de Janeiro, Goiás e em outras regiões do Brasil, que exerceram intensa atividade no período que se estendeu de 1955 até a queda de João Goulart em 1964”. <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/ligas-camponesas>. Acessado em 30/08/2016.

sistematicamente tudo o que representasse a herança política de Getúlio Vargas; a “moralidade pública” era a principal bandeira do partido.

No entanto, os ideais políticos progressistas nem sempre seguiam a lógica das alianças que compunham o governo. Os grupos progressistas passaram a se unir paulatinamente, desde a Redemocratização, em 1946, em torno do discurso do desenvolvimento nacional. Nesse sentido, os progressistas formalizaram, em 1956, a Frente Parlamentar Nacionalista, “formada por parlamentares de vários partidos políticos, organizou-se para defender, no Congresso Nacional, soluções nacionalistas para o processo de desenvolvimento econômico do país”⁵³⁵. Josué de Castro participou desde o primeiro momento como membro da Frente Parlamentar Nacionalista⁵³⁶. Após a oficialização da frente os deputados federais mobilizaram as suas bases políticas estaduais no sentido de para fortalecer o “movimento nacionalista”. O periódico *Imprensa Popular* veiculou a seguinte matéria:

“Existem em Pernambuco todas as condições para um poderoso movimento nacionalista”. Diz o deputado Josué de Castro em entrevista especial concedida à *Imprensa Popular*.

- Encontrei por toda a parte e em todas as classes um grande apoio ao nosso Movimento Parlamentar Nacionalista pró Desenvolvimento Econômico, apoio que nos animou a realizarmos o lançamento desse movimento no estado. Foi criado em Recife um comitê formado por deputados estaduais e vereadores, o qual vem atuando de maneira objetiva para dar forma e consistência ao movimento em Pernambuco, captando e coordenando o interesse dessas forças que hoje circulam em todas as camadas sociais do estado⁵³⁷.

Enquanto os debates em torno do modelo de desenvolvimento estavam circulando na imprensa e nos debates políticos, conservadores e progressistas divergiam sobre qual a estratégia deveria ser adotada. A questão central era como o modelo de desenvolvimento seria conciliado com a necessidade das reformas sociais. Para os

⁵³⁵ DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *PTB: Op. Cit.*, 2011, p. 185.

⁵³⁶ O sociólogo Renato Carvalheira afirma: “Já no primeiro mandato Josué de Castro se tornou membro da Frente Parlamentar Nacionalista, um movimento pluripartidário formado em 1956 para defender o patrimônio nacional contra a desnacionalização da economia. Essa posição, por sinal, seria um dos motivos da forte perseguição política que Castro sofreria por ocasião do golpe militar de 1964”. NASCIMENTO, Renato Carvalheira do. *Josué de Castro: o sociólogo da fome*. Universidade de Brasília. Dissertação - Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Brasília: 2002, p. 75.

⁵³⁷ *Imprensa Popular*, Rio de Janeiro, 02 de agosto de 1957: 3. Acervo Pessoal Josué de Castro. FUNDAJ. Pasta 30.

conservadores, o desenvolvimento social seria decorrente do desenvolvimento econômico livre de intervenção, mas não para os trabalhistas.

Em seu discurso, Josué de Castro, aponta para o objetivo de conciliar as classes sociais em torno do projeto do movimento nacionalista. A cerimônia de lançamento do Movimento Parlamentar Nacionalista ocorreu no teatro Santa Isabel, no dia 13 de agosto de 1957. Diversas autoridades estiveram presentes e, além de Josué de Castro, discursaram “Miguel Arraes e Carlos Daniel Cavalcanti representante oficial da Assembléia Legislativa, o vereador da Câmara Municipal do Recife, Miguel Batista, Luiz Andrade, em nome da Prefeitura Municipal do Recife e o acadêmico Eldenor Moraes da UNE”⁵³⁸. As ideias nacionalistas agradaram a diversos setores da sociedade e diversas tendências políticas, ensejando a formação, no Congresso Nacional, de uma rede política heterogênea.

A Frente Parlamentar Nacionalista se caracterizou como um movimento suprapartidário, com a supremacia do PTB, mas contou também com membros do PSD, da UDN, do PCR, do PR, do PSP e do PSB que também aderiram à proposta reformista e nacionalista. A aproximação dos movimentos sociais e especialmente do movimento estudantil, por meio da UNE, também pode ser destacada. Essa Frente se constituía como “uma opção nacionalista de um segmento expressivo e muito combativo da sociedade civil, que fazia das bandeiras nacionalistas e desenvolvimentistas expressão de um Brasil mais autônomo e soberano”⁵³⁹. No entanto, a formação de frentes suprapartidárias demonstraram o enfraquecimento e a fragmentação dos partidos⁵⁴⁰. É importante, também, pensar que a Frente Parlamentar Nacionalista, apesar dos pressupostos definidos de defesa das reformas, assumia posições diferentes de acordo com as peculiaridades políticas de cada Estado. Em uma entrevista concedida ao jornal *Imprensa Popular*, Josué de Castro também apresentou preocupações políticas e sociais daquele presente.

⁵³⁸ *Jornal Pequeno*, Recife, 14 de agosto de 1957. Acervo Pessoal Josué de Castro. FUNDAJ. Pasta 30.

⁵³⁹ DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *Partidos políticos e frentes parlamentares: projetos, desafios e conflitos na democracia*. In: DELGADO, Lucília de Almeida Neves. FERREIRA, Jorge (Orgs.). *Op. Cit.*, 2010, p. 149.

⁵⁴⁰ DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *PTB: Op. Cit.*, 2011, p. 188.

De fato, pode-se constatar facilmente que vive o Estado de Pernambuco um momento difícil de sua história com o seu povo açoitado pelo aumento do custo de vida sem grandes horizontes de trabalho nem possibilidades de maiores reivindicações pelo avanço relativamente lento do progresso econômico da região em comparação com a expansão econômica do resto do Brasil. E isto se traduz por visíveis manifestações de descontentamento das massas populares em face dessa realidade. (...) Tive a oportunidade de debatê-los em reunião na Federação das Indústrias de Pernambuco, expondo uma série de projetos de instalação de novas indústrias, principalmente no setor de alimentação. Tive a oportunidade de sentir grande receptividade por parte dos industriais, em sua maioria bem esclarecidas acerca da necessidade de emprendermos uma expansão da economia industrial em íntima conexão com a expansão da agricultura regional⁵⁴¹.

O alto custo de vida, provocado por uma inflação desenfreada, de acordo com Josué de Castro tinha como principal motivação a ausência de uma política pública eficiente para a produção dos alimentos, mais precisamente pela falta de uma reforma agrária que possibilitasse uma mudança na base da economia brasileira⁵⁴². Josué de Castro, durante a entrevista, aponta a desigualdade regional presente no Brasil entre o Sudeste industrializado e um Nordeste que vivenciava secas e a pobreza de grande parte da população. Assim como fez durante o Estado Novo, Castro constrói um discurso a partir da mobilização dos conhecimentos sobre agricultura e alimentação, para demonstrar a necessidade de criar condições, em Pernambuco e no Nordeste do Brasil, para um processo de industrialização que estivesse atrelado à expansão da agricultura regional.

No entanto, além dos conhecimentos técnicos, Josué de Castro defende que o governo JK mobilizou os nacionalistas e teve como esteio “a industrialização, a presença do capital estrangeiro, a reforma agrária e o pacto social e político que deveria orientar e sustentar o processo de desenvolvimento nacional”⁵⁴³. Por outro lado, as oligarquias ruralistas se opuseram às principais propostas dos trabalhistas e

⁵⁴¹ *Imprensa Popular*, Rio de Janeiro, 02 de agosto de 1957: 3. Acervo Pessoal Josué de Castro. FUNDAJ. Pasta 30.

⁵⁴² Em uma reportagem veiculada pelo *Diário Popular* intitulada “Baixa Produtividade, ponto de estrangulamento da nossa economia”, Josué de Castro defende a necessidade de expandir a indústria de alimentos. *Diário Popular*, São Paulo, 20 de abril de 1956. Acervo Pessoal Josué de Castro. FUNDAJ. Pasta 29.

⁵⁴³ MOREIRA, Vânia Maria Losada. *Os anos JK: industrialização e modelo oligárquico de desenvolvimento rural*. In: DELGADO, Lucília de Almeida Neves. FERREIRA, Jorge (Orgs.). Op. Cit, 2010, p. 170.

nacionalistas, travando em grande parte as proposições desses grupos. Desse modo, “o pacto industrial-agrário do nacional-desenvolvimentismo conseguiu salvar a frágil democracia brasileira, mas sacrificou bastante a cidadania”⁵⁴⁴. O governo JK deixou de cumprir suas promessas de desenvolvimento social e não conseguiu articular políticas públicas que promovessem a melhoria das condições de vida especialmente das populações que habitavam o semi-árido nordestino.

As ideias defendidas pela Frente Parlamentar Nacionalista foram importantes para formular a linha de atuação política de Josué de Castro em seus dois mandatos como deputado federal. A luta contra o pauperismo, a intervenção estatal para promover o desenvolvimento do país e o fomento a produção de alimentos foram bandeiras⁵⁴⁵ insistentemente presentes nos discursos pronunciados por Josué de Castro. É importante lembrar que ao longo dos anos do governo JK, Josué de Castro manifestou suas posições e ideias por meio da imprensa escrita e da tribuna da Câmara Federal, onde defendeu a urgência da criação de um plano de desenvolvimento para o Nordeste do Brasil.

5.2 - “A Operação Nordeste uma grande vitória”.

Em 1958 uma seca ainda mais intensa do que as anteriores assolou o Nordeste, despertando a atenção de jornalistas da capital do Brasil, na época o Rio de Janeiro. O jornalista Antônio Callado, do *Correio da Manhã*, realizou uma viagem ao Nordeste brasileiro, onde produziu uma série de artigos que denunciaram a existência de uma “indústria da seca”. A notoriedade das reportagens expôs ao país o domínio dos proprietários de terras e de políticos locais, que utilizavam os recursos do Governo Federal para satisfazer os seus próprios interesses⁵⁴⁶.

A desigualdade regional era latente, pois, em meados da década de 1950, o Nordeste possuía 32% da população do Brasil e gerava apenas 13% da riqueza

⁵⁴⁴ Idem, *Ibidem*.

⁵⁴⁵ As ideias defendidas pela Frente Parlamentar nacionalista foram apresentadas no dia 14 de novembro de 1956 pelo deputado Oswaldo Lima Filho do PTB que leu um documento subscrito por 67 parlamentares filiados a diferentes siglas partidárias nacionalistas. DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *PTB: Op. Cit*, p. 189.

⁵⁴⁶ PAGE, Joseph. *A Revolução que nunca houve: o Nordeste do Brasil. 1955/1964*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1972, p. 83.

nacional⁵⁴⁷. Nesse sentido, “essa situação de pobreza era agravada pela ineficiência de políticas sociais e de combate à seca elaboradas e executadas pelo governo federal, mais especificamente pelo Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS)”⁵⁴⁸. O Nordeste passava a ser construído nacionalmente como uma região problema⁵⁴⁹, como um território onde a miséria, a seca e a fome atingiam a maior parte da população. Em um governo que pregava o desenvolvimento a partir de um viés nacional-desenvolvimentista, as questões em torno do Nordeste brasileiro se tornaram uma demanda política. De acordo com o historiador Pablo Porfírio:

Antônio Callado também tinha realizado essa viagem a pedido do seu amigo Celso Furtado, o qual, no final da década de 1950, trabalhava como economista do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico. Furtado comandava a luta para que se adotasse uma nova política econômica para o Nordeste. As denúncias de corrupção feitas por Callado, acerca dos recursos destinados ao combate à seca, em um jornal de grande circulação no Brasil, o *Correio da Manhã*, causaram intensa repercussão na Câmara dos Deputados e no Senado, fortalecendo, de certa maneira, as ações que Celso Furtado planejara desenvolver para o Nordeste⁵⁵⁰.

Em 1958, Antônio Callado era o editor chefe do *Correio da Manhã*, um dos principais jornais brasileiros naquele momento. As reportagens sobre a situação de calamidade pública em que se encontrava a região⁵⁵¹ Nordeste, colaboraram efetivamente com os planos de Celso Furtado⁵⁵². A repercussão das reportagens

⁵⁴⁷ PAGE, Joseph. Op.Cit, 1972, p. 85.

⁵⁴⁸ PORFÍRIO, Pablo F. de A. *Medo, Comunismo e Revolução: Pernambuco (1959-1964)*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009, p. 38.

⁵⁴⁹ Especificamente sobre a construção do Nordeste como uma região problema ver: COHN, Amélia. *Crise Regional e planejamento*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

⁵⁵⁰ Idem, *Ibidem*.

⁵⁵¹ Novamente tratamos do tema região, a partir das assertivas de Durval Muniz que dialoga com Pierre Bourdieu para definir a questão: “A noção de região, antes de remeter à geografia, remete a uma noção fiscal, administrativa, militar (vem de *regere*, comandar). Longe de nos aproximar de uma divisão natural do espaço ou mesmo de um recorte do espaço econômico ou de produção, a região se liga diretamente às relações de poder e sua espacialização; ela remete a uma visão estratégica do espaço, ao seu esquadramento, ao seu recorte e à sua análise, que produz saber. Ela é uma noção que nos envia a um espaço sob domínio, comandado”. ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval. *A Invenção do Nordeste* e outras artes. Op.Cit, 2006, p. 25.

⁵⁵² O economista Celso Furtado em suas memórias narra o momento em que o Subchefe da Casa-Civil, o embaixador José Sette Câmara, articulou um encontro com os editores do jornal *Correio da Manhã*, que tinha como finalidade divulgar as ações do que passou a ser chamado de *Operação Nordeste*. A estratégia midiática utilizada contribuiu para pensar a relação entre o Estado e os meios de comunicação. “Ficou decidido que se tentaria conquistar o apoio do *Correio da Manhã*, então o jornal de mais influência na

contribuiu para que o governo JK tomasse providências urgentes⁵⁵³. Em virtude da situação emergencial, foi autorizada pelo Presidente da República a abertura de créditos adicionais no valor de 4 bilhões de Cruzeiros para “fazer ao socorro dos flagelados das sêcas do Nordeste”⁵⁵⁴.

Em outubro de 1958, o deputado federal Josué de Castro, nos debates da Câmara Federal afirmou que qualquer iniciativa para desenvolvimento pleno da economia do Brasil teria primeiramente que pela expansão da economia agrícola do Nordeste, uma região que não tinha, sequer, transpassado o estágio de transição da agricultura para a indústria. Para o então deputado, a agricultura da região permanecia “no estado primário do tipo feudal, com baixa produtividade e sem os meios de subsistência para alimentar os seus operários”⁵⁵⁵. Nessa fala, Josué de Castro, atrela os seus conhecimentos técnicos sobre a alimentação e a agricultura ao debate político do momento. Em seguida, destaca que o fortalecimento da economia do Nordeste permitiria a expansão do mercado interno e, por sua vez, a expansão da indústria do Sul do país. As eleições legislativas que foram realizadas no segundo semestre de 1958 adiaram os debates para o ano seguinte. Nessas eleições, Josué de Castro foi reeleito deputado federal.

No dia 24 de fevereiro de 1959, o *Jornal do Commercio* veiculou uma matéria com o seguinte título: “Crise social do Nordeste é problema da maior importância e extrema gravidade”. A matéria traz a opinião de Josué de Castro sobre a crise do

capital da República. Seu diretor, Paulo Bittencourt, era um homem que amava bater-se por grandes causas, tinha consciência do poder que exercia. Quando lhe expus em que consistia o novo projeto, ele se entusiasmou e dispôs-se a apoiá-lo de imediato. Rompendo uma tradição o jornal inseriria em sua primeira página uma entrevista comigo, antecipando as linhas gerais do novo projeto. Em seguida, publicaria uma série de editoriais, dando ênfase a certos pontos, e aprofundando outros. E mandaria um jornalista de primeira linha – Antônio Callado – para observar *in loco* a situação da região e as conseqüências desastrosas da política que vinha sendo seguida pelo governo. FURTADO, Celso. *As aventuras de um economista brasileiro. A fantasia desfeita*. In: *Obra Autobiográfica de Celso Furtado*. Tomo II. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 82.

⁵⁵³ De acordo com o historiador Antônio Montenegro: “As reportagens escritas por Callado descreviam e produziam um Nordeste em que muitos se reconheciam, e outros não. Instituíam, por extensão, um campo de luta, pois a cada criação estavam associados conceitos, imagens, princípios políticos, análises do presente e perspectivas de ação e mudanças que se confrontavam com outras matérias jornalísticas. Ao mesmo tempo, acontecimentos vários em tempos simultâneos possibilitam estabelecer associações que projetam e ampliam as possibilidades de compreensão do passado”. MONTENEGRO, Antônio Torres. *As ligas camponesas às vésperas do golpe de 1964. Proj. História*, São Paulo, (29) tomo 2, p. 391-416, dez, 2004.

⁵⁵⁴ Decreto nº 44.058, de 22 de Julho de 1958. Rio de Janeiro, em 22 de julho de 1958; 137º da Independência e 70º da República. Disponível em <http://www2.camara.leg.br/> acessado em 21/06/2016.

⁵⁵⁵ Anais do Congresso Nacional, v. XVIII, 1958: 796. Acervo da Biblioteca da Câmara dos Deputados. Brasília- DF.

Nordeste, bem como sobre o plano de desenvolvimento econômico proposto pelo economista Celso Furtado “que desde o início de 1959 apresentou a Juscelino Kubitschek uma série de sugestões para buscar solucionar os problemas do Nordeste. O projeto de Celso Furtado recebeu o nome de *Operação Nordeste*”⁵⁵⁶. Na entrevista, Josué de Castro afirmou:

A crise social que atravessa o Nordeste não pode ser encarada apenas como um problema regional, do interesse exclusivamente daquele que habitam essa região. É bem mais que isto. É um problema nacional da maior relevância e de extrema gravidade. Na verdade o que caracteriza o subdesenvolvimento no Brasil, como em qualquer outra região do mundo é o extremo desequilíbrio: as desigualdades existentes dentro do país, seja no sentido vertical – desigualdades de classes – seja no sentido horizontal – desigualdades das regiões. E um dos maiores contrastes existentes no Brasil é exatamente a coexistência de um Nordeste pobre e faminto, vivendo num regime agrário arcaico e feudal e da região do sul que se emancipa economicamente através da industrialização intensiva e da concentração de recursos de toda a ordem empregados nos diferentes setores das atividades desta região. Este violento contraste começa a construir um grave perigo não só para a economia, mas mesmo para a segurança interna da nacionalidade⁵⁵⁷.

O Nordeste passava a ser visto como uma ameaça nacional pela situação de miserabilidade em que estava imersa uma parcela significativa da população da periferia das capitais, da Zona da Mata açucareira, ou ainda do semi-árido dos nove estados que compõem a região. A situação de pobreza, aliada a efervescência de movimentos sociais como foi o caso das Ligas Camponesas, produziram imagens de uma região que representava um perigo ao país. A *Operação Nordeste* foi o caminho encontrado pelo governo federal para buscar soluções técnicas e práticas que promovessem uma intervenção que modificasse esse cenário de tensões. Em um trecho da entrevista Josué de Castro aponta as três questões que estavam no cerne dos conflitos daquele momento no Nordeste: a desigualdade regional em relação ao Sul e Sudeste do Brasil, a estrutura agrária obsoleta e a desigualdade social predominante. As questões sobre os problemas do Nordeste continuavam circulando nos jornais de todo o país. No mês de março de

⁵⁵⁶PORFÍRIO, Pablo F. de A. *Medo, Comunismo e Revolução*: Op.Cit, 2009, p. 39.

⁵⁵⁷*Jornal do Commercio*, Recife, 24 de fevereiro de 1959. Acervo Pessoal Josué de Castro. FUNDAJ. Pasta 30.

1959, o *Jornal do Commercio* veiculou uma matéria citando Josué de Castro intitulada: “O Nordeste e a Federação”.

Tem razão o deputado Josué de Castro quando, em recentes declarações, afirma que o desenvolvimento do Nordeste é “uma necessidade histórica”. E como não temos considerado o problema nessa base, o que estamos fazendo é pagar um velho débito de “imprevidência, de improvisação e de desmando administrativo”. Não há a menor dúvida quanto à posição do Nordeste vem assumindo na Federação e não deixa de ser uma vitória que o problema regional esteja na ordem do dia. (...) Há, porém, um perigo: o de ficarmos em palavras. E de tudo não passar de promessas e engodos, permanecendo a “redenção do Nordeste”, uma vez mais no domínio dos planos e esquemas teóricos ou das mistificações eleitorais, que o povo muito bem conhece e das quais desconfiará, se as medidas não vierem logo e a ajuda à população nordestina não for eficaz e urgente. (...) O problema brasileiro é de realismo. Isso é que se espera da OPENO, já que o Nordeste não pode ser a eterna vítima da própria União⁵⁵⁸.

O trecho da reportagem demonstra a expectativa do veículo de comunicação em relação às ações efetivas do Governo Federal em relação ao Nordeste. A ausência do Estado e a esperança de que o Nordeste passasse por uma redenção são elementos discursivos que circulavam naquele momento histórico. Em suas declarações, Josué de Castro fazia referência à história do Brasil e aos primeiros séculos de colonização, quando o Nordeste desenvolveu uma atividade econômica voltada para a cana-de-açúcar que viabilizou o empreendimento português; provavelmente por esse motivo, considerava que o Brasil tinha uma dívida histórica com a região.

Josué de Castro passou a defender que as ações da *Operação Nordeste* poderiam libertar a região da exploração do Sul do país. Afirmava que era a primeira vez “que se procurava inserir o sistema econômico do Nordeste dentro da economia nacional”⁵⁵⁹. Para Josué de Castro, a iniciativa de Celso Furtado e do governo JK tinha base técnica e científica e possibilitaria a oportunidade do país de superar o imperialismo e a desigualdade regional que existia no interior do Brasil, onde o Nordeste representava a parte colonial explorada pela região Sul.

⁵⁵⁸ *Jornal do Commercio*, Recife, 17 de março de 1959. Acervo Pessoal Josué de Castro. FUNDAJ. Pasta 33.

⁵⁵⁹ *Anais do Congresso Nacional*, v. I, 1959, p. 57. Acervo da Biblioteca da Câmara dos Deputados. Brasília- DF.

Apesar do apoio irrestrito ao projeto de Furtado no que concerne aos trâmites no Congresso Nacional, se faz necessário pensar, também, como Josué de Castro procurou debater as diretrizes da *Operação Nordeste*. Vale ressaltar que por meio de decreto presidencial foi instituído o Conselho de Desenvolvimento do Nordeste (CODENO), “o qual poria em andamento tudo aquilo que fosse possível ao governo realizar no âmbito da competência da legislação vigente”⁵⁶⁰. Esse conselho antecedeu a aprovação da SUDENE pelo Congresso Nacional.

5.2.1 – Operação Nordeste e as “cartas na mesa”: debate sobre a seca, a terra e o desenvolvimento

A revista *O observador Econômico e Social*⁵⁶¹, no mês de abril de 1959, veiculou uma reportagem sobre um debate que teve como tema central a *Operação Nordeste*. O debate foi realizado no programa “Cartas na Mesa”, da Rádio Nacional, e a reportagem foi veiculada com o seguinte título: *Operação Nordeste: dois nomes e duas opiniões*. O projeto gráfico da matéria apresentou as fotografias dos debatedores.

⁵⁶⁰ FURTADO, Celso. *As aventuras de um economista brasileiro. A fantasia desfeita*. Op.cit, 1997, p. 84.

⁵⁶¹Essa revista começou a ser publicada a partir de 1936, no Rio de Janeiro, pelo empresário e economista Valentim Bouças e foi editada até dezembro de 1962. Durante o Estado Novo recebeu o apoio do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) através de seu diretor, Lourival Fontes. No que concerne ao projeto nacional-desenvolvimentista teve um papel considerável na divulgação e debate em torno da política econômica em meados da década de 1950.

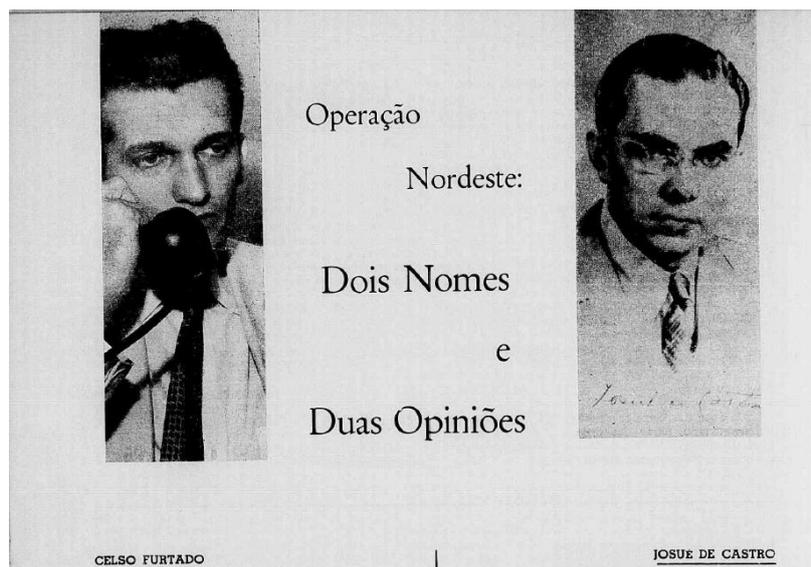


Figura 16: Celso Furtado e Josué de Castro *O observador Econômico e Social*, Rio de Janeiro, Abril de 1959, p. 26. Fonte: Setor de Periódicos. Biblioteca Nacional – BN.

As fotografias dos dois debatedores foram posicionadas em lados opostos procurando construir para o leitor a imagem das visões antagônicas sobre a temática debatida. Nesse caso, a questão em torno de uma política pública desenvolvida pelo governo federal para a região Nordeste. O economista do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico, Celso Furtado, acabava de ser escolhido pelo presidente Juscelino Kubistchek para implementar uma política eficaz para um dos maiores gargalos do seu governo: a ausência de políticas públicas voltadas para o Nordeste.

Simultaneamente, o país respirava a atmosfera de modernidade; do presidente “Bossa Nova” como JK foi chamado, e da construção de uma nova capital que iria levar o desenvolvimento para o interior do Brasil⁵⁶². Esse era o discurso do Governo Federal, mas a ascensão dos movimentos sociais, e a situação de miséria em que grande parcela da população vivia contrastavam com a propaganda oficial.

Josué de Castro estava atuando em seu segundo mandato parlamentar, mas era um intelectual que já havia tratado do tema “Nordeste” com profundidade em suas obras. No início do governo Juscelino Kubistchek chegou a ser cotado para ser ministro

⁵⁶²“A confiança que Juscelino depositou nesse projeto de Brasil foi contagiosa, e não é muito difícil entender o por quê. O projeto de JK sustentava-se na crença de que uma nova sociedade dependia da vontade do Estado e do desejo coletivo de um povo que, enfim, teria encontrado seu lugar e destino”. SCHWARCZ, Lilia Moritz. STARLING, Heloisa Murgel. *Brasil: Op. Cit.*, 2015, p. 417.

da agricultura, mas as disputas políticas internas do PTB de Pernambuco, que passava por um processo de intervenção, impediram a nomeação⁵⁶³. Josué de Castro já havia publicado suas obras em várias línguas e contava com a experiência internacional da FAO, na qual teve contato com conhecimentos de cooperação técnica na área da agricultura em várias partes do mundo. A reportagem veiculada na revista teve o seguinte texto de apresentação:

Vinte e dois milhões de homens que vivem nos nove Estados do Nordeste brasileiro estão sendo chamados para uma tomada de consciência. O homem da rua ainda olha meio desconfiado para o Governo que, no início de uma campanha para a sucessão presidencial, lança um plano audacioso para salvar o Nordeste, vítima das secas periódicas, com uma grande percentagem do emprego baseada no artesanato, um Nordeste sem indústria, descapitalizado, e onde a “causa *mortis*” infantil mais comum é esse nome bonito dado à fome: “avitaminose congênita”. Deputados nordestinos, de Estados e partidos diferentes, reunidos pelo comentarista político Geber Moreira em seu programa radiofônico “Cartas na Mesa”, da Rádio Nacional, apresentaram várias reservas ao plano da “Operação Nordeste”. Encontravam-se presentes figuras expressivas como o Professor Josué de Castro, do PTB, o Coronel Virgílio Tavora, da UDN, e o Sr. Martins Rodrigues, do PSD. Noutra oportunidade, o Professor Josué de Castro foi intérprete dessas restrições, debatendo-as com o autor do relatório que deu origem à “Operação” o economista Celso Furtado, já então Diretor-Executivo do Conselho do Desenvolvimento do Nordeste. O que apresentamos aos leitores de “O Observador” é o debate então travado entre os dois eminentes homens públicos, em todos os seus detalhes⁵⁶⁴.

O Nordeste apresentado ao leitor de *O Observador* é construído como uma região arcaica, que assim como a sua terra seca e quente, que ansiosamente aguarda pela chuva, esperava o Governo Federal para salvar a população da miséria eminente⁵⁶⁵. A

⁵⁶³ O jornal *Diário da Noite* veiculou uma matéria tratando das disputas internas do PTB de Pernambuco, principalmente entre Barros de Carvalho e Souto Maior. Naquele momento, cogitava-se que Josué de Castro seria nomeado pelo Presidente do PTB Nacional, João Goulart, como interventor do partido em Pernambuco. *Diário da Noite*, Recife, 09 de janeiro de 1956. Acervo Pessoal Josué de Castro. FUNDAJ. Pasta 29.

⁵⁶⁴ *O Observador Econômico e Social*, Rio de Janeiro, Abril de 1959, p. 27. Setor de Periódicos. Biblioteca Nacional – BN.

⁵⁶⁵ O historiador Durval Muniz de Albuquerque em seu livro *Invenção do Nordeste* trabalha como foram construídos modos de ver e dizer que formaram discursivamente essa região. A partir dessa perspectiva afirma: “O Nordeste continua, neste discurso, sendo um espaço-pretexto para se pedir providências dos poderes públicos, para mendigar favores, embora adquira também a imagem do espaço rebelde, que serve para anunciar a transformação social ou com ela ameaçar, como um espaço-denúncia das injustiças e

presença de políticos de diversos partidos na Rádio Nacional, demonstra o interesse que a bancada de deputados federais do Nordeste tinha de estarem atentos aos movimentos do governo em torno da *Operação Nordeste*; seja pela intenção de cooperar com o projeto, seja pela defesa do *status quo*. Algumas restrições foram apresentadas pelo deputado Josué de Castro que inicialmente levantou três questões que contestaram a visão do economista Celso Furtado.

A primeira contestação feita por Josué de Castro está relacionada à proposta do projeto de Furtado de realizar um escoamento da população da região. Como estudioso da geografia humana e, como vimos no capítulo anterior, crítico severo dos neomalthusianos, argumenta que a causa maior do marasmo econômico do Nordeste está na “defasagem entre a economia do Nordeste e o sistema econômico do Sul”⁵⁶⁶. Em seguida, realizou uma crítica mais profunda sobre a estrutura agrária e afirmou que o relatório não fazia nenhuma referência a essa questão. Para Josué de Castro, o sistema de posse da terra na região precisaria ser modificado “sob pena de dificilmente termos um rendimento positivo na *Operação Nordeste*”⁵⁶⁷.

Ao finalizar os primeiros questionamentos sobre o tema, criticou a prioridade que o relatório de Celso Furtado atribuía ao cultivo de plantas xerófitas (algodão e outras fibras) na região do semi-árido nordestino. Josué de Castro, amparado nos estudos que realizou para o livro *Geografia da Fome*⁵⁶⁸, afirmava que “na parte que pudesse ser irrigável, deveria ser aproveitada também para as culturas de sustentação

crueldades das relações sociais no país. Região construída para ser a nossa vergonha, em oposição ao Sul, a São Paulo, nosso orgulho. Um discurso que tende a seguir a mesma estratégia do discurso da seca ou do discurso tradicionalista, ou seja, o de generalizar determinadas imagens, enunciados e fatos como dados proeminentes do espaço nordestino. Eliminando as diferenças internas deste espaço, pensando-o como o espaço unificado da miséria e da injustiça, da seca e da fome, terminando por sua estratégia identitária contribuir para a reprodução da própria imagem tradicional da região, da qual se locupletavam e se locupletam seus grupos dominantes”. ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval. *A Invenção do Nordeste*. Op. Cit., 2006, p. 198-199.

⁵⁶⁶*O Observador Econômico e Social*, Rio de Janeiro, Abril de 1959: 27. Setor de Periódicos. Biblioteca Nacional – BN.

⁵⁶⁷Idem, *ibidem*.

⁵⁶⁸Para a socióloga Sirlânia Schappo: “Josué desenvolve diversas críticas contrárias à retórica predominante na época de que o principal problema nordestino era a seca. Uma retórica que instigava as principais propostas políticas para a região. Para ele, mais do que a seca, o que caracteriza o subdesenvolvimento no Nordeste é a monocultura e o latifúndio. É especialmente a partir da segunda metade da década de 1950 que a dimensão regional ocupou destaque nos discursos proferidos na Câmara dos Deputados, que marcam os debates desenvolvimentistas e de planejamento regional”. SCHAPPO, Sirlândia. *Josué de Castro por uma agricultura de sustentação*. Tese (doutorado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. UNICAMP. Campinas - SP, 2008, p. 230.

através de um tipo de agricultura superintensiva, como estão fazendo outros países do mundo”⁵⁶⁹. Em outras palavras, o que Josué de Castro defendia era a prioridade que o relatório deveria proporcionar à agricultura de subsistência, em detrimento de uma valorização da agroindústria, tendo em vista a crise de abastecimento alimentar que o Nordeste enfrentava. Na réplica, Celso Furtado já falava como um representante do governo de Juscelino Kubitschek e construía uma narrativa técnica que em alguns momentos se distanciava dos questionamentos realizados por Josué de Castro.

Muito agradecido, Dr. Josué, pelas referências amáveis a esse relatório, que constitui, evidentemente, o esforço de todo um grupo de pessoas. É a síntese final de toda uma série de estudos que já vinham sendo feitos no Brasil, aos quais apenas eu acrescentei um pouco de minha experiência em outros países e um pouco de minha paixão pela coisa do Nordeste⁵⁷⁰.

O trecho acima aponta para uma questão relevante. Furtado afirma que os estudos que levaram à construção do plano para o Nordeste contaram com a colaboração de vários estudiosos, mas não de Josué de Castro⁵⁷¹. Na visão de Furtado, a técnica determinava o modelo que possibilitaria organizar economicamente os fatores de produção. No pensamento de Furtado em uma economia subdesenvolvida como a do Brasil, na qual a tecnologia ainda não era preponderante, havia um desequilíbrio na produção. Nesse sentido, o investimento em tecnologia seria fundamental para superar o desequilíbrio econômico entre o Sul e o Nordeste do Brasil. Para Furtado, “uma política de desenvolvimento é basicamente, uma política de criação de emprego”⁵⁷². A predominância de um saber tecnicista e meramente econômico do plano é demonstrada, principalmente, por não levar em consideração os problemas sociais que o Nordeste enfrentava, tendo no processo de industrialização a principal finalidade. Naquele

⁵⁶⁹ *O Observador Econômico e Social*, Rio de Janeiro, Abril de 1959, p. 27. Setor de Periódicos. Biblioteca Nacional – BN.

⁵⁷⁰ *O Observador Econômico e Social*, Rio de Janeiro, Abril de 1959, p. 28. Setor de Periódicos. Biblioteca Nacional – BN.

⁵⁷¹ Aqui se faz necessário ressaltar que Josué de Castro durante governo Juscelino Kubitschek não teve o espaço político que havia tido durante o Estado Novo, nem no segundo governo Vargas.

⁵⁷² Idem, *ibidem*.

momento era o saber que privilegiava a técnica, a industrialização que se constituía enquanto um poder no governo JK.

Quando Furtado tratou sobre a questão populacional formulada por Castro, a nomeou de “deslocamento de fronteiras agrícolas”⁵⁷³ e afirmou: “Trata-se de incorporar ao Nordeste aquilo que é escasso no Nordeste, que são as terras úmidas, as terras com precipitação pluviométrica regular”⁵⁷⁴. Em outras palavras a irrigação de áreas semi-áridas propostas por Castro era descartada, o deslocamento de populações inteiras da caatinga para áreas de “brejo de altitude” e para a Zona da Mata seria a solução em detrimento de uma proposta voltada para a irrigação de áreas do semi-árido.

No entanto, as maiores tensões entre as visões de Celso Furtado e Josué de Castro são demonstradas a partir do momento em que a questão agrária entra em cena. Em meio ao debate, Josué de Castro toma a palavra e afirma:

O dinheiro derramado no Nordeste foi jogado fora. E esse é um dos problemas mais graves. Não foi feita nenhuma política de valorização do Nordeste. Eu disse no começo desse debate — e já o tinha dito há 3 anos num discurso que fiz na Câmara — que o problema mais grave do Nordeste está longe de ser o problema da seca. A seca é apenas uma gota d’água que, paradoxalmente, faz transbordar a miséria do Nordeste. A seca é secundaríssima. O problema mais grave é o da estrutura agrícola. O que eu lamento é não poder concordar com o Dr. Celso Furtado quando diz que vai fazer um plano estrutural, procurando atacar a estrutura da região para dinamizá-la, isto é, mudar o impulso dinâmico da economia da região de acordo com as suas virtualidades e as possibilidades, e que se deixe de lado esse problema da estrutura da terra, que me parece essencial, não só para a agricultura como para a indústria. Eu me permito dizer-lhe que não creio num plano de industrialização do Nordeste se a região não tiver um mínimo de base agrícola que permita realmente o seu abastecimento de matérias-primas com um custo de produção econômico para serem industrializadas⁵⁷⁵.

⁵⁷³ O deslocamento de fronteiras agrícolas e a sua finalidade são tratados por Celso Furtado em um trecho da publicação da *Operação Nordeste*. “Nosso ponto de vista é o seguinte: desenvolveu-se na região semi-árida, na caatinga, uma economia inadequada ao meio, extremamente vulnerável à seca. O primeiro objetivo deve ser, portanto, criar ali uma economia resistente à seca. Uma economia de mais alta produtividade, na caatinga, não será compatível com uma grande densidade demográfica. Assim, a reorganização da economia da caatinga criará excedentes populacionais que deverão ser absorvidos alhures”. FURTADO, Celso. *Operação Nordeste*. Rio de Janeiro: ISEB, 1959, p. 32.

⁵⁷⁴ Idem, ibdem.

⁵⁷⁵ *O Observador Econômico e Social*, Rio de Janeiro, Abril de 1959, p. 33. Setor de Periódicos. Biblioteca Nacional – BN.

Assim como já vinha denunciando na tribuna da Câmara dos Deputados, Josué de Castro, influenciado pela atmosfera em torno das reformas estruturais⁵⁷⁶ que o Brasil precisava para superar o subdesenvolvimento, afirmou categoricamente que o problema central do Nordeste não era físico ou climático, mas sim agrário⁵⁷⁷. Era essa estrutura agrária centralizadora que não permitia a diversificação de culturas, onde estava o cerne da crise de abastecimento e da produtividade do Nordeste. As soluções apontadas por Josué de Castro para enfrentar as demandas sociais da região estavam presentes “na transformação das estruturas econômico-sociais com a utilização mais racional dos recursos e na distribuição da propriedade agrícola com um desenvolvimento tanto da indústria quanto da agricultura”⁵⁷⁸.

As propostas de Josué de Castro inseriam as camadas populares no processo, pois propunham o acesso a terra para aqueles que produzissem uma agricultura de subsistência, fundamental para enfrentar a crise de abastecimento alimentar. Nesse sentido, é possível constatar que a *Operação Nordeste* priorizava diretamente os investimentos na área da indústria, sem levar em consideração o maior desafio do Nordeste, que era, de fato, buscar uma solução para modificar a estrutura agrária. Celso Furtado e Josué de Castro concluem o debate da seguinte forma:

⁵⁷⁶ De acordo com o sociólogo italiano Giuseppe Di Taranto especialista da obra de Josué de Castro, o modelo de desenvolvimento adotado pelo Brasil entre 1956 e 1961 provocou um crescimento de cerca de 80% da produção industrial: “Este desenvolvimento acelerado conduziu, inevitavelmente, à inflação que De Castro atribuiu sua causa a falta de reforma estrutural do que à política econômica perseguida pelo governo. Pouco era feito para resolver a antiga questão do latifúndio, as medidas adotadas, como a expansão do crédito rural e a melhor distribuição qualitativa da alimentação, eram absolutamente insuficientes”. DI TARANTO, Giuseppe. *Sociedade e Subdesenvolvimento na obra de Josué de Castro*. Belém: CEJUP, 1993.

⁵⁷⁷ Na Câmara dos Deputados, Josué de Castro, levou a tribuna alguns discursos sobre os problemas enfrentados pela região Nordeste: *O Problema das Secas do Nordeste e o Desequilíbrio Econômico Nacional*. Os discursos foram pronunciados em julho de 1956 muito antes da *Operação Nordeste* fazer parte da cena política brasileira.

⁵⁷⁸ SCHAPPO, Sirlândia. *Josué de Castro por uma agricultura de sustentação*. Op.Cit, 2008, p. 228.

CELSO FURTADO — Tenho grande satisfação em ouvir suas palavras e estou seguro de que o senhor, no Parlamento, me dará esses instrumentos para que a transformação seja mais rápida.

JOSUÉ DE CASTRO — Com toda satisfação. Não creio que esteja lá para outra coisa, senão para me esforçar por estas conquistas sociais.

CELSO FURTADO — Estou convencido, Dr. Josué, de que mesmo que o senhor não consiga esses instrumentos, essa reforma, essa revolução agrária no Brasil, ainda assim, estou convencido de que poderemos fazer muito no Nordeste. Poderemos levar muitos recursos para o Nordeste. Poderemos criar muito emprego para muita gente no Nordeste. Poderemos fazer no Nordeste pelo menos aquilo que já se fez no Sul do Brasil, sem a audácia que é um atributo de sua inteligência e que é para o Nordeste um presente, uma oportunidade para ir ainda mais rápido que o Sul do Brasil⁵⁷⁹.

O projeto desenvolvimentista está presente nas palavras de Celso Furtado: a escolha por um plano de industrialização em detrimento de uma de uma reforma que modificasse a base agrária da região mostra isso. Segundo Celso Furtado: “o novo Nordeste estará vindo a superfície”⁵⁸⁰. Esse debate não caracteriza apenas o confronto de ideias entre dois dos intelectuais mais proeminentes dos anos 1950. Mas, também, a escolha de um projeto de Brasil e, mais especificamente, de um modelo de desenvolvimento para o Nordeste. O desenvolvimentismo pautado em uma aceleração do processo de industrialização defendido por Celso Furtado foi escolhido, em detrimento das ideias reformistas de Josué de Castro⁵⁸¹ e obviamente de outros modelos mais a esquerda que sonhavam com a Revolução Brasileira.

Apesar de defender que a prioridade do Nordeste deveria ser a agricultura de subsistência para que o problema da fome fosse solucionado, e não a agroindústria como pretendia o Governo Federal, Josué de Castro, concentrou esforços na Câmara dos Deputados para aprovar o projeto de criação da SUDENE. A estrutura agrária, a

⁵⁷⁹ *O Observador Econômico e Social*, Rio de Janeiro, Abril de 1959: 33. Setor de Periódicos. Biblioteca Nacional – BN.

⁵⁸⁰ FURTADO, Celso. *As aventuras de um economista brasileiro. A fantasia desfeita*. Op.Cit, 1997, p. 82.

⁵⁸¹ De acordo com a socióloga Ana Waleska: “Daí pode-se entender porque, para os teóricos desenvolvimentistas, soberania nacional, desenvolvimento social e industrialização soavam como sinônimos. Esta íntima vinculação entre os conceitos de desenvolvimento e o de industrialização era um aspecto do pensamento desenvolvimentista criticado por Josué de Castro, o qual via o subdesenvolvimento como produto do desenvolvimento e não como o seu par opositor”. MENEZES, Anna Waleska. Nobre Cunha de. *Os embates entre ciência e política na experiência Parlamentar de Josué de Castro*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais): Centro de Humanas Letras e Artes, UFRN, 2012, p. 47.

concentração de terras nas mãos de famílias tradicionais, seja na faixa litorânea ou no semi-árido, bem como a efervescência dos movimentos sociais e a ineficiência das políticas públicas desenvolvidas pelo governo federal, produziu outras tensões⁵⁸².

5.3 – Josué de Castro frente a um Nordeste explosivo

O interesse pelo Nordeste do Brasil permeia uma parcela significativa da obra de Josué de Castro. A região, onde viveu os primeiros anos de vida, também se apresenta como modelo para compreender a fome como uma questão social de íntima relação com o processo de colonização e com o subdesenvolvimento. Nesse sentido, percebemos, com base na dimensão política e social do pensamento de Josué de Castro, ações para desnaturalizar a fome como atributo dos pobres e resultado das condições climáticas e do solo, como os períodos de estiagem.

Josué de Castro defende tal assertiva com ênfase em seu livro *Sete Palmos de Terra e um Caixão* publicado no Brasil e na França em 1965, respectivamente pela Editora Brasiliense⁵⁸³ e pela *Editions du Seuil*⁵⁸⁴. Nesse livro, Josué de Castro problematiza as tensões sociais que a região enfrentou entre meados dos anos 1950 e início dos anos 1960, a influência norte-americana, os movimentos sociais, bem como a relação do Nordeste do Brasil com os problemas sociais da América Latina⁵⁸⁵. Em

⁵⁸² Um artigo dos economistas Fábio Earp e Luiz Prado traçam a trajetória de Celso Furtado como intelectual e homem público. No que concerne ao funcionamento da SUDENE afirmaram: “A SUDENE consistiu em um fórum de governadores que decidiam obras prioritárias receberiam o aporte de recursos federais segundo sua importância para a geração de empregos e renda, pra a produção de alimentos e para a fixação do homem à terra. Essa forma de decisão coletiva acabou com a tradicional barganha por verbas federais em troca de votos, o que por sua vez deu maior autonomia aos governadores em relação à União. As prioridades foram a construção de estradas, a implantação de indústrias e a expansão da agricultura de alimentos, mas Furtado acabou sendo envolvido pelo debate em torno do Reforma Agrária – ou seja, uma reforma eminentemente agrícola acabou sendo desviada para um problema ligado à propriedade da terra”. EARP, Fábio Sá. Luiz Carlos Delorme Prado. Celso Furtado. In: FERREIRA, Jorge. REIS, Daniel Aarão. *Nacionalismo e Reformismo Radical (1889-1945)*. As esquerdas no Brasil; v.2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 391.

⁵⁸³ A Editora Brasiliense publicou durante vários anos as obras do Josué de Castro no Brasil, tendo lançado em 1954 uma coletânea com as suas obras completas.

⁵⁸⁴ Editora francesa fundada em 1935 em Paris foi responsável pela publicação de *Sete Palmos de Terra e um Caixão* em 1965 sob o título de *Une Zone Explosive Le Nordeste du Brésil* em uma coleção denominada *Collections Esprit* “Fontière Ouverte”. Obra em língua francesa consultada na Biblioteca Nacional da França (BNF).

⁵⁸⁵ No entanto, a minha análise privilegiará o prefácio, e alguns capítulos que consideramos importantes para tecer uma narrativa que continue privilegiando as temáticas centrais desse trabalho.

1962, Josué de Castro renunciou ao mandato de Deputado Federal pelo PTB de Pernambuco e foi nomeado, pelo Presidente João Goulart, Embaixador do Brasil em Genebra⁵⁸⁶. Se dizia desiludido com a política naquele momento:

A verdade é que a política no Brasil só inspira e aguça para uma espécie de atividade espasmodicamente agitada e intelectualmente improdutivo. Mais agitação do que ação verdadeira. Não há debates, nem lutas por ideias e princípios, mas uma surda e contínua luta pessoal por vantagens e posições. É esta uma arena ou circo onde se digladiam outras espécies de força: a astúcia, a audácia, o cinismo, o oportunismo. Não há lugar para outras qualidades humanas menos subalternas, como o espírito público, o desejo de servir, a busca de novos caminhos que possam conduzir a uma melhor distribuição de cotas de felicidade⁵⁸⁷.

Nesse trecho, Josué de Castro narra o acirramento das disputas e tensões do Pré-Golpe. Provavelmente a leitura política daquele momento histórico tenha motivado o seu desejo de se afastar do cenário político partidário, passando a atuar politicamente na diplomacia. Além disso, a nomeação para o cargo de embaixador significou uma oportunidade de retomar os trabalhos voltados para as políticas alimentares em âmbito internacional⁵⁸⁸, experiência que desenvolveu no período em que presidiu o Conselho da Fundação para Alimentação e Agricultura da ONU, a FAO, entre 1952-1956, como foi visto no capítulo anterior. Logo, a rotatividade entre as comissões de diplomacia em Genebra proporcionaram sua participação como membro da Organização Mundial de Saúde, da Organização Mundial do Trabalho e ainda uma atuação relevante na política externa brasileira no que concerne ao desarmamento atômico.

O embaixador Josué de Castro passou a defender que as grandes potências poderiam acabar com a fome no mundo caso deixassem de investir milhões de dólares em ogivas nucleares. Contudo, devido aos acontecimentos de abril de 1964 e a cassação dos direitos políticos, a sua experiência diplomática de Castro foi interrompida.

⁵⁸⁶ Nomeação como Embaixador do Brasil para assuntos ligados a ONU, durante o governo João Goulart: “O Presidente da República. Resolve, de acordo com o artigo 23, § 1º, da Lei nº 3.917, de 14 de julho de 1961, combinado com o artigo 9º, § 1º, do Regulamento do Pessoal do Ministério das Relações Exteriores, aprovado pelo Decreto nº 2, de 21 de setembro de 1961, designar Josué Apolônio de Castro para exercer a função de Chefe da Delegação do Brasil em Genebra, com a categoria de Embaixador. Brasília 03 de maio de 1962, 141º da Independência e 74º da República. João Goulart”. Acervo Pessoal Josué de Castro – FUNDAJ. Pasta 48.

⁵⁸⁷ APUD: SILVA, Tânia Elias Magno (Org.). *Josué de Castro*. Op. Cit, 2012, p. 187.

⁵⁸⁸ Passou a ser vice-presidente da Campanha Mundial Contra a Fome promovida pela FAO.

No período em que esteve em Genebra, Josué de Castro desenvolveu pesquisas sobre as mudanças políticas e sociais ocorridas na região Nordeste. A partir desses estudos, a sua obra recebeu mais um livro: *Sete Palmos de Terra e um Caixão*, que contou com a colaboração de intelectuais e políticos entre eles Alberto Passos Guimarães e Francisco Julião⁵⁸⁹. Nessa obra, Castro se preocupou em demonstrar como se constituiu historicamente, no Brasil, uma economia voltada para a monocultura e para o latifúndio, que inviabilizavam a possibilidade de progresso social, especialmente, na região do país considerada a mais pobre: o Nordeste.

Josué de Castro toma nitidamente posição em face desse problema de desigualdade das regiões. Não se pretende, de modo algum, que as regiões mais ricas sintam piedade pelas outras e que exerçam uma espécie de caridade. Trata-se sim de empreender a real unificação do país, libertando as regiões econômicas e organizando uma luta estruturada contra o subdesenvolvimento em função das possibilidades reais do conjunto do país⁵⁹⁰.

Além de analisar o Nordeste como uma “área explosiva”, dito de outra maneira, de intensas tensões e desigualdades sociais. Josué de Castro apresentou um traço importante na sua obra: a necessidade de reduzir os desníveis de desenvolvimento regional tanto no território brasileiro como em países da América Latina. O Nordeste “explosivo”, apresentado pelo autor, se constituía como uma oportunidade para (re)pensar o Brasil e as suas desigualdades regionais.

Nas primeiras páginas do prefácio intitulado “Explicações”, Josué de Castro afirma que o livro foi produzido antes do golpe civil-militar, de 1º de abril, e que nada melhor para explicar “os fatos ocorridos recentemente, do que o conhecimento dos antecedentes históricos desta região explosiva e da sua interpretação sociológica”⁵⁹¹. Essa primeira afirmação denota a preocupação de buscar, por meio de uma abordagem histórica e sociológica, a compreensão do momento que o país atravessava.

⁵⁸⁹ Alberto Passos Guimarães jornalista, e militante do PCB. Francisco Julião, advogado, político e líder das Ligas Camponesas.

⁵⁹⁰ TOBELEM, Alain. *Josué de Castro e a descoberta da fome*. Op.Cit, 1974, p. 135.

⁵⁹¹ CASTRO, Josué. *Sete Palmos de Terra e um Caixão*. Op.Cit, 1965, p. 11.

Sete Palmos de Terra e um Caixão foi escrito na Europa entre outubro de 1962 e fevereiro de 1964⁵⁹². No prefácio o autor afirma que quando o golpe civil-militar ocorreu, o livro havia sido finalizado e os originais já se encontravam com o tradutor. Josué de Castro narra que imediatamente pensou em acrescentar um novo capítulo contendo os últimos acontecimentos de abril de 1964. Contudo, afirma que decidiu não realizar alterações e publicou o livro como havia sido redigido antes do golpe. Ao mesmo tempo, assegura que “acrescentar qualquer coisa depois que suas previsões que já começaram a se realizar seria tirar o possível valor do livro como diagnóstico e prognóstico de uma situação histórico-cultural”⁵⁹³. Essa narrativa inicial tem como intenção produzir um efeito profético para a obra.

Analisarei essas informações a partir de duas perspectivas. Primeiramente, a afirmação do autor de que o livro, produzido do golpe civil-militar, já apontava para a possibilidade de uma convulsão social da região Nordeste e do Brasil, seja por meio de setores conservadores, ou por meio das camadas populares. Por outro lado, sua escolha de não inserir um novo capítulo abordando os acontecimentos e sentidos políticos do golpe de 1964, ou ainda que marcassem uma posição política definitiva em relação ao regime que naquele momento passava pela elaboração da sua pretensão de legitimidade⁵⁹⁴, representava uma estratégia para viabilizar a circulação da obra no Brasil.

Desse modo, é importante lembrar que no momento em que o livro foi publicado, Josué de Castro se encontrava sob a condição de exilado. Um exílio que possui características específicas, pois quando ocorreu o golpe, o autor já vivia a alguns anos na Europa. Desse modo, com o advento do golpe, Castro teve seus direitos políticos suspensos, sendo desligado do cargo de Embaixador do Brasil para assuntos ligados à ONU em Genebra, como foi dito no primeiro capítulo. Retornando à tecitura da obra, Josué de Castro salienta que o livro:

⁵⁹² Em 1963, Josué de Castro recebeu outra indicação para o Prêmio Nobel, naquela ocasião para o Nobel da Paz pelas iniciativas de combate a fome. A indicação partiu da Associação Parlamentar Mundial e por vencedores do prêmio, como Lord Boyd Orr. Josué de Castro não venceu o prêmio que foi destinado a Cruz Vermelha Internacional. *Revista Manchete*, Rio de Janeiro, maio de 1963. Acervo Pessoal Josué de Castro – FUNDAJ. Pasta 95.

⁵⁹³ CASTRO, Josué. *Sete Palmos de Terra e um Caixão*. Op.Cit, 1965, p. 11.

⁵⁹⁴ REZENDE, Maria José de. *A ditadura militar do Brasil*: Op.Cit, 2001, p. 359.

Contou com a cooperação de vários amigos e colegas do Nordeste, que lhe enviaram informações e dados recentes da situação econômico-social da região durante o período de preparação deste ensaio, pensado e escrito na Europa. A todos que prestaram generosamente sua contribuição à realização deste livro, desejamos nossos sinceros agradecimentos. Genebra, maio de 1964⁵⁹⁵

A colaboração de intelectuais e políticos do Nordeste demonstra a rede que Josué de Castro manteve, mesmo quando ocupava o cargo de Embaixador. Afinal, se inseriu nos debates políticos da década de 1950 e início dos anos 1960, e esteve ligado a grupos, redes políticas e/ou intelectuais, que se posicionavam sobre questões que envolviam as problemáticas sociais do Nordeste, como: a reforma agrária, os movimentos sociais, e a criação da SUDENE. Pois, como afirmou Manuel Correia de Andrade: “O Nordeste foi a sua preocupação constante, tanto na juventude, quando reuniu em livro ensaios sobre a região, quanto no exílio, quando admitiu que o Nordeste empobrecido e espoliado era uma região explosiva”⁵⁹⁶. Um dos colaboradores de *Sete Palmos de Terra e um Caixão* foi o deputado federal e líder das Ligas Camponesas Francisco Julião.

Genebra, 4 de janeiro de 1964

Meu caro Julião,

Estou escrevendo um livro, “Nordeste, Área Explosiva”, e queria muito dispor do máximo material a respeito das Ligas Camponesas e de sua ação nesse movimento de libertação dos camponeses nordestinos.

Peço que me envie tudo o que puder, seja por correio aéreo, seja por portador de confiança, seja entregando ao meu colaborador da ASCOFAM Ajax Pereira. Com os melhores votos de felicidade para 1964 agradecimentos antecipados do amigo de sempre. Josué de Castro⁵⁹⁷

Essa carta se encontra no acervo pessoal de Josué de Castro, na parte da sua correspondência passiva e demonstra o diálogo do autor com o Francisco Julião. Além disso, mostra o posicionamento político de Josué de Castro, que compreende as Ligas Camponesas como um movimento libertador dos camponeses nordestinos, posição que irá demonstrar com precisão ao longo do livro. Porém, vale salientar que a

⁵⁹⁵ CASTRO, Josué. *Sete Palmos de Terra e um Caixão*. Op.Cit, 1965, p. 12.

⁵⁹⁶ ANDRADE, Manuel Correia de. Josué de Castro: Op.Cit, 1997, p. 169-194.

⁵⁹⁷ *Carta de Josué de Castro para Francisco Julião*. Acervo Pessoal Josué de Castro, CEHIBRA-FUNDAJ. Pasta 573.

correspondência⁵⁹⁸ demonstra o estabelecimento de algumas redes, uma política, representada pelo Francisco Julião, mas também outra rede mantida por meio da ASCOFAM⁵⁹⁹, que contava com colaboradores em várias partes do mundo.

A aproximação entre Josué de Castro e Francisco Julião ocorreu em meados da década de 1950, quando passaram a atuar em mobilizações a favor trabalhadores rurais através de movimentos sociais que tinham como pauta principal a luta contra a estrutura agrária do Nordeste. Castro e Julião participaram de dois congressos de trabalhadores realizados no Recife em 1955. O primeiro deles o Congresso de Salvação do Nordeste, no qual ao final foi redigida a “Carta de Salvação do Nordeste”⁶⁰⁰. E também o 1º Congresso de Camponeses de Pernambuco⁶⁰¹, organizado pela SAPP (Sociedade Agrícola e Pecuária dos Plantadores de Pernambuco), quando Josué de Castro era diretor da FAO. Desse modo, Josué de Castro se aproximou do movimento de trabalhadores rurais⁶⁰² que, a partir de então, passaria a ser denominado pela mídia impressa de Ligas Camponesas, tema amplamente abordado na obra *Sete Palmas de Terra e um Caixão*.

⁵⁹⁸ Nesse sentido, as correspondências “expressam um *habitus*, ou seja, comportamentos, regidos por valores próprios de uma dada época ou grupo social no qual se inserem ações individuais, num jogo entre indivíduo e contexto que constitui a dimensão da individualidade”. MALATIAN, Teresa. Narrador, Registro e Arquivo. In: *O historiador e suas fontes*. PINSKY, Carla Bassanezi. LUCA, Regina de. (orgs.). São Paulo: Contexto, 2009, p. 201.

⁵⁹⁹ Associação Mundial de Luta Contra a Fome (ASCOFAM), organização internacional, não governamental, constituída sob a presidência de Josué de Castro. A entidade foi fundada em 1957 com sede em Genebra na Suíça. No comitê brasileiro participava Ajax Pereira, Jamerson Ferreira Lima, Oswaldo Aranha, Souza Barros. Essa entidade manteve comitês em várias regiões do mundo, no Brasil foi extinta com o golpe civil-militar.

⁶⁰⁰ Documento redigido ao final do congresso com proposições para melhoria da infraestrutura econômica e social da região. O documento foi assinado por políticos, intelectuais e lideranças dos movimentos sociais.

⁶⁰¹ MONTENEGRO, Antônio. *História, metodologia e memória*. Op. Cit, 2010, p. 83-84.

⁶⁰² O historiador Mario Grynszpan afirma que o tema da reforma agrária foi colocado no centro do debate político nacional e nos anos 1950 houve um intenso processo de mobilização dos trabalhadores do campo. “Os trabalhadores rurais afirmaram-se, então, como uma das grandes novidades, como atores fundamentais no espaço político do país, identificados, sobretudo, a princípio, pelo termo camponês. Entre os elementos que possibilitaram a mobilização estavam as expulsões de camponeses das grandes propriedades. Intensificando-se fortemente naquele momento, elas ocorreram por questões diversas, dependendo da região do país. No Nordeste, em estados como Pernambuco, por exemplo, estavam associadas, por um lado, ao declínio dos antigos engenhos e à sua incorporação aos sistema de usina, e, por outro à expansão, gerada pelo aumento da demanda de açúcar no pós-guerra, das áreas de plantio de cana com finalidades industriais, avançando sobre os lotes dos camponeses e de suas famílias. GRYSZPAN, Mario. O período Jango e a questão agrária: luta política e afirmação de novos atores. In: FERREIRA, Marieta. (Coor.). *João Goulart: entre a memória e a história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 60-61.

Nas eleições de 1958⁶⁰³, empresários e comunistas se uniram em favor das candidaturas de Cid Sampaio e Pelópidas da Silveira ao governo do estado de Pernambuco. Josué de Castro ampliou a rede de apoios principalmente através de organizações sindicais, do movimento operário, de associações de trabalhadores rurais, de intelectuais além de estreitar à aliança com Francisco Julião. Recebendo apoio dos mais variados setores foi reeleito deputado federal pelo PTB, sendo o mais votado do Nordeste⁶⁰⁴. Em sua segunda legislatura como deputado federal, Josué de Castro defendeu a desapropriação de terras por interesse social⁶⁰⁵, tendo apoiado a desapropriação do Engenho Galiléia em Pernambuco.

⁶⁰³ Em Pernambuco, as esquerdas passaram a se articular para as eleições majoritárias de 1958 a partir da formação da Frente do Recife. Sobre o surgimento dessa frente destacou Montenegro e Mendonça: “(...) consolidada a *Frente Popular* que congregará, inicialmente, o Partido Comunista, o Partido Socialista e o que se convencionou de chamar de esquerda democrática. Contudo, será na primeira eleição direta para prefeito do Recife que a Frente Popular ampliará seu leque de alianças e se apresentará na campanha com a expressão *Frente do Recife*. MONTENEGRO, Antônio Torres. SANTOS, Taciana Mendonça. Lutas em Pernambuco... A frente do Recife chega ao poder (1955-1964). In: FERREIRA, Jorge. REIS, Daniel Aarão. *Nacionalismo e Reformismo Radical* (1945-1964). Op.Cit, 2007, p. 454.

⁶⁰⁴ Nas eleições de 1958, Josué de Castro foi reeleito deputado federal pelo PTB de Pernambuco pela coligação Oposições Unidas de Pernambuco que reuniu os seguintes partidos UDN, PTB, PSP, PTN e PSB. Além de setores do PCB que se encontrava na ilegalidade. Josué de Castro foi eleito com uma votação expressiva de 33.656 votos. 33.656. DEPUTADOS, Câmara. Dados estatísticos: eleições federais e estaduais, realizadas no Brasil em 1958. V.4. Brasil. Tribunal Superior Eleitoral. <http://bd.camara.leg.br>. Acessado em 19 de fevereiro de 2016.

⁶⁰⁵ Em 1959 Josué de Castro discursou no dia 17 de março de 1959 onde defendeu o início imediato de uma reforma agrária no Brasil. E no dia 19 de março de 1959 apresentou o Projeto de Lei 11/1959 que visava a desapropriação de terras por interesse social para promover a justa distribuição da propriedade ou condicionar o seu uso ao bem-estar social. O projeto findou por ser arquivado na Câmara Federal. *Diário do Congresso Nacional*, Seção I, de 20 de março de 1959, p. 1137-8. Acervo da Biblioteca da Câmara dos Deputados. Brasília- DF.



Figura 17: Campanha para desapropriação do Engenho Galiléia (Provavelmente em 1958). Fonte: Acervo Pessoal Josué de Castro CEHIBRA-FUNDAJ. Fotografias.

A figura 17 é parte integrante de uma seqüência de imagens do acervo pessoal de Josué de Castro salvaguardado pela Fundação Joaquim Nabuco e representa a campanha realizada pelos trabalhadores rurais para desapropriação do Engenho Galiléia⁶⁰⁶. Destaco, no primeiro plano da imagem, a perspectiva utilizada pelo fotógrafo para dar evidência a Francisco Julião e a Josué de Castro, que discursava no momento do registro. Por outro lado, percebemos a presença de vários grupos sociais, crianças, trabalhadores, políticos. Os trabalhadores do Engenho Galiléia haviam fundado uma sociedade agrícola que paulatinamente passou a ser denominada pela mídia impressa de *Liga Camponesa*, sobretudo após diversos entraves e disputas que resultariam na desapropriação do engenho, que ocorreu durante o governo Cid Sampaio, em outubro de 1959⁶⁰⁷. A atuação política de Francisco Julião “estava cada vez mais

⁶⁰⁶O historiador Ulpiano de Meneses trata dos sentidos que atribuímos socialmente as imagens. “É a interação social que produz sentidos, mobilizando diferencialmente (no tempo, no espaço, nos lugares e circunstâncias sociais, nos agentes que intervêm) determinados atributos para dar existência social (sensorial) a sentidos e valores e fazê-los atuar”. MENESES, Ulpiano T. Bezerra. A fotografia como documento – Robert Capa e o miliciano abatido na Espanha: sugestões para um estudo histórico. *Tempo*, Rio de Janeiro, n.14, 2003, p.131-151.

⁶⁰⁷ “A desapropriação do Engenho Galiléia tornou conhecido nacionalmente e internacionalmente o movimento dos camponeses em Pernambuco. Aliado a isso, no início dos anos 60, as Ligas intensificaram o seu processo de expansão e se instalaram em diversos municípios do estado, assim como a passaram a realizar suas atividades na Paraíba”. PORFÍRIO, Pablo. *Medo, Comunismo e Revolução*: Op.Cit, 2009, p. 47.

distante da via pacífica e das legalidades constitucionais, apesar de ter participado das eleições de 1958 e 1962”⁶⁰⁸. Naquele momento, o processo de radicalização política se intensificou.

No primeiro capítulo, intitulado “A Reivindicação dos Mortos”, Josué de Castro produziu, no livro *Sete palmos de terra e um caixão* uma narrativa sobre a formação das Ligas Camponesas que se tornou amplamente conhecida. Nesta, problematiza as práticas sociais de uma comunidade que tinha como premissa inicial garantir a dignidade *post mortem* aos seus membros. Josué de Castro relata minuciosamente como palavras e imagens construíram esse movimento social como um perigo.

Em 1955, João Firmino, morador do Engenho Galiléia, fundava a primeira Liga Camponesa no Nordeste Brasileiro. Não fôra seu objetivo principal, como muita gente pensa, o de melhorar as condições de vida dos camponeses da região açucareira, ou de defender os interesses desses bagaços humanos, esmagados pela roda do destino, como a cana é esmagada pela moenda dos engenhos de açúcar. O objetivo inicial das Ligas fora o de defender os interesses e os direitos dos mortos, não os dos vivos. Os interesses dos mortos de fome e miséria: os direitos dos camponeses mortos na extrema miséria da bagaceira. E para lhes dar o direito de dispor de sete palmos de terra para onde descansar os seus ossos e o de fazer descer seu corpo à sepultura dentro de um caixão de madeira de propriedade do morto, para com ele apodrecer lentamente pela eternidade afora⁶⁰⁹.

A dramática narrativa sobre os moradores do Engenho Galiléia, provavelmente inspirou o título do livro *Sete Palmos de Terra e um Caixão. Ensaio sobre o Nordeste uma Área Explosiva*. Em toda sua obra Josué de Castro estabeleceu uma preocupação latente com as condições sociais básicas de sobrevivência dos grupos humanos. A fome, o seu principal objeto de estudo, era vista como a principal causa da morte de muitos camponeses da zona canavieira de Pernambuco.

Segundo o autor, a luta pelo direito de dignidade dos mortos estava relacionada às privações que os camponeses passavam durante a vida; a morte seria a única garantia que ainda lhes restava. Estavam presos a uma estrutura agrária praticamente estática e submetidos a pagar uma taxa pela utilização da terra do engenho, denominada “foro”. A narrativa produz imagens de miséria, de fome e de ausência do Estado. Não estamos

⁶⁰⁸PORFÍRIO, Pablo F. de A. *Francisco Julião: em luta com seu mito, golpe de Estado, exílio e redemocratização do Brasil*. Jundiaí, Paco Editorial, 2016, p. 78.

⁶⁰⁹CASTRO, Josué. *Sete Palmos de Terra e um Caixão*. Op.Cit, 1965, p. 23

querendo afirmar com isso que os camponeses eram ingênuos, passivos, pois resistiam por meio de táticas, mobilizações e negociações.

Em face da dificuldade de muitos agricultores em saldar o débito como o proprietário, ou da extrema pobreza de outros, que precisavam apelar para a ajuda da prefeitura no momento de enterrar seus mortos, foi fundada a Sociedade Agrícola e Pecuária dos Plantadores de Pernambuco (SAPPP). Estatutariamente seus objetivos eram assistencialistas. Dessa forma, poderiam contornar a humilhação de serem enterrados no caixão da prefeitura⁶¹⁰.

Fundada a SAPPP o proprietário do Engenho Galiléia foi convidado para ser o presidente de honra. Mas, logo renunciou ao cargo. Pretensões agropecuárias, influências de outros proprietários, anticomunismo, foram algumas das motivações que levaram a solicitar, também, a extinção da sociedade. Os enfrentamentos entre camponeses e proprietário do engenho tiveram muitos episódios de violência, ameaças, confrontos e resistências. “Pressionados pelas circunstâncias, procuraram os dirigentes da Liga um advogado modesto, até então obscuro, mas que já havia aceitado defender outras causas de camponeses escorraçados pelos donos de latifúndios noutras terras: êste advogado era Francisco Julião”⁶¹¹. Julião surge na narrativa como um herói que se compadece com as reivindicações dos agricultores e, paulatinamente, vai se transformando no líder das Ligas Camponesas.

⁶¹⁰MONTENEGRO, Antônio. *História, metodologia e memória*. Op. Cit, 2010, p. 78.

⁶¹¹CASTRO, Josué. *Sete Palmos de Terra e um Caixão*. Op.Cit, 1965, p. 33.

5.3.1- Uma (re) leitura sobre a luta

No momento em que *Sete Palmos de Terra e um Caixão* foi publicado, Josué de Castro, declarou publicamente a sua oposição à condução da política brasileira. Como intelectual de redes amplas, utiliza a sua escrita e o acesso à mídia para se posicionar contra a ditadura civil-militar. Quando o livro foi lançado, o jornal *Ultima Hora*⁶¹² do Rio de Janeiro veiculou a seguinte reportagem:

Josué Explica AL

Está obtendo grande repercussão na França o novo livro do prof. Josué de Castro, “cassado”, pelo golpe de abril, e que dirige um organismo privado de desenvolvimento e ajuda internacional em Paris. “Uma Zona Explosiva” é uma análise geo-econômica e política de toda a América Latina que, como considerou a crítica francesa, é indispensável para o entendimento de nosso continente. “O Nordeste Brasileiro – diz Josué – foi descoberto duas vezes: ambos os descobrimentos se devem a enganos. O de 1500, pelos portugueses, foi um erro de navegação, o de 1960, pelos americanos, foi um erro de interpretação”. Sobre a “Aliança para o Progresso”, diz que as ações ficaram restritas às boas intenções⁶¹³.

A reportagem refere-se à posição de destaque que Josué de Castro ocupava no exílio. Mas, é preciso ir além e perceber o seu posicionamento político quando a reportagem explora um trecho da introdução do livro em questão. Primeiramente cita a descoberta do Nordeste Brasil, que através de uma visão tradicional da história se deu a partir da chegada da esquadra de Cabral ao Brasil, por meio de um erro de navegação. Por outro lado o autor considera o segundo descobrimento como um erro de interpretação dos americanos, que consideraram as tensões sociais do Brasil como um perigo comunista⁶¹⁴.

⁶¹² A primeira edição da *Ultima Hora* foi lançada em 12 de junho de 1951, seu fundador foi o jornalista Samuel Weiner. O jornal nasceu em um período de forte efervescência política e social. Getúlio Vargas, que governara o país por quinze anos, estava novamente no poder após grande vitória eleitoral. Assim nasceu a *Ultima Hora*, como um jornal de apoio a Getúlio Vargas. O periódico circulou simultaneamente em várias cidades brasileiras. Fonte: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uhdigital/pesquisa.php>. Acessado em 20 de junho de 2013.

⁶¹³ *Ultima Hora*, Rio de Janeiro, 24 de maio de 1965. Acervo Pessoal Josué de Castro. FUNDAJ. Pasta 40.

⁶¹⁴ As ideias do historiador inglês Arnold Toynbee podem ter sido utilizadas por Josué de Castro para analisar a dualidade apresentada nas descobertas dos portugueses em 1500, e dos americanos na década de 1960. Toynbee problematiza em sua obra *The World and the West* (1956), o Ocidente como sujeito

É possível analisar o posicionamento contrário do autor em relação à *Aliança para o Progresso*, programa de cooperação dos EUA com países da América Latina que tinha como discurso acelerar o desenvolvimento econômico e social, mas que apresentava como propósito frear o avanço do comunismo no continente. O título da reportagem também remete à ideia de que discorrendo sobre o Nordeste do Brasil, o autor trata de problemas que são comuns a América Latina.

Nesse momento, o Nordeste passou a ter a dimensão de uma área de influência, principalmente devido ao movimento das Ligas Camponesas ter se tornado “objeto de incontáveis reportagens na imprensa nacional e mesmo internacional”⁶¹⁵. O movimento, liderado por Francisco Julião despertou o olhar do governo norte-americano para o Nordeste do Brasil.

A opinião pública norte-americana a cada dia recebia um volume crescente de informações sobre essa região. Matérias jornalísticas e documentários eram exibidos na imprensa, mostrando, geralmente, a pobreza das pessoas e indicando que aquela situação era muito favorável para a ocorrência de um processo revolucionário, o qual findaria com a instalação de um regime comunista. Em uma sociedade atemorizada com os caminhos trilhados pela Revolução Cubana e que se via as voltas com um forte movimento anticomunista, a ideia de que se poderia deflagrar uma outra revolução na parte sul do continente americano despertava a atenção de várias pessoas⁶¹⁶.

Josué de Castro relatou na introdução do livro que a pesquisa sobre o Nordeste do Brasil foi encomendada por uma editora americana⁶¹⁷, e justificou que em alguns momentos é prolixo por ter como público alvo, leitores que provavelmente não conhecem o Brasil. Contudo esse fato nos possibilitou alguns questionamentos. Primeiramente, a curiosidade que a sociedade americana passou a ter em relação ao Nordeste do Brasil, uma área considerada por muitos jornalistas de constante

fabricante da História, e o mundo, apenas como o objeto dessa história. As grandes navegações na Idade Moderna são colocadas pelo historiador como o momento de uma nova política de consciência mundial de que o mundo não é mais apenas o Ocidente. Provavelmente a ideia construída por Josué de Castro de que o Nordeste do Brasil foi redescoberto em 1960 pelos americanos, tenha partido dessa concepção de Toynbee.

⁶¹⁵MONTENEGRO, Antônio. *História, metodologia e memória*. Op. Cit, 2010, p. 85.

⁶¹⁶PORFÍRIO, Pablo F. de A. *Medo, Comunismo e Revolução*: Op. Cit, 2009, p. 49.

⁶¹⁷ Como foi visto no capítulo anterior Josué de Castro publicou *Geopolítica da Fome* a partir do convite que recebeu de uma editora americana chamada *Little Brown & Co*. No caso de *Sete Palmas de Terra e um Caixão* a editora que encomendou a obra foi a *Random House*, editora americana e uma das principais de língua inglesa atualmente, tem sede em Nova Iorque e foi fundada em 1927.

efervescência política, estando prestes, na opinião de alguns, a organizar uma revolução comunista, assim como fez Cuba. Por outro lado, podemos pensar quais imagens sobre o Nordeste a circulação e a recepção *Sete Palmos de Terra e um Caixão* formaram na sociedade americana.

Por ocasião da sensacional descoberta levada a efeito em 1960 pelos serviços de imprensa e de informação dos EUA desta desconcertante terra do Nordeste, a tensão social aí reinante já tinha atingido os limites do tolerável. Esta tensão vinha crescendo paralelamente à tomada de consciência política – a conscientização das massas⁶¹⁸.

Em vários momentos da obra, Josué de Castro analisou as tensões sociais por meio de duas perspectivas: inicialmente demonstra a necessidade de criticar os americanos: em outros momentos, analisa as contradições sociais existentes no Nordeste como resultado direto da colonização de exploração portuguesa. Contudo, enfatiza que o imperialismo americano estava prestes a tomar decisões mais severas. Aqui apresenta uma visão teleológica da história, ligada a um “dever ser”, como se as pressões internacionais em torno do combate ao comunismo na América Latina necessariamente estivessem destinadas a um fim comum.

Contudo, a obra em questão também traz muitas imagens do Nordeste como uma região pobre, seca, e miserável. Em alguns momentos Josué de Castro naturaliza a ideia de região, utilizando uma homogeneidade para aspectos físicos e geográficos. A capa do livro pode trazer outros elementos para a discussão.

⁶¹⁸CASTRO, Josué. *Sete Palmos de Terra e um Caixão*. Op.Cit, 1965, p. 190.

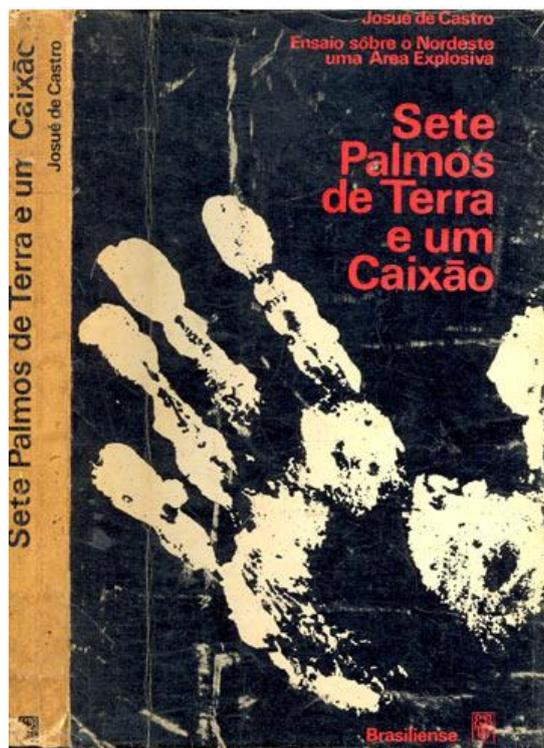


Figura 18: Capa do livro *Sete Palmos de terra e um caixão* (1965).
Acervo Pessoal.

A capa com um fundo preto apresenta a parte interna de uma mão, provavelmente uma alusão as mãos dos trabalhadores, dos membros das Ligas Camponesas, daqueles que, segundo o autor, são reprimidos por uma estrutura agrária com fortes elementos feudais⁶¹⁹. A mão que está inscrita na capa do livro não possui com clareza as impressões digitais. Entre os trabalhadores rurais é comum o desgaste da pele das mãos devido ao intenso trabalho manual, muitas vezes durante toda uma vida. Por outro lado, na medida em que representa as mãos de um trabalhador – provavelmente das Ligas – apagando as digitais que os singularizariam, acaba por unir todos em uma condição de vida, de trabalho e de luta política.

A tonalidade vermelha do título da obra provavelmente tem a intencionalidade de transmitir a ideia de violência das lutas enfrentadas pelos trabalhadores rurais do Nordeste. Por outro lado, o subtítulo do livro “Ensaio sobre o Nordeste uma área explosiva” - apresentado na parte superior da capa - traz a mensagem de que o livro trata de uma região do mundo de intensas lutas políticas.

⁶¹⁹CASTRO, Josué. *Sete Palmos de Terra e um Caixão*. Op.Cit, 1965, p. 36.

A força do subtítulo constrói a imagem de uma região que está a beira de um colapso, ou de uma mudança radical, de uma explosão. Por outro lado, apresenta indícios de que o autor havia acertado os prognósticos em relação ao Nordeste. Muito provavelmente uma estratégia narrativa utilizada para valorizar a obra. Não podemos esquecer a mensagem publicitária, de dar visibilidade ao livro, de fixar imagens e de comover o leitor. Observe agora uma reportagem veiculada no *Jornal do Brasil*⁶²⁰:

Crítico elogia livro de Josué de Castro

Paris (France-Press – JB) – De acordo com a opinião do crítico Xavier Domingo, o último livro do Sr. Josué de Castro – Uma Área Explosiva – é um dos indispensáveis na biblioteca de todo latino-americano que se preze, porque tem intenções e se ocupa da hora trágica em que vive a América do Sul. (...) O crítico Xavier Domingo conclui o artigo citando textualmente Josué de Castro: - É muito possível que a defesa da democracia acabe por provocar a explosão social da Região: explosão pela esquerda ou explosão pela direita. Desintegração da democracia, comprimida pelo excesso de zelo posto ao serviço de uma classe contra os interesses do povo⁶²¹.

Nesse trecho, o crítico, além reproduzir algumas passagens do livro, valoriza o sentido profético que autor intencionalmente agrega à obra. Destaca o trabalho uma análise importante sobre o momento político que as sociedades sul-americanas viviam. Indicando a leitura, mesmo que nas entrelinhas, o crítico Xico Domingo se posiciona politicamente e colabora com os posicionamentos de Josué de Castro. Atenta para o perigo eminente do esfacelamento das instituições democráticas, já que o golpe de 1964 apresentava inicialmente uma dimensão provisória dos militares no poder.

⁶²⁰ O *Jornal do Brasil* é um tradicional jornal brasileiro, publicado diariamente na cidade do Rio de Janeiro e impresso até setembro de 2010, quando passou a ser veiculado apenas em formato digital. Foi fundado em 1891 por Rodolfo Dantas, com intenção de defender a monarquia recentemente deposta. O *Jornal do Brasil* foi fundamental para a ditadura civil-militar, auferindo muitos lucros ao identificar-se com o regime. Liderou iniciativas de apoio ao regime, utilizando expressões como "milagre brasileiro", "Brasil grande", ou a designação de terroristas a opositores.

⁶²¹ *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 23 de maio de 1965. Acervo Pessoal Josué de Castro. FUNDAJ. Pasta 40.

Golpes de Estado são eventos traumáticos, que podem ser bem planejados e executados. Mas uma vez efetivados, é freqüente que abram alternativas políticas diversas. Por isso, o que ocorre após muitos golpes de Estado foge completamente ao controle de muitos dos que o promoveram e apoiaram. Após o golpe de 1964, o que se pôde ver de imediato, sobretudo de determinados pontos de vista, é que ele era um projeto violento, recorrendo a prisões e torturas abertamente. Os golpistas, que se chamaram de revolucionários, cassavam e caçavam seus inimigos. E pobres daqueles que foram definidos como inimigos dessa revolução⁶²².

Ainda imbuído da escrita de *Sete Palmos de Terra e um Caixão*, em 1964, Josué de Castro faz duras críticas à condução da política brasileira pelos militares no *Le Monde*. Era uma maneira de julgar, de ocupar espaços, e de fazer oposição ao regime, mesmo estando exilado e com os direitos políticos cassados. Assim, ocupou a primeira página de um dos jornais de maior circulação no mundo para criticar o regime civil-militar.

Josué de Castro ataca a Revolução Brasileira no “Le Monde”

Paris (Do Correspondente) – Num artigo publicado na primeira página do jornal *Le Monde*, no qual faz um balanço de 1964 na América Latina, o Professor Josué de Castro afirma que o “o pequeno fato mais importante do ano foi o golpe militar do Brasil”. O presidente do Centro Internacional do Desenvolvimento e autor de “Geografia da Fome”, coloca “o fracasso da contra-revolução brasileira, como ele classifica o movimento de abril, entre os fracassos latino-americanos de 1964: o da rebelião do Panamá, o da viagem de Gaulle, o do ALALC e o da Aliança para o Progresso⁶²³”.

O título da reportagem traz o sentido de ataque de Josué de Castro contra a dita “revolução brasileira”, possivelmente com o intuito de colocar a opinião pública contra o autor do artigo. A denominação de revolução é defendida pelo jornal, enquanto Josué de Castro nomeia de golpe de 1ª de abril, e menospreza o acontecimento. Nesse momento, é preciso estar atento à construção das palavras: de um lado, um jornal que se posicionava politicamente a favor do regime, denominava o acontecimento político de abril como revolução, do outro, um cidadão que teve os direitos políticos cassados, o nomeia de golpe. Desse modo, “mais apropriado seria então afirmar que 1964 significou

⁶²² FERREIRA, Jorge; GOMES, Ângela de Castro. 1964: Op.Cit, 2014, p. 373.

⁶²³ *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 31/12/1964. Pasta 28. Acervo Pessoal Josué de Castro. FUNDAJ.

um golpe contra a incipiente democracia política brasileira”⁶²⁴. Josué de Castro também demonstrou, nessa reportagem, uma preocupação já apresentada em *Sete Palmos de Terra e um Caixão* em relação ao imperialismo norte-americano na América Latina.

Analisando o que se passou no Brasil, o Sr. Josué de Castro diz que “tudo se trata de uma cortina para esconder o que acontece atrás do palco, isto é, a luta pela emancipação de um povo que, em sua maioria, vive mergulhado na mais negra miséria, explorado pelas forças conjugadas de um imperialismo poderoso e de um feudalismo agonizante”. Segundo o articulista, a casta dos donos de terra, aliada aos poderosos grupos econômicos internacionais, não poderia aceitar uma modificação no *status quo*, “o que libertaria o país de uma economia de dependência”⁶²⁵.

Para Josué de Castro, as mazelas sociais do Brasil, em especial, as do Nordeste, foram edificadas historicamente a partir de uma relação contígua entre os interesses econômicos internacionais e a elite agrária. Nos trechos do livro citados na matéria jornalística, recupera o ambiente de reformas dos anos 1950 e início dos anos 1960, quando as bases dessa estrutura de poder, mantenedora da miséria, foi questionada. Os movimentos sociais tiveram um papel central na composição de um cenário de disputas que denunciava as desigualdades e injustiças sociais.

O livro *Sete Palmos de Terra e um Caixão* faz uma releitura das tensões sociais do Nordeste e do Brasil nos anos em que antecederam o golpe de 1964, mas, também, representa uma narrativa das experiências vividas por Josué de Castro como intelectual e político. As lutas políticas puseram em debate modelos de desenvolvimento, a estrutura agrária, mas, sobretudo, um projeto de nação. A ruptura democrática de 1964 representou também a modificação da concepção de Estado no Brasil. Desse modo, a ideia de nação e de desenvolvimento construída a partir da revolução de 1930 estava encerrada, para dar lugar a um Estado autoritário. Porém, as lutas não cessaram e muitos intelectuais como Josué de Castro continuaram produzindo conhecimento para possibilitar a construção de um outro Brasil.

⁶²⁴TOLEDO, Caio Navarro de Toledo. 1964: o golpe contra as reformas e a democracia. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. (orgs.) *O golpe e a ditadura militar*: Op.Cit, 2004, p. 68.

⁶²⁵*Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 31 de dezembro de 1964. Acervo Pessoal Josué de Castro. FUNDAJ. Pasta 28.

UMA VIAGEM AO DESCONHECIDO

Escrever essas páginas foi como viajar sem saber onde seria o destino final. Nos últimos quatro anos percorri os caminhos de Josué de Castro nos arquivos por onde deixou rastros das suas visões de mundo, do ativismo no combate a fome e das suas atividades intelectuais e políticas. A documentação volumosa me impressionou. Muitas histórias poderiam ser contadas, mas narrá-las produzindo os deslocamentos condizentes com a prática do historiador, tornou-se o grande desafio dessa travessia.

Nessa viagem, por vezes, encontrei o temor dos navegadores, a calma. Muitas certezas desabaram como um castelo de cartas, outras não suportaram o retorno dos ventos. Descobri, lentamente, que assim como estava em constante processo de transformação, os objetivos da pesquisa também precisariam ser modificados. Mas nada se comparou a alegria de encontrar pássaros que me enviaram sinais, mesmo estando sozinho em alto mar. Os pensamentos retornavam ao lado dos ventos que possibilitavam descobrir novas coordenadas para a navegação. Aos poucos fui tecendo um mapa; não do que pretendia conhecer, mas dos portos que já havia visitado.

Os desafios de estudar uma trajetória não estão apenas nos riscos do reducionismo provocados pela admiração da personagem – ao mesmo tempo um perigo e uma necessidade para a realização da pesquisa – mas, também, em se ater apenas às questões do plano individual. Nessa experiência de escrita procurei imbricar a personagem a uma dada configuração histórica. Desse modo, a trajetória intelectual e política de Josué de Castro foi sendo construída a partir do diálogo com a historiografia de cada momento histórico específico. Logo, tratei de compreender Josué de Castro em sua multiplicidade e de dar novos sentidos a temas amplamente conhecidos e também naturalizados por alguns estudiosos.

Nesse sentido, acredito que os estudos em torno da trajetória político-intelectual de Josué de Castro necessariamente perpassaram pela história cultural, social e política do país. O avanço da pesquisa e da análise dos documentos, propiciou algumas mudanças de perspectivas ao longo da elaboração da tese. Nesse âmbito, as relações

entre saber e poder⁶²⁶ se tornaram fundamentais no que concerne a encontrar fios que se inter-relacionassem com a personagem e com as temáticas que envolvessem as demandas sociais brasileiras e internacionais.

No combate a fome no mundo Josué de Castro pôde transcender as amarras da escuridão do presente e interpretar as trevas do agora. Josué de Castro, a partir da experiência vivida, sinalizou os meandros do tempo da sociedade em que viveu⁶²⁷. A sua inserção nos debates contemporâneos, bem como a aproximação com os movimentos sociais, fazem parte de uma postura de muitos intelectuais da sua geração, que operavam com a perspectiva de que eram sujeitos da própria história e que poderiam inferir mudanças nas estruturas da sociedade.

Josué de Castro, intelectual relevante do pensamento social brasileiro teve, porém, suas obras proibidas de serem reeditadas após o AI-5 em 1968. Em contrapartida, foram utilizadas como leituras por militantes de grupos de esquerda que lutaram contra a ditadura civil-militar no Brasil⁶²⁸. Esse fato dificultou uma circulação mais ampla da produção de Josué de Castro durante os vinte um anos de ditadura. Somente no período de redemocratização, paulatinamente as suas obras passaram a ter novamente um lugar nas universidades brasileiras.

Durante a década de 1990, teses e dissertações nas áreas de conhecimento de sociologia, saúde pública, nutrição e geografia foram produzidas sobre o autor e sua obra. Destaco entre essas iniciativas a tese da socióloga Tânia Elias Magno intitulada “*Josué de Castro: para uma Poética da Fome*”⁶²⁹ que se tornou referência para os pesquisadores que se dedicam aos estudos sobre a vida e obra do intelectual em questão. E também o livro da nutricionista Rosana Magalhães intitulado *Fome: uma releitura de Josué de Castro*⁶³⁰ que faz um percurso dos debates em torno da fome por meio da trajetória de Josué de Castro. Porém, algumas coletâneas que versam sobre os temas dos intelectuais e do pensamento social brasileiro, não raramente, deixam de fazer menção a

⁶²⁶ Não tive, de modo algum durante a escrita desse trabalho, o interesse em reproduzir um modo de pensar muito caro a história das ideias que enxerga a obra e o autor sem estabelecer conexões com o mundo social, sem levar em conta as articulações entre saber e poder. A crítica a esse procedimento pode ser revisitada em CHARTIER, Roger. *Entre Práticas e Representações*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

⁶²⁷ AGAMBEN, Giorgio. *O que é contemporâneo? E outros ensaios*. Chapecó, SC: Argos, 2009.

⁶²⁸ Na documentação do Projeto *Brasil Nunca Mais* encontrei diversos documentos que constam a apreensão de livros de Josué de Castro por parte dos agentes do SNI, ver: <http://bnmdigital.mpf.mp.br/>.

⁶²⁹ SILVA, Tânia Elias Magno da. *Josué de Castro: Op.Cit*, 1998.

⁶³⁰ MAGALHÃES, Rosana. *Fome: Op.Cit*, 1997.

obra de Josué de Castro. Talvez, ainda seja o efeito do esquecimento produzido pela ditadura civil-militar em relação às obras de alguns pensadores brasileiros.

Nesses quatro anos também pude percorrer algumas trilhas nas cidades onde Josué de Castro morou, na tentativa de reunir fragmentos das suas experiências. No Recife, a sua cidade de nascimento, o mangue que tanto lhe inspirou ainda forma um cenário de belas paisagens, mas de profundas injustiças sociais. No Rio de Janeiro, cidade onde se inseriu no meio intelectual brasileiro e produziu as suas principais obras, encontrei a imagem da antiga capital do Brasil, uma geografia singular, mas também a miséria. Em Paris, a “cidade luz”, onde Josué de Castro viveu os últimos anos de vida e teve uma intensa atividade intelectual, observei o drama dos refugiados e dos apátridas, desnorteados diante da beleza arquitetônica e de uma cidade do “primeiro mundo” que não os acolhia. Nessas trilhas encontrei o que Josué de Castro há cerca de 70 anos denominou de fome. Porque, em um mundo onde a produção agrícola bate recordes, onde a tecnologia e a ciência rompem fronteiras a fome ainda atinge 800 milhões de seres humanos? O capitalismo precisa da fome para existir?

Mas antes de concluir gostaria de tratar brevemente do único romance de Josué de Castro. Intitulado *Homens e Caranguejos*⁶³¹, foi publicado em 1966 no Brasil e na França e que teve uma circulação significativa em toda a Europa. O livro narra a história de uma família de retirantes que migra da planície avermelhada da seca do sertão para viver nos manguezais do Recife, em uma comunidade chamada Aldeia Teimosa. Analiso *Homens e Caranguejos* como uma “escrita de si”, que rememora vivências, pensamentos e produz uma crítica contundente as elites do Nordeste do Brasil. O último capítulo do livro, o autor narra um acontecimento significativo na vida dos moradores da Aldeia Teimosa, uma comunidade da periferia da cidade do Recife. Homens corriam de um lado para o outro afirmando que uma revolução estava em curso. Na cidade, o pânico era generalizado. Comerciantes fechavam as portas e o batalhão da Polícia Militar marchava para sufocar uma revolução organizada pela união entre sargentos, operários e camponeses, que estavam dispostos a morrerem para se libertarem da fome.

⁶³¹ O livro *Homens e Caranguejos* foi adaptado na França para o teatro pelo poeta e dramaturgo Gabriel Cousin (1918-2010) sob título de *Les Cycle des Crabes*. O texto da peça teatral foi publicado no livro: COUSIN, Gabriel. *Le Cycle du crabe ou Les aventures de Ze-Luis: Maria et leurs fils João, fuyant la famine du sertão pour venir s'enliser dans le bidonville de Recife*. Paris: Editions: Gallimard, 1969. Fonte: BNF - 8-Y-3589 (2).

Em meio aos estrondos dos canhões e tiros do conflito, o personagem central da obra, o menino João Paulo, desaparece misteriosamente. Logo a comunidade de Aldeia Teimosa inicia a busca por João Paulo e toma conhecimento de que a revolução havia fracassado.

Josué de Castro finaliza o romance com o seguinte trecho: “E sobre toda a paisagem do mangue estende-se agora um lençol de sombra, recobrendo todos os corpos mortos da revolução fracassada. Dentre eles, enterrado nos mangues deve estar João Paulo que, com a sua carne em decomposição, irá alimentar a lama que alimenta o ciclo do caranguejo”⁶³².

Nesse romance, Josué de Castro faz uma alusão ao Brasil que foi perdido, aos sonhos interrompidos da sua geração e também ao que poderia ter sido se não houvesse uma “pedra no meio do caminho”. O que nos resta quando estamos imersos sob os signos do fracasso, quando não temos horizontes de expectativa? O único caminho possível é recuperar o imaginário histórico de lutas políticas para não desaparecermos como aconteceu com João Paulo e com Josué de Castro.

⁶³² CASTRO, Josué. *Homens e Caranguejos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 188.

FONTES

✓ Arquivos

França:

Archives et la Bibliothèque de l'UNESCO

CASTRO, Josué de. Les Problèmes de l'alimentation em Amérique du Sud. In: UNESCO. *Les Hommes et leur Nourriture*. Paris: Éditeur – Paris, 1949. COM.COL.HN/01.

Bibliothèque Nationale de France - BNF

Geografie de la faim: la faim au Brésil. Paris: Éd. Ouvrières, 1948. 8-Z R ROLLAND-6453.

Géopolitique de la faim. Paris: Éd. Ouvrières, 1952. 8-Z R ROLLAND-6454.

Une Zone Explosive Le Nordeste du Brésil. Paris: Éditions du Seuil, 1965. 8-G-15177(30).

COUSIN, Gabriel. *Le Cycle du crabe ou Les aventures de Ze-Luis: Maria et leurs fils João, fuyant la famine du sertão pour venir s'enliser dans le bidonville de Recife*. Paris: Editions: Gallimard, 1969. 8-Y-3589 (2)

Collection personnelle du Professeur Alain Bué

Documentos sobre a atuação de Josué de Castro na Universidade de Vincennes: Cartões de visita, Biografia Resumida, Ficha Funcional do *Centre Universitaire de Vincennes*, Boletim de Pagamento.

Bibliothèque de la Cité Internationale Université de Paris

ARTIÈRES, Philippe. ZANCARINI-FOURNEL Michelle. *68, une histoire collective (1962-1981)*. Paris: Éditions La Découverte, 2015. 944"1968" SOI

Sites de pesquisa franceses:

<http://www.lemonde.fr/>

<http://gallica.bnf.fr>

Entrevistas:

Entrevista com Sônia Castro, Paris-FRA, 26 de fevereiro de 2016.

Entrevista com Alain Bué, Paris-FRA, 26 de janeiro de 2016.

Brasil:

Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ)

1- DOPS-RJ

Prontuário de Josué Apolônio de Castro. Nº 600.

Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (APEJE)

1- DOPS

Prontuário de Josué Apolônio de Castro. Nº 10.691.

2- Hemeroteca

Jornal do Commercio, Recife, 1955 a 1964.

Academia Brasileira de Letras

1- Biblioteca Acadêmica Lúcio de Mendonça.

Revista da Academia Brasileira de Letras. Concursos literários de 1947. V.75, jan-jun, 1948.

Arquivo Nacional

1- Fundo do Centro de Informações do Exército (CIEX)

CIEX, APD 89, DPN, DES, 420, BR AN, BSB IE.07, VAZ. 137. 115, BRA, BSB Z4. DPN. PEN. PTN S2.

Acervo da Biblioteca da Câmara dos Deputados. Brasília- DF

Anais do Congresso Nacional 1955-1962.

Arquivo do Itamaraty

Ofícios e despachos da Comissão de Relações Exteriores e da Coordenação-Geral de Documentação Diplomática

- Ofício 916, 08 de outubro de 1965.

- Confidencial. Prorrogação do passaporte de Josué de Castro, 27 de maio de 1969. DPp/DAJ/DJ. 511.14 (701).

- Confidencial. Prorrogação do passaporte de Josué de Castro, 16 de maio de 1969. DPp/DAJ/DJ/511.14 (701).

Fundação Biblioteca Nacional (FCBN)

Revista *O Observador Econômico e Social*. Setor de periódicos.

Fundo Pessoal Arthur Ramos – Correspondências.

**Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil
(CPDOC-FGV)**

Fundo Pessoal Alzira Vargas

AVAP vpu sgv, AVAP 1951.04.04, Vida pública. AVAP vpu sgv, Correspondência Geral. 1 de Dezembro de 1951.

Fundo Pessoal Anísio Teixeira

At c 1935.

Fundo Pessoal Gustavo Capanema

Rolo 54 (Correspondências).

Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB)

1- Acervo Pessoal de Luiz Camillo de Oliveira Netto

LCON Pi 17 Livro de Atas “UDF”

LCON Pi 44 Notas: “Distrito”

LCON Código: 162

LCON Pi 99

LCON Pi 53 Notas “Minha posição”

Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)

1- Biblioteca Blanche Knopf

Obras diversas que compõem a biblioteca de Josué de Castro.

2- CEHIBRA

Acervo Pessoal Josué de Castro.

(Recortes de jornais, fotografias, correspondências)

Pasta B

Pasta M

Pasta 6

Pasta 15
Pasta 16
Pasta 20
Pasta 22
Pasta 23
Pasta 25
Pasta 26
Pasta 28
Pasta 29
Pasta 30
Pasta 30
Pasta 32
Pasta 33
Pasta 35
Pasta 40
Pasta 48
Pasta 48
Pasta 50
Pasta 58
Pasta 76
Pasta 95
Pasta 118
Pasta 187
Pasta 232
Pasta 265
Pasta 465
Pasta 573

Programa de Estudos e Documentação Educação e Sociedade (PROEDES-UFRJ).

- 1-Arquivo Faculdade Nacional de Filosofia - FNFfi
- 2-Arquivo Universidade do Distrito Federal - UDF
- 3- Arquivos de Educadores – Fundo Anísio Teixeira.

Entrevistas

Entrevista com Josué Fernando de Castro, Rio de Janeiro-RJ, 08 de outubro de 2013.

Entrevista com Lindalvo Farias, Recife-PE, 09 de junho de 2014. FUNDAJ-CEHIBRA.

Entrevista com José Maria da Silva. Recife – PE, 01 de abril de 2011. Projeto Marcas da Memória. Ministério da Justiça - Comissão da Anistia, UFPE.

Sítios da Internet:

www.josuedecastro.com.br

www.projetomemoria.art.br/JosuedeCastro/

www.bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/

<http://bd.camara.leg.br>.

Acervo Pessoal Helder Remigio

- Publicações diversas sobre Josué de Castro
(revistas, coletâneas e obras)

- Documentário:

TENDLER, Silvio. **Josué de Castro: Cidadão do Mundo**. 55". Rio de Janeiro, UERJ
Vídeo, Bárbara Produções, 1995.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR. *A Invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2006.

ALVES, Vágner Camilo. Ilusão desfeita: a “aliança especial” Brasil- Estados Unidos e o poder naval brasileiro durante e após a Segunda Guerra Mundial. *Rev. Bras. Polít. Int.* 48 (1), 2005:151-177.

AMORIM, Helder Remigio de. *Entre a mercearia e o Supermercado: Memórias e Práticas Comerciais no Portal do Sertão*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal Rural de Pernambuco: Recife, 2011.

ARAÚJO, Maria Paula de. “1968, nas teias da história e da memória”. *Clio - Série Revista de Pesquisa Histórica* - N. 26-1, 2008.

ARENDT, Hannah. *Homens em tempos sombrios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

ARIÈS, Philippe. *História da Morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

ARRAIS, Raimundo. *O pântano e o riacho: a formação do espaço público no Recife do século XIX*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2004.

AVELAR, Alexandre de Sá. Escrita da história, escrita biográfica: das possibilidades de sentido. In: _____, Alexandre de Sá. SCHMIDT, Benito Bisso. *Grafia da Vida: reflexões e experiências com a escrita da biográfica*. São Paulo: Letra e Voz, 2012.

BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti (Org.). *Arthur Ramos*. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2011.

BARROS, M.S.C; TARTAGLIA, J.C. A política de alimentação e nutrição no Brasil: breve histórico, avaliação e perspectivas. *Alim. Nutr.*, Araraquara, v.14, n.1, 2003.

BARTHES, Roland. A morte do autor. In: *O Rumor da Língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BECKER, Bertha. *Amazônia: geopolítica na virada do III milênio*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*. Magia e técnica, arte e política. Obras Escolhidas. Vol. I. São Paulo: Brasiliense, 2011.

BERTRAND, Maurice. *A ONU*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1995.

BIZZO, Maria Letícia G.; LIMA, Nísia Trindade. O projeto civilizatório nacional do Instituto de Nutrição da Universidade do Brasil, 1946-1960. *Perspectivas* (UNESP), v. 37, n. 1, 2010: 191-209.

_____, Maria Letícia Galluzzi. *Ação política e pensamento social em Josué de Castro*. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciências. Humanas, Belém, v. 4, n. 3, set.- dez. 2009:401-420.

_____, Maria Letícia Galluzzi. *Agências internacionais e agenda local: atores e ideias na interlocução entre nutrição e país (1932-1964)*. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, 2012.

BLOCH, Marc. *Apologia da História, ou, Ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

_____, Pierre. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

_____, Pierre. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

BUÉ, Alain. PLET, Françoise. *Alimentation, environnement et santé*. Paris: Editions Ellipses, 2010.

BULCÃO, Lúcia Grando; EL-KAREH, Almir Chaiban; SAYD, Jane Dutra. Ciência e ensino médico no Brasil (1930-1950). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.14, n.2, p.469-487, abr.-jun. 2007.

BURKE, Peter. PALHARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *Repensando os trópicos: um retrato intelectual de Gilberto Freyre*. São Paulo: Editora da UNESP, 2005.

CARNEIRO, Henrique. *Comida e Sociedade*. Uma história da alimentação. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Brasil, Um Refúgio nos Trópicos. A Trajetória dos Refugiados do Nazi-Fascismo*. São Paulo: Estação Liberdade/Instituto Goethe, 1996.

CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: O longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

_____, José Murilo de. Vargas e os militares. In: PANDOLFI, Dulce (Org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 1999.

CASCUDO, Luis da Câmara. *História da Alimentação no Brasil*. São Paulo: Global, 2004.

CASTRO, Anna Maria de. (Org.). *Fome um tema proibido: últimos escritos de Josué de Castro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____, Anna Maria. *Nutrição e desenvolvimento: análise de uma política*. Tese para o concurso de livre docência em Sociologia: Instituto de Nutrição do Centro de Ciências da Saúde da UFRJ. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro; 1977.

CASTRO, Josué de. *A Alimentação brasileira à luz da geografia humana*. Porto Alegre: Globo, 1937.

_____, Josué de. *Alimentação e raça*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.

_____, Josué de. *Geografia da Fome. A Fome no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Cruzeiro, 1946.

_____, Josué de. *Geopolítica da Fome*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1959.

_____, Josué de. *O livro Negro da Fome*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1968.

_____, Josué de. *Três Personagens*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1955.

_____, Josué. As condições de Vida das Classes Operárias do Recife. In: *Documentário Nordeste*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1957.

_____, Josué. BUÉ, Alain. ZANONI, Magda. *Ecologie Humaine du Tiers Monde*. Cités Unies, Paris, avril/mai de 1970.

_____, Josué. *Documentário Nordeste*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1957.

____, Josué. *Sete Palmos de Terra e um Caixão*. Ensaio sobre o Nordeste uma Área Explosiva. São Paulo: Editora Brasiliense, 1965.

CAVALCANTI, Erinaldo Vicente. *Relatos do Medo: a ameaça comunista em Pernambuco (Garanhuns – 1958-1964)*. Recife, Editora Universitária, 2012.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

____, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: arte de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2008.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun/ Roger Chartier*. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

____, Roger. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

____, Roger. FAULHABER, Priscila. LOPES, José Sérgio Leite. (Org.s). *Autoria e história cultural da ciência*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2012.

CHAUÍ, Marilena. A Filosofia como Vocação para a Liberdade. **Estudos Avançados**, 17, (49), 2003.

COHN, Amélia. *Crise Regional e planejamento*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

COUCEIRO, Sylvia Costa. Prefácio. In: BARROS, Manuel de Souza. *A década 20 em Pernambuco*. Recife: CEPE, 2015.

CRUZ, Denise Rollemberg. *Exílio: entre raízes e radares*. Rio de Janeiro. Record, 1999.

____, Denise Rollemberg. Memórias no Exílio, memórias do exílio. In: FERREIRA, Jorge. REIS, Daniel Aarão. *Nacionalismo e Reformismo Radical (1964...)*. As esquerdas no Brasil; v.3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

CUNHA, Luiz Antônio. *A Universidade Temporã: o ensino superior da colônia à Era Vargas*. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 1983.

D'ARAÚJO, Maria Celina. Prefácio. *O segundo governo Vargas 1951-1954: democracia, partidos e crise política*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1992.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. (Orgs.). *O Tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. V.4. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

_____, Lucília de Almeida Neves. Partidos políticos e frentes parlamentares: projetos, desafios e conflitos na democracia._____, DELGADO. Lucília de Almeida Neves. FERREIRA, Jorge (Orgs.). *O Brasil Republicano*. O tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964; v.3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

_____, Lucília de Almeida Neves. *PTB: do Getulismo ao Reformismo (1945-1964)*. São Paulo: LTr, 2011.

_____, Lucília Neves. Trabalhismo, desenvolvimentismo: um projeto para o Brasil”. In: FERREIRA, Jorge (Org.). *O populismo e a sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

_____, Lucília de Almeida Neves. FERREIRA, Jorge (Orgs.). *O Brasil Republicano*. O tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964; v.3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

DI TARANTO, Giuseppe. *Sociedade e Subdesenvolvimento na obra de Josué de Castro*. Belém: CEJUP, 1993.

DOSSE, François. *O Desafio Biográfico*. Escrever uma vida. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

_____, François. *Renascimento do Acontecimento: um desafio para o historiador: entre a esfinge e a fênix*. São Paulo: Editora da UNESP, 2013.

_____, François. Vincennes (1969 -1974): entre science et utopies. In: ARTIÈRES, Philippe. ZANCARINI-FOURNEL Michelle. *68, une histoire collective (1962-1981)*. Paris: Éditions La Découverte, 2015.

DUARTE, Regina Horta. *A Biologia Militante: o Museu Nacional, especialidade científica, divulgação do conhecimento e práticas políticas no Brasil. 1926-1945*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

EARP, Fábio Sá. Luiz Carlos Delorme Prado. Celso Furtado. In: FERREIRA, Jorge. REIS, Daniel Aarão. *Nacionalismo e Reformismo Radical (1889-1945)*. As esquerdas no Brasil; v.2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

ESCUADERO, Pedro. Prefácio. In: CASTRO, Josué de. *O Problema da Alimentação no Brasil*. São Paulo/ Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional (Col. Brasileira), 1934.

EVANGELISTA, Ana Maria da Costa. *Arroz e feijão, discos e livros: histórias e memórias do Serviço de Alimentação da Previdência Social, SAPS*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2012.

FAUSTO, Boris. Vida Política. In: GOMES, Angela de Castro. *História do Brasil Nação: 1808-2010*. Vol. 4. Olhando para dentro. 1889-1930, 2013.

FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque (Org.) *Faculdade Nacional de Filosofia: projeto ou trama universitária?* Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1989.

_____, Maria de Lourdes de Albuquerque. A Universidade no Brasil: das origens à Reforma Universitária de 1968. *Educar*, Curitiba, n. 28, p. 17-36. UFPR, 2006.

FERRAZ, César. *Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 2005.

FERREIRA, Jorge. *O imaginário trabalhista: getulismo, PTB e cultura política popular. 1945-1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

_____, Jorge. REIS, Daniel Aarão. *Nacionalismo e Reformismo Radical (1945-1964)*. As esquerdas no Brasil; v.2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

_____, Jorge; GOMES, Ângela de Castro. *1964: O golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

FERREIRA, Marieta de Moraes. (Coord). *Crônica Política do Rio Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1998.

_____, Marieta de Moraes. Diário pessoal, autobiografia e fontes orais: a trajetória de Pierre Deffontaines. In: INTERNATIONAL ORAL HISTORY CONFERENCE (10.1998: Rio de Janeiro, RJ). *Oral history challenges for the 21st century: proceedings [of the] X International Oral History Conference /Eds. Ilana Strozemberg...[et al]*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV/Casa Oswaldo Cruz, v.1, 1998.

_____, Marieta de Moraes. *Getúlio Vargas: uma memória em disputa*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006.

_____, Marieta. (Coor.). *João Goulart: entre a memória e a história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

FICO, Carlos. *Além do Golpe: Versões e controvérsias sobre 1964 e a Ditadura Militar*. Editora Record, 2004.

FILHO, João Roberto Martins (Org.). *O golpe de 1964 e o regime militar: novas perspectivas*. São Carlos: EdUFCar, 2006.

FILHO, Pio Penna. Os Arquivos do Centro de Informações do Exterior (CIEEX). O elo perdido da repressão. *Acervo*, Rio de Janeiro, v. 21, 2008: 79-80.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

_____, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2011.

_____, Michel. O que é um autor? In: *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

_____, Michel. *Segurança, território, população: curso dado no Collège de France (1977-1978)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FURTADO, Celso. *As aventuras de um economista brasileiro. A fantasia desfeita*. In: _____, Celso. *Obra Autobiográfica de Celso Furtado. Tomo II*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

_____, Celso. *Operação Nordeste*. Rio de Janeiro: ISEB, 1959.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2006.

GOMES, Angela de Castro. (Org.). *Capanema: o Ministro e seu Ministério*. Rio de Janeiro, Editora da FGV, 2000.

_____, Angela de Castro. *A Invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

_____, Angela de Castro. *História e Historiadores*. Rio de Janeiro: FGV, 2013.

_____, Ângela de Castro. História, ciência e historiadores na primeira república. In: HEIZER, VIDEIRA (Orgs), *Ciência, Civilização e República nos Trópicos*. Rio de Janeiro: MAUAD Editora, 2010.

_____, Angela de Castro. Ideologia e trabalho no Estado Novo. In: PANDOLFI, Dulce (Org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 1999.

_____, Ângela de Castro. *Uma breve história do PTB*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2002. Trabalho apresentado na Palestra no I Curso de Formação e Capacitação Política, realizado na Sede do PTB. São Paulo, 13.jul.2002.

GOMES, Maria do Carmo Andrade. Territórios em disputa: escritos geográficos e cartografias brasileiras. In: DUTRA, Eliana de Freitas. *O Brasil em dois tempos: história, pensamento social e tempo presente*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

GUALTIERI, Regina Cândida Ellero. Fernando de Azevedo e a renovação cultural dos anos 1930 e 1940. CARULA, Karoline. CORRÊA, Magali Gouveia Engel (Orgs). *Os intelectuais e a nação: educação, saúde e a construção de um Brasil moderno*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2013.

GUERELLUS, NATÁLIA de Santanna. *Como um castelo de cartas: culturas políticas e a trajetória de Rachel de Queiroz (1910-1964)*. Tese (Doutorado) - Universidade Federal Fluminense, Departamento de História, 2015.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. *A lenda do ouro verde*. Política de Colonização no Brasil contemporâneo. Cuiabá/MT: Ed. Unicem (Apoio Unesco), 2002.

_____, Regina Beatriz. *Cidades da Mineração: Memória e Práticas Culturais*. Cuiabá: EDUFMT, 2006.

_____, Regina Beatriz. História e escrita do tempo: questões e problemas para a pesquisa histórica. In: DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). *História do tempo presente*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2014.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HEYMANN, Lúcia Quillet. *O lugar do arquivo: a construção do legado de Darcy Ribeiro*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2012.

HOBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos*. O Breve século XX. 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOLSTON, John. *A cidade modernista*. Uma crítica de Brasília e sua utopia. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

JUDT, Tony. *Pós-Guerra: uma história da Europa desde 1945*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

_____, Tony. *Reflexões sobre um século esquecido, 1901-2000*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. Puc-Rio, 2006.

KUSHNIR, Beatriz. Cães de Guarda: entre jornalistas e censores. In: MOTA, Rodrigo Patto Sá; _____, Beatriz. *Da tesourinha ao sacerdote: os dois últimos chefes da censura brasileira*.

LENHARO, Alcir. *Colonização e Trabalho no Brasil: Amazônia, Nordeste e Centro-Oeste*. Campinas: Editora da Unicamp, 1986.

LIMA, Solange Ferraz de Lima. CARVALHO, Vânia Carneiro de. Fotografias: usos sociais e historiográficos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. LUCA, Regina de. (Orgs.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.

LOPES, Sérgio. *O Território do Iguaçu no contexto da "Marcha para Oeste"*. Cascavel: Editora da Unioeste, 2002.

MACHADO, Lia Osório. As ideias no lugar. O desenvolvimento do pensamento geográfico no Brasil no início do século XX. In: *Terra Brasilis (Revista de História do Pensamento Geográfico no Brasil)*. Rio de Janeiro: julho/dezembro de 2000, ano I, nº 2, p.11-31.

MACHADO, Mônica Sampaio. *A construção da Geografia Universitária no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2009.

MAGALHÃES, Rosana. *Fome: uma (re) leitura de Josué de Castro*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1997.

MAIO, Marcos Chor (Org.). *Ciência, política e relações internacionais: ensaios sobre Paulo Carneiro*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz e Unesco, 2004.

_____, Marcos Chor. O Projeto Unesco e a agenda das ciências sociais no Brasil dos anos 40 e 50. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* - Vol. 14 Nº 41, 1999: 141-158.

MALATIAN, Teresa. Narrador, Registro e Arquivo. In: *O historiador e suas fontes*.

PINSKY, Carla Bassanezi. LUCA, Regina de. (orgs.). São Paulo: Contexto, 2009.

MASSARANI, Luisa. MOREIRA, Ildeu de Castro. A Divulgação Científica no Rio de Janeiro na década de 1920. In: HEIZER, Alda. VIDEIRA, Antonio Augusto Passos. (Orgs). *Ciência, Civilização e República nos Trópicos*. Rio de Janeiro: MAUAD Editora, 2010.

MATTOS, André Luiz Rodrigues de Rossi. Entre o comunismo e o anticomunismo: a União Nacional dos Estudantes entre os anos de 1950 e 1956. In: *Anais do V Simpósio Internacional Lutas Sociais na América Latina: “Revoluções nas Américas: passado, presente e futuro”*, 2012: 13-29.

MATTOS, Hebe. A Vida Política. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. *História do Brasil Nação: 1808-2010*. Vol. 4. Olhando para dentro. 1889-1930, 2013.

MELO, Ana Amélia de Moura Cavalcante de. Associação Brasileira de Escritores dinâmica de uma disputa. *Varia História*, Belo Horizonte, vol. 27, nº 46 jul/dez 2011: 711-732.

MELO, Marcelo Mário de. NEVES, Teresa Cristina Wanderley (Orgs.). *Josué de Castro*. Série Perfis Parlamentares. N. 52. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2007.

MELO, Normando Jorge de Albuquerque. Josué de Castro antes da Fome. *Aurora* (UNESP. Marília), v. 7, 2011: 140-152.

MENEZES, Anna Waleska. Nobre Cunha de. *Os embates entre ciência e política na experiência Parlamentar de Josué de Castro*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais): Centro de Humanas Letras e Artes, UFRN, 2012.

MERON, Luciano Bastos. *Memórias do front: relatos de guerra de veteranos da FEB*. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2009.

MONTELLO, Josué. *Diário do Entardecer*. 1967-1977. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

MONTENEGRO, Antônio Torres. As ligas camponesas às vésperas do golpe de 1964. *Proj. História*, São Paulo, (29) tomo 2, p. 391-416, dez, 2004.

_____, Antônio Torres. SANTOS, Taciana Mendonça. Lutas em Pernambuco... A frente do Recife chega ao poder (1955-1964). In: FERREIRA, Jorge. REIS, Daniel Aarão

(Orgs.). *Nacionalismo e Reformismo Radical (1945-1964)*. As esquerdas no Brasil; v.2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

_____, Antônio. *História, metodologia e memória*. São Paulo: Contexto, 2010.

MOREIRA, Vânia Maria Losada. Os anos JK: industrialização e modelo oligárquico de desenvolvimento rural. In: DELGADO, Lucília de Almeida Neves. FERREIRA, Jorge (Orgs.). *O Brasil Republicano*. O tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964; v.3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. O MDB e as esquerdas. In: FERREIRA, Jorge. REIS, Daniel Aarão. *Nacionalismo e Reformismo Radical (1964...)*. As esquerdas no Brasil; v.3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MOURA, Carlos André de. *Fé, Saber e Poder*. Os Intelectuais entre a Restauração Católica e a política no Recife (1930-1937). Recife: Prefeitura da Cidade do Recife, 2012.

NAPOLITANO, Marcos. CZAJKA, Rodrigo. MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Comunistas Brasileiros: cultura política e produção cultural*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2013.

NASCIMENTO, Claudia Louback do. *Entre Homens e Caranguejos: o debate em torno da obra de Josué de Castro em Pernambuco*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

NASCIMENTO, Renato Carvalheira do. *Josué de Castro: o sociólogo da fome*. Universidade de Brasília. Dissertação - Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Brasília: 2002.

_____, Renato Carvalheira do. *Três Combates da Fome no Brasil: Josué de Castro, Betinho e Dom Hélder Câmara*. VIII Congresso Latino Americano de Sociologia Rural, Porto de Galinhas – PE, novembro de 2010: 1-29.

NATAL, Jorge Luiz Alves. *Questão Alimentar Nutricional na Política e Economia (1930-1976) - um Vaivém na Periferia da Agenda Pública*. Dissertação de Mestrado, Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, 1982.

OVÍDIO. *Cartas Pônticas*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

PADOLFI, Dulce. As eleições de Pernambuco de 1950 a 1954. In: LAVAREDA, Antônio. SÁ, Constança. (Orgs.). *Poder e Voto: a luta política em Pernambuco*. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1986.

PAGE, Joseph. *A Revolução que nunca houve: o Nordeste do Brasil. 1955/1964*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1972.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos*. São Paulo: Editora da UNESP, 2005.

PAMUK, Orhan. *A mala de meu pai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

PANDOLFI, Dulce Chaves. *Pernambuco de Agamenon Magalhães: consolidação e crise de uma elite política*. Recife: Massangana, 1984.

PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil*. Entre o povo e a nação. São Paulo: Editora Ática, 1990.

PENNA, Maria Luiza. *Luiz Camillo: perfil intelectual*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.

PORFÍRIO, Pablo F. de A. *Francisco Julião: em luta com seu mito, golpe de Estado, exílio e redemocratização do Brasil*. Jundiá, Paco Editorial, 2016.

_____, Pablo F. de A. *Medo, Comunismo e Revolução: Pernambuco (1959-1964)*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009.

PRADO, Luiz Carlos Delorme. EARP, Fábio Sá. O “milagre” brasileiro: crescimento acelerado, integração internacional e concentração de renda (1967-1973). In: FERREIRA, Jorge. REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo (Orgs.). *O Golpe e a Ditadura Militar: 40 anos depois (1964-2004)*. Bauru, SP: Edusc, 2004.

_____, Daniel Aarão. A vida política. In: _____, Daniel Aarão (Coordenação). *Modernização, Ditadura e Democracia 1964-2010*, volume 5. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

_____, Daniel Aarão. A Vida Política. In: *História do Brasil Nação: 1964-2010*. Vol. 5. Olhando para dentro. 1930-1964.

_____, Daniel Aarão. Ditadura e Sociedade: as reconstruções da memória. In: MOTTA, Rodrigo Patto Sá; REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo (Orgs.). *O golpe e a ditadura militar: 40 anos depois (1964-2004)*. Bauru, SP: Edusc, 2004.

REZENDE, Antônio Paulo. *(Des)encantos Modernos: histórias da cidade do Recife na década de XX*. Recife: FUNDARPE, 1997.

REZENDE, Maria José de. *A Ditadura Militar no Brasil: Repressão e Pretensão de Legitimidade 1964-1984*. Londrina: Ed. UEL, 2001.

_____, Maria José de. Colonialismo, subdesenvolvimento e fome em Josué de Castro. *Cadernos de Estudos Sociais*. Vol. 19, n.2, jul./dez., 2003: 227-245.

_____, Maria José de. Colonialismo, subdesenvolvimento e fome em Josué de Castro. *Cadernos de Estudos Sociais*. Vol. 19, n.2, jul./dez., 2003.

_____, Maria José de. *Geografia da Fome: um estudo pioneiro sobre a fome no Brasil*. In: SILVA, Tânia Elias Magno (Org.). *Josué de Castro*. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2012.

_____, Maria José de. Geopolítica da Fome: uma obra esclarecedora das nuances básicas de um debate político sobre as populações pobres no mundo. In: SILVA, Tânia Elias Magno (Org.). *Josué de Castro*. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2012.

_____, Maria José de. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis: EDUFSC, n.33, p.117-145, abril de 2003.

RICARDO, Cassiano. *Marcha Para Oeste: a influência da bandeira na formação social política do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1940.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história e o esquecimento*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

RIDENTI, Marcelo. Jorge amado e seus camaradas no círculo comunista internacional. *Revista Sociologia & Antropologia*. Rio de Janeiro: UFRJ-PPGSA. V.01.02: 165 – 194, 2011.

RODRIGUES, Helenice. Maio de 1968 na França: inflexões históricas. In: BARBOSA, Cibele. (Org.). *Teoria da história e historiografia: debates Pós-68*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 2012.

RODRIGUES, Lêda Boechat. MELLO, José Octácio de Arruda Mello. *José Honório Rodrigues: um historiador na trincheira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.

ROLLAND, Denis. O estatuto da cultura no Brasil do Estado Novo: entre o controle de culturas nacionais e a instrumentalização das culturas estrangeiras. In: BASTOS, Elide Rugai. RIDENTI, Marcelo. ____, Denis (Orgs). *Intelectuais: sociedade e política*, Brasil-França. São Paulo: CORTEZ EDITORA, 2003.

ROUDINESCO, Elisabeth. *A Análise e o Arquivo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

SÁ MOTTA, Rodrigo Patto. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

SAID, Edward. *Reflexões sobre o Exílio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____, Edward. *Representações do Intelectual*. As conferências Reith de 1993. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SANTIAGO, Vandek. *Josué de Castro: o gênio silenciado*. Recife: Edições Bagaço, 2008.

SANTOS, Milton. Apresentação - Josué de Castro e a Geografia da Fome. In:

SCHAPPO, Sirlândia. *Josué de Castro por uma agricultura de sustentação*. Tese (doutorado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. UNICAMP. Campinas - SP, 2008.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças. Cientistas, Instituições e questão racial no Brasil. 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____, Lilia Moritz. STARLING, Heloisa Murgel. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SCHWARTZMAN, Simon. BOMENY, Helena Maria Bousquet. COSTA, Vanda Maria Ribeiro. *Tempos de Capanema*. São Paulo: Paz e Terra: Fundação Getúlio Vargas, 2000.

SETEMY, Adrianna Lopes. *Sentinelas das fronteiras: o Itamaraty e a diplomacia brasileira na produção de informações para o combate ao inimigo comunista (1935-*

1966). Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013.

SILVA, Fernando. NEGRO, Antonio Luigi. Trabalhadores, sindicatos e política. In: FERREIRA, Jorge. DELGADO, Lucília Neves. *O Brasil Republicano vol.3 – O Tempo da experiência democrática*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SILVA, Marcília Gama da. *Informação, repressão e memória*. A construção do estado de exceção no Brasil na perspectiva do DOPS-PE (1964-1985). Recife: Editora UFPE, 2014.

SILVA, Mercês de Fátima dos Santos. *Josué de Castro, pensamento e ação: a gênese do plano de segurança alimentar*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal de Pernambuco: Recife, 2010.

SILVA, Tânia Elias Magno (Org.). *Josué de Castro*. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2012.

_____, Tânia Elias Magno da. *Josué de Castro: para uma poética da fome*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1998.

SIQUEIRA, Antônio Jorge. A Invenção Social do Corpo. In:_____, *Labirintos da modernidade*. Memória, narrativa e sociabilidades. Recife: Editora UFPE, 2014.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. (Org.) *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2003.

SONTAG, Susan. *Sobre Fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

TEIXEIRA, Flávio Weinstein. *O movimento e a linha: presença do teatro do estudante e do gráfico amador no Recife (1946-1964)*. Recife: UFPE, 2007.

TOBELEM, Alain. *Josué de Castro e a descoberta da fome*. Rio de Janeiro: Editora Leitura, 1974.

TOTA, Antonio Pedro. *O imperialismo sedutor*. A americanização do Brasil da Segunda Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

TRONCOSO, Alberto Del Castillo. *Palabra de Fotógrafo. Testemonios del movimiento estudiantil de 1968 en México*. In: GRACIA, Gerardo Necochea. MONTENEGRO, Antonio Torres (Compiladores). *Caminos de historia y memoria em América Latina*. Buenos Aires: Imago Mundi, 2011.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra. A fotografia como documento – Robert Capa e o miliciano abatido na Espanha: sugestões para um estudo histórico. *Tempo*, Rio de Janeiro, n.14, 2003:131-151.

VEYNE, Paul. *Foucault: seu pensamento, sua pessoa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

VIANNA, Hermano. *O mistério do Samba*. Jorge Zahar. Ed. UFRJ, 2007.

VIANNA, Marly de Almeida Gomes. O PCB: 1929-43. In: FERREIRA, Jorge. REIS, Daniel Aarão. *Nacionalismo e Reformismo Radical (1889-1945)*. As esquerdas no Brasil; v.1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

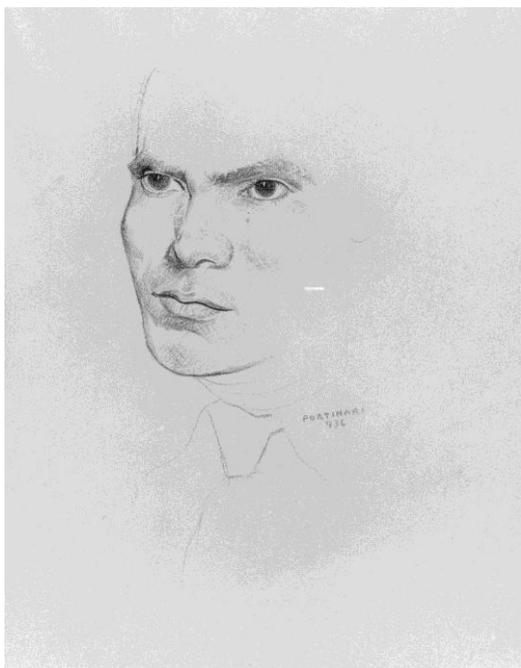
VILELA, Márcio Ananias Ferreira. *A trajetória política de Francisco Heráclio do Rêgo*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2014.

_____, Márcio Ananias Ferreira. *Discursos e práticas da Igreja Presbiteriana do Brasil durante as décadas de 1960 e 1970: diálogos entre religião e política*. Tese (Doutorado em História). CFCH: UFPE, 2014.

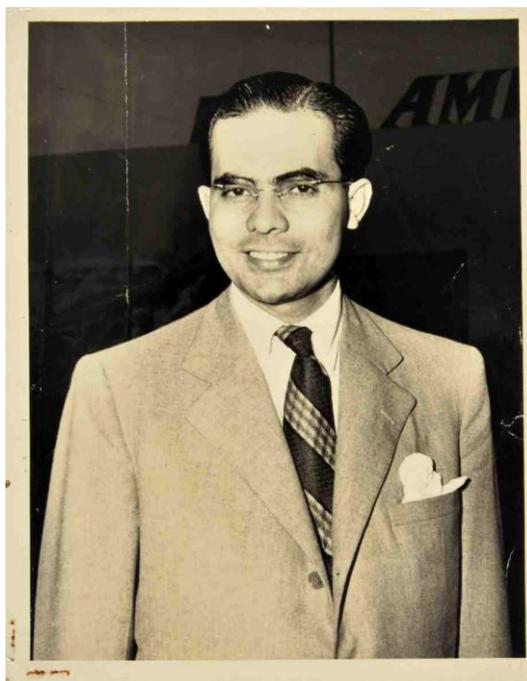
VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. Do Nacional-desenvolvimentismo à Política Externa Independente (1945-1964). In: DELGADO, Lucília de Almeida Neves. FERREIRA, Jorge (Orgs.). *O Brasil Republicano*. O tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964; v.3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

ZIEGLER, Jean. *Destruição em massa*. Geopolítica da Fome. São Paulo: Cortez, 2013.

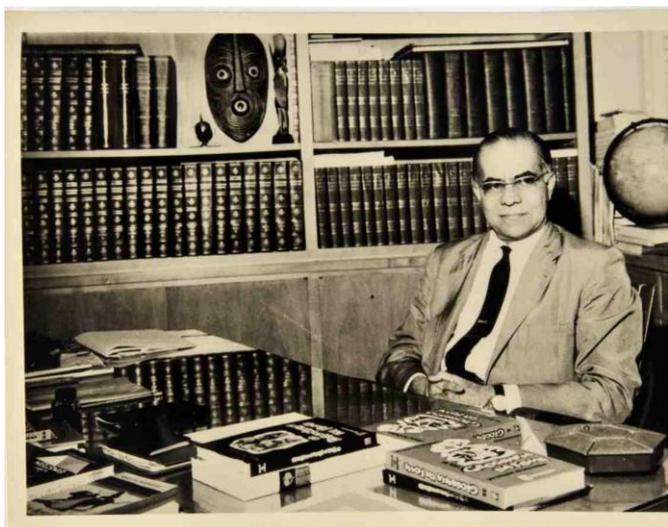
ANEXOS



Retrato de Josué de Castro produzido pelo artista Cândido Portinari em 1936. Disponível em <http://www.portinari.org.br/>



Fotografia de Josué de Castro – Acervo Pessoal Josué de Castro – FUNDAJ. Sem data.



Josué de Castro em seu escritório em Paris, provavelmente no final dos anos 1960. Acervo Pessoal Josué de Castro – FUNDAJ. Sem data.



Josué de Castro discursando na plenária dos Cidadãos do Mundo, provavelmente no início dos anos 1970. Acervo Pessoal Josué de Castro – FUNDAJ. Sem data.



Recorte de jornal indicando a participação de Josué de Castro em um Colóquio sobre o Terceiro Mundo em Teerã, capital do Irã em agosto de 1969. Acervo Pessoal Josué de Castro – FUNDAJ. Pasta 32.